

UM ROMANCE DE
AMANDA BONATTI



O BOSQUE
DE *faias*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O BOSQUE DE FAIAS



AMANDA BONATTI

Capítulo 1 — O encontro

Joana estava sentada no chão, recostada em um tronco cinzento e pálido de uma majestosa árvore de faia. A copa muito densa permitia que apenas uma tênue luz atingisse os seus cabelos alaranjados e o livro que repousava em suas mãos — do qual ela não desviava os olhos havia um par de horas.

Trouxera, além do livro, uma pequena manta para cobrir o solo, por estar repleto de folhas frias e molhadas depositadas umas sobre as outras. Tal

acúmulo de folhas garantia uma beleza bucólica àquele lugar. Era bonito ver como o outono transformava a paisagem do bosque, deixando tudo dourado.

O bosque de faias não era o local mais apropriado para uma jovem dama frequentar, especialmente sozinha. Joana sabia disso, ainda mais após as constantes invasões e batalhas que antecederam a restauração do rei ao trono. Porém não conhecia outro lugar na redondeza onde pudesse ficar sozinha e ler sem ser incomodada; e naquele dia em particular, desejava mais do que algumas horas com a mente viajando em um livro, queria mesmo era esconder-se do mundo. Estava irremediavelmente zangada com os seus pais, novamente.

O silêncio do bosque com sua atmosfera enigmática e pouca iluminação era o seu refúgio perfeito desde a infância. Ali escondia-se das irmãs mais novas sempre que elas a incomodavam e tinha inclusive inventado que o lugar era mal-assombrado, para que não se atrevessem a ir procurá-la naquele local.

Cresceu e continuou indo ao bosque. Alguns bons minutos de caminhada pela estrada margeada por uma verde campina e mais um pouco por uma pequena trilha em meio às árvores e ela logo podia sentar-se em paz para ler ou apenas pensar.

Devido à insegurança que o bosque agora lhe oferecia, ficava em alerta ao menor ruído, assustava-se com qualquer crepitar de folhas ou galhos e apurava-se em vigilância. Após o período das crises e violências, das invasões estrangeiras ao seu país e a queda de Bonaparte, a paz parecia apenas uma palavra esquecida em um espaço qualquer.

Mesmo assim, entre as faias ela sentia uma aprazível felicidade, sua mente se esvaziava de todas as tolices românticas que ouvia das irmãs durante o dia inteiro, das imposições do pai, e dos discursos enfadonhos de sua mãe — sempre em favor do marido. Nos livros a realidade se mostrava sem disfarces, sem devaneios e ilusões tolas. Talvez por isso os melhores eram proibidos, e era um desses que Joana tinha nas mãos e que fazia seus olhos arderem por quase esquecer de piscá-los. A França vivia um grande período de transformação e os livros assumiam o dever de instruir as pessoas, lhes mostrando a verdade com sabedoria e propagando uma liberdade que não era aceita por alguns.

Joana estava no meio de uma reflexão sobre as linhas que acabara de ler quando um relinchar de cavalo a assustou e fez com que ela se levantasse

com agilidade, abandonando o livro aos seus pés; porém, tão logo ao barulho, percebeu que alguém se aproximava. Ajeitou o vestido e firmou seu olhar à frente, procurando de onde vinha o som, foi quando viu surgir entre as árvores um enorme cavalo negro de pelos muito vistosos, montado por um jovem que Joana não conhecia.

— Quem é o senhor? — perguntou olhando para o alto, procurando sustentar uma postura firme e que não revelasse o medo que sentia.

Joana mantinha seus olhos resolutos na direção do jovem, o mesmo olhar altivo que lançava aos seus pais quando os desafiava ou teimava em ter razão — o que fazia constantemente —, porém também estava pronta para correr se fosse necessário.

— Mademoiselle. — Ele a saudou com um leve abaixar de cabeça. — O que faz sozinha neste bosque? Por certo deve ser perigoso, não? — perguntou segurando os arreios do cavalo, que se mexia impaciente erguendo o dorso.

— Perigoso? Devo preocupar-me com o senhor? — Joana atreveu-se a perguntar. Ele a olhou por breves segundos antes de responder.

— Asseguro-lhe que não.

— Pois bem, sendo assim, pode prosseguir viagem. — Ela retorquiu, procurando demonstrar segurança em sua voz.

— Vejo que está acompanhada — disse ele. Joana pareceu não compreender. — Refiro-me ao livro. É por isso que veio aqui? Para ler? — apontou com os olhos para o livro recém-abandonado no chão e depois encarou os olhos verdes de Joana.

— E por que isso lhe interessa? — Joana redarguiu com rudeza a fim de encerrar o assunto. O olhar que ele lhe lançou ao falar do livro a deixou constrangida e causou nela uma irritação singular. Joana devolveu o olhar da forma mais dura que conseguiu.

Que olhar atrevido e arrogante. — Ele pensou analisando-a.

— A senhorita é sempre assim, arredia, e responde todas as perguntas com outra pergunta?

— Assim como o senhor, ao que observo. E me chama de arredia? Quem pensa que é para falar assim? Nem ao menos o conheço — retrucou com sua costumeira ousadia.

Ao ouvir tais palavras ele saltou do cavalo e caminhou na direção de Joana, tomando-lhe a mão e repousando nela um beijo — para seu total

espanto e constrangimento.

— Pois então deixe que eu me apresente... — disse de modo cortês. Jamais tinha visto uma jovem tão ousada... e tão bela.

— Não perca seu tempo com apresentações. — Ela o interrompeu, desvencilhando sua mão das dele. — Não desejo conhecê-lo mais do que já o conheço — afastou-se.

— Quanta antipatia para uma jovem tão formosa — resmungou para si mesmo em tom baixo, no entanto, Joana pôde ouvir. — Pois bem, se é assim, também não desejo conhecer uma moça tão irritada quanto a senhorita. Adeus! Só deixe-me olhá-la melhor, para poder evitá-la caso a encontre novamente.

O efeito de tais palavras foi imediato e Joana acentuou a expressão de altivez ao encarar o rapaz, que naquele momento revelava um sorriso de divertimento.

— Pois olhe bem; porém espero não precisar encontrá-lo tão em breve — falou pondo-se quase de costas para o jovem e espiando-o apenas com o canto dos olhos. Só por isso ela deixou de notar um sorriso de malícia que ele abria no exato momento em que buscava as palavras que usaria para irritá-la ainda mais.

— E eu desejo o mesmo! — retrucou ele enfim, voltando a montar o cavalo com agilidade e, depois, a cumprimentando cordialmente com a cabeça. — Boa leitura. Cuidado para não se influenciar com más ideias.

Mas que insolente. — Ela pensou.

Joana sentiu seu rosto arder, tamanha indignação sentiu com aquele comentário atrevido. Recolheu a manta do chão, dobrando-a rapidamente com o livro escondido dentro, e apressou o passo para fora do bosque. Fitou os montes verdes que figuravam a paisagem por detrás da vila, e ao longe ainda pôde vê-lo galopar o robusto animal para bem longe dali.

[...]

Tal jovem não tinha culpa pelo tamanho mau humor de Joana, mas sim os pais dela; eram deles a culpa por ela estar a ponto de ser tão grosseira com qualquer um que cruzasse o seu caminho. Tudo havia começado há algumas semanas, quando os dois vieram com conversas sobre casamento com um homem o qual Joana nem fazia ideia de quem fosse — novamente aquele assunto.

Ele é um homem muito rico e encantador — lembrou as palavras da

mãe, sabendo que o primeiro adjetivo era o mais atrativo aos olhos de seus pais. Talvez fosse o único atributo que importasse a eles.

Esse poderia ser o desejo de muitas moças que conhecia, e de fato era: encontrar um adorável e abastado homem para se casar. Para muitas donzelas isso era tudo, viviam a sonhar com príncipes e belas histórias de amor, mas acabavam se conformando com casamentos arranjados pela família, apenas para firmação de acordos e negócios. No fim a riqueza sempre superava o “*encanto*”.

Joana diferia em muito disso. Ela se recusava a aceitar que lhe metessem em um tipo de acordo como estes. Na verdade, naquele momento não considerava a hipótese de encontrar qualquer pretendente, nem que o tal partido fosse feito todo de encantos, muito menos que seu maior valor fosse ter um corpo coberto de ouro e suas maiores virtudes papéis de escrituras de terras.

Pensava que viver suspirando pelos cantos por conta de paixões e expectativas era coisa de moças tolas, e estava certa de que não queria deprender seu tempo e juventude em busca de encontrar um casamento que de todo modo só serviria para tirar sua liberdade e agradar aos seus pais. Quanto a apaixonar-se verdadeiramente, ela também não se desesperava frente à possibilidade de que, talvez, isso nunca fosse acontecer.

Joana queria ser livre em suas escolhas e, por isso, quanto mais o pai insistia, mais ela recuava. Teimosia era sua característica mais forte e a que mais a colocava em guerra com a família. O último pretendente a quem o pai queria entregar-lhe a mão, tinha quase o dobro de sua idade. Joana ficou furiosa quando os pais tiveram a audácia de preparar um jantar ao ancião. Ela se recusou a aparecer na sala de jantar. Uma das irmãs — Sophie — quase chorou, suplicando que Joana tivesse dó da solteirice dela.

[...]

Joana pôs-se a andar ainda mais rapidamente, refazendo o trajeto de uma hora antes. O bosque ficava um pouco afastado da vila e ela havia ido a pé. Apertou contra o peito o livro escondido na manta e seguiu para sua casa. Assim que chegou, sequer deu-se o trabalho de dar satisfações à mãe. Passou por ela e pelas outras irmãs sem olhá-las e dirigiu-se até o seu aposento, fechando a porta com força.

Agilmente subiu em uma banqueta e abriu o armário de roupas, colocando o livro no lugar mais alto que conseguiu alcançar, por detrás das

roupas de cama e travesseiros que ali ficavam guardados.

Isso deve bastar — assegurou-se de esconder bem o livro proibido.

Foi somente o tempo de descer e a mãe e todas as suas irmãs estavam à porta, batendo para que Joana abrisse e as deixassem entrar.

— Ficar assim não vai adiantar em nada, Joana. Desde cedo eu estive procurando-a e não a encontrava em lugar nenhum. Por que faz isso? — dizia Anastasia aflita do outro lado da porta, dando leve batidinhas na madeira.

— Eu estou farta, mamãe — deixou-se cair na cama. — Só precisava de tempo para pensar um pouco!

— Espero que esse tempo tenha lhe feito bem e trazido algum juízo à sua cabeça. Amanhã o senhor John virá jantar conosco. Não faça desfeita a seu pai desta vez. Abra a porta, Joana.

— Desfeita? Meu pai é que me faz a desfeita de querer me casar com um viúvo com quatro filhos, mamãe — retrucou abrindo a porta e encontrando a mãe e as três irmãs com o rosto colado na madeira.

— Joana, você tem vinte e dois anos! Já debutou há alguns anos e sabe que depois de ser apresentada à sociedade uma jovem não deve esperar muito tempo para noivar.

— Mamãe, eu sei a idade que tenho — irritou-se.

Joana sabia que o seu pai fazia questão de seguir uma das principais regras do casamento entre as classes médias e altas, e casar as filhas mais velhas antes das mais novas. Ela era a filha mais velha; e, como tal, a primeira que deveria casar. As irmãs saltitavam ao seu redor apontando-lhe pretendentes e implorando que aceitasse logo qualquer um deles que fosse.

— O adequado é que a moça fique noiva no primeiro ano em que frequenta a sociedade. Aparecer por tantos anos seguidos na temporada social sem conseguir um casamento pode abrir espaço para...

— Fofocas. Eu sei, mamãe, ouço a mesma coisa todos os dias.

— E não se importa? Não se importa se disserem que, talvez, você não seja virtuosa; ou, pior, que não tem um dote atraente? Assim as suas possibilidades de fazer um bom casamento diminuirão cada vez mais.

— Importo-me tanto com isso quanto vocês se importam em levar em consideração as *minhas* afeições, ou a falta delas, pelo noivo sugerido! — Quase gritou.

— A questão é que você não se afeiçoa por ninguém. Poderia escolher

seu noivo, desde que escolhesse um — disse Anastasia com ar insatisfeito. — Claro, um que não estivesse abaixo de suas possibilidades. Desde que não escolhesse alguém que estivesse numa posição social inferior, ou que não fosse pelo menos tão rico quanto nossa família.

— Quantas objeções! Noto que ainda não estão tão desesperados — Joana provocou. Não entendia o porquê dos seus pais quererem arrumar um casamento para ela com tanta urgência. Não era tão velha assim, mesmo que com vinte e dois anos a maioria já estivesse casada e com herdeiros. Acreditava que o maior interesse do pai era mesmo o de arranjar um casamento lucrativo.

— Conte a ela, mamãe — Amália cutucava os ombros da mãe com as pontas dos dedos.

— Contar o quê? — Joana perguntou desafiadora. Imediatamente percebeu que a novidade seria algo que a desagradaria. Anastasia abaixou os olhos sem saber como iniciar o assunto.

— O senhor John esteve aqui hoje e apresentou uma proposta de casamento. Seu pai... praticamente já aceitou o acordo — informou Anastasia em tom decidido. Joana arregalou os olhos e apertou os lábios com força, agitando-se desesperada.

— Sem meu consentimento? Pois diga a meu pai que este foi o ato mais leviano que ele já tomou — gritou fechando a porta novamente, quase acertando os narizes das irmãs.

— Joana, o senhor John é um bom homem. Ao menos tente conhecê-lo — insistia a mãe do outro lado da porta, clamando por um ato de conformidade da filha.

Alguns segundos de silêncio preencheram o ambiente antes que Joana voltasse a falar:

— Pois bem, irei conhecê-lo. Diga a meu pai que eu o receberei amanhã no jantar.

Anastasia ergueu as sobrancelhas e depois franziu o cenho estranhando a rápida mudança de posição da filha. Apesar disso, sorriu satisfeita. Joana apenas respirou profundamente e um sorriso capcioso surgiu em seus lábios sem que ninguém visse.

Então é assim?

Capítulo 2 — O jantar

Joana havia debutado aos dezessete anos e desde então o pai começou a procurar noivos para ela, de modo que todos os meses lhe surgiam pretendentes, os quais ela rejeitava veementemente. Frederico Hour já estava desesperando-se com todas as recusas da filha.

Joana acordou irritada. Aquele era o dia em que teria a infelicidade de receber em sua casa o Senhor John. Sentou-se em sua cama e apertou os olhos com força para enxergar melhor através de toda aquela claridade que o sol depositava em seus olhos verdes. Na cama ao lado, Rebecca ainda dormia. Joana dividia o mesmo aposento com a irmã mais nova, enquanto Sophie dividia um com Amália.

Esticou os braços e voltou a deitar. Olhou para o teto e lembrou do

encontro inusitado que teve com o jovem no bosque no dia anterior, e pensou que deveria tomar mais cuidado ao ir até lá. Se ele fosse alguém mal-intencionado, poderia ter sido muito desagradável.

— Joana! — Sophie entrou no aposento da irmã gritando.

— Ah! Assustou-me, Sophie — reclamou, enquanto Rebecca também se queixava de ter sido acordada daquela forma.

— Mamãe está chamando-a. Precisam ir à boutique. Esqueceu-se do compromisso que tem hoje, Joana? — Sophie falou arregalando os olhos e gesticulando animada.

— Estava tentando esquecer! Seria bom se me esquecessem um pouco também. Por que devo ir à boutique? Já disse para mamãe que tenho o que vestir! — Joana falou sem paciência.

— Eu não tenho culpa, não desconte em mim — cruzou os braços abaixo dos seios, fazendo birra.

— Não tem culpa, Sophie, mas bem que ficaria feliz se eu aceitasse o Matusalém, não é? — questionou a irmã, erguendo as sobrancelhas.

— Como sabe que ele é tão idoso assim? Mamãe disse que ele não é.

— Ora! Nosso pai disse que ele tem quatro filhos! Claro que é um Matusalém — Joana afirmava carrancuda. Sophie ainda não tinha visto a irmã com tanto mau humor, mesmo assim, não pôde deixar de achar engraçado. Riu, abafando com as mãos o som, quase gargalhando.

— E ainda faz gracejo com a minha desgraça!? — bufou. — Diga a nossa mãe que irei com Rebecca até a boutique. Quero a opinião de minha irmã — disse piscando para Rebecca.

Pontualmente às 19h00 horas M. John era anunciado por uma criada na casa dos Hour. Ao contrário das expectativas de Joana, ele era um senhor jovem, considerando-se o número de filhos, e não devia ter muito mais do que quarenta anos. Era alto, de pele morena e poucos fios grisalhos apareciam entre os seus cabelos negros. Trajava-se de forma elegante com calção de casimira, colete curto e de corte quadrado. Os botões abertos do colete mostravam o babado da camisa e o colarinho virado para cima trazia um ar sóbrio, juntamente com um lenço *plastrom* de seda que lhe cobria o pescoço. Era a roupa da alta moda francesa. Tal refinamento encheu de contentamento os olhos de senhor Hour e da esposa.

— Senhor John, boa noite. Entre, por favor — Frederico Hour

recebeu o convidado com cortesia, admirando a elegância do homem *rico e encantador*.

Na sala, todos estavam prontos para recebê-lo. As irmãs Hour pareciam bonecas de porcelana, com vestidos românticos e bufantes, laços na cintura e ornamentos na cabeça. Os olhos do senhor John percorreram o ambiente à procura de reconhecer qual delas seria Joana. Achou todas elas jovens demais, e considerou uma delas tão feia que sentiu um arrepio correr-lhe a espinha ao imaginar que poderia ser aquela a moça que teria que cortejar.

— Estas são minhas filhas: Sophie, Amália e Rebecca. Joana está ainda se aprontando, mas não tardará a aparecer — informou o pai em tom preocupado. — E esta é minha esposa, Anastasia.

— Muito obrigado por me receberem. Sua família é encantadora — suspirou e abriu um sorriso em seguida.

— Fique à vontade em nossa casa — Madame Anastasia lhe fazia as honras quando Joana apareceu, fazendo os olhos de todos quase saltarem de seus rostos.

Ela estava linda, incrivelmente bela, mas vestida de uma forma tão arrebatadora que chegou a fazer corar as suas irmãs e a mãe. Vestia-se com um vestido lilás de tecido muito leve e decotado; por cima, uma saia de cintura alta, justa logo abaixo do busto e que se tornava mais solta a partir da cintura. Os braços estavam à mostra, ocultando apenas parte dos ombros em uma pequena manga bufante e transparente. Os cabelos ruivos estavam presos, repartidos ao meio e com cachos perfeitamente alinhados.

— Joana, por que não se trajou de forma mais discreta? — cochichou a mãe, sorrindo constrangida e tentando evitar que os outros vissem-na censurar a filha.

— Queria estar à altura de meu pretendente, mamãe. Veja como é um homem requintado — disse Joana em baixo tom, apenas para a mãe. Caminhou até o senhor John e ofereceu a sua mão direita para que ele repousasse nela um beijo. Tal ato fez erguerem-se as sobrancelhas da mãe. Anastasia estranhou o tom de voz da filha, bem como as suas atitudes tão amáveis.

— Senhorita Joana, é um prazer conhecê-la — disse ele, segurando as mãos de Joana e curvando a cabeça em um gesto gentil. Ele não lhe beijou a mão, como um ato respeitoso, já que ainda não eram oficialmente noivos.

— Encantada. O prazer é meu também, senhor John — curvou levemente a cabeça e atravessou a sala, deixando para trás o suave aroma do seu perfume. Foi tão gentil com o pretendente que fez todos olharem-se confusos. Aquela era mesmo Joana? Ela estava mesmo considerando aceitar que ele lhe fizesse a corte? Estava considerando a possibilidade de se casar, enfim?

— Joana está querendo chamar atenção — Sophie cochichava com a irmã mais nova, olhando Joana com ciúmes. — Vestiu-se tão inadequadamente. Por que ela fez isso? Nunca a vi se vestir assim — balançava a cabeça em desaprovação.

— Eu a achei tão linda — Rebecca olhava-a com admiração. Sophie bufou discretamente.

— Por mim — deu de ombros —, desde que aceite que o senhor John lhe faça a corte e casem-se logo, pouco importa. Caso contrário nós seremos as solteiras mais velhas dessa região.

— Sophie, eu acabei de fazer quinze anos — Rebecca lembrou a irmã, alertando-a de que ainda não se preocupava muito com isso.

— Sorte sua ser a mais nova de nós, pois eu tenho quase dezoito — Sophie reclamou.

[...]

— Aceita uma bebida, senhor John? — Frederico Hour quebrou o silêncio e fez com que o convidado saísse do transe em que se encontrava. Ele estava tão surpreso com a beleza de Joana que mal conseguia mover os olhos, porém não deixou de reparar como a moça se apresentara exposta e desinibida.

Joana era realmente bonita, mas não de uma beleza sutil. Ela tinha uma beleza quase exótica, díspar. Seus cabelos eram muito avermelhados, seus olhos de um verde profundo e seu rosto parcialmente coberto por sardas ruivas.

— Aceito sim, obrigado — M. John respondeu a Frederico Hour.

— Vinho? — Frederico mostrou-lhe o vinho Bordeaux e que há muito aguardava uma ocasião especial para ser servido.

— Sim, vinho — assentiu, enquanto voltava a observar Joana e suas irmãs.

Quem as visse de costas poderia confundirem-nas facilmente, mas apesar da cor de cabelos e olhos serem idênticas nas irmãs, os seus rostos

eram muito diferentes. Joana tinha um belo rosto de traços harmoniosos; o contorno dos lábios, o desenho da sobrancelha, os olhos verdes muito expressivos. Tudo parecia ter sido desenhado para causar enlevo a quem se pusesse a contemplá-la.

Sophie também era bonita; ela tinha um rosto angelical e redondo, seus olhos verdes destacavam-se na pele muito branca e seus lábios eram pequenos e rosados. Já Amália e Rebecca tinham o rosto mais fino, como os da mãe, e a testa e queixo mais proeminentes. Como herança genética recebida do pai, todas elas possuíam o mesmo tom ruivo nos cabelos e a mesma cor de olhos; mas as sardas, apenas Joana as tinha.

M. John parou de analisar as jovens quando foi servido pelo próprio senhor Hour, que encheu sua taça com vinho e foi buscar mais uma para juntar-se a ele, ansioso por começar uma conversa sobre negócios e política. Frederico Hour ia bem em seus negócios, plantava grãos em suas terras e fornecia seus produtos para todo o vilarejo e até para cidades vizinhas, no entanto, tinha a ambição de casar todas as suas quatro filhas com maridos muito ricos.

Quando Frederico retornava com a taça, viu que Joana estava próxima de M. John e que conversavam e sorriam. Inicialmente ficou nervoso, já que não era certo que conversassem a sós; mas como M. John já havia apresentado a sua proposta de casamento, achou que poderia deixá-los se conhecerem melhor. Afastou-se a passos lentos. Parecia um sonho. A filha estava aquiescendo com a ideia de casar-se?

— É um vinho muito bom, senhor John. Um legítimo Bordeaux — Joana dizia.

— A senhorita aprecia?

— Sim, muito! Porém gosto de bebidas mais fortes, ajuda a aquecer quando a noite está muito fria. Só preciso cuidar sempre para acertar o equilíbrio. Pouca bebida me deixa com sono, mas se exagero, fico alegre demais e não consigo adormecer — riu calorosamente enquanto falava.

— Oh, sim — M. John respondeu constrangido, esquecendo-se de fechar os lábios que estavam boquiabertos com a vivacidade de Joana.

Ela então encheu a sua própria taça e em poucos goles sorveu todo o vinho, voltando a encher novamente a taça. Os olhos de M. John analisavam-na estupefato. Ela era literalmente muito diferente do que ele imaginava. Pensava que Joana era uma moça delicada e tímida, com atitudes mais doces

e recatadas. Era o que se esperava de uma jovem de tal idade. No entanto ela era desafiadora, seus olhos eram duros, quase selvagens, e ela portava-se sem nenhum embaraço ou insegurança.

M. John não podia negar que Joana era como uma luz singular, vívida e rebelde, encantadora. No entanto não estava habituado com tamanha soltura, se tratando de uma moça jovem e solteira.

— Do que mais gosta, senhorita? — perguntou.

— De ler. Gosto muito de ler — declarou sorrindo.

— Ler? Que interessante!

— É evidente que sim. Tenho lido livros muito bons, que me ajudaram a ver as coisas de outras formas — Joana falou com destreza. — Gosta de ler, senhor John?

— Eu... sim, aprecio uma boa leitura, embora não tenha lido mais com tanta frequência ultimamente.

— Oh, entendo. Anda muito ocupado, senhor John?

— Sim, viajo muito a negócios e o trabalho ocupa-me boa parte do tempo.

— Oh, por isso não entendo os homens; trabalham tanto para terem tudo o que o dinheiro lhes possa comprar e depois não lhes sobra tempo para desfrutarem dessas mesmas coisas a quais dedicam-se tanto para terem — Joana disse esboçando um leve sorriso presumido.

— Não havia pensado sob essa perspectiva. Vejo que é uma dama bastante moderna, com pensamentos tão... Não quero ser rude, senhorita, mas deve tomar cuidado com certas leituras. Acredito que alguns livros possam envenenar a mente das mulheres. Existem muitos livros inapropriados para uma jovem como você; mas é claro que não deve ser um desses livros que a senhorita anda lendo...

— Certamente não — Joana abaixou os olhos e pôs-se a olhar as suas próprias mãos, fingindo estar constrangida.

— Desculpe-me, não quis ofendê-la. Sei que é uma dama muito prendada, de atitudes irrepreensíveis — M. John passou a mão nos cabelos e liberou o ar dos pulmões com força, voltando a respirar profundamente. — Tenho duas filhas mulheres. Na verdade, são meninas. Falo apenas com a mesma preocupação que depreenderia em favor delas.

— Oh, entendo — Joana riu-se por dentro. — E suas filhas, já apreciam a boa leitura?

— São ainda muito crianças. Fiquei viúvo há pouco menos de um ano e minha esposa cuidava de todas essas questões de educação das nossas filhas; mas as meninas leem apenas alguns livros selecionados. Minhas criadas asseguram-se de que se ocupem com atividades mais coerentes.

Coerentes? Como as relacionadas à casa e ao marido? — Joana pensou, mas não se atreveu a revelar sua opinião e questionamentos.

— Certamente — limitou-se a dizer inclinando levemente a cabeça, vendo que agora tinham companhia. Frederico Hour aproximou-se dos dois e uma criada anunciou que o jantar estava servido, interrompendo a conversa de Joana e M. John.

— Espero que tenha apreciado o jantar, senhor John. Assim como a companhia de minha filha Joana — dizia Frederico, com os olhos brilhantes de satisfação ao lembrar-se de como as suas tentativas anteriores haviam sido frustradas e como Joana reagira positivamente naquela noite.

— Foi uma noite adorável, garanto. Sua filha é um encanto, senhor Hour. Sou muito grato pela oportunidade de conhecê-la — disse com algum desconforto na voz.

— Sinto-me alegre em saber que passou uma noite agradável. Então podemos marcar o próximo jantar? — disse o senhor Hour, ansiando que o jantar seguinte fosse o de noivado.

— Sou muito grato pelo convite, senhor Hour. No entanto, não sei se poderei aceitar tão em breve. Esta semana mesmo devo viajar para *Clermont* a negócios.

— Viajar? Oh, certamente não tardará em retornar...

— Acredito que demorarei nesta viagem — respondeu constrangido.

M. John não iria a viagem alguma, mas esse foi o único modo que encontrou de dissimular um motivo para não voltar mais à casa dos Hour. Como diria que, apesar de formosa, a filha parecia ser mais rebelde do que um mar intempestivo. Joana pareceu-lhe imperativa demais, soberana demais. M. John previa uma esposa teimosa, instável e insurgente. Como ela conseguiu mostrar-se tanto com apenas poucas palavras, gestos e olhares? Em seu íntimo surgia até mesmo a desconfiança de que ela, talvez, não fosse mais virtuosa.

Uma moça pura não agiria assim, sem nenhum recato. — Foi o que

ele pensou.

Assim que M. John se foi e ficaram na sala apenas os membros da família Hour, Anastasia foi conversar com Joana, sendo acompanhada pelas filhas, que estavam ávidas para saberem o que a irmã tinha a dizer.

— E então, minha filha? Apreciou esta noite ao lado do senhor John? Seu pretendente é um homem adorável, não é?

— Acho que o senhor John não é mais um pretendente, mamãe — informou ela com ironia, vendo Sophie endurecer o olhar e bufar em fúria.

Joana subiu para o seu aposento furtando-se da enfastiante conversa que certamente teria que ter com os pais no dia seguinte. Da sua cama podia ouvir as vozes do pai e da mãe na sala, mas não conseguiu entender o que diziam. Decerto estavam perguntando-se o que pôde ter dado de errado.

Joana lembrou-se da primeira vez em que sentiu repulsa do casamento. Ela era apenas uma criança interessada a aprender aritmética e curiosa com alguns livros que ficavam no gabinete do pai. Quando Frederico Hour notou tal interesse, gritou com a filha e com a esposa, dizendo-lhes que ter modos, aprender um pouco sobre música e bordados seria o suficiente para ela.

Aprender aritmética não ajudará Joana a encontrar um bom marido!
— *gritou.*

— Acha que o senhor John não gostou de nossa filha? — Frederico perguntou à esposa, desanimado.

— É claro que gostou. Eu vi o jeito que ele a olhou; mas Joana foi muito sagaz, enganou a todos nós.

— O que quer dizer? — Ele não entendeu a afirmativa da esposa.

— Ora, meu marido, não percebeu? Joana fingiu aceitar o noivado, mas assustou o senhor John para que ele perdesse o interesse nela.

— Joana fez isso? Como?

— Com suas atitudes, certamente. O que vimos foram sorrisos forçados e atitudes calculadas. A impressão que ela deve ter passado ao senhor John foi propositalmente construída para ele refutasse a ideia de se casar com ela.

— Se Joana fez isso, ela agiu muito mal. Será punida por isso! Perdeu

um ótimo casamento, muito lucrativo para nossa família. E tudo por capricho?

— Joana é teimosa. Permita, meu esposo, que Sophie se case primeiro — pediu a esposa, suplicante.

— Não! Se eu fizer isso posso arruinar a reputação de Joana. Todos irão falar! Já devem estar comentando a demora em casarmos nossa filha mais velha — queixou-se.

— Passe por cima dessa formalidade ou logo falarão de todas.

— Darei à Joana uma última chance. Se ela não aceitar, se casará mesmo que não queira. Ela irá se casar por ordem minha, mesmo que não aprove o noivo.

— Está correto, meu esposo. No entanto devo concordar com Joana; também acho que o senhor John não é mais um pretendente.

— Se eu estiver certo sobre uma certa coisa, acredito que teremos um pretendente muito superior ao senhor John.

— De quem se trata?

— Estive visitando algumas terras nos arredores da vila e passei em frente à propriedade Motier, a mansão que fica ao Norte do bosque. Vi uma movimentação diferente. Notei que uma carruagem entrava pelos portões trazendo algumas caixas e malas.

— E o que tem isso?

— Querida! Aquela propriedade pertencia ao Lorde Louis Motier. Ele faleceu recentemente e toda a sua herança passou para um sobrinho, Phillip Motier.

— Como soube disso? — perguntou maravilhada com a notícia.

— Essas coisas se espalham rapidamente. Uma moça que trabalha na propriedade Motier soube da chegada de Phillip Motier e falou com a irmã, que trabalha na cozinha do senhor Henrique Loen. Ele próprio me contou que em breve o herdeiro chegará.

— Mas o senhor acha que a movimentação que viu é porque esse sobrinho e herdeiro já chegou à propriedade?

— É possível que sim, querida.

— Acho que não deve dizer isto ao senhor Loen... — sugeriu a esposa, matreira.

— Não direi. — E ambos sorriram.

Capítulo 3 — O convite

— Agora estou sem esperanças nenhuma, mamãe — Sophie lamentava-se na cozinha. Estas foram logo as primeiras palavras que Joana ouvia ao acordar. A mãe e a irmã conversavam sobre a noite anterior.

— Do que está se lamentando, irmã? — Joana adentrou na prosa, espreguiçando-se e ocupando um lugar na mesa.

— Ainda pergunta? O que fez para afugentar o senhor John?

— Oh, ele afugentou-se? Justo agora que eu pretendia aceitar que me fizesse a corte — Joana dissimulou um pesar.

— Pois eu tenho certeza de que não pretendia — Sophie estreitou os olhos na sua direção.

— Onde estão Amália e Rebecca? — Joana expirou o ar com força e procurou mudar de assunto.

— Acabaram de sair. Foram até a casa de Marie e Daisy — Anastasia

informou.

— Oh, por que não me chamaram? Vou me apressar e encontrá-las no caminho — Joana anunciou já se levantando.

— Espere aí, não vai convidar sua irmã para acompanhá-la? — A mãe questionou, referindo-se à Sophie.

— Quer vir comigo, Sophie? — Joana convidou a contragosto.

— Não, obrigada, Joana. Hoje vou ficar em casa e terminar um bordado que comecei nesta semana — revirou os olhos discretamente.

Era evidente que uma não queria a presença da outra. Não se odiavam, longe disso, mas também não combinavam em nada, e Joana não suportava mais a insistência da mãe e da irmã para que ela se casasse com urgência.

Joana despediu-se e correu apressada a fim de encontrar as outras irmãs no trajeto para a casa de Marie e Daisy, que ficava mais ao centro da vila. As jovens eram amigas desde crianças, já que as famílias mantinham uma relação próxima devido aos negócios que M. Loen — pai de Marie e Daisy — tinha junto de Frederico Hour.

Assim que pôs os pés na rua, Joana percebeu que havia chovido durante a noite e, por isso, existiam algumas poças enlameadas no caminho. Tomou cuidado de levantar um pouco a barra do vestido e atentar-se para desviar dos buracos que encontrava. Foi quando passou por ela uma bonita caleça, puxada por um cavalo com a pelagem cor de trigo, e que passando por cima de uma poça arremessou contra ela a água de chuva enlameada. Joana pensou em esbravejar, mas a caleça já havia passado e ela não pôde ver quem a conduzia, pois a cobertura estava abaixada. Por certo o condutor procurava abrigar-se dos poucos pingos de chuva que ainda caíam.

Pouco tempo depois Joana chegou à casa das irmãs Loen. Foi recebida por uma criada, que a acompanhou até o jardim, onde as alegres Marie e Daisy conversavam animadamente com Rebecca e Amália. Joana percebeu de imediato que algo causava um rebuliço nas moças, que se agitavam eufóricas e falavam todas ao mesmo tempo.

— Pois eu hei de usar o meu melhor vestido. Aquele azul com bordado nos punhos e pérolas nas costas — dizia Daisy, olhando para Marie.

— E eu usarei um branco com enfeites de renda e um belo decote,

além, é claro, de luvas longas — Marie rodopiou como se dançasse.

— Se meu pai permitir que eu vá ao baile, usarei meu melhor vestido de festa. Usarei flores para enfeitar os cabelos e...

— Baile? De que baile estão falando? — Joana interrompeu a animada prosa.

— Joana! Você não vai acreditar! Haverá um baile na propriedade Motier — Marie disse radiante, agitando as mãos e dando pulinhos de comemoração.

— Aquela propriedade ao norte do bosque? Que eu saiba não mora ninguém lá há muito tempo.

— A mansão pertencia a um Lorde, que a usava apenas como pavilhão de caça. Papai disse que o Lorde morreu e a propriedade agora pertence a um sobrinho, que herdou todos os bens do tio e deve se mudar em breve com a família — Marie contou de maneira eufórica.

— E o que isso tem de tão chocante?

— Como assim, Joana? Então não se anima? — Marie questionou.

— Joana prefere jogar cartas e fazer bordados — Amália gracejou.

— Eu não — Joana retrucou rapidamente. — Só quero saber se foram convidadas. Já falam até da cor do vestido e dos adornos que usarão nos cabelos...

— Ainda não fomos. Veja bem, ainda; pois logo haveremos de ser. Todas as moças em idade conveniente serão convidadas — disse Daisy, radiante.

— Como sabem deste baile? — Joana ficou curiosa.

— Ontem algumas famílias receberam o convite. Papai comentou ontem no jantar que o Lorde era viúvo e não tinha filhos, então, com a sua morte, o sobrinho herdou a rica propriedade...

— Eu sei, você falou isso ainda há pouco — Joana lembrou a amiga e sorriu.

— Joana, será que nosso pai permitirá que eu vá? — Amália olhou para a irmã, esperançosa.

— Preocupe-se com isso apenas se realmente recebermos esse convite — Joana encarou as moças radiantes e achou graça da empolgação delas.

Uma rica propriedade? Um jovem herdeiro? Um baile? Oh, não... — Joana já previa o que os pais iriam achar de toda aquela novidade.

Naquele mesmo instante a família Hour estava prestes a receber uma visita que deixaria Anastasia radiante. Ela estava com Sophie na sala, em meio a um bordado difícil, quando bateram na porta. A criada rapidamente veio comunicar Anastasia, que, por sua vez, pediu que a filha aguardasse dentro de casa e foi verificar quem era, levando consigo a agulha e o tecido que tinha nas mãos. Deparou-se com uma bonita caleça parada em frente à sua porta e com um jovem à espera de ser atendido.

— Madame, esta é a propriedade de Frederico Hour? — inquiriu o jovem após uma reverência com a cabeça.

— Sim. Quem é o senhor? — Anastasia observou que ele trazia algo em mãos.

— Com sua licença, perdoe-me se cheguei em má hora. Trago este convite...

— Convite? Convite para o quê? — Anastasia interrogava o jovem, ao mesmo tempo em que o interrompia.

— Para o baile, Madame. Um baile na propriedade Motier...

— Oh! Um baile? Oh! — exasperou-se. — O senhor é o sobrinho do Lorde? Oh, sinto muito pelo seu tio...

— Oh, não, não. Eu...

— Meu jovem — tornou a interrompê-lo —, eu aceito com satisfação o seu convite; mas receio que seja mais adequado que o entregue diretamente nas mãos do meu esposo. Senhor Hour o receberá de bom grado para um jantar esta noite.

— Oh, não, senhora. Não pretendo importunar a noite de senhor Hour. Apenas vim para entregar o convite. A senhora...

— Mas não será de forma alguma um incômodo — voltou a interrompê-lo. — No entanto o senhor Hour é um homem conservador e preferirá que entregue o convite nas mãos dele. Um baile? Que beleza! — comemorou.

— Madame, eu devo lhe dizer que não...

— Oh! Não aceito uma recusa. Não me ofenderia de tal modo. É um convite que lhe faço com prazer. Vamos, aceite? — Anastasia insistia,

pensando em quão satisfeito ficaria o seu esposo quando soubesse da notícia.

— Bem... certo. Virei para falar com senhor Hour e entregar-lhe o convite. Falarei com ele pessoalmente e...

— Espero pelo senhor mais tarde. Até logo — despediu-se radiante.

Anastasia retornou minutos depois com um sorriso que mal cabia no rosto e encontrou Sophie agitada, tamanha a sua curiosidade.

— Quem era mamãe? Que caleça bonita!

— Como sabe? Estava espiando?

— Não resisti e olhei ao longe pela janela da sala, mas pouco vi. Apenas enxerguei com nitidez a caleça elegante e um cavalo de cor clara; mas sei que falava com um homem, ouvi de longe a voz.

— Sim, Sophie. Ah! Se fosse você que estivesse em idade de se casar, ficaria maravilhada com o que tenho para contar...

— Conte logo, mamãe.

— Estava aqui em nossa porta o herdeiro do Lorde Louis Motier — falava maravilhada. — E aqui entre nós, que jovem formoso!

— Quem é Lorde Motier, mamãe? E o que o herdeiro dele queria aqui em nossa casa? — Sophie arregalou os olhos.

— Uma longa história, Sophie. Basta saber que o moço é muito rico. O tio morreu e deixou tudo para ele. Ele veio para entregar pessoalmente o convite de um baile que oferecerá na sua propriedade! — revelou entusiasmada.

— Um baile? — Sophie sorriu radiante.

— Sim! Não é maravilhoso? Há quanto tempo não vamos a um baile?

— Além dos de debutantes?

— O baile de debutantes nem se compara a uma verdadeira recepção! Ah! Nos tempos em que eu era moça frequentei alguns bailes em Paris! Quanta elegância e riqueza... — lembrou. — Mas agora ouça o melhor: eu o convidei para jantar conosco esta noite!

— E ele aceitou?

— Aceitou depois de relutar um pouco. É educado o rapaz e não me faria tal desfeita. Sophie, não deve dizer a ninguém que Phillip Motier esteve pessoalmente aqui.

— Phillip?

— Sim, este é o nome dele.

Sophie apenas balançou a cabeça. A notícia de que o belo jovem viria jantar em sua casa a animou muito, mas sabia que seria de Joana a oportunidade — e tarefa — de conquistar o rico e belo herdeiro, e não dela.

Sophie havia debutado naquele ano e ansiava por casar-se logo. No entanto ela e as outras irmãs só poderiam firmar compromisso depois que Joana finalmente virasse uma senhora casada, afinal, ela era a filha mais velha. Aos vinte e dois anos de idade era quase uma aberração que Joana ainda fosse solteira.

Assim que anoiteceu o moço chegou na casa dos Hour, sendo recebido com imenso entusiasmo por Frederico. Percebeu ele em poucos minutos que o hábito de falar sem parar era algo peculiar daquela família. Frederico Hour mal o cumprimentou e já foi o encaminhando para sentar-se na sala, enquanto Anastasia ia falar com Joana e anunciar o convidado.

— Ainda não está pronta? — perguntou Anastasia à Joana assim que viu a filha largada na cama, com uma expressão abatida.

— Mamãe, por que teve que inventar de fazer esse jantar? Estou cansada! Estou até mesmo envergonhada. Se quer saber... parecem desesperados. Não acredito que vão tentar empurrar-me para cima do... Como é o nome dele?

— Joana, sim, estamos desesperados! — interrompeu a mãe. — E o nome dele é Phillip Motier! Agora levante-se, vá até a sala e conserve-se de bom humor — ordenou da forma mais severa que conseguiu.

— E quem disse que tenho algum humor que seja *bom* para ser conservado? Não nessas condições! Estou mais disposta a gritar do que a sorrir — disse ela à mãe.

— Joana, eu e seu pai sabemos o que é melhor para você, para seu futuro. Acredite.

— Para o meu futuro ou para o futuro dos negócios de papai? Desculpem-me, mas eu não vou recebê-lo. Não vou me casar com um desconhecido que vocês escolheram para mim, mesmo que ele seja herdeiro do trono real.

— Joana, não se alarme tanto, queremos apenas que o conheça. Nem ele apresentou ainda a intenção de um compromisso com você. Veio apenas se apresentar e conversar com seu pai, além de deixar o convite para o baile;

mas saiba que é isso que queremos, que o jovem se interesse por você. Então vá lá na sala e seja educada.

— Eu não vou — falou irredutível. — O pobre homem veio apenas entregar o convite para o baile e já querem que eu me agarre ao seu pescoço, implorando para ser cortejada? Ah, mamãe...

— Desafortada! Não, Joana, não é assim! — Anastasia a repreendeu. — Ele é o pretendente ideal para você. É jovem, não deve ter muito mais do que a sua idade, e é muito bonito — disse ela. Joana revirou os olhos.

— Bonito? Nesse caso, acho que Sophie adoraria recebê-lo em meu lugar. Deviam dar a ela essa chance.

— Já conversamos tanto sobre isso. É você quem está em idade de se casar. Se bem que Sophie também já poderia pensar em um compromisso, mas seu pai jamais permitirá que suas irmãs se cassem antes de você.

— Isso é lastimável — retorquiu atirando-se novamente na cama. — Será que considerariam continuar solteiras para sempre? — disse no exato momento em que Sophie entrava no aposento de Joana e Rebecca.

— Não pode estar falando sério! — Sophie esbravejou. — Você é egoísta, Joana!

— Isto é algum tipo de provocação pessoal a mim ou a seu pai? Ouça Joana, ao menos se permita conhecê-lo. Vamos, coloque este vestido que separei em sua cama, você fica linda com ele. É uma ordem — disse a mãe enfim.

— Levem-me no colo então. Já disse que não irei.

— Joana, que desfeita! — Sophie disse enrugando a testa. — Não vai nem ao menos receber o convite? O baile será uma excelente oportunidade de conhecermos os irmãos do senhor Phillip Motier. Não seja egoísta. Assim que você se casar será a minha vez. Eles são ricos, irão morar naquela propriedade enorme e luxuosa.... Você sabe...

— Ah! Não consigo imaginar melhor qualidade... — Joana articulou com desdém.

— Não vejo mal algum em me apaixonar por um moço que seja rico — disse Sophie.

— O mal não está na riqueza do homem, mas sim em esta ser a principal razão da paixão repentina de muitas moças... — finalizou olhando para a mãe e para a irmã.

— Doente? Joana está doente? — questionava o pai, incrédulo. — Ainda hoje pela manhã estava em perfeita saúde.

— Sentiu-se mal esta tarde quando saiu para caminhar. Sinto muito, senhor Phillip — Anastasia não sabia o que dizer, então inventou a indisposição da filha.

— Oh, não, eu...

— Amanhã ela estará melhor. Considere o convite entregue. Ficaremos felizes em comparecer — Frederico Hour interrompeu o jovem. — Joana tem uma ótima saúde, é jovem, bela. Não há de ser nada. Ela estava feliz com a presença do senhor, hoje. Que pena...

— Creio que fui mal compreendido, senhor Hour. Eu não...

Oh, mon Dieu! Não me deixam falar! — pensava ele.

— Essas são minhas outras filhas, Sophie, Amália e Rebecca — Hour apresentou-as e elas o cumprimentaram com um leve abaixar de cabeça. Os olhos de Sophie brilharam na direção do jovem, que era muito mais belo do que descrevera a mãe.

Ela julgou que ele devia ter um pouco mais de vinte e três anos de idade. Era alto, com um corpo forte, olhos e cabelos negros, a tez clara e um sorriso extremamente sedutor e expressivo que lhe conferia uma beleza singular.

— Joana é a mais velha das irmãs, porém ainda muito jovem também, em idade de se casar — falava Frederico sem fazer pausas.

— O jantar, senhores — anunciou a criada.

Ele saiu da casa dos Hour estupefato. Era nítido como estavam desesperados para casar a filha mais velha. Foi a primeira coisa que percebeu desde mais cedo, pela manhã, quando esteve com Madame Anastasia, que foi logo o chamando para jantar, quando ele apenas tinha a intenção de entregá-lhes o convite para o baile na propriedade Motier.

A filha deve ser feia, coitada! — pensou.

Enquanto galopava rumo à propriedade Motier, decidiu que voltaria

no dia seguinte para desfazer o mal-entendido. Alexandre ria sozinho ao lembrar de toda a cortesia e fineza com que fora tratado, apenas por ser confundido com Phillip Motier.

Ora, sou muito mais apresentável do que Phillip — gargalhou

— Eu vou ao baile! — Sophie anunciou entre risinhos e gritinhos histéricos. — Um baile de máscaras!!

— E só você e Joana poderão ir — Rebecca disse pesarosa.

— Eu já imaginava — Amália também se entristeceu, sentando-se na cama e abraçando um travesseiro.

— Minhas filhas, não é adequado ir a um baile antes de debutar — ponderou Anastasia.

— É um baile de máscaras, mamãe. Quem há de saber que somos nós? — disse Amália.

— É verdade. Eu vou falar com o pai de vocês. Quem sabe ele dê o consentimento... Vou fazê-lo reconsiderar.

— Prometa, mamãe. Prometa que vai convencê-lo — Rebecca implorava.

— Minha filha, farei o possível, mas talvez ele não permita que você vá. Tem apenas quinze anos... — disse-lhe a mãe. Rebecca esmoreceu. — Porém teremos tempo para tentar persuadir seu pai. O baile será apenas daqui a três meses.

— Três meses? — Sophie quase gritou. — Por que entregar um convite com tanto tempo de antecedência?

— Ora, essa é uma ocasião em que as pessoas gostam de preparar-se. Além disso, precisarão esperar que o restante da família se mude para a propriedade. Isso levará tempo... Com certeza deverão ainda chegar alguns criados antes que todos se mudem.

— Daisy falou que os Motier são em três irmãos... três jovens irmãos... — Amália revelou, fazendo crescer um sorriso no rosto de Sophie.

— Serão os três jovens mais importunados dessa região, coitados! — Foi a única coisa que Joana disse.

Capítulo 4 — O mal-entendido

Alexandre acordou cedo, ainda tinha mais alguns convites de baile para entregar. Rememorou as instruções de Phillip, que lhe disse para convidar mais pessoas do que confortavelmente poderiam ser acomodadas no salão da propriedade, porque era raro que todos os convidados aparecessem. Desta forma, para garantir que a pista de dança fosse preenchida, ele deveria convidar muitas pessoas, mais homens do que mulheres.

Relembrou alguns fatos dos dias anteriores, quando visitou a casa de alguns comerciantes da região. Em uma das casas uma jovem gritou entusiasmada e saiu correndo com o convite nas mãos. Ele sabia que não havia ali muitas formas de distração para aquelas moças além de visitar parentes e fazer bordados, então, claro, um baile era um momento muito empolgante, porém, não deixou de achar as atitudes muito exageradas. Em outra casa, uma jovem pôs-se a dançar um *minuet* sozinha no meio da sala, já ensaiando os passos miúdos, a fim de impressionar na dança quando chegasse o dia da festa.

Porém a visita mais inusitada aconteceu na casa de Frederico Hour. A esposa, ao ouvir o nome Lorde Louis Motier, foi prontamente julgando ser ele o sobrinho herdeiro do Lorde. Ficou eufórica, falava e o interrompia sem pausas. Ele tentou desfazer o mal-entendido por diversas vezes e dizer que na verdade havia sido um cavaleiro de Lorde Louis Motier, e que era amigo íntimo do senhor Phillip; este sim herdeiro das propriedades do tio falecido. No entanto, Alexandre logo viu que era impossível interromper os devaneios daquela mulher e acabou por desistir, considerando que seria melhor aceitar o convite para o jantar e conversar com senhor Hour a sós.

Porém à noite a cena repetiu-se. Frederico Hour ficou tão eufórico quanto a esposa e não media elogios à filha mais velha — a qual Alexandre não viu, porém imaginou que devia ser feia —, dizendo que era uma moça em idade de se casar e que era muito bela.

Falou tanto o homem, que deixou Alexandre aturdido. Serviu-lhe o

melhor vinho e ofereceram a ele um belo jantar. Frederico Hour falou dos negócios, de política e conversaram sobre a recente batalha de *Watterloo*. Depois voltou a falar na filha e, no fim, só restou a ele ter paciência, aproveitar a cortesia e esperar que quando Phillip — o verdadeiro herdeiro — chegasse à propriedade com os outros irmãos, o senhor Hour e a esposa vissem que cometeram um engano.

Alexandre decidiu ir até a vila a cavalo e deixar a caleça na propriedade Motier, onde alguns criados já começavam a chegar. Deu ordens a alguns deles para arrumarem os aposentos, verificarem a mobília e cuidarem do jardim; e informou que retornaria mais tarde. Foi à cocheira e alisou os pelos do cavalo *Percheron*:

— Vamos, meu velho amigo? Hoje será o seu dia de passear pela vila — Alexandre montou o animal e partiu.

Atravessaram o prado que separava a propriedade do vilarejo, onde ele contemplou aquelas paisagens imensas, de flora exuberante. Ao longe viu as árvores Castanheiras e as imponentes Faias com suas folhas castanho-douradas. O *Percheron* negro percorria agilmente o percurso balançando sua crina lustrosa. Logo chegaram.

Passou pela região mais pobre da vila, já bastante movimentada, mostrando que ali todos acordavam muito cedo, talvez por volta das cinco da manhã, já que muitos trabalhavam no campo. Viu uma mulher com seus filhos pequenos, cuidando da horta e dando grãos às galinhas. Mais adiante um interessante contraste começava a se moldar, as casas iam ganhando mais elegância, as ruas tinham pedras no chão e já não eram tão poeirentas. As moças andavam bem-vestidas, com vestidos muito rendados e rodados e com seus *bonnets* de abas largas na cabeça, onde laços e fitas de cetim lhe cobriam as orelhas e caíam sobre seus ombros. Alexandre não pôde deixar de observar como vestiam-se de maneiras distintas as damas inglesas e as damas francesas. As inglesas usavam vestidos mais justos e de tecidos com pouco enfeites. Elas também não usavam os cabelos sempre presos no alto da cabeça.

Foi permeado por estes pensamentos até que viu uma dama muito bela junto de outras duas juvenzinhas na calçada. A mais bonita de todas

estava falando com as demais, sorria e apontava para a sua roupa, depois voltava os olhos para cima e gesticulava. Ele a olhou mais atentamente e então a reconheceu: era uma das filhas de Frederico Hour.

Sophie Hour e as irmãs. Certamente está já a sonhar com o baile... — Alexandre imaginou.

Poucos metros adiante avistou a casa da família Hour e pensou se deveria parar ali para apresentar-se corretamente e finalmente desfazer o engano, ou se deveria esconder-se para não ser visto por Madame Anastasia. Ele observou melhor a residência; era uma casa bonita, de cor clara. Na sua fachada via-se uma grande porta com duas janelas às suas laterais. No andar de cima mais três janelas e um telhado com três solares.

Assim que pôs seus olhos em uma das janelas ele viu uma moça por entre as cortinas entreabertas. Ela estava sentada de perfil em uma banquetta e com os braços apoiados em uma penteadeira. A jovem mexia em alguns objetos e, pegando um pente, soltou os cabelos que estavam presos no alto da cabeça. Grossos fios de cabelos ondulados e ruivos lhe caíram até a cintura. Ela separou os cabelos em duas mechas e passou a alisá-los com os dedos, depois penteou as pontas avermelhadas com cuidado, até chegar ao alto da cabeça. Quando terminou, virou-se para a sua direita para alcançar um enfeite de cabelo qualquer e então ele pôde vê-la. E como era linda a filha mais velha de senhor Hour. Como ele havia se enganado em julgar que a moça deveria ser feia.

Ela se levantou e ele continuou a acompanhá-la com os olhos. Analisou seu corpo bem-feito, a cintura fina, os braços alvos, os olhos....

Olhos atrevidos e arrogantes! — Ficou atônito.

— Senhor Phillip? — Alguém o chamou.

Senhor Phillip? Oh, não! Quem me chama por este nome?

Olhou para baixo, segurando os arreios do cavalo, e viu Sophie Hour sorridente.

— Senhor Phillip? — tornou a chamá-lo. — Por que está olhando para nossa casa? Meu pai não está, mas se quiser posso chamar mamãe e...

— Oh não, não é necessário — *pour l'amour de Dieu!* — Eu... estava apenas passando e...

Sophie ruborizou. Certamente ele tinha voltado ali para vê-la e agora não sabia o que dizer. Ele estava visivelmente constrangido e Sophie tentou minimizar o seu incômodo fazendo-se de distraída e mudando o assunto. Seu

coração deu alguns pulos dentro do peito.

Alexandre voltou a olhar rápido e discretamente para a janela onde tinha visto aquela moça, mas não a encontrou mais ali. A cortina ainda estava aberta e o pente repousava na penteadeira.

— Foi muito agradável recebê-lo em nossa casa, senhor Phillip.

— Sua família é muito amável, senhorita. Mande lembranças minhas a seu pai. Agora, preciso ir. Há ainda algumas moças à espera destes convites — falou mostrando os papéis no interior do seu casaco.

Sophie suspirou olhando para aquele rosto bonito e curvou a cabeça, despedindo-se. Ficou ainda alguns minutos olhando-o ao longe, elegantemente montado no cavalo negro, cativando os olhares e sorrisos de muitas moças por onde passava.

Quando viu a mãe à porta correu para contar-lhe tudo. A mãe sorriu satisfeita com o interesse do moço, mas depois ponderou melhor e achou por bem repreender a filha:

— Sophie, sei que é motivo de alegria para esse coraçãozinho de moça receber atenção de tão distinto rapaz, mas convém lembrar-lhe que não é adequado que dê abertura para que ele pense que é correspondido. Ele deve interessar-se por Joana...

— Ah, mamãe, Joana o espantará na primeira oportunidade. Fará com que queira distância de todos dessa casa — disse ela. Anastasia torceu a boca. No fundo, Sophie tinha razão.

— Acho prudente que seu pai fale com o rapaz, que prepare o caminho e faça de Phillip Motier um amigo de nossa família. Penso que estando em nosso convívio ele naturalmente conheça Joana e se interesse por ela. Quem sabe ela retribua, vendo como é jovem e bonito...

— Isso é tão injusto mamãe. Ele gostou de mim primeiro! — lamentou.

— Phillip tem ainda dois irmãos mais novos — relembrou-a com um olhar sugestivo.

— Mas eu já gosto desse — disse emburrada.

Quando terminou de entregar os convites, Alexandre retornou à propriedade Motier. Desta vez não prestou muita atenção na paisagem, seus

pensamentos o levavam direto para aquela janela, na qual vira a moça ruiva penteando-se.

É claro que é ela! É a moça do bosque de faias!

Alexandre riu sozinho ao lembrar daquele inesperado encontro... Ele vinha de uma viagem muito longa e preferira fazer o trajeto a cavalo, pois considerava ser melhor do que carruagens duras, que trepidavam e chacoalhavam nas estradas ruins. Ao final de sete dias de jornada, quase alcançando seu ponto de chegada, adentrou no bosque de faias. Foi uma das paisagens mais belas que vira em todo o caminho.

O céu fundia-se com o dourado das folhas em um cenário intenso. Seu corpo acalmava-se com a sombra fresca e, ao longe, ele já parecia ouvir o som dos rebanhos e o vento ligeiro a abanar os ramos de trigo. Algumas folhas caíam sobre sua cabeça e partiam-se secas e crocantes debaixo dos cascos do cavalo.

E quando pensou que seus olhos não podiam ver algo ainda mais belo, ele a encontrou. A moça parecia fazer parte daquela paisagem alaranjada, como se fosse um fruto dourado e misterioso que pertencia ao local. Seus olhos verdes eram de um profundo brilho cintilante e ele ficou envolvido neles, quase em transe...

Mas não era de um néctar doce aquele fruto, era selvagem e amargo.

Alexandre balançou a cabeça para arrancar do pensamento essas divagações disparatadas, de ficar remembering aquele encontro desagradável que tivera com aquela moça tão mal-humorada.

Chegou à propriedade Motier e adentrou pelo portão de ferro, ladeado pelos enormes muros de pedra. Passou pelo extenso jardim — que estava malcuidado naquela ocasião — e viu que próximo à porta de entrada havia uma carruagem. Observou como era bela a residência, também feita de pedras. Havia ali inúmeros aposentos, salas de banho, cozinhas, amplos espaços para recepções, salões de festas, uma capela e uma área separada da casa, onde ficava as habitações dos criados.

Alexandre levou o cavalo até a cocheira e assim que pôs os pés nas escadarias da entrada da casa, ouviu uma voz que lhe era muito familiar.

— Caroline?! O que faz aqui?

— Com que alegria me recebe o meu irmão? — disse a recém-

chegada, colocando as mãos na cintura. — Então não se alegra em me ver?

— Claro que me alegro! Surpreendi-me, apenas — estendeu-lhe os braços.

— Vim para ficar ao seu lado — declarou. — Cansei-me de viver sozinha na Inglaterra, irmão.

— Sozinha? Caroline, nossa tia vem zelando por você todos esses últimos anos. Não esteve sozinha.

— Sim, devo muito a ela, mas refiro-me a ficar sem você por perto, meu irmão. Sinto-me só por estarmos tão afastados.

— Compreendo, embora estranhe sua chegada sem avisar. Nossa tia não me escreveu, tampouco você, dizendo que viria.

— Quis lhe fazer uma surpresa — sorriu.

— E como você soube onde me encontrar? Esteve em Paris?

— Sim, assim que retornei da Inglaterra fui para a nossa casa em Paris, e lá avisaram-me que você já havia partido para cá.

— E Phillip, sabe que veio?

— Sabe. Escrevi para ele quando eu ainda estava na Inglaterra. Não houve tempo de receber uma resposta dele, mas tenho certeza de que ele consentiria, faria gosto — sorriu com malícia. — Mas quando cheguei a Paris, soube que ele havia viajado para a Escócia.

— Faria gosto... — repetiu ele descontente com as intenções claras da irmã.

— Sem ciúmes, meu irmão, por favor.

— Tenho motivos para tal?

— Claro que não. O que é uma pena; afeiçoo-me por Phillip, sabe disso.

— Sei... E sei também que se fosse para correspondê-la, ele já o teria feito. Há quantos anos se conhecem? Há quanto somos amigos?

— Ainda não deu por si. Aliás, o que Phillip foi fazer na Escócia? — perguntou curiosa.

— Ora, isso não é assunto que lhe interesse, Caroline. São questões particulares — repreendeu-a.

— Quem me escreveu foi Johan, que informou que ele e Patric também virão para cá. Pretendem fixar-se aqui — contou-lhe passeando os olhos pelo teto e mobília da residência.

— Então Johan virá mesmo? Pensei que não viria...

— E por que não ele viria? Veja essa propriedade! É magnífica!

— Johan é orgulhoso. Aqui terá que viver sob os desmandos do irmão, afinal a casa agora pertence a Phillip.

— E que felicidade do destino! — Ela riu girando o corpo e contemplando novamente a residência.

— Chama de felicidade a morte do tio de Phillip?

— Não! Isso foi uma fatalidade, uma lástima; mas não haveremos de chorar para sempre por nossos infortúnios. De todo modo, é uma generosa herança a que Phillip recebeu do tio. Felicidade é ele ser o sobrinho mais velho e que o tio não tivesse filhos, nem irmãos herdeiros, já que o pai de Phillip morreu há muitos anos. Um dia tudo isso seria de Phillip de qualquer jeito.

Nesta hora uma criada interrompeu-os, perguntando qual o aposento que Caroline Franz ocuparia.

— Um reservado a hóspedes, claro! — Alexandre disse à criada.

— Ora, Alexandre Franz! Não serei hóspede! — disse ela aborrecida e voltou-se para a criada: — Leve-me para conhecer os aposentos. Escolherei um do meu agrado.

Alexandre a confrontou com os olhos endurecidos, de modo a pedir-lhe que não lhe causasse aborrecimentos.

— Alexandre... não me olhe assim ... — Caroline sibilou e depois lançou um sorriso na direção do irmão.

Alexandre deixou-se cair na poltrona da sala. Temia que a irmã lhe causasse problemas, conhecia sua personalidade muito bem; era imperiosa e estava acostumada a ter sempre tudo o que queria. Seu único desejo ainda não atendido era ter o amor de Phillip. Ela nutria sentimentos que iam além da adoração por ele desde mocinha. Alexandre sempre buscou colocar juízo na cabeça da irmã, pedindo que ela o esquecesse e dizendo-lhe que Phillip jamais tinha lhe dirigido sequer um único olhar de interesse. Tudo em vão, parecia que quanto mais Phillip a desprezava, mais ela o queria.

Alexandre pôs-se a pensar no que Caroline havia dito, sobre a vinda dos irmãos de Phillip. Ele não ficou contente ao ouvir que Johan também viria a residir ali. Isso sequer tinha passado em sua cabeça, afinal os irmãos não se relacionavam bem. Johan e Phillip tinham quase a mesma aparência e um pouco mais de um ano de diferença na idade, porém, no restante, eram

totalmente desiguais.

Na visão de Alexandre, Phillip era decente, obstinado e zeloso. Já Johan, também aos seus olhos, era sórdido, inconstante e preguiçoso. Viviam assim em constante atrito. Já Patric — o mais novo dos irmãos —, era calmo, alegre e pacificador, e era um dos melhores amigos de Alexandre desde a infância.

As suas famílias eram amigas antes mesmo de nascerem os filhos. Primeiro veio Phillip Motier, e no mesmo ano Alexandre Franz vinha ao mundo. No ano seguinte nasceu Johan Motier e dois anos mais tarde nasceram Caroline Franz e Patric Motier. Parecia que os pais de Alexandre tinham combinado com os pais de Phillip para terem sempre os filhos no mesmo ano. De tal modo, cresceram todos juntos em Paris, frequentavam a casa uns dos outros.

Alexandre estudou na mesma universidade que Phillip, tinham as famílias praticamente a mesma posição social. Anos depois, Alexandre entrou para a tropa de cavalaria do Lorde Louis Motier, esteve em algumas batalhas ao lado do tio de Phillip e o viu morrer em *Watterloo*. Com a morte de Louis — que era viúvo e sem filhos ou irmãos — todos os bens passaram a ser do sobrinho mais velho por parte de pai, ou seja: Phillip.

Alexandre Franz poderia vir a ser, além de amigo, um oficial das tropas de cavalaria que agora seriam lideradas por Phillip, que lhe fizera a proposta e pediu que pensasse sobre o assunto. Porém os seus ideais políticos divergiam muito e Alexandre não estava propenso a permanecer ali ou liderar as tropas. Conversariam mais sobre o assunto em hora oportuna; viera para a propriedade Motier com o intuito de organizar a vinda de Phillip e seus irmãos. Phillip dizia que ali era um ótimo lugar para fixar-se e fazer negócios. Pretendia comprar terras e torná-las produtivas. Em épocas difíceis de escassez de grãos, principalmente o trigo, ele poderia aumentar a fortuna deixada pelo tio, plantando e exportando para outras regiões.

Alexandre acabou adormecendo na poltrona de mogno irlandês, sendo acordado no meio da noite por um criado, que o lembrava de recolher-se no seu aposento, a fim de descansar com mais comodidade.

Capítulo 5 – A propriedade Motier

Pela manhã um burburinho vindo da cozinha o lembrou de que não havia sonhado, Caroline estava realmente ali. Andava pela cozinha dona de tudo.

— Mandem o criado buscar lençóis de musseline de seda para minha cama. Oh! Meu aposento é tão escuro... preciso também de mais castiçais.

— Sim, senhorita Caroline. No entanto o tecido demorará a chegar. Teremos que pedir que tragam de Paris — dizia um dos criados, com ar sério.

— Caroline... — Ela virou-se e deu de cara com o irmão que a chamava com uma expressão nada aprazível.

— Irmão... escolhi um ótimo aposento. Precisa ver que bela tapeçaria e que dossel magnífico em uma cama ricamente esculpida... — narrava os detalhes do aposento, entusiasmada.

— Dá ordens aos criados como se fosse a dona desta propriedade? — inquiriu Alexandre. Os criados encaminharam-se para fora da cozinha e os deixaram a sós.

— Não me recrimine na frente dos criados, Alexandre! Para quem devo pedir as coisas que preciso?

— Não a recrimino, apenas peço que seja equilibrada. Devia ficar em um aposento de hóspedes e esperar Phillip chegar. Não duvido que tenha escolhido o melhor aposento da casa e deixado um inferior para o próprio dono.

— Escolhi um que fosse de acordo com minhas exigências de moça elegante. Uma dama precisa de espaço, conforto, um bom espelho e uma bela penteadeira, além de uma lareira quente para aquecer-se no inverno...

Alexandre cansou-se de ouvir a irmã e a deixou falando sozinha, pegando de cima da mesa apenas um pedaço de bolo e ignorando o discurso irritante que Caroline ia proferindo às suas costas.

— Aonde vai? — Ela quis saber.

— Vou ao vilarejo.

— Quero ir também.

— Pedirei a um criado que a leve na Caleça. Eu vou sozinho a cavalo.

— Eu também sei montar! Não há aqui muitos cavalos? Pois sei que há, eu já os vi.

— Caroline, você não conhece a região... Vamos os dois de Caleça então — deu-se por vencido.

— Pois bem, chame o *cocher* para nos levar — voltou a dar ordens.

— Eu sou o *cocher*, Caroline.

— Você? — arregalou os olhos.

— Não, não sou. O que quero dizer é que não chamarei um cocheiro para nos levar à vila. Já lhe disse, não estou aqui para dar ordens — disse ele. Caroline revirou os olhos enquanto o irmão falava.

— Que deselegante — comentou ela franzindo a testa. — Só dessa vez, Alexandre. Prometo que não peço mais nada.

— E devo acreditar em suas promessas?

— Juro!

— Se é assim, tudo bem. Só dessa vez. Depois, quando Phillip chegar, certamente deixará uma caleça e um cocheiro à disposição dos irmãos e você poderá utilizar quando necessário. No entanto, acredito que seja breve a sua estadia aqui.

Alexandre solicitou o *cocher* e rapidamente ele estava na frente da propriedade, com a mesma caleça que Alexandre tinha usado para ir à vila levar os primeiros convites do baile. Ele ajudou Caroline a subir e entrou em seguida. Era uma caleça pequena, para dois passageiros e puxado apenas por um cavalo — o *cocher* havia escolhido o de cor de trigo.

— O que é isso? — Caroline perguntou pegando um papel que estava caído aos seus pés. Juntou o impresso amassado e pôs-se a ler para si. — O quê? Um baile? Phillip dará um baile de máscaras quando chegar? — questionou ao irmão, com os olhos espremidos.

— Pois é o que acabou de ler — respondeu enquanto sentia o balanço da caleça pela rua.

— E não ia me contar? Não ia me contar, Alexandre? Por acaso não serei convidada?

— Caroline, acabou de chegar. Como quer estar à parte de todos os acontecimentos assim tão rápido?

— Oh! *Mon Dieu!!* Não tenho trajes adequados! Não tenho uma máscara bonita... Não tenho sapatilhas para tal evento — queixou-se. —

Quando será o baile? — perguntou voltando a ler o convite e depois suspirando aliviada. — Ah, que bom, será ainda dentro de três meses. Talvez eu mande buscar um vestido novo em Paris, e uma máscara também.

— É só um baile, Caroline.

— É só um baile? Um baile é sempre um grande evento, meu irmão. De quem foi a ideia?

— De Phillip. Foi ele quem me pediu que viesse à propriedade antes de sua chegada. E pediu também que eu organizasse o baile.

— *Mon Dieu*. As moças dessa região vão querer agarrá-lo — preocupou-se.

— Garanto que não. Nem ao menos saberão quem ele é. Esqueceu-se do que acabou de ler? É um baile de máscaras, minha irmã.

Alexandre permitiu-se ficar em silêncio o restante do caminho, apenas balançando a cabeça e fingindo ouvir a irmã falando de como tudo era maravilhoso na Inglaterra e do quanto sentiria falta das belezas e comodidades daquela terra. Queixou-se de Paris e disse que a propriedade deles estava quase em ruínas, e que por Alexandre quase não ir até lá, os empregados estavam desleixados e se sentindo os próprios donos do local.

Mais adiante passou a olhar tudo com curiosidade, e quando chegaram ao centro do vilarejo, Caroline mal piscava, olhando para as moças e rapazes por qual passavam.

— Olha, veja como se vestem exageradamente as moças francesas — percorria seus olhos pelas ruas e calçadas, casas e jardins.

— Não se esqueça de que você é uma moça francesa, Caroline — Alexandre a lembrou.

— Esses últimos anos na Inglaterra quase me fizeram esquecer disso.

— Pois volte a se lembrar, já que está aqui agora.

— O que veio fazer na vila, Alexandre? Além de acompanhar-me, é claro — Caroline mudou o assunto.

— Preciso de algumas ferramentas que o jardineiro solicitou, além de ferraduras e arreios novos para os cavalos.

— Ora — pareceu espantada —, agora faz compras para os criados, Alexandre? Será essa a sua função na propriedade Motier?

— Minha função é apenas ajudar, Caroline. Eu sou um amigo íntimo da família Motier, principalmente de Phillip e Patric, e em suas ausências

farei o que puder para auxiliar.

Enquanto o irmão falava Caroline passou os olhos em uma *vitrina*, viu um elegante chapéu de musselina e exclamou:

— Olhe, é um bonito chapéu aquele! Vamos comigo, Alexandre?

— Oh, não. Ficarei aqui aguardando-a retornar.

— Por que não me faz companhia, irmão?

— Ora, é uma *boutique* feminina, Caroline. Vá antes que eu desista e mande o *cocher* voltar — perdeu a paciência.

Caroline assentiu e desceu rapidamente. Alexandre repousou as costas no assento da caleça e soltou um profundo suspiro. A irmã lhe sugava toda a paciência que tinha. Ah! Se ela soubesse como às vezes era entediante mudaria logo de comportamento, quem sabe assim um dia Phillip a olhasse com boa-vontade e desse a ela o merecido valor.

Fechou os olhos e deixou-se consumir novamente pela lembrança da beleza da filha mais velha do senhor Hour, foi quando se deu conta de que não sabia o nome dela. Claro que Frederico Hour havia dito, talvez até mais de uma vez, mas naquela ocasião ele não tinha dado a devida atenção e esquecera-se. Afinal, ele não ia atentar-se de gravar o nome de uma moça que de todo modo, achava que fosse feia. Não tinha culpa por pensar assim, foi o próprio senhor Hour e a esposa que o fizeram imaginar tal coisa. Ele logo pensou, que por ser a filha mais velha, não estar ainda casada e julgando o desespero dos pais e o fato de ela não ter sequer saído do aposento, o que mais ele podia supor? Que era horrorosa a coitada!

Quando tornou a abrir os olhos a imagem daquele anjo havia se materializado em sua frente. Piscou ainda algumas vezes para ter certeza do que via e teve a confirmação, era a filha mais velha de senhor Hour. Era a moça linda e irritada do bosque de faias.

Estava de braços dados com a mãe e com a irmã mais nova — Alexandre também não se recordava do nome desta — e entraram na mesma *boutique* onde estava Caroline.

— Vamos ver se encontramos algo aqui, mamãe — sugeriu a filha mais nova.

— Vamos sim, Rebecca. Vestidos novos para o baile! Minhas filhas serão as mais belas de todas as moças.

Oh, Rebecca é o nome da filha mais nova — Alexandre espremia-se no interior da caleça para não ser visto.

Dentro da *boutique*, Caroline olhava o chapéu que havia gostado e experimentava luvas de seda para usar durante o dia.

— De onde vieram essas luvas? — Caroline perguntava.

— De Paris, *mademoiselle* — disse-lhe a moça do outro lado do balcão.

— Quero encomendar um vestido de Paris. O que sugere?

— É para o baile? — Só se falava disso na região.

— Sim.

— As moças apreciam vestidos com babados, amarrações, fitas, algumas flores... — Ela lhe mostrava alguns modelos.

— Tudo muito excessivo — disse Caroline interrompendo-a. Nesse instante as irmãs Hour e a senhora Anastasia já olhavam Caroline com curiosidade. — Na Inglaterra a moda é muito diferente, sofisticada. A moda em Paris é extravagante demais!

— Veja esta revista de moda de Paris, *mademoiselle*. Espero que algum vestido lhe agrade.

— O que eu precisava era de um alfaiate, tecidos nobres. Há tão poucas opções aqui... — queixava-se. — Levarei apenas as luvas e o chapéu. Para o baile usarei um dos meus vestidos que trouxe da Inglaterra. São de maravilhar qualquer um...

Que esnobe — Joana pensou observando o ar presunçoso daquela desconhecida.

Caroline virou-se para o lado e viu Anastasia com as filhas e lançou um olhar arrogante na direção das moças, principalmente para as suas vestes, que julgou pobres demais, principalmente as de Joana, que era particularmente simples.

— Que jovem arrogante! — Anastasia comentou com as filhas assim que Caroline saiu da *boutique*.

— Será que é estrangeira? Se não gosta do nosso país, por que veio? — Rebecca reclamou.

— É espantoso! — expressou Joana.

— O que é espantoso? — Anastasia perguntou.

— Como algumas moças julgam todas do seu sexo como adversárias.

— Oh! Se for para competir com umas das minhas filhas, ela já está em desvantagem.

— Muitas moças olham para todas as outras como verdadeiras inimigas — Joana continuou.

— Esqueçamos disso e vamos escolher vestidos novos para vocês — sugeriu Anastasia. — Serão as mais bonitas daquele baile. — A mãe repetiu a fala que vinha afirmando desde o recebimento do convite.

— Não quero nada para mim. Economize no meu vestido e compre um ainda mais belo para Rebecca — Joana dizia sorrindo para a irmã.

— Nem pensar! — contestou Anastasia. — Economizar para deixar minhas filhas bonitas? Economiza-se agora e teremos que economizar a vida inteira!

Rebecca franziu o cenho, não compreendendo a que se referia a mãe, mas Joana entendeu muito bem o que ela queria dizer.

Do lado de fora da *boutique* uma elegante caleça ia se movimentando, levando os irmãos Franz para a propriedade Motier.

Na casa dos Hour, as irmãs Amália e Sophie conversavam sobre a festa e mostravam seus vestidos, rodopiando com a veste em frente ao corpo, imaginando o dia da festa.

— Ficará linda, Sophie. Este tecido lhe caiu muito bem — Amália elogiava a irmã.

— O seu também é muito bonito, embora eu tenha preferido o vestido rosa que provou ontem. Este azul claro a deixa pálida — Sophie falava com a irmã.

— Melhor assim... Uma palidez pertinente. Mamãe disse que isso mostra uma fragilidade ideal — ponderou. — Ah! Estou tão curiosa para saber o que Joana e Rebecca vão escolher — Amália olhava pela janela ansiosa pelo momento que veria a mãe chegar com as duas irmãs.

— Ali estão elas — Sophie apontou as três, que caminhavam de braços dados e aproximavam-se da casa.

Anastasia entrou com as filhas e encontrou o marido na sala, dormindo sentado com a cabeça pendendo para o lado enquanto roncava alto.

— Senhor Frederico! Está dormindo e roncando! — Ela o acordou,

recriminando-o.

— Oh, eu acabei adormecendo. Estou velho! — disse ele recompondo-se. — O caso é que vim mais cedo para casa pois quero lhes comunicar que tomarei uma atitude.

— Que atitude? — perguntou a esposa, sem entender.

— Irei à propriedade Motier e falarei com senhor Phillip! — informou fazendo Joana arregalar os olhos.

— Pois deve ir, sim! — disse Anastasia, vibrante.

— Pois não deve ir, não! — Joana repeliu a ideia.

— E por que não? O baile demorará três meses. A esta altura é um milagre que ainda não tenha se formado filas de moças em frente à propriedade Motier.

— Tem razão, marido — concordou Anastasia. — Se não formos rápido, ele escolherá outra moça.

— Temos sorte que a notícia da vinda de senhor Phillip ainda não se espalhou. Estão todos pensando que vieram somente os empregados — disse Frederico à esposa.

— Ora, como? Não foi o próprio senhor Phillip quem entregou os convites do baile, papai? — Joana lembrou.

— Nas outras residências eu não sei, mas nesta casa foi o próprio — Anastasia garantiu.

— Deve ter ouvido falar da beleza das minhas filhas e quis conferir pessoalmente — Frederico Hour disse orgulhoso.

— Oh, papai, que fantasia! — Joana riu.

— Pois este pensamento não me ocorreu sem fundamento. Estive com senhor Loen esta manhã e ele contou que o convite lhe foi entregue por um criado de Phillip.

— Então não foi o próprio senhor Phillip quem entregou o convite aos Loen?

— Não foi. Como eu disse, todos com quem conversei, citaram um jovem, senhor... Oh, senhor.... Não recordo o nome. Não importa. O que importa é que já sabemos que Phillip deverá escolher uma moça com quem se casar.

— Deverá? E qual moça ele deve escolher, papai? — Joana perguntou aborrecida.

— Ora, você! É claro!

— Declino dessa opinião — Joana rebateu.

— Pois eu vou até lá e farei o convite para que Phillip venha nos visitar outras vezes antes do baile. Vou insistir com isso. Quando estive aqui, Joana estava adoentada — olhou para ela com desconfiança. — Certamente não voltará a adoecer neste mês novamente.

— Quem há de saber... — Joana murmurou.

— Pare de confrontar seu pai, Joana! — Anastasia clamou.

— Deixe-me ver, deixe-me ver seus vestidos! — Amália gritou assim que Joana e Rebecca entraram no aposento.

— Vejam como o meu é lindo! Vejam! — Rebecca desembrolhou o pacote e mostrou o vestido que escolheu na boutique.

— Veja, Amália! É o vestido rosa que você provou ontem. Era este que você deveria ter escolhido — Sophie falou.

— Gostei do azul — disse Amália.

— E você, Joana, escolheu algo para si ou irá com aquele indecente com o qual recebeu o senhor John? — Sophie provocou.

— Joana não queria vestido algum, mas mamãe insistiu. Escolhemos um lilás maravilhoso. Mostre Joana! — Rebecca pediu.

Joana mostrou o vestido lilás e todas ficaram admiradas com a beleza da peça e também com a falta de empolgação da irmã.

— O que foi, Joana? Não gostou do seu vestido? — Amália perguntou.

— Um vestido não seria responsável por alterar o meu humor. Pergunte para nossa mãe o porquê de eu estar assim — bufou.

— Papai foi agora mesmo até a casa de senhor Phillip — Rebecca contou.

— Foi fazer o que lá? — Sophie perguntou exasperada.

— Insistir que ele venha à nossa casa mais vezes. Ele quer que Phillip conheça Joana — disse Rebecca sorrindo.

Sophie saiu correndo pela casa procurando pela mãe a fim de queixar-se da sua desgraça de não ter nascido antes de todas as irmãs.

O que deu nela? — Joana perguntou-se.

Na propriedade Motier, Alexandre supervisionava o trabalho do jardineiro e dava sugestões de como deveria podar as cercas vivas a fim de que ficassem simétricas em suas formas. Pediu que limpassem o chafariz que ficava no meio do jardim e também uma escultura de um anjo mármore de Carrara que adornava as escadarias.

Estava em meio a esta tarefa quando visualizou que uma caleça parava lentamente junto ao portão. Alexandre se esforçou para ver quem estava no seu interior e viu quando um criado surgiu à porta e fez menção de verificar quem era o visitante. Foi quando Alexandre pôde enfim identificar o senhor Frederico Hour.

Alexandre apressou-se em subir as escadarias do jardim e em seguida voltou a descer rapidamente, dizendo aos criados que ele mesmo receberia o visitante. Viu-se nervoso, angustiado, andava de um lado para o outro no jardim sem saber o que fazer. Por fim, começou a andar lentamente na direção do portão.

O que ele quer aqui? Será que descobriu que não sou Phillip e agora vem acusar-me? Oh, não, nunca fiz tal afirmação! Senhor Hour e a esposa é que se enganaram e não me deixaram explicar....

Esses pensamentos se dissolveram assim que se aproximou do portão e viu um cordial sorriso no rosto de senhor Hour. Alexandre suspirou aliviado, ao mesmo tempo em que teve a certeza de que seria naquele dia que falaria de uma vez por todas quem ele era. Gritaria se fosse preciso para não ser interrompido.

— Senhor Hour! É um prazer recebê-lo — Alexandre cumprimentou.

— O prazer é igualmente meu — Frederico Hour caminhou ao lado de Alexandre para dentro da propriedade. — Que bela mansão! — dizia maravilhado com a magnitude da construção.

— É sim, uma bela propriedade. Senhor, queira me acompanhar até a sala. Creio que devemos conversar.

— Oh, sim. Foi também por isso que vim, senhor Phillip — disse Hour, estranhando alguma coisa que não conseguia entender o que era.

Caroline estava descendo as escadas do segundo andar e parou ao ouvir a conversa. Estava a uma distância suficiente para ouvir sem ser vista.

Senhor Phillip? Este senhor chamou meu irmão de senhor Phillip?

Capítulo 6 – A visita

— Sente-se, senhor Hour. Vou pedir a uma criada que nos sirva algo para beber — disse Alexandre inquieto.

Frederico Hour balançou levemente a cabeça em afirmativa e quando Alexandre saiu, franziu o cenho. Começou a entender o que estava lhe causando o estranhamento. Aquele homem não se portava como o dono daquela propriedade. Estranhou o fato de ter sido o próprio quem o recebeu no portão, e agora, ia ele atrás dos criados? Por que os criados não foram lhes atender?

Quando Alexandre voltava da cozinha, viu a sombra de sua irmã ao pé da escada, esgueirando-se atrás de uma coluna.

— Caroline?

— Alexandre... Eu estava... — gaguejou tomada pela surpresa.

— Estava escondida espiando — completou ele.

— Eu não estava espiando. Acabei de descer as escadas e tive uma queda de pressão. Passei mal e então segurei-me nesta coluna... — fingiu-se.

— Pois eu não acredito! O que ouviu?

— Nada.

— Não ouviu nada?

— Já disse. Não ouvi nada — respondeu e subiu correndo de volta para o seu aposento.

Alexandre viu quando o criado passou com a bandeja e as taças em direção à sala e o seguiu, bufando irritado com o comportamento da irmã.

— Desculpe a minha demora, senhor Hour. Agora podemos conversar — disse sentando-se ao lado de Frederico, em uma poltrona de carvalho estofado com um rico tecido verde-esmeralda.

— Senhor Phillip, antes de tudo, quero reiterar que foi um prazer recebê-lo em nossa casa. Consideramos uma honra que tenha reservado aquela noite para estar conosco.

— Senhor, o prazer também foi meu... — Alexandre passava as mãos no suor que brotava em sua testa.

— No entanto, naquela noite minha filha Joana estava adoentada. Joana é a minha filha mais velha, acho que já mencionei isso.

Joana? Então ela se chama Joana? — Alexandre sentiu uma estranha satisfação ao ouvir aquele nome.

— Sim, senhor Hour, eu creio que mencionou sim...

— O caso é que Joana não se conforma em não o ter conhecido. Ela ficou muito triste — mentiu. — E por isso eu tomei a liberdade de vir até aqui convidá-lo para estar conosco essa semana em um novo jantar. Desta vez faço questão de que conheça minha filha.

— Oh, entendo. Então é uma posição da sua filha? — interessou-se. — Digo, é do agrado dela que eu vá? — Alexandre atropelava-se nas palavras e censurava a si mesmo por ainda não ter falado toda a verdade. O caso era que a curiosidade o instigava a perguntar mais.

— Sim, sim, Joana faz muito gosto...

— Senhor Hour... Qual a natureza do humor da sua filha? — atreveu-se a perguntar.

O estômago de Frederico embrulhou-se. Ele sentiu tudo remexer-se dentro de si ao ouvir aquela pergunta. E agora? O que falaria? Diria que a filha era afável e calma? Ou diria que a filha era carrancuda e muito desagradável quando lhe convinha?

Oh, Deus! Ele já deve ter ouvido falar de Joana — imaginou Hour.

— Senhor Phillip... — Frederico tornou a falar. A garganta de Alexandre dava um nó sempre que era chamado pelo nome do amigo. — O que posso dizer de Joana é que ela é... um encanto de formosura — escolheu bem as palavras a fim de não mentir, mas também de não contar sobre o humor severo da filha.

— Desculpe se meu questionamento foi inoportuno. Apenas pergunto, pois, quando estive em sua casa, pareceu-me que... talvez, ela não quisesse receber-me naquele momento.

E sem falar do encontro que tive com a moça no bosque — lembrou-se, mas guardou o pensamento para si.

— De forma alguma, senhor — Frederico Hour arregalou os olhos e fez-se de ofendido. — Joana realmente sentiu-se mal, e lamentou por isso. Garanto que seria motivo de extrema felicidade para ela se o senhor pudesse voltar em nossa casa em outro momento... *antes do baile* — frisou as últimas palavras.

— Volto a desculpar-me, senhor. Eu faria muito gosto de voltar à sua casa. Não duvido de que sua filha seja encantadora; no entanto cheguei há pouco tempo na região e tenho tido muito trabalho nesta propriedade... — procurou arrumar uma desculpa.

— Um trabalho que será feito pelos criados, imagino — Frederico riu nervoso.

— Oh! Sim... mas devo acompanhar-lhes, dar-lhes instruções...

— Compreendo. Nada melhor do que os olhos do próprio dono para fazer andar bem seus negócios. Sei disso perfeitamente, em minhas terras não é diferente. Quando passo um tempo sem inspecionar, o serviço não rende. Tenho que estar sempre acompanhando. No entanto, permito-me o descanso, uma folga... O senhor também, é claro.

— Claro! Eu...

— Então eu o esperarei em uma noite dessas em minha casa, antes do baile. Uma noite em que o senhor esteja descansado, que tenha organizado melhor a sua recente chegada — disse pondo-se de pé.

— Oh, sim, tudo bem... — disse vencido pela insistência e pela coragem que lhe faltava novamente. — Avisarei da minha ida assim que possível...

— Antes do baile?

— Antes do baile — concordou.

Droga! Por que simplesmente não conto tudo? Por que a curiosidade grita tão alto que mal posso esperar para pôr meus olhos novamente naquela moça? Joana. Então ela se chama Joana....

Alexandre subiu para o seu aposento rapidamente assim Frederico Hour foi embora. Entrou no cômodo e fechou as portas, como se até mesmo para pensar precisasse estar a sós, como se pudessem adivinhar os seus pecados, a sua omissão. Deixou-se cair na cama e voltou a se atormentar com o mau julgamento que fazia de si mesmo. Deveria ter dito a verdade, mas não o fez. O fato é que uma força o atraía para aquela situação. A esta força ele chamava de *curiosidade*. Foi levado por essa força que ele resolveu ir ao bosque, na esperança de reencontrá-la.

Era dia de sol, mas com uma ligeira névoa que não permitia ver nitidamente ao longe. Montado no *Percheron* negro, Alexandre seguia em direção ao bosque, e em pouco tempo já conseguia ver aquele cenário que parecia uma tela pintada com tinta a óleo por um pintor impressionista.

Ocultou-se em um monte mais elevado e passou a observar o bosque até ficar consumido pela paisagem imóvel. Deixou que seus pensamentos o levassem longe, rumo às lembranças que não lhe eram agradáveis. Recordou a batalha de *Watterloo* — a última em que estivera — e os dias difíceis que passou naquela ocasião. Lorde Louis Motier havia se aliado ao grande império da França e seguiu com seus homens para o campo de batalha, mas não obtiveram êxito. Os vitoriosos ocuparam a França, restabeleceram a monarquia dos [Bourbon](#) e conduziram ao trono [Luís XVIII](#), restaurado para aquilo que consideravam como sua posição de direito.

Alexandre era fiel em lutar por causas que acreditava, e uma das coisas que ele mais queria era igualdade para o povo e o fim dos excessivos privilégios do clero e da nobreza. Lutaria ainda mil vezes por isso se fosse preciso, por mais que não gostasse de estar de frente para a morte e tampouco tirar a vida de outro homem.

Perdeu-se no tempo enquanto sua mente divagava com estas recordações e ideais, até ver que ao longe alguém se aproximava do bosque. Era uma moça e estava sozinha. Era Joana. Foi quando Alexandre começou a se arrepender de ter ido até lá.

*O que eu pretendo com isso, afinal? Por que vim até aqui? Sou louco!
O que direi? Estou mesmo cogitando ir até ela?*

[...]

Era meio da tarde e Joana sabia que não poderia demorar-se para retornar. Tinha se esforçado para ficar em casa, para submeter-se às loucuras do pai, às importunações das irmãs, mas não conseguiu. Eles não a deixavam pensar, não a deixavam quieta. Por isso ela precisou fugir para o bosque.

O extremo se deu naquele mesmo dia, mais cedo, quando o pai anunciou que iria à propriedade Motier para convidar Phillip novamente para ir até a sua casa. Assim que chegou, Frederico Hour contou às filhas e à esposa que a sua visita tivera sido um tanto quanto estranha. Disse que Phillip esquivou-se de tornar a visitá-los e não deu a data certa para ir jantar com eles. Quando Frederico falou às filhas e à esposa sobre a pergunta que Phillip fizera, Sophie e Anastasia se exaltaram.

— *Mon Dieu!* A sua reputação de moça irritada já se espalhou! — Anastasia constatou com horror nos olhos, encarando Joana. — O que *ele* falou exatamente, meu marido?

— Perguntou sobre a natureza do humor de Joana — Frederico repetiu as mesmas palavras.

— Oh, mamãe... Haverão de pensar que somos todas assim — Sophie reclamou chorosa.

— É bom que pensem mesmo! Assim me poupam de ter que receber pretendentes toda semana — Joana disse furiosa. — Pedi para papai não ir à propriedade Motier. Sinto-me envergonhada, papai! Não posso nem imaginar a forma como me ofereceu ao rapaz — disse irritada e saiu correndo para fora de casa.

— Joana!! — A mãe fez menção de segui-la

— Deixe, querida. Deixe ela ir... — Frederico Hour pediu à esposa. — O caso é que eu também me sinto envergonhado...

— Ora, papai. Por quê? — Amália perguntou. — Você só quer o nosso bem.

— E Joana não entende — Sophie complementou. — É egoísta!

— Joana não é egoísta. Ela só está cansada — Rebecca defendeu-a.

— Deixe a irmã de vocês pensar um pouco. Se ela não quiser conhecer outros pretendentes, se não quiser se casar, então que assim seja... — determinou o pai.

— Como? — Madame Anastasia perguntou sobressaltada.
— Então que não se case! — concluiu irritado.
— Ora, meu marido! Não diga uma besteira dessas...
— Sophie se casará primeiro — disse ele, e a filha arregalou os olhos.
— Por hora, desistiremos de Joana. Será Sophie quem terá a oportunidade. Se souber aproveitá-la, se casará com Phillip — deu-se por vencido e jogou-se exausto no sofá.

Os olhos de Sophie brilharam extasiados.

[...]

Alexandre ainda analisava se devia ou não se aproximar. Pensava no que diria, ensaiava em mente algumas frases, até que não a viu mais. Joana adentrava o bosque e saía do seu campo de visão.

Tomado por um impulso ele voltou a montar no cavalo e rumou para o bosque.

Deixou o *Percheron* negro preso à uma árvore e infiltrou-se entre as faias. Caminhava com passos vagarosos, olhando atentamente o lugar e esforçando-se para ouvir o menor ruído que fosse. Poucos minutos depois ele viu Joana ao longe, sentada no chão e abraçando as suas próprias pernas. Joana estava visivelmente triste, mas ele não conseguiu identificar se ela estava chorando.

Viu quando ela se levantou e tirou de dentro das meias um tipo de adaga, encostou-se em uma faia e pôs-se a olhar a lâmina daquele punhal. Alexandre prendeu a respiração. Joana passou as mãos no tronco da árvore e passou a entalhar a inicial “J”. Assim que terminou de inscrever a primeira letra do seu nome na madeira, encostou a testa na árvore e a abraçou, deixando-se cair em um choro suave e comovente.

Alexandre não sabia por que a moça chorava e, mais ainda, não sabia por que aquele choro o afetava. Decidiu ir embora sentindo-se um espreitador inconveniente, mas, ao virar o corpo, ouviu o som de folhas secas partindo-se e o relinchar do *Percheron* na sua direção. O animal logo surgiu estendendo o pescoço e levantando a cabeça antes de um novo relincho.

— *Zut!* — Alexandre xingou. — Você se soltou? Como fez isso? — olhou para o cavalo e quando voltou seus olhos para encarar Joana, ela já estava de pé e segurava o punhal com as mãos trêmulas.

Capítulo 7 - O reencontro

Joana deu alguns passos para trás e olhou rapidamente ao seu redor. Estavam sozinhos. Alexandre deu alguns passos à frente, na direção dela, e levantou as mãos em sinal de amizade. Joana esfregou os olhos embaçados e úmidos pelo recente choro.

— Calma, senhorita. Não precisa ter medo de mim.

— Você? Eu o estou reconhecendo... — Ela disse quando o rosto do jovem se tornou mais nítido.

— Eu... a reconheço também — falou em tom amistoso.

— O que faz aqui? — Ela questionou ainda com a adaga levantada em defesa.

— Eu... — pensou em dizer que estava caçando, mas ela veria que estava sem armas. — Eu estava à procura do cavalo. Ele fugiu de mim — mentiu, olhando para o animal ao seu lado.

— Fugiu? Fugiu como? — Joana estreitou os olhos desconfiada.

O que direi? O que direi? Pense rápido, Alexandre.

— Eu estava passando e parei para... — Ele fingiu um embaraço, torcendo os lábios.

— Oh, não continue, por favor. — Ela baixou os olhos.

— Acho que este seria o momento oportuno para que abaixasse este objeto cortante que segura em suas mãos. Já lhe disse que não ofereço perigo algum — repetiu com tranquilidade, olhando Joana fixamente nos olhos.

— Ainda o acho suspeito. Pareceu-me muito mais que era o seu

cavalo quem o procurava.

— É..., por certo, ao se ver perdido, tenha se arrependido da fuga — esboçou um leve sorriso.

— E ainda diz que não oferece perigo? Até seu próprio cavalo fugiu do senhor — Joana disse quase retribuindo o sorriso. Olhou mais alguns segundos para Alexandre e abaixou a adaga.

É, ele não está armado, não parece oferecer algum risco... — ponderou.

— Melhor assim — Alexandre suspirou arqueando os ombros e colocando as mãos no peito, como se estivesse com medo dela. — Então, além de ler, também costuma vir até aqui para cortar as árvores do bosque? — perguntou enquanto o cavalo ao seu lado ainda bufava e resfolegava. Alexandre segurou os arreios com força e passou as mãos do dorso do animal. — Calma, calma...

— E o senhor, além de perder seu cavalo, costuma espreitar-se em bosques e espiar moças desatentas? — replicou apertando os olhos.

— E a senhorita, costuma sempre julgar tão mal todos os desconhecidos?

— São desconhecidos, não sabendo das suas intenções...

— Presume que todos possam lhe oferecer perigo — terminou a frase por ela. — Eu sei. No entanto já lhe afirmei isso em outra ocasião e reforço mais uma vez: não precisa ter medo de mim.

— Ajudaria se o senhor não surgisse sempre tão repentinamente...

— Tentarei fazer melhor na próxima vez. — Ele riu.

— Este não foi o combinado. — Ela disse em tom baixo.

— Temos um combinado?

— Sim. Não era para ter uma próxima vez. Lembro-me de um certo jovem dizer que não gostaria de voltar a encontrar uma moça tão.... Qual foi mesmo as palavras que ele usou? Ah, sim, uma moça tão irritada e antipática.

— Por certo esse jovem não foi muito elegante com as palavras. Penso que talvez tenha se abalado com as declarações anteriores, ditas talvez por esta moça a quem se refere.

— Talvez o senhor tenha razão. Talvez. Quem sabe essa moça já estivesse irritada e antipática mesmo antes de encontrá-lo. Posso até mesmo supor que a irritação dela tenha um motivo muito maior do que as

provoações que o jovem lhe lançou na ocasião...

— Eu não sei se conheço bem este jovem, mas saio em sua defesa e garanto que ele não quis ser rude. Tenho certeza de que ele gostaria de desculpar-se se tivesse oportunidade. E acredito que a moça faria o mesmo — sorriu analisando-a.

— Claro! A jovem irritada e antipática também se desculparia... se achasse que isso fosse necessário.

Orgulhosa! — Ele pensou.

Convencido! — Ela pensou.

— É uma bela árvore. — Ele mudou o assunto, olhando para a faia que Joana havia riscado com a adaga.

— Sim. No outono é uma das últimas árvores a despir-se de folhagem. E mesmo no inverno, com a perda das folhas, não diminui o encanto. — Ela disse deleitando-se com a sua paisagem favorita.

— E então, o que significa aquela letra que esculpiu no tronco da árvore? — Alexandre perguntou, mesmo já sabendo que era a inicial do nome de Joana.

— A faia é a melhor árvore para escrever mensagens. Essa letra não sumirá jamais — limitou-se a dizer.

— Jamais? Então qualquer coisa que nela se grave, não se apaga?

— Ao contrário, expande-se sem distorções. Dizem que dura uma vida inteira.

— Então imagino que deva existir muitas letras e corações gravados nas árvores desse bosque — declarou ele.

— Não sei, nunca vi nenhum; mas se tiver, deverá ser duradouro.

— O desenho ou o casamento? — Ele sorriu.

— O desenho — Ela respondeu rapidamente. — Ou ambos... — completou.

— Porventura deve durar até as bodas de ouro — Alexandre começou a rir.

— Garanto que até o divórcio — Joana sorriu abertamente.

Oh, mon Dieu, é ainda mais linda sorrindo. Não é antipática como pensei que fosse — observou.

Até que ele é agradável — Ela pensou.

Os dois se olharam demoradamente. Joana mergulhava seus olhos

verdes dentro dos olhos negros daquele jovem desconhecido como se estivesse tentando ler sua alma. Uma inquietude surgiu dentro do seu peito e alvoroçou-se em ondas de calor que subiram rapidamente à sua face em um rubor inevitável.

— Este bosque deve atrair os pintores do romantismo... — Ele disse após um silêncio esmagador

— Não sei, creio que não. Nunca vi nenhum pintor por aqui — respondeu em tom baixo, piscando os olhos algumas vezes e passando as mãos frias na face quente a fim de refrescar sua pele.

— Eles devem estar escondidos. Assim, sem que você os veja, poderiam pintar sua beleza junto com as árvores — ousou dizer da forma mais serena que conseguiu. Joana abriu a boca para responder, mas as palavras morreram junto com cada batida desacelerada do seu coração. Alexandre aproximou-se de Joana e pousou um beijo demorado em suas mãos. Ela sentiu-se como se estivesse em um dia abafado de verão, e não no outono.

Ousado! — o coração ainda não suavizava, não a obedecia.

Fascinante! — Ele sorveu o gosto e aspirou o cheiro da pele dela.

Alexandre montou rapidamente no *Percheron* negro e em poucos minutos sumiu da vista de Joana.

Ela ficou ainda mais alguns minutos inerte, olhando para sua mão recém-beijada e tentando controlar o discreto tremor que assomou o seu corpo. Caminhou sem pressa para fora do bosque e não viu mais nenhum vestígio do jovem.

De onde estava, tinha uma vista privilegiada de todo o vilarejo onde morava. As casas ficavam ainda menores vistas de longe, contornadas por pequenas e estreitíssimas ruas. A torre de pedra da igreja destacava-se ao centro e, ao redor de toda a vila, podia-se vislumbrar enormes quantidades de terras e plantações. Joana puxou o ar com força e rumou para casa.

Ainda não sei o seu nome — atentou-se para o fato de não terem se apresentado. Novamente.

— Vejam bem, é por isso que não devem contar a ninguém que o senhor Phillip já veio para a sua nova propriedade — Anastasia dizia quando Joana entrou em casa. A mãe estava sentada com as outras três filhas na sala e parecia lhes passar um sermão. — Se disserem, vão estragar todas as

oportunidades da sua irmã — Joana revirou os olhos ao notar que o assunto ainda era o mesmo.

— Isso mesmo, mamãe. Agora que Phillip deve escolher a mim, já disse, não quero que nada atrapalhe — Sophie dizia.

O que eu perdi? — Joana perguntou-se ao ouvir a irmã dizer tal frase.

— Não falaremos nada. Quando estivermos com Daisy e Marie vamos manter nossas bocas caladas — Amália dizia e Rebecca balançava a cabeça em concordância.

— Exatamente. Assim que a notícia correr, Phillip e os dois irmãos terão mais pretendentes à porta de casa do que o seu pai tem de ovelhas no rebanho — riu escandalosa.

— E quem sabe os irmãos Motier se interessem por vocês — Sophie disse olhando para Rebecca e Amália. O seu olhar era presunçoso, como se já fosse fato certo de que “Phillip” a escolheria como esposa.

— Phillip já sabe que mudou de par? — Joana aproximou-se delas e provocou. — Oh, não, claro. Ele nem ao menos sabia que tinha um.

— Não me provoque, Joana — Sophie olhou para Joana com indignação. — Sim, serei o par de Phillip, e não somente no baile. Serei sua noiva!

— Alguém me informe o que aconteceu nesta casa? Os deuses me ouviram e agora toda a importunação sobre casamentos recairá sobre Sophie? — Joana comentou ainda provocativa.

— Ora, os deuses! Quantos deuses você acha que existem para falar assim! — A mãe a reprimiu. — Deus só há um, Joana! Que heresia...

— Ora, mamãe... Meu infortúnio era tão grande que um só Deus não iria resolver... — riu. — Tive que clamar a todos os deuses da terra e do céu.

— *Oh, mon Dieu!* Deixe seu pai a ouvir falar assim... — A mãe voltou a repreendê-la.

— Mas digam-me o que houve — Joana perguntou realmente curiosa. O pai vivia falando que jamais uma filha sua se casaria sem que a mais velha já estivesse casada. Ouvir Sophie falando que seria noiva de Phillip era inusitado. Joana gostou muito da novidade.

— Eu digo. Papai compreendeu que será perda de tempo insistir com você — disse ela à irmã. — Ou você coloca seus pretendentes para correr, ou eles fogem de você por vontade própria. O senhor Phillip fugiu.

— Eu nem ao menos conheço esse senhor Phillip. Se fugiu de mim ele é um tolo. Eu nem ao menos tinha a pretensão de segui-lo — disse com ar de graça. — A quem devo agradecer por isso? Ao papai?

— Pois saiba que ele é jovem, belo, rico, educado, solteiro e muito em breve será meu noivo — Sophie dizia sonhadora.

— Faço verdadeiros votos que sim — Joana disse e as deixou, rumando para o seu aposento. Deitou-se na cama e olhou o teto, suspirando aliviada. Aos poucos, sua visão foi ficando turva, ela começava a ouvir barulhos de folhas e um arrepio frio da brisa do final de tarde. Era como se o teto ganhasse um tom laranja e várias copas de faias se desenhasssem acima do seu rosto. Imaginou que estava deitada no chão de folhas, lembrou-se do jovem com quem estivera naquela tarde e suspirou demoradamente.

Que sensação esquisita. Parece que estou doente — analisava a ansiedade e as suas palpitações com inocência.

Capítulo 8 – Atitude

Alexandre andava em círculos dentro do seu aposento. Olhava a noite escura pela janela, sentava na cama, segurava o queixo com as mãos e alisava os cabelos. Voltava a se levantar e refazia o trajeto pisando forte no assoalho, até ficar confuso com tantos pensamentos.

A razão lhe cobrava uma atitude, lhe cobrava a verdade. Dizia que ele fosse até a casa do senhor Hour e dissesse quem era. Depois, que se apresentasse à Joana como devia. Certamente ela o olharia com ar de superioridade e diria palavras atrevidas e intensas. Ele retribuiria com provocações e riria dela, enquanto ela ficaria ruborizada e replicaria com aquela irritação que parecia fazer parte do seu melhor humor.

A mesma razão diria que Frederico Hour ficaria indignado. Esbravejaria palavras indecentes ao seu respeito e o acusaria de enganador. Com certeza o proibiria de chegar perto de Joana. Só por isso era difícil ouvir a razão.

Já a emoção, que é responsável por fazer dos apaixonados verdadeiros seres insanos, dizia-lhe que deixasse como estavam. Que ganhasse a confiança do senhor Hour e o apreço de Joana. A emoção dizia que tudo daria certo. E se desse tão certo como imaginava, ele teria Joana para si antes mesmo de Phillip chegar na propriedade Motier. Contaria tudo somente quando ela já estivesse convencida de que sentia o mesmo tremor no peito que Alexandre reparou que sentia quando estava perto dela.

Estou louco? Que pensamentos são esses? — Alexandre dormiu consumido pela dúvida e pela esperança.

— Bom dia, Phillip — Alguém o cumprimentava pela manhã. Alexandre assustou-se e virou para encarar a irmã parada na porta do seu aposento.

— Está louca? Imaginando coisas logo cedo — Alexandre a recriminou. Vestiu seu casaco e caminhou até ela.

— Se estou louca eu não sei, mas ainda ouço muito bem.

— Ouve? E mente tão bem quanto ouve?

— Eu sei que havia dito que não ouvi nada, mas ouvi. Pensei até mesmo ter compreendido mal, me enganado. No entanto, sim, aquele homem o chamava de Phillip. Por quê? — questionou decidida.

— Porque confundiu-se — respondeu tentando ser natural.

— Não, Alexandre. Não me pareceu isso. Aquele homem o olhava como se você fosse um baú repleto de ouro. E mesmo você sendo um respeitável oficial e com algumas posses, ele o tratava como dono dessa propriedade, como o herdeiro.

— Confundi-se, já disse.

— Confundi-se e você não o corrigiu, não o alertou do erro. Eu ouvi. O homem o chamou de Phillip e você agiu como se fosse o próprio — disse categórica.

— Não diga despropósitos. Se não o corriji em algum momento foi por que não ouvi bem. Depois pude alertá-lo sobre o engano.

— Ah, não ouviu bem? Vejo que você mente tão mal quanto ouve....
— Ela disse dando-lhe as costas.

Por que ela teve que vir até aqui? Mon Dieu!

Aquela semana foi agitada na propriedade Motier e andou a passos lentos. Alexandre não foi à vila nenhuma vez e procurou ocupar seus pensamentos com o trabalho. Alguns objetos pessoais de Phillip começavam a chegar e agora faltavam apenas três meses para a sua vinda.

Alexandre voltou algumas vezes até a entrada do bosque na esperança de rever Joana, mas não a encontrou. Na última vez que foi até o local, não conseguiu conter o ímpeto de entrar no bosque. Ele notou que a trilha que Joana fazia era uma passagem bastante estreita, e por ela só era possível passar a pé ou no máximo a cavalo. Não era uma trilha usada para a travessia de cações. Possivelmente Joana era única que ia até o local, pois ele perguntou a um criado da propriedade Motier e ele lhe disse que somente o lado norte do bosque era utilizado para caças esportivas.

Adentrou pela trilha estreita e começou a procurar a árvore onde Joana tinha marcado a inicial J. Parecia impossível encontrar aquela árvore em meio a tantas outras iguais. Ele andou um bom caminho vasculhando com os olhos os troncos das Faias e foi somente quando estava refazendo o percurso para ir embora que ele viu a árvore marcada.

As bordas da letra já estavam escurecidas, mostrando que o traço estava cicatrizado. Alexandre passou os dedos pela inicial entalhada por Joana. Ele não pensou muito e em pouco tempo estava marcando a letra A ao lado do J de Joana.

Na semana seguinte, vendo que o senhor Hour não o tinha mais procurado, resolveu mandar um bilhete pelo *cocher* falando que estava livre das suas tarefas e podia comparecer a um jantar.

Seu coração ardeu de nervosismo assim que o empregado saiu da propriedade a cavalo. Quase foi atrás do homem e pegou de volta o bilhete e o rasgou em duas partes; mas nada fez. Deixou que o bilhete chegasse até a casa dos Hour. Ele instruiu o *cocher* a deixar o bilhete debaixo da porta da casa de Frederico. Apenas isso, e que não fosse visto.

— Não assinou? — perguntava Anastasia, olhando o bilhete por cima dos ombros do marido. Sophie, Rebecca e Amália estavam ao lado, curiosas.

— Não assinou. Veja! — mostrou o bilhete à esposa.

— Mas é claro que é um bilhete de Phillip. Quem mais mandaria algo assim? — palpitou. — Não viu quem deixou o bilhete na porta, Joana?

— Não vi, mamãe. Desci para comer algo e notei o papel na porta. Então o guardei para entregar a papai, já que era o nome dele que estava escrito no bilhete — respondeu debruçada na janela da sala, olhando o movimento na rua.

— Ele passou o bilhete debaixo da porta? Que deselegante! — Anastasia disse.

— Deselegante? O homem nos escreve pessoalmente e você presta mais atenção em elegância? — O marido a repreendeu.

— Tem razão, meu marido. O importante é que *ele* escreveu.

— Ah, mamãe! Que alegria! Quando ele virá? — Sophie suspirava.

— Quando o convidarmos — Frederico Hour respondeu.

— Então convide logo, papai. Convide para vir amanhã — implorava ansiosa.

Joana estava tão aliviada da família tê-la deixado em paz, que não voltou mais ao bosque. Em casa estava tranquila como nunca. Ficava ao lado da mãe e do pai sem que eles lhe falassem a todo o momento sobre pretendentes, jantares e sobre a sua idade.

Agora era Sophie que vivia rodeada de conselhos da mãe:

Mostre-se elegante. Porte-se bem à mesa. Seja educada e não se exponha demais. Os moços gostam de donzelas reservadas. Prove este vestido! Não, prove este! — A mãe dizia para Sophie o dia inteiro. E ela gostava. Sophie gostava e estava radiante.

Quando o convite para o jantar chegou às mãos de Alexandre, ele sentiu suas pernas bambearem. Aquele bilhete com caligrafia bem cuidada reafirmava toda a culpa que sentia. Era o nome “*Phillip Motier*” que se podia ler em uma das partes dobradas cuidadosamente do papel. Ele agradeceu ao criado que recebeu o bilhete e disse que entregaria ao senhor Phillip quando este chegasse à propriedade. Assim que o criado saiu, ele subiu para seu aposento e leu:

Caro M. Phillip

Esteja conosco para um jantar amanhã. Será uma alegria voltar a recebê-lo.

M. Hour

Alexandre leu e releu o convite algumas vezes e depois o rasgou em muitas partes, atirando-as para o alto, deixando que os pedaços de papel caíssem sobre sua cabeça.

Já sou um homem condenado! — Ele pensou.

No dia seguinte, na casa dos Hour, o aposento das irmãs estava um alvoroço. Vários vestidos eram jogados sobre as camas e Rebecca e Amália corriam em volta de Sophie ajudando-a se vestir, enquanto a mãe procurava um par de sapatilhas que combinassem com o vestido verde que Sophie usaria.

— Este vestido é lindo, Sophie. Combina com seus olhos — Amália dizia sorrindo.

— Por isso eu o escolhi — respondeu a mãe. — Sophie fica linda com qualquer vestido. Veja, como é linda — dizia segurando o queixo da filha.

— Ai, mamãe, vamos logo. Ainda tenho que arrumar meus cabelos — Sophie reclamava.

— Vocês também vão se arrumando — A mãe pediu às outras filhas.

— O que eu devo usar, mamãe? — Amália perguntou.

— Qualquer coisa que não chame atenção — Anastasia respondeu. — Isso também serve para você, Joana — olhou duramente para a filha, lembrando de como Joana se trajara no jantar com M. John.

— Vou ficar como já estou — disse ela olhando para seu vestido simples de cor cinza e com babados brancos.

— Aí também é demais. O senhor Phillip pensará que somos mendigos. Use isto — Anastasia apontou para um vestido amarelo que estava sobre a cama.

— A senhora não diz sempre que amarelo nos deixa horríveis? Que ficamos igual a um sabugo de milho? — pôs-se a rir.

— Ora, Joana, hoje você pode se parecer com um sabugo de milho. O que importa? — Sophie provocou. — Eu não me importo — completou dando de ombros.

— Muito menos eu. Vou usar o vestido amarelo sim, irmã... para aumentar as suas chances — Joana provocou de volta.

— O que quer dizer? Ouça mamãe, Joana pensa que eu preciso que elas fiquem feias para que eu me destaque!

— Parem já com isso vocês duas. Vivem se provocando! — A mãe brigou.

— Você pode se vestir com a sua melhor peça, Joana. Eu não me importo. Phillip só terá olhos para mim — Sophie disse por último.

Que assim seja — Joana pensou.

Joana sentou-se na cama e encostou as costas na parede, segurando o vestido amarelo no colo. Ficou olhando as irmãs se arrumarem e esperou que todas saíssem do aposento.

— Não vai se vestir, Joana? — A mãe perguntou antes de deixá-la a sós.

— Já vou, mamãe. Desço em seguida.

Alexandre galopava rumo à casa dos Hour. A noite já estava escura, e não fosse a lua cheia decorando a imensidão negra e clareando um pouco o caminho, ficaria difícil enxergar alguma coisa à sua frente. Cada galope do *Percheron* era sentido dentro do seu próprio peito, junto com as batidas

agudas do seu coração.

Nem ao menos sabia o que mais o deixava daquele jeito. Não sabia se era o fato de que veria Joana em breve e ficaria sem reação; se era o fato de se apresentar a ela como Phillip e mais uma vez se torturar com aquela mentira que tomava proporções cada vez maiores e difíceis de corrigir; ou se era o desconforto de imaginar a possibilidade de Joana o desprezar, sendo ele quem quer que fosse. Por um momento chegou até mesmo a imaginar que talvez ela se mostrasse amável ao pensar que ele era Phillip. Quem sabe fosse mais uma a suspirar pelos encantos afortunados do amigo. Balançou a cabeça para se livrar dessa tortura que ele mesmo tinha se metido quando resolveu não gritar a plenos pulmões: eu sou Alexandre Franz!

Capítulo 9 - A surpresa

Chegou à casa dos Hour e viu que a sala estava iluminada, bem como a janela do aposento em que vira Joana se pentear. Desceu do cavalo e deu leves batidas na porta, que prontamente foi aberta pelo senhor e senhora Hour, que exibiam um sorriso excessivo.

— Senhor Phillip, que alegria, entre — convidou Anastasia quando, olhando por trás de Alexandre, viu um cavalo remexer-se. — O senhor veio montado? Nesta escuridão?

— Sim, perdi a noção do tempo. Devia ter me adiantado e chegaria antes de escurecer. Vim montado porque gosto muito de cavalgar — disse ele com nervosismo, passando os olhos pelo ambiente atrás dos anfitriões, mas não viu ninguém.

— Senhor Phillip, entre e fique à vontade. Irei levar seu cavalo até a cavalaria — Frederico Hour rapidamente conduziu o *Percheron* para a sua pequena cavalaria enquanto Anastasia conduzia Alexandre até a sala de jantar.

— Acompanhe-me — Anastasia indicava o caminho enquanto ele ia sentindo uma queimadura no rosto a consumi-lo.

Alexandre seguiu Anastasia com uma estranha expectativa. A cada passo seus olhos vasculhavam o local e sofriam com a possibilidade de encontrar Joana a qualquer instante. Notou que o ambiente era recheado de um acúmulo exagerado de almofadas, cortinas, tecidos, papéis de parede, quadros com molduras douradas, entalhadas ou recobertas de veludo, vasos e enfeites em profusão. Não era uma propriedade luxuosa, mas tinha sua elegância. As paredes internas eram pintadas de um tom de verde e os móveis eram de madeira requintada. Havia também algumas belas tapeçarias, sofás e poltronas que deixavam o ambiente confortável.

Seu coração saltou no peito quando pôs os olhos nas duas moças que conversavam no canto da sala. Uma delas estava de costas e ele teve a certeza de que era Joana, mas a sua decepção veio em seguida, quando constatou que era Sophie, ao lado de Amália.

Será que ela não vai aparecer novamente? — Seu coração doía e também se sentia aliviado com a possibilidade.

Frederico Hour e a esposa o conduziram até as filhas e prontamente elas o saudaram com um leve abaixar de cabeça e com um sorriso discreto. Já Sophie, lhe estendeu a mão em um gesto ensaiado e sorriu graciosa.

— Senhor Phillip, que bom que veio. — Ela disse.

Alexandre segurou a mão que Sophie lhe oferecia, mas apenas conseguiu balançar a cabeça e sorriu sem mostrar os dentes. Engoliu a seco e aspirou o ar com força.

— Obrigado — respondeu soltando as mãos dela.

— E então... — Sophie tentava engatar uma conversa. — Está gostando da região?

— Sim. Todas as pessoas são muito acolhedoras e é uma localidade

muito bonita.

Joana descia as escadas quando ouviu aquela voz que não lhe era estranha. Franziu o cenho em dúvida e balançou a cabeça.

Não. Estou ouvindo coisas... — disse para si.

Ela espreitou-se na parede ao final da escada, espiou a sala e viu um jovem de costas conversando com seu pai e com Sophie. Deduziu ser o senhor Phillip. Apertou os olhos para enxergar melhor e seu coração tremeu.

Parece muito com ele... Parece o jovem do bosque

— Joana! O que está fazendo parada aí? — A mãe a surpreendeu.

— Oh! Mamãe, que susto!

— Não lhe disse para usar outro vestido? Esse é muito simples — Anastasia balançava a cabeça em sinal de reprovação. — Como é teimosa! Eu já estava indo procurá-la.

Enquanto a mãe a recriminava, Alexandre virou o corpo para falar com Frederico e Joana constatou de que era mesmo o jovem do bosque que estava ali em sua sala. Sentiu as pernas tremerem e o coração saltar.

— Está bem, eu colocarei outro vestido — respondeu e pôs-se a subir os degraus da escada, mas a mãe a segurou.

— Agora venha como está. Não é educado receber visitas e ficar se demorando para descer. Venha... — puxou-a pela mão.

— Calma, mamãe, sei andar sozinha — Joana dizia em tom baixo. Sua vontade era voltar rapidamente para seu aposento e não sair mais de lá. Em silêncio se condenava por estar tão nervosa e, pior ainda, sentir-se preocupada de não estar bem trajada. Naqueles poucos segundos que a afastavam da sala, chegou até mesmo brotar em seu peito um discreto desapontamento por ser Sophie quem o pai queria agora que ele se interessasse.

Quando Joana entrou na sala Alexandre ficou paralisado. Não mexeu sequer um músculo do corpo. Apenas levantou o olhar na direção dos olhos de Joana, que se expandiam em surpresa. Joana não sabia como reagir, todo o seu corpo parecia ter vida própria e ela já não conseguia comandar aquela agitação que fazia tremer o seu interior de uma forma que não sabia que era possível.

Ele a cumprimentou cordialmente à distância com um aceno de cabeça e esperou que o senhor Hour lhes apresentasse. Aguardou que o pai de Joana discorresse sobre a beleza da filha e sobre os encantos que ela tinha.

Alexandre não tinha dúvida nenhuma que ele faria isso naquele exato momento. Porém não foi o que aconteceu.

O senhor Hour ignorou completamente a chegada da filha e, ao seu lado, Sophie continuava a falar sem pausas sobre como estava ansiosa com o baile e como era uma raridade tais eventos naquela região

— Temos é claro, os bailes de *debút*. Eu mesma debutei este ano. No entanto, um baile de máscaras é algo especial. Não vejo a hora... — dizia sorridente. Alexandre reparou que Sophie era ainda mais entediante que Caroline. Aqueles minutos de conversa irritante foram o deixando sem paciência. Era impossível estar tão perto de Joana e não lhe dirigir o olhar, uma palavra. Isso estava o matando. Até mesmo o senhor Hour devia estar achando a conversa entediante, pois sentou-se na poltrona perto dos dois e ficou fingindo que prestava atenção.

— Com licença, senhorita. — Ele disse no meio de uma frase de Sophie, deixando-a com a boca aberta, prestes a completar seu raciocínio.

— Oh, é claro — disse constrangida com a falta de interesse dele no assunto.

— Madame Anastasia, creio que não me apresentei corretamente à sua filha — disse quando se aproximou de Anastasia e Joana, que estavam de pé próximas ao sofá.

— Creio que não — Joana repetiu as palavras dele com seriedade. — Então o senhor é Phillip Motier? — perguntou em seguida. A mãe franziu a testa.

— É o que dizem — Ele falou inquieto ao acatar aquela afirmação.

— Ora, que pergunta! É claro que é! E essa é Joana, senhor Phillip. É a nossa filha mais velha, que estava adoentada na primeira vez que esteve aqui — disse Anastasia.

— Noto que está melhor agora — disse ele. — Parece saudável... — completou.

— Dificilmente voltarei a adoecer. Digamos que o meu mal foi... curado completamente — disse ela.

— Joana! — A mãe a cutucou levemente.

— Fique à vontade em nossa casa, senhor Phillip — Joana falou e afastou-se dele, sentando-se no sofá, ao lado de Rebecca.

— Senhor Phillip, acompanhe-me — Anastasia o levou para junto de Sophie e do senhor Hour novamente.

Não estou entendendo.... Tenho a impressão que querem que eu permaneça ao lado da senhorita Sophie...

Nos minutos seguintes Sophie fez questão de mostrar que era premeditada, falando de como bordava e desenhava bem. Alexandre estava entediado e sua vontade era fazer sumir todos naquela sala e ficar sozinho com Joana, para ver qual seria a sua reação sem a família por perto. Ele podia não a conhecer tão bem, mas sabia que ela não estava agindo com naturalidade.

Joana permanecia séria e mostrava uma indiferença que lhe doía. Ela não o olhava, não se aproximava. Aquilo era angustiante. Frederico Hour continuava sentado em sua poltrona e observava a tudo, ao seu lado direito estavam Joana, a esposa e Rebecca, sentadas no sofá; e ao seu lado esquerdo, próximos à janela, estava aquele a quem todos pensavam que era Phillip, conversando com Sophie e Amália.

— Joana, faça com que os olhos do senhor Phillip fiquem longe de você — exigiu Anastasia em tom baixo, notando qualquer coisa de diferente no modo com que ele olhava para a filha mais velha.

— Como? — Ela surpreendeu-se com aquela ordem de sua mãe. Olhou para Alexandre e viu que ele a observava enquanto fingia prestar atenção em Sophie. — Como quer que eu faça tal coisa, mamãe? Por acaso tenho eu o dom de direcionar olhos que não sejam os meus?

— Era para ele estar mais interessado em Sophie. Parece que ele mal está ouvindo o que ela diz — Anastasia notou.

— Que culpa eu tenho? — redarguiu impaciente.

— Eu a orientei tanto sobre como agir. Veja, Sophie não para de falar. Eu disse que fosse doce, tímida e uma boa ouvinte.

Sophie também já havia reparado onde se concentravam os olhos de seu pretendente. Ela ficou tão nervosa que acabou atrapalhando-se com as mãos e derrubando uma taça de vinho inteira no vestido.

— Oh, não — lamuriou-se. Sophie segurou as mãos de Amália e saiu correndo na direção da mãe. Elas puseram-se a subir as escadas rapidamente.

— O que houve com ela? — Rebecca perguntou.

— Sophie derrubou vinho no vestido — disse Joana.

— Coitada! Ela deve estar arrasada. Queria estar linda para Phillip e acabou manchando a roupa. Deve estar assolada pela vergonha — disse Rebecca. — Vou ver se precisa de ajuda.

A sala tornou-se um completo silêncio em frações de segundos. Estavam agora apenas o senhor Hour, Alexandre e Joana no local. Frederico Hour, que era habituado a dormir muito cedo, estava quase dormindo sentado na poltrona, com uma das mãos apoiadas no queixo, que de vez em quando escapava e dava-lhe um susto ao pender a cabeça para baixo. Joana continuava sentada no sofá e não ousava virar o pescoço na direção de Alexandre. Ele estava desconcertado. Sem mais aguentar, deu firmes passos na direção do sofá e ficou de pé na frente dela. Joana percebeu a aproximação e olhou para baixo.

— Está me ignorando, senhorita. Por quê?

— Não estou — respondeu ainda sem o encarar.

— É uma afirmação. Sei que está. Sua polidez tão fria, cerimoniosa... isso é pior do que tudo! — agitou-se.

— É mesmo, *senhor Phillip*? Por que não se apresentou no bosque? — questionou finalmente levantando os olhos na direção dele.

— A senhorita não perguntou; e também não me disse seu nome.

— Vejo claramente que eu não precisava ter me apresentado. O senhor não se mostrou nem um pouco surpreso ao me ver aqui hoje, pois é evidente que já sabia quem eu era quando nos encontramos. Ao menos na segunda vez, já sabia. Mesmo assim fingiu-se e perguntou o que significava a inicial que desenhei na árvore. Diga, senhor Phillip, qual a natureza do meu humor? — Joana o inquiriu com audácia.

— Não nego que a achei antipática e irritante quando a vi pela primeira vez. Já lhe disse isso pessoalmente.

— E depois, questionou meu pai sobre meu humor, por quê? Quando ele esteve em sua propriedade, esquivou-se de um novo jantar assim que soube que encontraria aqui a moça irritante e antipática? — perguntou audaciosa e arrependeu-se em seguida.

— Ao contrário! Senhorita Joana, devo lhe dizer que as minhas impressões sobre a senhorita mudaram completamente depois que estivemos juntos no bosque pela segunda vez — afirmou em tom baixo e olhou o senhor Hour, que estava ronquejando na poltrona.

— Pois eu devo lhe dizer que mantenha a sua primeira impressão. Sou mais irritante e antipática do que possa imaginar. — Ela disse desafiadora.

— Quem sabe não sejam esses adjetivos que a senhorita usa para se maldizer, que a tornem tão fascinante aos meus olhos? — Joana abriu a boca

para responder, mas nada lhe vinha à mente. Não sabia o que falar. — Senhorita Joana, sem palavras? — Ele a olhou com seriedade. Ela bufou.

— Senhor Phillip, só lhe digo que não se preocupe, pois o senhor não terá que conviver muito com meus modos nada gentis. — Ela disse com firmeza.

— O que quer dizer? Afirma que me quer afastado da senhorita?

— O quanto mais o senhor puder estar — completou sem demora.

— Por que determina a mim tamanho desdém? — Ele quis saber. Joana, que estava tão habituada a ter sempre uma resposta rápida para replicar, ficou novamente embaraçada. Alexandre a olhava com seus olhos negros a esperar dela alguma resposta. Ela pôs-se a olhar para as paredes em uma inútil tentativa de se fazer de desentendida. — Senhorita, por que passou a apreciar tão avidamente os quadros da sua sala?

— Senhor Phillip, saiba que se mostra muito mais irritante do que um dia eu conceberia ser! — Ela disse ríspida e em um tom de voz que fez Frederico acordar.

— O quê? — Senhor Hour remexeu-se na poltrona e esfregou os olhos. — Onde estão sua mãe e suas irmãs, Joana? — perguntou ao constatar que estavam somente os três na sala.

— Estão em seus aposentos, papai. Vou ver se elas ainda demorarão... — Ela respondeu e abandonou a sala respirando com autocontrole.

— Senhor Phillip. Desculpe meu mau jeito. Estou velho! Preciso ficar de pé e com um copo na mão para não adormecer. Se fico um minuto sentado sem que falem comigo, eu logo cochilo — reclamou Frederico Hour.

— Não há o que se desculpar, senhor Hour. Eu estava conversando com a senhorita Joana e ela me fez companhia enquanto Madame Anastasia acudia Sophie.

— Acudir Sophie? O que houve? — perguntou alarmado.

— Nada sério. Apenas uma mancha de vinho no vestido.

— Disse que Joana lhe fez companhia? Devo lhe pedir desculpas por algo que ela tenha dito? — perguntou imaginando como deveria ter sido a conversa.

— De forma alguma. Sua filha é como a descreveu: um encanto de formosura — Alexandre defendeu-a e Frederico olhou-o com estranhamento.

Joana? Um encanto de formosura? — pensou o pai.

— Obrigado, senhor Phillip. Minhas filhas são um orgulho para mim. Diga-me o que achou de Sophie — quis saber.

— É agradável a sua filha, senhor Hour — limitou-se a dizer algo que era na verdade o contrário do que ele realmente achava.

— Sabe, senhor Phillip, minhas filhas são, como o senhor pôde ver, jovens e bonitas... — começou a falar.

— Sim — Alexandre concordou, embora discordasse que todas fossem tão bonitas quanto o pai afirmava.

— Eu sou um homem de tradição e que respeita o convencional. Sempre afirmei que minhas filhas mais novas só se casariam quando as mais velhas já estivessem casadas. No entanto, às vezes os filhos são teimosos e querem algo diferente de nós. Fazem a questão de fazer tudo diferente daquilo que procuramos instruí-los. Joana tem um temperamento forte, ela se recusa a aceitar qualquer pretendente. Por isso, senhor Phillip, se assim for de uma recíproca, peço que volte sua atenção para Sophie e tente conhecê-la mais. Minha filha está encantada pelo senhor.

— Joana se recusa? — Ele parou de ouvir o restante das palavras de Frederico Hour assim que ele fez tal afirmação. — O senhor disse encantada? — balançou a cabeça para reorganizar os pensamentos.

— Sophie. Eu disse que Sophie está encantada pelo senhor — Frederico Hour repetiu.

Estou muito enrascado!

Capítulo 10 - A indiferença

Na manhã seguinte Alexandre remexia-se na cama. O sol entrava pela janela e mostrava que o dia já estava alto. Ele sentou-se na beirada do colchão e relembrou o jantar da noite anterior. Fora dormir pensando nisso e logo ao acordar tudo voltava à sua mente. A indiferença de Joana, as lisonjas do senhor Hour e da esposa, os suspiros de Sophie direcionados a ele e, por fim, a revelação de que Joana não aceitava nenhum pretendente. O senhor Hour dissera com todas as palavras para que ele voltasse a sua atenção para Sophie. No entanto ele só conseguia pensar em Joana e rememorar cada palavra que ela havia dito naquela noite.

Não foram palavras amigáveis, ainda assim ele preferia estar em sua companhia e vê-la ficar irrita, bufar e corar, do que suportar a chateza que era

conversar com Sophie.

Durante o jantar ele tentou sentar perto de Joana, mas Madame Anastasia o colocou entre Sophie e Rebecca, e Joana estava tão à sua esquerda que ele não pôde trocar com ela sequer um olhar. À sua frente estavam o senhor Frederico, Madame Anastasia e a filha Amália. Após jantarem eles voltaram para a sala de estar e Joana voltou a ignorá-lo. Sentou-se ao lado das irmãs mais novas no sofá e fez questão de se posicionar quase de costas para ele. Alexandre começava a considerar se já não havia ido longe demais em deixar que aquela mentira se prolongasse por tanto tempo. Ele precisava fazer alguma coisa.

— Onde esteve ontem à noite, Alexandre? — Caroline o interrogou com naturalidade assim que se encontraram no jardim da propriedade Motier, ainda pela manhã.

— Por que acha que preciso lhe contar por onde ando? — Ele disse muito irritado.

— Não precisa, se não quiser — olhou-o de soslaio. — Que nervoso está o meu irmão nesta manhã.

— Estou sim. Já aviso que não é somente impressão sua, minha irmã — disse ele fitando-a —, mas não quero falar sobre isso.

— Meteu-se em alguma confusão? — insistiu.

— Ora, já não acabei de dizer que não quero falar sobre isso?

— Alexandre! Quer me enlouquecer? Com quem devo me distrair nessa casa, se não tenho ninguém para conversar? Estou sozinha, entediada — falou chorosa.

— Caroline, já disse que não devia ter vindo. Aqui não é Paris, tampouco a Inglaterra.

— Que ingrato! Vim para ficarmos juntos.

— Veio para rondar Phillip. Isso preocupa-me. Não quero que sofra.

— Por que acha que vou sofrer? Acha-me tão inferior? Acha que não sou digna de Phillip?

— Não disse isso. Apenas quero alertá-la. Se realmente gosta de Phillip, isso poderá feri-la.

— Como pode saber? Eu mudei, meu irmão. Não sou mais aquela

menininha que Phillip se recorda. Como garante que ele não me notará?

— Apenas digo que garanto. — Ele disse e ela bufou irritada.

— Diz que não quer que eu sofra? Então como quer arrancar de mim todas as esperanças? Diga-me, Alexandre, como pode ter certeza de que Phillip irá me desprezar?

— Devo dizer? E antecipar para agora mesmo a sua dor?

— O que quer dizer? Já me faz sofrer com essa expectativa. Diga-me...

— Phillip ficará noivo.

— O quê? — expandiu os olhos em surpresa e sentiu uma dor no peito.

— Phillip já deve estar noivo — corrigiu-se. — Ele foi à Escócia conhecer a moça e provavelmente ela virá com ele para cá. Quem sabe já retorne casado — exagerou.

— Não pode ser verdade... — Ela gemeu enquanto lágrimas brotavam em seus olhos.

— É verdade. Lorde Louis Motier arranhou a noiva para Phillip antes de morrer. Ela é filha de um rico Lorde escocês. Eles tinham relações políticas e combinaram o casamento há alguns anos.

— Então Phillip sequer conhece a moça?

— Foi para a Escócia para isso.

— Maldito Lorde!

— A quem se refere?

— Ao tio de Phillip, é claro! Que está morto e ainda lhe dirige a vida!

— Ela esbravejou.

— Ninguém dirige a vida de Phillip. Ele foi porque quis.

— Oh, meu irmão! Sofro com esta notícia — lacrimejou.

— Não sofra. Aceite a verdade. Phillip nunca lhe deu esperanças — disse já condoído.

— Eu pensava que era por sermos jovens demais — lamuriou-se.

— Minha irmã... — Ele a abraçou. — Talvez fosse melhor não estar aqui para vê-lo chegar noivo, ou até mesmo casado — Alexandre arriscou dizer.

— O quê? E deixar de olhar Phillip e a escocesa nos olhos? Quero vê-los entrar por aquele portão — disse ressentida. — Também não perco o baile

por nada. E meu irmão, há ainda a possibilidade de a escocesa ser tão feia que Phillip pegará o primeiro navio de volta, e sozinho.

— Não alimente esperanças. A moça é linda. Vimos o seu retrato.

Os olhos de Caroline flamejaram e todo o seu rosto ardeu em um rubor de fúria. Ela correu pelo jardim e subiu as escadas rapidamente.

Ah, irmã! Você não está com mais problemas do que eu — pensou ele.

Na manhã seguinte Alexandre saiu cedo, decidido a encontrar Joana. Foi até a entrada do bosque pelo caminho que sabia que ela costumava fazer e ficou por horas contemplando as árvores e aguardando algum movimento. Aflito com a sua demora, considerou que talvez ela não aparecesse naquele dia, por isso decidiu ir até a vila na esperança de encontrá-la, mas suas pretensões foram canceladas quando passou pelo vilarejo pobre dos camponeses.

Ele viu ao longe uma moça com um largo chapéu de palha que lhe escondia quase todo o rosto, mas algumas longas mechas de cabelos ruivos caíam-lhe sobre os ombros. Ela estava com uma cesta em uma das mãos e segurava os arreios de um cavalo branco com a outra mão. Estava próxima de algumas crianças e parecia lhes oferecer algo que retirava de dentro daquele cesto de palha. Ele firmou seus olhos no horizonte e aproximou-se, montado no *Percheron* negro.

Ele sabia que já tinha visto aquele vestido cinza, simples. Joana usara um igual no dia em que ele jantou em sua casa. Quando estava bem próximo a ela, uma das crianças olhou na sua direção e ela voltou-se para trás para ver quem se aproximava.

— Senhor Phillip? — perguntou muito surpresa.

— Senhorita — curvou gentilmente a cabeça.

— O que faz aqui?

— Pensei tê-la visto de longe quando passava para ir à vila — disse ele.

— Pensou certo. — Ela franziu o rosto. — Senhor Phillip, eu estou achando suspeito a frequência com que encontro o senhor subitamente.

— É pesaroso perceber como a senhorita fala isso com tanto dissabor

— disse ele descendo do cavalo e aproximando-se dela.

— Já lhe disse que este é um pensamento equivocado que o senhor tem de mim. Não o desmereço, mas prefiro que fique afastado.

— Penaliza-me com a indiferença, que dói ainda mais do que o desprezo.

— Nem meu desprezo nem a indiferença deveriam causar algum mal ao senhor.

— Então confirma que são estes os seus sentimentos? — perguntou desapontado. Ela apenas o olhou e nada disse. — Mesmo o seu silêncio me revela indiferença — falou aproximando-se ainda mais dela.

— Eu imploro que pare de falar sobre sentimentos que não compreende. — Ela pediu.

— Meus sentimentos não são difíceis de entender, nem tão incoerentes quanto a senhorita julga. Fala dos seus próprios sentimentos? Sim, eu não os compreendo, mas posso lhe dizer que sinto que toda sua indiferença é tão ilógica que talvez seja apenas um disfarce. Ou a senhorita me odeia, e se for assim diga-me o porquê; ou a senhorita apenas ainda não se deu conta de que...

— Pare! Pare com isso, senhor Phillip. Muito mais sábio será fazer o que meu pai lhe pediu. Volte sua atenção para Sophie. Esqueça-me.

— É o que deseja? É o que realmente deseja? — Ele a olhava perturbado, com os olhos agitados, querendo tirar dela algo que lhe desse alguma esperança.

Joana nada respondeu. Subiu em seu cavalo e cavalgou com rapidez para longe dali. Alexandre a seguiu, percebendo que ela estava avançando na direção do bosque. Ela disparou tão rapidamente que o chapéu que usava voou de sua cabeça e caiu no chão. Compridos fios de cabelos ondulados e dourados agitaram-se com o vento em uma das imagens mais fascinantes que Alexandre já havia contemplado. Ele bateu com os pés contra o *Percheron* e sacudiu os arreios para o animal galopar com mais rapidez. Joana olhou para trás e viu que ele a acompanhava.

— Não me siga, senhor Phillip — gritou indômita.

Ela parou na entrada do bosque e desceu do cavalo. Alexandre parou junto dela logo em seguida.

— Eu pedi para não me seguir — disse ofegante e com os olhos ainda severos na sua direção.

— Não podia deixar que saísse daquele jeito. Tenho algo a dizer e peço que me ouça — suplicou; e vendo que ela não fez objeções, continuou: — Há algo na senhorita que me envolve. Não é algo que eu possa evitar. Eu a vejo e logo não posso mais controlar essa agitação que cresce em meu peito. Eu aprecio tudo na senhorita, mesmo quando me olha com irritação, ou quando finge que me ignora. Eu confesso que adoro quando fica ruborizada, como está agora. Confesso que fico sem ar e enfeitiçado quando a senhorita rebate todas as minhas perguntas com outras perguntas e me desafia; mas, acima de tudo, nada me deixou mais louco do que quando a vi sorrir. Sorria mais para mim, senhorita — pediu pousando sua mão levemente no rosto de Joana. — Sorria para mim e eu serei um homem mais feliz.

Joana estava aturdida com aquela declaração. O seu coração palpitava tão rápido em seu peito que parecia que estava pulsando também em sua garganta, dando pequenos socos que quase chegavam a doer. Os lábios tremiam discretamente e seus olhos estavam prestes a lacrimejar, mas ela continuava emudecida.

— Não diga nada, se não puder, mas me deixe senti-la perto de mim — Alexandre segurou as suas duas mãos e as trouxe para perto do seu peito, depois soltou uma das mãos e alisou uma mecha do cabelo de Joana, entrelaçando-a entre os dedos. Acariciou em seguida o seu rosto com suavidade enquanto Joana fechava os olhos em êxtase. Ele passou os seus dedos sobre os lábios dela e desejou beijá-la.

— Quero lhe pedir algo — continuou a falar. — Peço que a senhorita jamais esqueça de como estou agora em sua frente, rendido em meus sentimentos, mostrando-me como *realmente sou*. Não se esqueça de que agora me conhece verdadeiramente, pois sabe o que existe dentro do meu coração. Esse é quem eu sou. Nada em mim exala mais verdade do que esta minha declaração. Eu a amo profundamente, senhorita.

Joana ainda estava inerte, envolvida demais para reagir, as palavras não queriam vir até os seus lábios. Ela então fez algo que sempre fazia quando seus sentimentos se agitavam: ela correu. Disparou rapidamente para dentro do bosque e, desta vez, Alexandre não a seguiu.

Joana correu o quanto pôde, até ficar exausta, depois sentou-se recostada em um tronco de faia, sem se dar conta que perto dali havia duas letras desenhadas em uma das árvores. As iniciais J e A estavam cicatrizadas.

Ela ficou longos minutos rememorando as recentes palavras que

ouvira. Jamais havia se sentido tão confusa quanto sentira-se naquele instante.

“Eu a amo profundamente, senhorita”.

Capítulo 11 - O presente

A propriedade Motier estava impecavelmente pronta para receber o verdadeiro Phillip Motier. Não havia mais muito trabalho para Alexandre fazer. Os jardins estavam magníficos, as cortinas e tapeçarias tinham vida novamente, a cavalaria estava em perfeito estado para abrigar os novos cavalos e caleças que chegariam, e todos os utensílios de prata da cozinha tinham sido polidos. Faltando apenas uma semana para Phillip retornar, a única ocupação de Alexandre eram os preparativos para o baile.

Ele não tinha conseguido convencer Caroline a voltar para Paris e ficar na propriedade que lhes pertencia desde que os seus pais morreram. Ela queria ficar ali, e propôs-se ajudar a organizar a recepção. Alexandre pensou que, talvez, um toque feminino realmente ajudaria, já que ele não sabia por onde começar.

Juntos, deram instruções aos criados sobre o que servir e contrataram para o baile uma orquestra para dança de salão, que viria de Paris

especialmente para a data.

— Será um baile magnífico, irmão — Caroline disse empolgada em um final de tarde. — Agora me acompanhe. Tenho um presente para você. — Ela disse.

— Um presente? Do que se trata?

— Venha comigo — puxou-o pelas mãos. Foram até o aposento de Alexandre, onde sobre a cama estava uma grande caixa embrulhada com uma fita de seda azul. — Abra! Vamos! — pedia entusiasmada.

Alexandre obedeceu e removeu a fita. Abriu a tampa da caixa e puxou de dentro dela um belo *Frock Coat* de cor cinza, uma camisa branca com plissado nos punhos e uma calça de tecido nobre.

— Um traje completo? — surpreendeu-se, levantando no ar o casaco de brocado caro, decorado com veludo, ajustado na cintura e que ia até a altura dos joelhos. Na parte de trás uma fenda tornava a vestimenta ainda mais elegante.

— Sim! O melhor traje! Aposto que não tinha algo assim para usar no baile.

— Realmente, não trouxe nada tão refinado — disse gentilmente à irmã. — Obrigado, Caroline.

— O traje chegou semana passada de Paris, junto com alguns vestidos que encomendei para mim. No entanto faltava algo para que eu pudesse enfim presenteá-lo — disse pegando outra caixa que estava em cima da escrivaninha. — Faltava isso! Busquei há alguns dias atrás, na vila. Vai combinar com o seu traje. — Ele pegou a caixa que ela lhe oferecia e retirou de dentro dela um elegante lenço de seda azul.

— Um lenço?

— Sim. Continue olhando, no fundo da caixa... — Ela pediu.

Alexandre olhou o interior da caixa e encontrou uma máscara. Era uma luxuosa máscara negra de veludo com detalhes dourados.

— Noto que pensou em tudo. Agradeço por isso também. — Ele sorriu verdadeiramente.

— Lembre-se de sorrir assim no baile, já que seus olhos e boca serão as únicas partes visíveis do seu rosto. — Ela disse contemplando a bela aparência do irmão.

Alexandre encostou a máscara em seu rosto e olhou-se no espelho, se

dando conta, pela primeira vez, de que não saberia distinguir Joana entre as outras moças no baile. Todas usariam máscaras e muitas jovens daquela região tinham os cabelos ruivos como os dela, inclusive todas as irmãs Hour.

Naquele mesmo instante Sophie choramingava no colo da mãe, tendo os cabelos acariciados por Rebecca e os olhares apiedados de Amália. Joana assistia a cena sentada em sua penteadeira, lamentando verdadeiramente o sofrimento da irmã. Sofrer daquela forma era justamente o contrário do que Joana desejava. O amor já começava tirando a liberdade mesmo de quem não era correspondido.

— Oh, mamãe. O senhor Phillip me rejeita. Os dias passam um após o outro, arrastando-se penosamente para mim, e ele não nos dá notícias. Ele me ignora completamente, mamãe — Sophie queixava-se.

— Que homem tolo ele é por isso! — A mãe a consolava.

— Ele me ignorou, mamãe, mas colocou muita atenção em Joana — falou aborrecida. — Joana o enfeitiçou — Sophie olhou com raiva para a irmã.

— Acusa-me de quê? Bruxaria? Quer me ver queimando na fogueira, irmã? — ironizou. — Por que eu iria querer enfeitiçar o senhor Phillip?

— A pergunta é: por que não iria? — Sophie redarguiu e saiu irritada do aposento, rumando para fora de casa.

Joana ignorou as provocações da irmã, balançou a cabeça e olhou para a mãe, que parecia esperar dela alguma resposta.

— Não tem nada a dizer, Joana? — Anastasia perguntou.

— O que eu teria para dizer? Sophie está arrasada, não me sinto feliz com isso, mas também não sou culpada — defendeu-se.

— Não diretamente, mas o que Sophie falou é verdade. Se Phillip não deu atenção à sua irmã, foi por que ele a notou primeiro. Todos percebemos isso. Então você, que é muito esperta, também deve ter notado — disse Anastasia.

— Não digo que não notei — disse a contragosto. — Digo apenas que não me importo.

— Sei que não o correspondeu, ao contrário, ignorou-o mais do que devia. Às vezes essas atitudes têm resultados diferentes. Muitos homens não

sabem lidar com uma recusa.

— Acha que o senhor Phillip é um desses homens orgulhosos? — Joana perguntou.

— Todos são. O senhor Phillip nunca deve ter recebido a indiferença de uma moça. Com sua beleza, porte e herança, com certeza esse foi um sentimento inédito que ele provou.

Joana pensou e concordou com a mãe. Phillip devia estar consumido pelo orgulho ferido, em ter sido tratado com tamanha indiferença. Ela recordou suas palavras:

Penaliza-me com a indiferença, que dói ainda mais do que o desprezo.

Ela imaginou que ele era um homem vaidoso demais para aceitar ser recusado, e todas aquelas palavras e declarações deviam ser uma forma desesperada de elevar-se, mostrando sua superioridade e conquistando aquela que ele pensava que o desprezava. No entanto, eram outras palavras que gritavam em seu coração:

Eu a amo profundamente, senhorita.

Sophie recostou-se na porta de casa e pôs-se a olhar o movimento na rua. Crianças corriam e brincavam no meio da estrada enquanto algumas senhoras tentavam caminhar entre elas, reclamando por estarem ocupando quase toda a passagem. Um homem montado a cavalo também reclamou e pediu que eles fossem correr em outro lugar. Ele esbravejou com as crianças, que saíram correndo assustadas. O homem continuou seu trajeto e parou em frente à casa dos Hour.

— Senhorita. — Ele a cumprimentou.

— O que deseja? — Sophie perguntou, estranhando aquela visita. O homem era um completo desconhecido seu e da sua família. Além disso, tinha trajes e modos de um criado.

— Qual o seu nome, senhorita? — Ele perguntou.

— Foi o senhor que veio até aqui, então diga com quem deseja falar — Sophie retrucou sem paciência. Ela observou que ele pegou algo dentro do casaco e o segurou com uma das mãos.

— Quero falar com a senhorita Joana. É a senhorita? — perguntou, mostrando que só falaria com aquela a quem veio procurar.

— Sim, sou eu, diga logo o que quer — Sophie disse rapidamente, olhando para trás e vendo se alguém estava por perto.

— Trago-lhe isto — falou o homem, entregando a ela uma pequena caixinha branca e aveludada. — Esconda e abra quando estiver sozinha. Pegue este bilhete também. — Ele fez a entrega e saiu apressado.

Sophie escondeu rapidamente a caixinha e o bilhete entre o avolumado tecido do vestido, correu para fora de casa e só parou quando julgou ser seguro. Viu que estava ao lado da igreja e entrou sem pensar muito. Ajoelhou-se e de cabeça baixa abriu lentamente uma das partes do bilhete.

Senhorita Joana

Serei só eu a sentir o que sinto? Mal a vi e meu coração já foi todo seu. Use esta flor no baile para que eu possa distingui-la entre todas. Que feliz eu serei, se aceitar este pedido.

O bilhete não estava assinado, mas Sophie não precisou pensar muito para adivinhar quem o enviara. Seu rosto ardeu com ciúmes e uma grande frustração se apoderou do seu coração. Ela dobrou bem o bilhete em várias partes e o colocou dentro do busto do seu vestido. Abriu a caixinha e viu um broche de uma rosa branca, feita com cetim e renda. O seu primeiro ímpeto foi o de esmagar a flor com as mãos, depois, refletiu melhor e decidiu guardar a flor, abandonando apenas a pequena caixinha no chão da igreja.

Alexandre estava angustiado, a proximidade da vinda de Phillip o deixava apreensivo, temeroso com a mentira que deixou se entender e com a reação do senhor Hour e de Joana quando soubessem a verdade. Ele queria acreditar que ter sido verdadeiro com Joana, deixando transparecer a ela que seus sentimentos eram sinceros, seria um bom começo para um pedido de desculpas.

Tinha se esquivado covardemente o máximo que pôde de ir à vila para não ter que encontrar Sophie ou o senhor Hour. Esperava que este afastamento mostrasse a Frederico que ele não tinha nenhum interesse em Sophie. A única vez que foi à vila, comprou um broche de flor para dar à Joana. Se ela usasse o broche no dia do baile, seria uma afirmativa de que também sentia algo por ele. Cada vez que Alexandre olhava fundo nos olhos

dela, ele podia ver que ela escondia com força os seus sentimentos.

Afinal, do que ela tem medo?

Assim que viu o criado atravessar os portões montado a cavalo, Alexandre foi ao seu encontro.

— Entregou o que eu pedi?

— Sim, senhor — disse René saltando do cavalo e dirigindo-se à cavalaria.

— Alguém o viu falar com ela? Alguém da família?

— Não, senhor. Eu me assegurei de que falávamos a sós. Tive sorte de encontrá-la à porta da casa.

— Tem certeza de que era ela? Era Joana?

— Senhor, eu perguntei por ela. A moça disse que era a própria.

— Está bem, René. Agradeço. Não fale com ninguém sobre isso. Pode ir. Deixe a cavaleriça limpa e os cavalos também. Phillip chegará a qualquer momento — avisou ao criado.

Capítulo 12 - Os irmãos Motier

Caroline andava nervosa de um lado para o outro nos jardins da propriedade Motier. Desde que recebera a notícia de que Phillip poderia estar noivo, ela se atormentava com a sua chegada. A esperança era sua companheira mais leal. Ela não desistia de dizer que Phillip não iria retornar noivo, muito menos casado.

Um pouco depois do meio dia avistaram duas caleças na entrada da propriedade e mais três cavaleiros as acompanhavam fazendo a guarda. Logo atrás uma carruagem trazia várias bagagens e caixas de couro empilhadas umas sobre as outras.

Abriram-se os pesados portões de ferro e as caleças adentraram o jardim, parando próximas às escadas. Caroline ficou estática no alto do último degrau da escadaria a fim de não demonstrar ansiedade e Alexandre foi receber Phillip, acompanhado de cinco criados.

Patric foi o primeiro a descer da caleça, esticando os braços e pernas para logo em seguida abrir os braços para Alexandre.

— Meu velho amigo — disse ele. — Há quanto tempo? — abraçaram-se.

— Nem tão velho... Não nos vemos há... três anos? — Alexandre perguntou.

— Quase quatro, meu caro!

Phillip desceu logo atrás e em seguida Johan. Os criados foram rapidamente levando os cavalos para as cavaleriças e as bagagens para dentro da mansão. Os olhos de Caroline se acenderam e se encheram de brilho quando viu Phillip. Ela percebeu que o tempo não havia suavizado seu sentimento, pois ele se mostrava ainda mais forte e latente. Phillip havia mudado muito pouco, e seu rosto bonito lembrava à Caroline os motivos de ela ter se apaixonado. Era tão belo, com seus olhos azuis, os cabelos loiros e ondulados, o rosto de traços fortes, o queixo quadrado. Caroline viajara muitas vezes para dentro daquele sorriso, seduzida pelos seus belos lábios.

— Alexandre. Alegro-me em revê-lo — disse Phillip abraçando o

amigo.

— Seja bem-vindo ao seu lar — Alexandre sorriu. — Como foi a viagem?

— Da Escócia para Paris vim muito bem, mas o trajeto para cá é muito desgastante. Sabe que prefiro um navio do que essas caleças duras.

Alexandre sorriu e passeou os olhos pelas caleças. Viu que ninguém mais estava nelas. Phillip tinha realmente vindo desacompanhado de sua noiva.

— E a sua noiva? — perguntou em baixo tom.

— Que história! Essa devo contar-lhe mais tarde — riu

Johan passou por Alexandre dando-lhe um gentil acenar de cabeça, e com seriedade e passos firmes subiu as escadas; quando encontrou Caroline, parou para cumprimentá-la.

— Senhorita — curvou a cabeça e sorriu cortês. — O passar dos anos lhe fez bem. A senhorita está tão mudada que quase não a reconheci — sorriu, desta vez com malícia.

— Obrigada. — Ela constrangeu-se e também o cumprimentou.

Alexandre subiu as escadas na companhia de Phillip e Patric — que vinha um pouco mais adiantado e parou junto de Caroline para saudá-la. Ela estava aparentemente tranquila, embora seu interior estivesse agitado e feliz por Phillip ter chegado sozinho.

— Senhorita — Patric a saudou. — Alegro-me em revê-la — sorriu.

— É uma alegria que compartilhamos — disse ela, desviando seus olhos para Phillip, que se aproximava cada vez mais.

— Senhorita, é um prazer recebê-la. Mesmo que seja eu quem esteja chegando — Phillip sorriu.

Caroline emudeceu e apenas lhe estendeu a mão, esperando que ele a beijasse. Phillip segurou a mão que ela lhe oferecia e curvou-se, encostando seu rosto em sua pele, porém sem beijá-la. Caroline sentiu o coração bater mais forte apenas com o soprar do hálito quente que sentiu escapar de suas narinas, deliciando-se com o toque muito suave do nariz dele contra a sua pele. Não se viam há quase quatro anos.

Phillip lembrava-se de Caroline ainda menina, cheia de autoridade e vontades, as quais os pais se desdobravam para atender. Quando ela tinha quatorze anos passou a olhá-lo de maneira diferente, ou talvez já olhasse

antes, mas Phillip demorou a perceber. Caroline lhe lançava olhares apaixonados e fazia o que podia para ficarem a sós. Ele sempre se esquivava, procurando respeitar sua idade e inocência, bem como tentando furtar-se de cometer alguma indecência com a irmã de um grande amigo seu.

É claro que ele a achava bonita; seus olhos negros, pele clara e lábios rosados combinavam com os cabelos longos e lisos, da mesma cor dos olhos. Embora fosse bela, era ainda muito jovem e Phillip julgava que ela não tinha o brilho suficiente para conquistá-lo. Ele ainda não tinha visto em nenhuma moça essa luz.

Phillip recordou-se de quando a mãe de Alexandre morreu, Caroline tinha quinze anos na época e Alexandre um pouco mais de dezoito. Alexandre ficou responsável por cuidar da irmã, já que o pai também havia falecido um ano antes, e embora não soubesse como fazer isso da melhor forma, tentou o quanto pôde ser referência para ela; porém, sem perceber, começou a reproduzir o mesmo tipo de tratamento que os pais lhe davam. Caroline pedia joias, roupas, gastava com caleças, cavalos, e o irmão atendia sempre aos seus caprichos. Quando viu que passava muito tempo ausente e que cuidar da irmã não era uma atividade tão fácil, ele a enviou para morar na Inglaterra, junto de Delphine, uma tia que tinham por parte de mãe. Ele enviava todos os meses fundos para que ela pudesse viver bem, ficando para si apenas o recurso básico para manter a casa em Paris e alguns poucos criados.

— A mansão é perfeita em todos os sentidos. Visitei todos os cômodos, com exceção do aposento escolhido pelo senhor e sua irmã, claro — Phillip conversava a sós com Alexandre no escritório, ao cair da noite.

— Phillip, devo dizer que não consenti que Caroline escolhesse um aposento antes que você pudesse escolher o seu. Eu pedirei que ela escolha outro, pois tenho certeza de que o que ela ocupa é superior à sua posição nesta casa. Caroline é hóspede.

— Meu caro, deixe Caroline como está. As moças são sempre muito mais exigentes. Se eu tiver boa cama e uma lareira quente já estou satisfeito. Notei que todos os aposentos têm salas de banho e gostei de todos. Como vou agradecer pelo que fez por mim? Imagino que tenha tido muito trabalho nestes últimos três meses nesta propriedade.

— Uma ocupação que me preencheu a mente e me proporcionou

algum prazer. Fiz esse trabalho com bom gosto. Longe dos campos de batalha, regozijo-me com qualquer tarefa — falou Alexandre.

— Sei o quanto sofreu nas batalhas, mas espero que não tenha mais que erguer sua arma por um bom tempo, a não ser em treinamento. Ainda precisamos voltar a falar sobre isso.

— Eu espero o mesmo... que tenhamos um pouco de paz, enfim. Conte-me sobre sua noiva. Estou curioso — desconversou. Falar sobre guerra ou até mesmo treinamento militar era um assunto do qual Alexandre preferia evitar naquele momento.

— Precisei recusá-la. Na verdade, foi a senhorita Grizelda quem me recusou.

— Por quê?

— Disse que ama outro. Diga-me, que alegria eu teria de desposar uma moça que diz que ama outro? Mesmo que seja uma recomendação de meu tio e um acordo feito há muitos anos... eu não quero uma esposa apática. Então fui até o Lorde e disse que não podia aceitar sua filha. Só nos restou lamentar.

— Creio que fez bem. Em algumas situações precisamos levar em conta os sentimentos.

— Se os sentimentos de uma moça não estão vivos desde o início, não surgirão depois. Ao menos não fui rejeitado sem um bom motivo. Ela amava outro...

— Phillip, precisamos tratar de um assunto...

— Podemos fazer isso amanhã. Estou exausto. Preciso dormir e acordar somente quando esse cansaço me deixar.

— Está bem. Falaremos amanhã — Alexandre consentiu, vendo aquela noite como a última oportunidade para pensar em como proceder.

Alexandre custava a adormecer. Remexia-se inquieto na cama e pensava no que faria no dia seguinte. A coragem lhe escapava junto com a sensatez. Não queria perder Joana. Ele já podia imaginar os olhos dela em fúria, mandando-o se afastar dela para sempre.

Ah! Alexandre, seu estúpido — brigava consigo mesmo.

Leves batidas na porta foram ouvidas por Alexandre enquanto ele

perdia-se em seu delírio angustiante. Levantou o seu corpo na cama e prestou atenção, ouviu novamente as batidas muito suaves. Pôs-se de pé e alcançou o castiçal na cômoda ao seu lado e foi em direção à porta, abrindo-a levemente. Iluminou o vão que se formou e viu a sua irmã.

— Caroline, o que faz aqui? — sussurrou.

— Quero falar com meu irmão — murmurou de volta.

— Podemos nos falar amanhã, sim?

— Não. Podemos falar hoje, é importante. Sei que está enrascado. —

Ela forçou a porta.

— Eu? Enrascado? Entre... — Ele abriu espaço para a irmã passar. —

Do que está falando?

— Eu sei sobre a sua mentira — Caroline revelou.

— Que mentira?

— Quantas mais andou contando? Eu soube apenas de uma, senhor Phillip. — Ela disse com olhar inquisidor.

— Fique quieta! Não me chame assim, Caroline — advertiu, irritado.

— O que você sabe... e como? — Ele a questionou com severidade. Ouvir alguém o chamar de Phillip o incomodava de sobremaneira.

— Vai ficar furioso...

— Diga!

— Eu os segui — disse ela rapidamente. — Meu irmão, perdoe-me. Não foi planejado — procurou se desculpar ao ver como os olhos de Alexandre endureceram-se.

— O que está me dizendo? Seja mais exata, por favor — pediu impaciente.

— Sim... — Ela respirou profundamente. — Dias atrás eu fui à vila, onde na oportunidade escolhi a sua máscara e o seu lenço. Neste dia, ao voltar para cá, passei pelo vilarejo dos camponeses e o vi falar com uma moça. Vi quando ela saiu em disparada com um cavalo e você a seguiu. Eu não os segui, juro! Apenas continuei meu trajeto e quando passei pela estrada próxima ao bosque, vi ao longe um cavalo branco e reconheci que era o mesmo que a moça estava.

— E me viu?

— Não, não o vi, tampouco a moça. Vi somente o cavalo. Pensei em me aproximar, fiquei alguns minutos nessa dúvida, até que a vi sair sozinha

por uma estreita trilha entre as árvores. Ela soltou o cavalo que estava preso e rumou para a vila.

— Como sabe?

— Eu a segui — abaixou os olhos. — Desculpe-me, sei que agi mal. Eu a segui até a vila e a vi entrar no que imagino ser a casa onde mora. Então eu vi aquele senhor que esteve aqui certa vez, Frederico Hour, o homem que o chamava de Phillip. Ele estava no jardim da casa com a esposa, então aproximei-me e me apresentei, disse que era irmã de Alexandre Franz.

— Por que fez isso? — Ele passou as mãos nos cabelos lisos. Seu rosto estava vermelho e ele já suava com o nervosismo.

— O senhor Hour olhou-me, tentou puxar a memória, franziu o cenho e balançou a cabeça desculpando-se. Disse que sentia muito, mas não se recordava de nenhum Alexandre Franz. — Ela concluiu a narração e esperou que ele dissesse alguma coisa.

— Ah, Caroline, você não devia ter feito isso — Alexandre apoiou o castiçal na cômoda e sentou-se em sua cama. — Eu estou, sim, muito enrascado, mas não sou tão culpado quanto minha irmã pode estar imaginando. Não sou um mentiroso.

— Eu tenho certeza de que não é culpado. Eu o conheço bem. Estivemos alguns anos longe um do outro, mas creio que não foi tempo suficiente para mudar o seu caráter íntegro e justo.

— São qualidades que não me servem neste momento — disse esmorecido.

— Do que precisa, Alexandre?

— Coragem e franqueza...

— Conte-me, o que houve? Quem sabe eu posso ajudá-lo.

— Ninguém pode. Deixemos esse assunto de lado — Alexandre pediu e ela concordou.

— Alexandre, há ainda outra coisa que eu desejo lhe perguntar. Por que não me conta sobre a noiva de Phillip? Por que ela não veio? Dê-me a boa notícia que eu tanto espero.

— Caroline, não se iluda. Phillip não ficou noivo... — disse e viu o sorriso de satisfação brotar nos lábios da irmã —, porém isso não muda em nada os sentimentos dele em relação a você.

— Se valoriza a felicidade da sua irmã, deixe-me manter as

esperanças.

— E o que há em maior quantidade em um coração iludido, senão vagas esperanças?

— Ainda falamos sobre mim?

— Não é a única a sofrer desse mal, garanto.

— Ah, meu irmão... — Ela suspirou — Diga-me, Phillip a rejeitou? Mesmo sendo a moça bela que me contou que era a propensa noiva?

— Acontece que a moça não era tão propensa assim. Ela ama outro e iria casar-se com Phillip contra a sua vontade, então ele não aceitou o acordo.

— Phillip fez isso? Não sabia que ele era um homem romântico.

— Não se trata de romantismo, Caroline. Mesmo o homem menos romântico não desejaria casar com uma esposa que chora por outro.

— Phillip precisa de uma noiva que o ame e esteja disposta a fazê-lo feliz — sorriu esperançosa.

— Quem sabe ele não precise de noiva alguma. Esqueça Phillip. E esqueça o que conversamos hoje.

— Por hora, sim. Boa noite, irmão.

Caroline deixou o aposento do irmão e voltou para o seu, em silêncio, andando devagar para não provocar ruídos no chão. Passou em frente ao aposento de Phillip e, em seu devaneio apaixonado, imaginou como seria estar com ele naquela noite, envolvida em seus braços fortes. Suspirou sonhadora e seguiu seu caminho

Assim que acordou Alexandre banhou-se, vestiu-se e saiu com pressa rumo ao bosque, onde ficou por horas seguidas esperando que Joana talvez aparecesse. Caminhou pela trilha onde ela costumava passar, perdeu-se entre tantas árvores e enquanto pensava nela, procurou a árvore com as iniciais dos seus nomes. Quando encontrou, passou lentamente os dedos sobre o contorno daquelas letras e suspirou. A angústia lhe consumia. Ele desejava intensamente vê-la, falar sobre seus sentimentos e lhe implorar o perdão. Sem mais poder esperar, galopou desesperadamente até a propriedade do senhor Hour e só parou quando estava em frente à porta da residência. Ele precisava contar-lhes toda a verdade, por piores consequências que isso pudesse lhe trazer.

Amália estava bordando sentada na poltrona perto da janela da sala e viu quando ele chegou.

— Mamãe, o senhor Phillip está lá fora — chamou a mãe, que estava no sofá e que também tinha entre os dedos um bordado.

— Está? — Anastasia surpreendeu-se. — Vá chamar o seu pai — fez um sinal com as mãos para a filha se apressar.

Amália subiu as escadas e correu pela casa à procura do pai, chamando a atenção das outras irmãs que estavam no aposento.

— Phillip está aqui! — disse, abrindo a porta do aposento onde Joana estava, e tornou a sair correndo. Joana olhou pela janela e viu o *Percheron* negro. Seu coração saltitou. Caminhou até a porta do aposento e viu Sophie descendo as escadas.

— Papai, papai. O senhor Phillip está aqui — Amália encontrou Frederico em sua saleta particular, cochilando com um livro aberto sobre a mesa.

— Está aqui? Peça que entre e venha até mim.

[...]

— Senhor Hour — Alexandre adentrou no escritório ainda consumido por sua aflição.

— Meu caro Phillip. Está tudo bem com o senhor? — Frederico perguntou, vendo como parecia transtornado. Alexandre apertava os olhos com força e respirava fundo para tentar suportar ser chamado de Phillip.

— Estou bem, sim, senhor.

— Agrada-me e ao mesmo tempo surpreende-me vê-lo em minha casa. Tive receio de que a minha sinceridade o tivesse afastado.

— Senhor Hour, não foi sua sinceridade que me afastou. Eu confesso ao senhor que não tenho inclinações em relação à sua filha, Sophie — falou ele. Os olhos de Frederico mostravam desapontamento. — No entanto, eu... eu... venho por outro motivo.

— Eu já sei, senhor. Noto que lhe constrange dizer, então não diga.

— Sabe? — Ele estremeceu.

— Sim, sei; e o senhor também sabe que não é correspondido. No entanto, os sentimentos de uma moça podem demorar a aparecer. Se o senhor me disser que deseja se casar com Joana, então se casará!

— Casar com Joana? — Seu coração vibrou com a possibilidade. —

Sem importar-me com o que vem em seu coração? Acaba de dizer que não sou correspondido — repetiu ele e um discreto incômodo lhe perturbou após aquela afirmação.

— É um homem romântico, senhor? Diga-me apenas se veio apresentar a sua proposta e eu lhe darei a minha permissão. Joana teve mais oportunidades do que um bom pai ofereceria. É casar-se com Joana que o senhor deseja? — Ele foi direto.

— Mais do que tudo que já tive a sorte de desejar — disse Alexandre suspirando e interrompendo completamente o seu plano anterior.

— Trataremos disso. Tem a minha permissão — falou o senhor Hour dando um amistoso sorriso.

— Necessito falar com a senhorita Joana.

— Por quê?

— Apenas necessito. Permite-me falar com ela, senhor? — Ele agora estava mais nervoso do que nunca.

— A sós?

— Prometo que serei breve.

O senhor Hour saiu do escritório e foi chamar Joana. Na sala ao lado estavam todas as filhas reunidas ao lado de Anastasia, em silêncio. Joana era a única que olhava para o chão e trazia consigo uma expressão compenetrada. Podia-se dizer que estava imersa em seus pensamentos. As outras olhavam para o corredor que dava acesso ao escritório e esperavam com ansiedade descobrir o conteúdo daquela conversa.

— Joana, venha aqui — Frederico chamou.

— Por quê? — Ela ergueu a cabeça e franziu a testa.

— Venha, Joana. O senhor Phillip deseja falar-lhe.

— Vá, Joana. — A mãe pediu que atendesse ao chamado do pai.

Ela levantou e caminhou até a porta do escritório e todos entreolharam-se ao ver que o pai não pretendia acompanhá-la.

— Quer que eu fale com o senhor Phillip a sós? — perguntou ela. O senhor Hour apenas abriu a porta e fez sinal para que a filha entrasse de uma vez, fechando a porta logo em seguida.

— Senhorita — Alexandre exclamou quando a viu entrar. Joana não o olhou nos olhos, ficou de pé perto da porta, em silêncio. — Nada me deixa

mais feliz do que a ver neste momento. Estive angustiado desde a última vez em que nos falamos. Um dia sem vê-la já não tem a mesma graça.

— Está exagerando, senhor — disse ela olhando-o rapidamente e voltando seus olhos novamente para o chão.

— O que digo ainda é pouco diante do que posso lhe oferecer.

— Não faço ideia a que o senhor está se referindo.

— Falo dos meus sentimentos, senhorita — disse dando alguns passos na sua direção.

— Por que veio aqui? E por que temos que falar a sós?

— Por Deus! Por que a senhorita oferece a mim tanto desprezo?

— Não o desprezo, senhor.

— E o que sente? Diga-me, o que sente quando está perto de mim? Quais os pensamentos que lhe fazem companhia à hora de dormir? Pensa em mim? — Ele segurou as mãos de Joana. — Senhorita eu preciso saber o que sente — aproximou-se ainda mais, trazendo o seu rosto para muito próximo do dela e olhando-a fixamente nos olhos.

— Eu... não entendo aonde quer chegar, senhor. Sei que os sentimentos de um homem podem ser muito instáveis e muitas vezes até conduzidos pelo orgulho. — Ela disse com a dificuldade que era raciocinar estando tão próxima a ele. — O quanto de apreço o senhor depreenderia a meu favor se eu estivesse declinada a aceitar os seus elogios? E se eu fosse como essas moças tolas e apaixonadas, que caem em armadilhas que elas mesmas criam para se prenderem ao sofrimento? — disse, desta vez mais audaciosa.

— Do que tem medo, senhorita? Eu percebo agora que é o medo que lhe domina. — Ele segurou suas mãos com mais vigor. — Tenho nutrido uma grande afeição pela senhorita. Nunca encontrei nenhuma moça que despertasse em mim essa... sensação. O poder que a senhorita exerce sobre mim é algo que ainda não consegui decifrar. É tão perturbador e tão maravilhoso ao mesmo tempo...

— Vaidade. É esse o nome que dou para a sua... sensação. — Ela disse intempestiva.

— Isso que a senhorita chama de vaidade, eu chamo de amor, e quase posso ver sentimento igual dentro dos seus olhos. Os seus olhos, senhorita, dizem o contrário do que me fala a sua boca. A sua boca que é tão linda, tão convidativa a um beijo. — Ele colocou seu rosto ao dela.

— Não se atreva! — Ela sentiu a respiração dele muito próxima e estremeceu quando ele suspirou perto de seu rosto. Sua respiração também ficou pesada.

— Há muito poderia ter se afastado, no entanto seus pés permanecem fixos e suas mãos já se acostumam às minhas. Posso garantir que elas estão onde mais gostariam de estar, e seus lábios... seus lábios lhe imploram para que diga a verdade, enfim.

— Que verdade? — perguntou com a voz entrecortada, sem conseguir encará-lo assim tão de perto.

— Que me ama, senhorita. — Ele segurou o queixo de Joana e conduziu seu rosto para cima, de modo que ela o olhasse dentro dos olhos. — Case-se comigo. — Ele pediu. Joana reuniu suas forças para se afastar dele, dando alguns passos para trás.

— Não! — disse em bom tom.

— Não? Um não é tudo o que a senhorita me diz? — Ele a olhou aturdido. Vejo que não leva em consideração o que acabo de dizer. Penso até que ficaria feliz se eu tomasse a mão de sua irmã Sophie em casamento. Seria um alívio para a senhorita? — inquiriu.

— Considera a possibilidade? — perguntou aflita.

— Devo chamar o seu pai e dizer que mudei de ideia? Acha que sua irmã conseguiria mostrar um pouco mais de interesse por mim? — questionou-a.

— Ora! — Ela bufou. — Tente a possibilidade! — ruborizou de tão furiosa.

— Insiste? — Ele começou a rir.

— Por que está rindo? — Ela o olhou aturdida e colérica.

— Porque estou feliz, senhorita! Acaba de confirmar que me ama! — Ele abriu os braços e sorriu. — Não percebe? É uma tola, assim como eu sou um tolo feliz!

— Está me chamando de tola? — Ficava cada vez mais nervosa e enfurecida.

— Assim como as moças tolas e apaixonadas que caem em armadilhas que elas mesmas criam para se prenderem ao sofrimento? Sim, é uma tola, senhorita! É uma tola se pensa que eu desistiria de tê-la para contentar-me com qualquer outra moça que não fosse a senhorita! Agora apenas diga que me ama. — Ele a encarou. Seu corpo inteiro agitava-se.

— Apenas digo que informe a meu pai que aceito a sua proposta.

— O quê? — Ele endireitou o corpo e a olhou seriamente a fim de averiguar se havia entendido o que ela acabava de dizer. — Está dizendo que se casará comigo?

— Sim — assentiu, desviando os seus olhos dos dele.

— Por que quase nunca consegue me encarar, senhorita?

— Já lhe dei a minha resposta. Não deveria querer exigir mais.

— O que eu quero são os seus lábios dizendo que me ama.

— Casamentos arranjados quase nunca precisam que se usemos estas palavras. — Ela disse dando-lhe as costas e saindo do gabinete.

Ah! Eu sei que me ama, senhorita!

Capítulo 13 - Revolta

Joana saiu do gabinete do pai mostrando uma estranha tranquilidade.

Embora seu coração não se aquietasse dentro do peito, ela procurava não demonstrar isso à sua família. Em seguida Alexandre também saiu do escritório, ainda sem acreditar que tinha ouvido uma afirmativa de Joana. Sim, ele estava feliz, mas também muito perturbado, pois, por mais que acreditasse que ela também o amava, desejava que ela confessasse esse amor. Só assim sentir-se-ia menos culpado e plenamente feliz. A insegurança e o medo voltaram a consumi-lo e a torturá-lo assim que os planos de contar a verdade foram, mais uma vez, adiados.

Na sala todos da família Hour estavam emudecidos, esperando que Alexandre ou Joana dissessem alguma coisa. Os olhos de todos seguiam Joana, principalmente os de Sophie, mais curiosos do que qualquer outro naquele local.

— Senhor Hour. Sou muito feliz em dizer que a senhorita Joana aceitou o meu pedido — Alexandre enfim falou, ainda consternado, vendo todos ficarem boquiabertos. Ainda olhavam Joana, esperando dela alguma reação. Ela não esboçava qualquer atitude que pudesse exprimir o que estava sentindo.

— E você, minha filha, está feliz? — Anastasia perguntou sem mais poder esperar.

— O importante é que meu pai esteja — disse secamente. — Assim como você, mamãe, e as minhas irmãs.

— Dissimulada — Sophie falou em meio tom, mas que foi o suficiente para Joana ouvir. O rosto pálido de Sophie ganhava cada vez mais uma cor avermelhada, pelo sangue da raiva que lhe consumia.

— Por que me ofende, Sophie? — Joana a desafiou.

— É o que você é, Joana, uma dissimulada — disse com o rosto em brasa, depois encarou Alexandre. — Senhor Phillip, com certeza Joana está preparando algum plano para afastá-lo. É o que ela sempre faz. Não se sinta tão feliz. O último que aqui esteve também achou que Joana estava concordando com o casamento e saiu daqui tão abalado que jamais voltou — disse tremendo.

— Sophie. Não lhe demos permissão para intrometer-se nessa conversa, ou qualquer assunto que não lhe diz respeito. O único modo em que isso lhe afeta, é que agora poderá também se casar, em breve, depois de Joana — Frederico falou autoritário. Sophie bufou.

— Coitado do senhor. — Ela ainda disse olhando Alexandre. Os

olhos de Sophie estavam vermelhos. Via-se que segurava um choro.

— Já basta. Retire-se para o seu aposento. — O pai ordenou.

Sophie atravessou a sala como um raio, subindo as escadas com batidas fortes no chão de madeira e trancou-se em seu aposento. Chorou raivosa debaixo de sua coberta, sentindo seu coração ferido pela rejeição e ciúme. Imaginou diversas vezes que seria ela quem se casaria com Phillip. Estava apaixonada.

Na sala, todos ficaram alguns segundos em silêncio e Frederico só voltou a falar quando ouviu a porta do aposento da filha bater com força.

— Perdoe-me, senhor Phillip. Infelizmente Sophie chegou a sonhar com a possibilidade de... o senhor sabe, já conversamos — Frederico desculpava-se constrangido.

— Não se preocupe, senhor — Alexandre quis aliviar a tensão.

— Estamos todos muitos felizes com a sua decisão, minha filha — Anastasia disse à Joana, sorrindo e segurando as mãos da filha.

— Não é uma decisão, mamãe, é um acatamento — disse ela com rapidez, sem pensar, e olhando para Alexandre viu como ele ficou mexido com aquela afirmação. Sentiu-se imediatamente arrependida por ser tão dura com ele. Alexandre ficou constrangido e voltou os olhos para o chão.

— Não seja tão desagradável, minha filha — Anastasia a repreendeu ao pé do ouvido. O pai apenas a encarou desgostoso.

— Então eu me sinto *quase* plenamente feliz. — Ele disse. Joana não ousou perguntar o porquê de ele não estar totalmente feliz, seria uma tolice, ela sabia o motivo.

— A partir de hoje você tem permissão para frequentar a nossa casa, senhor Phillip. Esperamos em breve marcarmos o jantar de noivado — disse o senhor Hour.

— Claro, com satisfação, agradeço — disse ainda pouco à vontade. — Dentro de três dias acontecerá o baile, então...

— Oh, é mesmo! O baile — Anastasia disse eufórica. — Dentro de três dias, já? — viu-se apressada.

— Sim — Alexandre confirmou e andou até onde Joana estava, segurando suas mãos como despedida. — Não vejo a hora de tê-la em meus braços em uma valsa — falou perto do ouvido dela e depois beijou sua mão. — Vou procurá-la como se estivesse em um jardim repleto de flores de todas as cores e espécies; mas só a minha doce e branca rosa desejarei encontrar —

disse poeticamente, nas entrelinhas, enquanto Joana franzia o cenho, sem entender a referência.

No sofá, Amália e Rebecca suspiravam ao ver como era bonito e galante o noivo da irmã; e até mesmo Rebecca começou a idealizar que quando chegasse a sua vez, talvez tivesse um noivo tão belo e apaixonado como o que Joana encontrara.

— Joana, ainda está acordada? — Rebecca sussurrou certo tempo depois de apagarem as luzes dos castiçais.

— Estou sim, Rebecca. O que foi? — Joana cochichou de volta

— Não está feliz, mesmo?

— Do que está falando?

— Do senhor Phillip. Não está feliz em ser sua noiva? — perguntou novamente, mas ouviu o silêncio como resposta. — Joana?

— O que foi, Rebecca? — Joana suspirou fundo, mostrando que aquele assunto a incomodava.

— Eu acho que você deveria se sentir feliz. Você teve sorte, irmã.

— Ah, você também diz isso?

— Não! Não digo que tem sorte pelos mesmos motivos que nossos pais consideram a sua sorte. Não digo pela fortuna, mas sim pelo amor — declarou. Joana sentiu uma pontada no peito ao ouvir aquela palavra, “*amor*”.

— O que você sabe sobre o amor, Rebecca? — Joana achou graça.

— Eu não sei nada, mas o senhor Phillip a olha de um jeito... Acho que ele a ama — falou. — Ao menos é assim que imagino que um homem apaixonado olhe para a sua amada. Como nos romances... — suspirou.

— Você é muito romântica. Vamos dormir — Joana cochichou antes de abrir um verdadeiro sorriso em meio à escuridão.

Pela manhã Joana encontrou Sophie ao pé da escada. Ela descia para o desjejum quando a encontrou no caminho contrário. Sophie estava com os olhos inchados e vermelhos. Os olhos dela ainda queimavam irritados.

— Não pense que me engana, Joana — disse antes de subir alguns

degraus.

— Seja mais direta — Joana falou com tranquilidade, parando em seu caminho e olhando para a irmã.

— Joana, cadê a sua fúria? A moça irritada que não deixava os pais lhe forçarem a nada que não quisesse? Onde está a minha irmã desafiadora, que disse que só se casaria com quem e quando quisesse? Para que lutar, não é mesmo? Enquanto os pretendentes eram velhotes viúvos a sua indignação era crescente, mas com um noivo jovem, bonito... e *rico* — frisou bem a palavra —, ficou fácil *acatar* as vontades do nosso pai, não é?

— Sophie, não quero irritá-la mais do que já está, mas não sou culpada, nem por ter nascido antes de você, nem por ser a mim quem o senhor Phillip quis escolher — Joana falou pausadamente. — Saiba que isso não me agrada e que tudo tentei para que fosse diferente, nosso pai chegou até mesmo a encurralar o senhor Phillip, dizendo que era você quem ele deveria querer. Então, não me culpe por isso — falou tentando não ser irônica e já ia pondo-se de costas quando Sophie voltou a falar.

— Ao menos, tente assumir que gosta dele — disse com raiva.

— Sophie, isso não lhe diz respeito.

— Você fez tudo de propósito — gritou enquanto gesticulava as mãos. — Fingiu que o desprezava só para vê-lo sentir-se desafiado a conquistá-la. O senhor Phillip me queria até você fazer seu jogo apenas por capricho.

— Capricho? Oh, *mon Dieu!* Você está apaixonada pelo senhor Phillip? — Joana constatou, arregalando os olhos.

— Isso não lhe diz respeito! — gritou.

— Tudo bem. Eu apenas sinto muito, de verdade — Joana disse ao encarar as lágrimas que já caíam livremente pelo rosto da irmã. — Não é assim como você pensa. Eu sempre quis, sim, e ainda quero a minha liberdade de escolha; e sempre lutarei por ela. Por hora, me sinto vencida! — Joana disse verdadeiramente.

— Não lutou tão bravamente — Sophie rebateu. — Nosso pai não a obrigaria se...

— Eu lutei sim... — interrompeu a irmã, depois deu-lhe as costas.

Eu lutei sim, minha irmã, mas não sou tão forte como imaginei ser. O que me venceu foi muito maior e mais forte do que a autoridade do nosso pai — pensou consigo.

Aquela conversa com Sophie a deixou triste e confusa. Não queria que Sophie sofresse por sua causa. Era mesmo culpada? Aquela era, provavelmente, a primeira desilusão amorosa da irmã. Essa era mais uma das razões pelas quais Joana lutava contra seus sentimentos. Nunca tinha visto de perto, mas sabia que muitas moças beiravam à loucura frente a uma rejeição, ou um amor não correspondido.

Não era bem o seu caso, ela era correspondida, ao menos sim, se permitisse que seu coração acreditasse nas palavras que outrora ele lhe dissera:

Eu a amo profundamente, senhorita — lembrou.

Há muito essas palavras ecoavam e ganhavam espaço em seu coração. Talvez não devesse mais ser tão dura com ele. Talvez devesse-lhe mostrar que não era tão indiferente... Talvez devesse falar tudo o que estava sentindo...

Sentiu uma grande necessidade de estar sozinha, escondida, como que esconder-se das pessoas, fizessem-na ficar escondida de seus próprios sentimentos. Foi à cavalaria e montou no cavalo, depois, rumou para o bosque de faias. Na maioria das vezes preferia caminhar até o bosque, mas, desta vez, quis estar no seu refúgio com urgência. Galopou com rapidez, sentindo o vento gelado bater em sua face e queimar a sua pele. O vapor quente que saía por sua boca formava nuvens esbranquiçadas à sua frente e a neblina baixa fazia o mesmo efeito sobre as campinas. Parecia que estava cavalgando sobre nuvens.

Chegou ao bosque, prendeu seu cavalo branco em uma árvore e adentrou pela estreita trilha. O coração ainda se agitava dentro do peito quando relembrou as palavras da irmã:

Ao menos, tente assumir que gosta dele.

Joana caminhou um pouco mais para dentro do bosque. Ainda não conseguia enxergar com nitidez, pois a copa das árvores e tudo um pouco mais distante dos seus olhos estava encoberto pela neblina.

Quando o sol começou a atingir com mais força o solo, lançou filetes de luzes por entre os galhos das faias. Era uma visão esplêndida, certamente digna da admiração e inspiração de um pintor. Joana lembrou-se quando ele lhe dissera que os pintores românticos deviam estar por ali, escondidos.

“Assim, sem que você os veja, poderiam pintar sua beleza junto com as árvores” — foram as palavras dele.

Suspirou pesadamente e descansou o corpo em um tronco de faia. Olhou para o alto e contemplou aquela linda e gigantesca árvore. Passando seus olhos pelo tronco viu um desenho entalhado. Não demorou muito para perceber que era a inicial que havia esculpido no dia que foi surpreendida por “*Phillip*” no bosque. No entanto algo mais chamou sua atenção, havia ali outra inicial junto da que ela tinha desenhado no tronco. Ao lado do J, a letra A fazia-lhe companhia.

Capítulo 14 - O baile

No jardim da propriedade Motier, várias tochas iluminavam o caminho do portão até o alto da escadaria de pedras, onde mais de dez criados vestidos com muito refinamento faziam a recepção dos convidados.

Phillip estava em seu aposento e olhava para seu traje deixado sobre a cama por uma das camareiras. Ele viu através da janela que algumas caleças já adentravam os grandes e pesados portões de ferro da residência e sentia-se satisfeito com a decisão de ter optado por um baile de máscaras. Detestaria se todos soubessem quem ele era e, por conta disso, ficassem com dissimulações e lisonjas exageradas. As mães atirariam as filhas em seus braços, os homens

o prenderiam em assuntos enfadonhos sobre política, religião e negócios.

Um baile de máscaras foi uma decisão acertada. Apresento-me apenas para quem eu desejar — sorriu.

Alguns aposentos à frente, naquele mesmo corredor, Caroline olhava-se no espelho. Tinha escolhido um vestido vermelho de tecido leve, mangas curtas e decote que evidenciava o colo. Usava também luvas e um xale, pois o clima estava gelado. Ela se certificou de que não havia ninguém no corredor, colocou sua máscara negra com pedrarias nas laterais e foi apressadamente até o salão do baile. Seus olhos se encheram ao admirar o ambiente ricamente decorado e iluminado com muitos castiçais presos à parede, que gerava de forma primorosa uma nuance de luz e sombras.

Mais cedo, ela tinha ido à sala das camareiras com o pretexto de checar se o seu vestido e a roupa do irmão estavam impecáveis. Caroline espiou os demais trajes que estavam sendo cuidados pelas criadas e viu, além do *Frock Coat* cinza de Alexandre, mais três trajes masculinos. Prestou muita atenção nos detalhes daquelas peças, pois sabia que uma delas seria a de Phillip, e as outras certamente eram de Johan e Patric.

Phillip, irei fazer com que se apaixone por mim esta noite — idealizou.

Na casa dos Hour, todos já estavam prontos dentro da caleça, aguardando Sophie para seguirem viagem até a propriedade Motier. Aquela era uma caleça para quatro pessoas viajarem confortavelmente, por isso sempre que precisavam ir a algum evento juntos, iam todos espremidos. Em poucos minutos Sophie apareceu esplendorosa com seu vestido branco. A peça tinha apenas pequenas nuances cor-de-rosa nas laterais, e na fita presa à cintura.

— Que primor! — exclamou Anastasia ao ver a filha. Sophie sorriu e tomou seu lugar na caleça, que logo começou a se movimentar.

— Estou tão feliz com esse baile mamãe — Rebecca dizia animada, segurando sua máscara entre os dedos.

— Não se esqueça de que ninguém pode sequer imaginar que todas vocês vão ao baile. Tomem cuidado com quem irão conversar ou dançar — disse olhando para as filhas mais novas. — Apenas Joana e Sophie deveriam ir, pois já debutaram. Oh, e Joana será noiva do senhor Phillip! — vibrou. Sophie revirou os olhos.

— Será que ele aproveitará a oportunidade para formalizar o noivado?
— Frederico questionou.

— Não sei, mas se não anunciar, essa semana mesmo faremos o jantar de noivado em nossa casa e em um mês Joana se casará — disse Anastasia olhando para a filha mais velha, que não esboçou nenhuma reação que pudesse evidenciar seus sentimentos.

— Não diz nada, Joana? — Sophie provocou. — Não está ansiosa para encontrar o seu noivo no baile? Ou está assim tão quieta pois já imagina como será quando se mudar para aquela propriedade maravilhosa? — interrogou-a com malícia. Desde a discussão que tiveram, Joana procurava evitá-la, pois não queria dizer algo que deixasse a irmã ainda mais arrasada. Sabia que seu gênio era forte e muitas vezes não conseguia medir suas palavras. Estava quase sentindo dó do amor não correspondido que a irmã sentia.

— Sophie, se não digo nada é por que não há nada para ser dito. Deveria experimentar, e ficar calada quando tudo o que tem a dizer são essas tontices — rebateu sem se exaltar.

— Por favor, não impliquem uma com a outra! — A mãe pediu. Joana continuou com o mesmo semblante compenetrado, enquanto Sophie bufou enervada. — Querido, devíamos ter alugado uma caleça, assim não estaríamos tão apertados, em seis pessoas, em uma caleça onde cabem apenas quatro! — reclamou.

— Quando Joana se casar teremos um pouco mais de espaço — Sophie voltou a provocar.

— Sophie, o que é isso? — Rebecca tentou quebrar o clima e apontou para o broche de flor branca que a irmã usava. — É seu? Nunca o vi antes.

— É meu sim — disse ríspida. — Eu mesma fiz com cetim e renda, especialmente para o baile.

— Que filha prendada — disse Anastasia. — No entanto, devia ter escolhido outra cor de cetim, Sophie. Seu vestido é branco e a flor é da mesma cor.

— Gostei porque ficou discreto mamãe — disse ela.

Chegaram na propriedade quando o céu estava quase totalmente enegrecido. Antes de descerem da caleça, todos vestiram suas máscaras e foram se encaminhando para a escadaria. Os olhos de Amália e Sophie

passaram pelos vestidos rodados das convidadas, com amplas crinolas a encher as saias, espartilhos afinando cinturas, e leques nas mãos. A maioria dos homens usavam fraque e luvas brancas. Elas jamais tinham visto algo tão belo. Rebecca e Joana sentiam-se ainda deslocadas no ambiente; a mais nova por ser a primeira vez que ia a uma festa social, e Joana pelo encontro que certamente teria em breve com o seu futuro noivo.

Ao longe podia-se ouvir o som de uma valsa preenchendo o ambiente de requinte. O senhor Hour, Anastasia e as filhas foram conduzidos até o salão de dança e ficaram maravilhados, não somente com a fineza da decoração, mas com o tamanho daquele espaço, que era enorme.

Joana observou que muitas jovens de sua idade se viraram para olhar ela e as irmãs entrarem no salão. Realmente, Madame Anastasia não havia economizado nas vestes das filhas e elas se destacavam entre a maioria. Joana brilhava com seu vestido lilás, acentuado na cintura e com três camadas de renda no caimento da saia. No busto, pequenas pedrarias ornavam a peça e, sobre os ombros, mangas rendadas davam maior elegância. A sua máscara era branca e lilás, e escondia boa parte do seu rosto.

— Vamos circular pelo salão, mamãe? — Sophie convidou a mãe assim que entraram.

— Ora, claro que não — Anastasia franziu o cenho. — Sente-se recatadamente e espere um convite para dançar — repreendeu-a.

— Uma volta no salão, prometo! Somente para contemplarmos melhor este magnífico lugar — insistiu.

— Está bem, apenas uma volta — Anastasia deu o braço para Sophie e chamou Amália para acompanhá-las. — Fiquem perto do seu pai — disse para Joana e Rebecca.

Anastasia sabia que não devia se afastar das outras filhas. Era seu dever de mãe e acompanhante se certificar de que se algum cavalheiro convidasse uma das suas filhas para dançar, que ele cumprisse com as regras da decência.

Naquele mesmo instante, Alexandre descia as escadas rumo ao salão, onde logo na entrada esbarrou com vários homens vestidos com elegantes trajes ao melhor estilo francês e notou que as mulheres usavam penteados chamativos e máscaras com pedras e muito brilho. Todos circulavam pelo ambiente puxando assunto com um ou outro convidado e muitos já dançavam ao som das orquestras.

— O sucesso deste baile poderá ser avaliado não só pelo luxo da recepção e dos trajes, mas pelo número de casais que ficarão noivos — disse uma voz feminina ao seu ouvido.

— Caroline? É você? — surpreendeu-se.

— Então reconhece a voz da sua irmã? Devo lhe dizer que está esplendoroso, Alexandre.

— Você também — curvou a cabeça e sorriu.

— Vou circular pelo baile — disse Alexandre antes de sumir em meio aos convidados. Estava ansioso demais para ficar parado.

Perto dali um grupo de moças agitavam-se entusiasmadas, rindo e saltitando, certamente imaginando quem seriam os seus pares para a valsa. A todo momento chegavam lindas jovens que mais pareciam princesas, em seus vestidos de seda, rendas e cabelos ornamentados com flores e tiaras de cristais.

— Concede-me uma dança, senhorita? — Alguém convidou Caroline quando ela procurava uma bebida para esquentar-se do frio.

Ela percorreu seus olhos pela roupa do jovem e viu que era uma das peças que estavam mais cedo na sala das camareiras. O jovem continuava curvado à sua frente, esperando uma resposta e com a mão direita estendida. Ela olhou para o rosto ocultado pela máscara e viu que ele tinha olhos azuis e cabelos claros, como Phillip, e como os outros irmãos dele.

Com certeza é um deles — pensou animada diante da possibilidade de ser Phillip.

— O conheço, senhor? — perguntou ela.

— Sim. E a senhorita está linda — elogiou.

Ela entregou-lhe o cartão para que anotasse o nome e reservasse a sua dança. Ele passou os olhos pelo cartão, escreveu o nome e sorriu para ela.

— Johan? — disse desapontada ao ler o nome. — Como sabia quem eu era?

— Seria impossível não a reconhecer — disse ele ocultando que na verdade a tinha visto descer as escadarias do interior da mansão. Antes de se retirar, fez uma reverência respeitosa.

Alexandre estava no outro lado do salão, olhando com atenção todas as moças que encontrava, buscando reconhecer em alguma delas o broche de rosa branca e os belos cabelos ruivos de Joana. Seu corpo tremia com a

preocupação de não conseguir encontrá-la. Foi quando viu se aproximar uma senhora de braços dados com duas moças de cabelos avermelhados. Ele olhou para os vestidos e encontrou o broche preso a um deles. Estava tão discreto e quase imperceptível naquele vestido branco, mas ele teve certeza de que era o broche que enviara para Joana. Seu coração se preencheu de alegria ao ver que ela usava o broche, como ele havia pedido. Um sorriso abriu-se inevitavelmente em seu rosto. Ele caminhou até elas.

— Seria um prazer bailar com a senhorita — disse ele mantendo uma distância reverenciosa, curvando o tronco levemente e com muita elegância.

Anastasia e as filhas percorreram os olhos pelo rosto encoberto pela máscara daquele cavalheiro, admirando-se com sua postura elegante em um primoroso traje.

Sophie olhou para a mãe, que concordou que o jovem reservasse uma dança. O coração de Alexandre palpitou, aquele era o momento, ele precisava ser verdadeiro. Esperava que logo mais pudessem conversar a sós. Ele lhe diria toda a verdade. Segurou o cartão e escreveu com uma letra bem desenhada: Alexandre Franz.

Contarei tudo a ela hoje! E que Deus me ajude que ela possa me perdoar — pensou.

Do outro lado do salão, Phillip andava entre os convidados e deleitava-se com a música sublime que lhe preenchia os ouvidos. Bebia vinho e apreciava os casais dançando e o sorriso de cada um ali presente. Era quase impossível encontrar um rosto que não exibisse a felicidade por estar ali, e isso o agradava muito.

Ele olhava atentamente as moças a fim de se certificar que nenhuma delas ficasse sentada sem uma dança. Como bom anfitrião, ele teria que convidar quem ainda não tinha dançado na pista de dança. No entanto, esperava-se que todo cavalheiro convidado para um baile se levantasse e convidasse uma moça para dançar. Era uma cortesia básica. Foi assim que ele notou que duas moças permaneciam ao lado de um senhor e pareciam não estar se divertindo. Observou que nenhum cavalheiro tinha se aproximado delas, ao menos ele não tinha visto nenhum. Passou mais um tempo olhando-as e viu nitidamente que uma delas bufou em desagrado. Não podia ver o rosto da moça, por causa da máscara branca e lilás que ela usava, mas teve quase certeza de que era bonita e foi esse o impulso que o levou até ela.

Não quero nenhum convidado irritado neste baile, muito menos se for

uma jovem tão formosa — pensou consigo.

— Concederia sua mão para a próxima dança? — disse Phillip para a jovem que acabara de ver bufando. Ele permanecia curvado à frente da moça e aguardava uma confirmação. Se o seu convite à dança fosse recusado, ele não insistiria. No entanto, a menos que ela tivesse uma razão muito séria para isso, uma jovem não deveria recusar um convite para dançar.

— Que gentil — Joana disse a contragosto, vendo que o pai acenava com a cabeça, permitindo a dança. Ele escreveu o seu nome no cartão dela e afastou-se um pouco, a fim de esperar aquela valsa terminar para novamente ir até ela e a conduzir para o centro do salão.

— Que moço elegante, Joana — Rebecca disse perto do ouvido da irmã. — Espero que alguém também me convide para dançar — sorriu animada.

— Irão convidar — Joana sorriu de volta e pôs-se a olhar o movimento no salão. Nem ao menos deu-se ao trabalho de ler o nome daquele cavalheiro em seu cartão de baile, estava com o pensamento flanando.

Em poucos minutos Phillip voltava ao seu encontro e oferecia a sua mão para ela segurar. A som da valsa ocupou o ambiente e eles iniciaram a dança. Joana notou que o cavalheiro sabia conduzir muito bem uma dama, e que devia dançar com frequência, pois parecia fazer aquilo de maneira muito natural. Joana não tinha dançado muitas vezes em bailes na sociedade e era a primeira vez que estava em um de tão grande sofisticação.

Embora fosse natural e até se esperasse que um cavalheiro iniciasse uma conversa com a dama com quem dançava, Joana surpreendeu-se quando o seu par falou:

— Espero que esteja se divertindo mais do que estava antes — Phillip disse buscando seus olhos.

— Certamente — limitou-se a dizer, voltando seus olhos para o canto do salão e vendo que um jovem se aproximava de Rebecca, certamente iria convidá-la para dançar a próxima música. Sentiu-se feliz pela irmã e sorriu. Ao retornar seu olhar para frente Joana encontrou os olhos de Philip e viu que eram de um azul muito raro e tão perturbadores que ela precisou desviar novamente os seus olhos dos dele. Joana esboçou um leve sorriso constrangido e ele fez o mesmo, mas sem nenhum embaraço. Não falaram mais durante a dança, pois conversar demais era considerado inadequado.

Deviam apenas dançar, e até mesmo os olhares prolongados eram condenáveis. Porém ele não parava de olhá-la dentro dos olhos, e segurava suas mãos com grande entusiasmo, mostrando grande deleite em estar segurando-as.

Joana sentiu-se embaraçada a ponto de o som parecer estar abafado devido as batidas vigorosas de seu coração. Ela temeu errar os passos, tão desconcertada ficou diante dos olhos azuis daquele estranho.

Phillip também deixou-se conduzir pelo som e ritmo da música, procurando adivinhar que tipo de beleza havia atrás daquela máscara. O pouco que via do rosto daquela dama eram os olhos verdes e muito expressivos, a pele clara e os lábios rosados e bem-feitos.

Os cabelos ruivos presos no alto da cabeça e com apenas uma fina mecha solta, brincaram com a sua imaginação.

Será bonita? Deve ser muito bonita! — Phillip pensava.

[...]

Aquela mesma dança embalava Sophie e Alexandre em outro canto do salão. Ele estava certo de que eram as mãos de Joana que tinha entre as suas; e ela apenas pensava estar dançando com um jovem de nome Alexandre Franz, o qual não conhecia. Sendo assim, Alexandre estava muito mais feliz com aquela dança.

— Alegro-me em ver que aceitou o meu presente — disse ele enquanto a rodava. — Meu coração sabia que se viesse com a flor em seu vestido, era por que sou correspondido. — Sophie gelou ao ouvir aquela afirmação. Abaixou os olhos e não o encarou, tampouco disse alguma coisa. — Preciso lhe falar algo — Alexandre a girou novamente e logo estavam na outra lateral do salão, próximos a uns pilares de granito gigantescos em altura e largura. — Venha comigo...

Alexandre a conduziu até um corredor comprido ao lado do salão e alguns passos a mais estavam em uma varanda à meia luz. A noite escura ocultava o pouco que se podia ver do rosto de ambos e também os seus corpos. Apenas uma tênue luz vinda de um candelabro no corredor lançava pequenos lampejos de cor nos cabelos ruivos de Sophie e produziam um brilho ainda mais negro nos olhos de Alexandre.

— Perdoe-me por tirá-la do salão, mas meu coração ardia por uma chance de lhe falar. Há tanto para dizer. Eu pensei que se olhasse dentro dos meus olhos, poderia ver como meu amor é sincero. Porém eu mesmo não fui

verdadeiro, o que desejo de todo o meu coração poder corrigir agora. Eu não sou exatamente quem pensa que sou, e ainda assim, sou todo seu, como fui desde que a vi pela primeira vez — falou segurando as mãos dela entre as suas. — Não me deixe sofrer a dor da indiferença, dizendo que se casará comigo apenas porque o seu pai a obriga — pediu trazendo-a para mais perto de si. O simples contato com aquela que ele julgava ser a sua amada, fazia todo o seu corpo queimar. — Eu a amo com tanto fascínio que é quase insuportável estar ao seu lado e... — Alexandre não completou a fala, apenas a puxou para perto de si, fazendo a loucura de tomar dela um beijo.

Sophie não resistiu, entregou-se ao beijo como se ele fosse realmente destinado a ela. Alexandre a beijou com suavidade e entrelaçou seus braços em volta da sua cintura fina. Ela arquejou emitindo um pequeno sussurro e retribuiu o toque, colocando uma de suas mãos sobre o peito dele.

— Ah! Como eu a amo. Amo tanto que o medo, a felicidade e o prazer tornam-se apenas um só sentimento — disse afastando levemente os lábios dos dela, antes de voltar a beijá-la. — Será que poderá me perdoar, depois do que eu vou lhe dizer? — falou com os lábios colados aos de Sophie. — Senhorita Joana, eu não sou...

Preso a uma sensação inebriante de amor e felicidade, ele mal se deu conta de que alguém se aproximava. Não apenas uma pessoa, mas três pessoas se aproximavam deles.

— Que horror! — gritou uma voz conhecida, interrompendo a sua declaração.

— Mamãe? — afastou-se de Alexandre e deu alguns passos para trás. O coração dele deu um forte soco dentro do peito, tomado pelo susto.

— Não acredito no que vejo aqui! Maldito! Quem é esse maldito? — Frederico vociferou.

— Eu o vi conduzir minha irmã para cá, papai. Este cavalheiro a chamou para dançar e vi exatamente quando sumiram atrás de uma pilastra no salão — disse Rebecca.

— Calma, senhor. Sei que agi com muita imprudência, mas deixem-me tentar explicar — pediu com urgência. Anastasia levou as mãos à boca quase em pânico quando reconheceu aquela voz.

— Senhor... Phillip? — disse com dificuldade.

— Não... Não! — Ele disse, já decidido a revelar de vez toda a verdade. — Eu preciso lhes dizer que não sou...

— Sophie, venha para cá imediatamente! — Anastasia gritou e os olhos de Alexandre se arregalaram apavorados, fazendo-o interromper a fala.

— So-Sophie? — gaguejou trêmulo. Alexandre ficou entorpecido ao ouvir aquele nome.

— Seu cretino! — Frederico gritou. — Como ousa tomar a mão de Joana em casamento e levar Sophie para a desgraça?

— Não... Não... — Ele arrancou a sua máscara e a deixou cair no chão, depois, recostou o corpo na parede lateral da sacada e passou as mãos suadas sobre o cabelo e rosto, completamente aturdido. — Eu jamais faria isso! — puxou o ar com força para respirar melhor.

— Calma, papai. Não fique tão nervoso — Amália tentou acalmar o pai.

Sophie foi correndo na direção da mãe e enterrou o rosto em seus ombros, choramingando. A mãe a abraçou procurando consolá-la.

— Este homem a forçou, Sophie? Diga-nos — Anastasia perguntou, mas a filha apenas chorava. — Senhor Phillip, não pense que só por que é um homem rico, pode brincar com os sentimentos das pessoas desta maneira. Tínhamos muita estima pelo senhor — disse olhando Alexandre, que estava ainda parcialmente oculto pela escuridão. Ele estava tão surpreso e abalado que nem prestou atenção no que Anastasia falava. Só ouvia o som abafado da orquestra e imaginava onde Joana estaria naquele momento.

— Onde Joana está? Onde ela está? — Frederico perguntou às filhas e à esposa.

— Estava dançando, papai. Um cavalheiro a convidou para dançar e eu fiquei os olhando. Vi que Sophie também dançava, mas não sabia que era com o senhor Phillip — respondeu embaraçada com a situação.

— Eu... não... sou... Phillip!! — Ele gritou, articulando bem cada palavra. — Não sou! Meu nome é Alexandre Franz, e eu amo sua filha Joana, senhor Hour. Eu queria ter lhes dito isso há muito mais tempo, mas foi impossível... E depois eu...

— Ah, mas alguém me impeça, pois irei matar este homem! — Frederico Hour gritou, indo na direção de Alexandre. — O que diz? Está louco? — caminhou até Alexandre e balançou o seu corpo, o segurando pela roupa.

— Senhor Hour, sei que tenho culpa e mereço todo o repúdio pelo meu ato. Meu desejo nunca foi o de mentir. Apenas deixei que um mal-

entendido se prolongasse, até eu estar amarrado nos braços do amor e sem saídas. Eu amo a senhorita Joana verdadeiramente. Perdoe-me... Eu não sabia que...

— Escute bem, senhor... seja lá quem for: fique longe de Joana e de qualquer uma de minhas filhas!! — estrondeou na direção de Alexandre. — Venham, vamos encontrar Joana e ir embora — falou para a família.

— Senhorita... Como é o seu nome? — Phillip perguntou.

— Joana — respondeu sem elevar os olhos na direção dos dele.

— Senhorita Joana — Phillip sorriu e fez uma reverência de leve, oferecendo o seu braço direito para ela segurar. — Para onde deseja que eu a conduza? — perguntou quando a valsa terminou. Ele percebeu que o local onde ela estava anteriormente, era agora ocupado por outras pessoas e não viu mais o senhor e a moça que estavam com ela.

— Posso ficar aqui, senhor. Muito obrigada pela agradável dança — disse com elegância nas palavras e gestos. Embora por dentro estivesse mexida, tomada por uma aflição que não queria aceitar: estava desapontada por ainda não ter visto o seu futuro noivo.

— Eu que agradeço. Se todas as moças dançassem com tanta suavidade quanto a senhorita, eu apreciaria dançar pelo resto dessa noite — elogiou e sorriu discretamente, conduzindo-a para uma das laterais do salão, onde havia menos convidados. Fez outra reverência e se retirou.

— Mentiroso! — Joana ouviu a voz do pai gritar e depois o viu surgir do meio dos convidados. Ele estava furioso. Atrás dele vinham a esposa, as filhas e...

— Senhor Phillip!? — Joana expressou-se em voz alta ao ver Alexandre.

— Pois não, senhorita — Phillip Motier voltou-se novamente para ela, ao ouvir que chamara pelo seu nome, ao mesmo tempo em que se dava conta de que não havia dito para ela o seu nome.

Não houve tempo para nenhuma explicação. Quando deu por si, Frederico Hour estava ao lado de Joana, muito nervoso, avisando que iriam embora naquele minuto. Alexandre estava sem a máscara e Sophie chorava nos ombros da mãe. Amália e Rebecca apenas acompanhavam tudo em silêncio, mas visivelmente assustadas.

— O que aconteceu? — Joana perguntou ao perceber como estavam

históricos. Phillip parou em seu trajeto ao ver que havia algo de errado e ficou atento.

— Não pergunte nada. Vamos para casa — Frederico Hour voltou a dizer, procurando comedir sua voz, para não chamar mais atenção dos convidados do que já havia chamado.

— Senhor Hour. Deixe-me terminar de explicar ao senhor — Alexandre clamava.

— O senhor não ouse me dirigir a palavra. — Ele quase gritou. Joana assustou-se com aquela atitude do seu pai. Anastasia segurou em suas mãos e começou a puxá-la para fora do salão, acompanhada das filhas e do esposo.

— Senhorita Joana! Senhorita! — Alexandre chamava tentando alcançá-los. Ela olhou para trás e encontrou um semblante desesperado, esbarrando em alguns convidados e quase empurrando outros. — Eu a amo, senhorita! Eu a amo. Não se esqueça! — Ela conseguiu ler as palavras em seus lábios. A voz era aplacada por uma animada dança que tocava no salão.

Alexandre só parou quando sentiu alguém segurar seu braço. Olhou para trás e encontrou Phillip.

— O que aconteceu? Algum problema com aquela família que saiu agora há pouco daqui?

— Sim — Alexandre soltou o ar com força. — Preciso lhe falar, e desta vez precisa me ouvir ainda hoje. Não posso dormir com isso preso em mim — disse com o semblante desconsolado. Phillip sentiu logo que, o que quer que fosse, era grave e estava deixando Alexandre atormentado.

— Falaremos dentro de alguns minutos em meu gabinete. Espere-me lá — Phillip pediu.

Capítulo 15 - Desculpas

— Estou ouvindo — Phillip disse ao ver que Alexandre dava voltas no gabinete e não dizia nada.

— Não sei como encontrar as palavras certas para dizer isso — suspirou nervoso.

— Apenas diga.

— Qualquer palavra que eu diga será insuficiente para contar-lhe o que me atormenta...

— Alexandre, diga de uma vez — Phillip perdeu a paciência.

— Há aqui na região um senhor chamado Frederico Hour — Alexandre começou a contar, ainda andando pelo gabinete de forma compulsiva. — Ele é dono de uma pequena porção de terra, onde planta trigo e tem alguns animais...

— Sim... — Phillip ouvia com atenção e curiosidade, sentado em sua cadeira e apoiado sobre os cotovelos em cima da mesa.

— Estive na casa desse senhor levando o convite do baile, logo nas primeiras semanas que aqui cheguei. Ao que tive um encontro embaraçoso com a sua esposa, Madame Anastasia, que prontamente confundiu-me com você.

— Comigo? Por quê?

— As pessoas dessa região não o conhecem, nem ao menos por retrato. Só sabem que é o novo herdeiro dessa propriedade e que tem dois irmãos, todos jovens...

— Prossiga. E pare de andar, estou ficando tonto! — impacientou-se. Alexandre parou e sentou-se em uma poltrona, de frente para Phillip.

— A senhora Anastasia julgou que eu era Phillip Motier e chamou-me para jantar com a família naquela noite — disse ele, fazendo franzir o cenho de Phillip. — Disse que eu deveria entregar o convite nas mãos do marido. Tentei argumentar e dizer-lhe que se enganara em relação a mim, mas ela falava tanto e interrompia-me a cada fala. Jamais vi coisa igual. Aceitei o convite para jantar, vendo como uma oportunidade de desfazer o mal-entendido. Porém, naquela noite, o senhor Hour juntou-se com a esposa e puseram-se discorrer elogios a mim e...

— A mim, no caso — Phillip observou.

— Sim, a você, pois me confundiram com...

— Já disse isso — Phillip o interrompeu. — Então, depois de desfeito

o mal-entendido, deram boas risadas?

— Não, não desfiz o mal-entendido. Foi aí onde começou todo o meu erro — Alexandre afundou o rosto em suas mãos.

— Não desfez? Por quê? — Phillip perguntou com mais severidade.

— Primeiro porque sequer tive a oportunidade de abrir a boca. O senhor Hour tinha urgência em falar sobre seus negócios, sobre política e sobre as suas filhas... Fiquei sem reação. Até mesmo constrangido em dizer que estavam enganados e foram precipitados. Acabei por julgar que não os veria mais depois daquela noite, então deixei que ficassem com aquele pensamento errado e que tão logo seria desfeito, com a sua chegada.

— E ao que me parece ter ocorrido hoje, neste baile?

— Sim — confirmou envergonhado.

— Está me dizendo que deixou que aquela família inteira pensasse que você era... eu?

— Sim — confessou. — Eu jamais pensei que tudo tomaria tal proporção que tomou. Eu...

— Que atitude inconsequente, Alexandre! — Phillip disse em bom tom. — Só não o acuso de ser leviano pois conheço sua índole. Porém foi fraco, saiba disso. Que homem não consegue sequer dizer quem é? Se não fez, não culpe a falta de oportunidade. Mal-entendido? A essa altura ainda podemos chamar assim?

— Phillip, eu não quis me passar por você para receber elogios e jantares em seu nome — defendeu-se. — Aliás, eu nunca quis que isso chegasse a tal ponto. Posso imaginar que está tendo agora o pior julgamento sobre mim, e não tiro a sua razão, mas garanto que meus motivos para não ter contado tudo logo, foram muito... pessoais e... — Ele buscava as palavras certas.

— Diga logo, Alexandre! — exaltou-se. — Enganou aquela moça que chorava no ombro da mãe. Foi isso? Era por isso que ela chorava?

— Não! Acredite, foi ela quem me enganou.

— Aquela moça o enganou? De que forma? — Ele não entendeu.

— É dissimulada. Arruinará a minha vida! — Ele lamentava-se.

— Eu não estou entendendo. Não está dizendo coisas com sentido, Alexandre. Está transtornado. Vá descansar e amanhã poderemos conversar melhor. Pensarei no que devo fazer em relação a isso, já que o meu nome foi

diretamente envolvido.

— Tem razão. Estou muito aflito com o que houve. Peço-lhe, meu amigo, as mais sinceras desculpas pela minha falha, que como disse, foi um ato puramente inconsequente — falou retirando-se do escritório de Phillip.

Alexandre estava sem sono. Teria sorte se conseguisse dormir naquela noite, ou até mesmo nas noites seguintes. Foi até o coreto que ficava na ala norte do jardim e pôs-se a olhar o movimento ao longe. Viu que o terreno da propriedade aos poucos ficava cada vez mais vazio. A maioria dos convidados estava indo embora.

As pessoas saíam dali felizes, mas ele não tinha motivos para se alegrar. Seu coração queimava por imaginar o que seria feito da pouca estima que Joana lhe tinha. Onde estivera durante o baile, que ele não a viu? O que Sophie e os pais de Joana fariam para ela sobre o que houve? Por que Sophie estava usando a flor que ele enviara à Joana?

Atormentado rumou para o seu aposento, andando desnortado pelo jardim e depois pelos enormes corredores da mansão Motier. Ao passar pelo aposento de Caroline ouviu vozes, então parou e apurou os ouvidos, para ter certeza. Uma pequena centelha de luz passava por debaixo da porta. Ele ouvia a voz da irmã. Parecia que falava com alguém.

— Caroline? — chamou sussurrando, dando leves batidas na porta do aposento. — Está acordada?

Quase um minuto inteiro de silêncio marcou presença antes de finalmente ela responder:

— Alexandre? O que foi? — perguntou abrindo poucos centímetros da porta, somente o suficiente para espiar o irmão.

— Você está com alguém aí? — perguntou tentando ver por detrás da irmã.

— Está louco? Estou me preparando para dormir. Já estou em trajes indecentes meu irmão, senão abriria a porta para falarmos melhor.

— Eu escutei você falar, Caroline — repetiu desconfiado.

— Estou cantarolando, irmão. Acabo de vir de um baile. A música ainda está em mim. Estou apenas feliz — disse e o reprimou com os olhos.

— Está certo — convenceu-se. — Boa noite.

— Boa noite, Alexandre. — A porta se fechou e ela respirou fundo.

[...]

— Ele já foi? — disse alguém no interior do aposento, sorrindo com o canto dos lábios.

— *Shhh!* — Caroline pediu que ele falasse mais baixo. — O que eu diria para meu irmão se ele o visse aqui? — falou com firmeza, porém quase sibilando.

— Seu irmão tem os ouvidos muito atentos. — Ele falou, caminhando para perto dela e olhando-a com intensidade.

— O senhor foi muito atrevido em vir até aqui. — Ela fez menção de desviar-se dele, mas não obteve êxito. Seu corpo era grande o suficiente para quase pressioná-la contra a parede.

— Pensei que quisesse que eu viesse — respondeu alisando sua face.

— Eu disse isso? — Ela estremeceu com o toque.

— Seus olhos me disseram. O seu corpo me disse..., desde que cheguei aqui nesta propriedade — envolveu-a com seus braços.

Caroline relutou em aceitar o toque apenas por poucos segundos, tomada pela surpresa, mas logo estava completamente desejosa de se manter ali. Ele beijou-lhe o queixo, o pescoço, os ombros e todo o caminho da curva do seu decote. Ela arquejou de prazer com o toque aveludado daqueles lábios e das suas mãos experientes que passeavam por seus ombros, despindo-a com agilidade da primeira camada do vestido que usava. Enquanto a acariciava ele entrelaçou os dedos pelas fitas do espartilho de Caroline, afrouxando o tecido e deixando os seios dela quase à mostra.

Ela repousou as mãos nos ombros largos dele e sentiu a firmeza e força com que ele a segurava. As mãos dele avançavam sobre seu corpo, apertando sua cintura ao mesmo tempo que se livrava do casaco e do colete que usava. Caroline deu alguns passos para trás, tentando resistir ao calor e ao desejo que lhe consumia. Recostou-se na parede e encarou aqueles olhos azuis e ardentes, inflamados pela excitação. Ela segurava entre as mãos o espartilho, aberto às costas, para que não caísse por completo e revelasse a nudez de seus seios. Vestia-se, além do espartilho, apenas com uma volumosa anágua *Petticoat*. Ele continuou onde estava, com a respiração ofegante. O subir e descer de seu peito era visível.

— Precisa ir embora... — Ela pediu.

— Suas palavras não me convencem, senhorita, mas eu vou — falou recolhendo o casaco que estava no chão e o vestindo. — Eu vou, porque

quando estiver nos meus braços novamente, irá implorar para que eu não pare.

Caroline permaneceu imóvel, com o rosto completamente ruborizado e o corpo quente e trêmulo. Antes de sair ele espiou com cautela o corredor da mansão, para ver se era seguro sair dali sem ser visto.

— *Au revoir, mademoiselle* — disse ele antes de sair, lançando um olhar perturbador na sua direção.

Capítulo 16 - Mentira

Sophie ainda chorava nos ombros da mãe, dentro da caleça, enquanto Rebecca e Amália vinham em silêncio, apenas entreolhando-se confusas. Frederico Hour tinha o rosto completamente avermelhado, tamanha a raiva que estava sentindo, e Joana continuava a exigir deles alguma explicação.

— Não vão me dizer o que houve? *Mon Dieu*, Sophie, pare de chorar! Eu não estou entendendo nada! Por que saímos do baile daquela forma? E o

senhor Phillip estava tão perturbado. Eu o vi discutindo com o senhor, papai...

— Não fale mais daquele desvalido! Infame! Farsante! — Frederico Hour ia despejando uma lista de insultos.

— Farsante? — Joana balançou a cabeça, confusa. — Todos aqui sabem o que aconteceu, então devem me contar! — exigiu nervosa.

— Joana, você gostava do seu noivo? — Rebecca perguntou em baixo tom e com olhos apiedados.

— O quê? Por que essa pergunta? — Ela estranhou a forma como a irmã a questionou e o tempo verbal daquela pergunta. *Gostava?*

— E se ele não fosse exatamente quem você pensou que fosse? — inquiriu em seguida, procurando ter cuidado com as palavras.

— E por que o senhor Phillip não seria o que penso que é? O que de tão grave aconteceu esta noite? — perguntou, cada vez mais mal-humorada.

— Esse homem nem ao menos é Phillip Motier! — Frederico berrou. — Não posso mais sequer ouvir falar desde senhor, dirigindo a ele este nome que não o pertence — exasperou-se.

Um tremor percorreu o corpo de Joana ao ouvir aquela afirmação. Nada fazia sentido. Precisava de respostas urgentes. E por que Sophie ainda chorava?

— Eu não compreendo, meu pai... — Ela buscou os olhos do pai.

— Desconsidere o seu compromisso com esse senhor. Ele é um mentiroso que procurou enganar a todos nós. E pior de tudo, desonrar nossa família — disse olhando para Sophie.

— Desonrar? O que Sophie tem a ver com tudo isso? E... como o senhor Phillip pode não ser...? — Ela procurava entender.

— Ele me beijou! — Sophie disse trêmula, fazendo Joana paralisar. — Conduziu-me para o corredor afastado do baile e declarou-se. Disse que preferia a mim do que você! — falou enxugando os olhos e impondo um olhar soberbo sobre Joana.

Joana sentiu uma leve vertigem ao ouvir aquelas palavras. O seu estômago revirou-se como se um vento forte e frio passasse por dentro dele e seu coração parecia ter quebrado ao meio. Seus olhos brilharam, devido às pequenas gotículas de lágrimas que se formaram, mas que ela soube segurar.

— E depois, minha filha, ele revelou que não era Phillip Motier, mas

sim apenas um amigo de Phillip — Anastasia disse com pesar. — E ainda assim tentou fazer com que voltássemos a acreditar nele, dizendo que nunca teve intenção de nos enganar! — Ela lembrou com irritação.

— Três meses!! — Frederico vociferou. — Três meses convivendo conosco, mentindo, e tudo para quê? Enganar-nos e ter um casamento proveitoso para ele, é claro! — chegou à conclusão. — Esse senhor deve ser um pobre desvalido que vive às custas do amigo herdeiro!

O trajeto até a sua casa parecia interminável. Joana estava atordoadas com aquelas informações. Ouvia fragmentos das conversas, e sua cabeça rodava e sacudia junto com a caleça, tremendo e dando solavancos em meio à escuridão. Se a iluminação fosse melhor, veriam que uma discreta lágrima correu em sua face, e ela procurou enxugá-la com a ponta dos dedos antes que caísse por completo.

Assim que a caleça parou, Joana foi a primeira a descer. Se não fosse uma noite tão fria e escura, ela correria para o bosque, esconder-se-ia de todos até que sua mente voltasse à compreensão. Mas ela não correu, andou até o seu aposento como se estivesse mergulhando em uma calma e plácida lagoa congelante, que a deixaria cada vez mais fria em relação ao amor.

— Você viu? — Joana perguntou para Rebecca quando estavam somente as duas no aposento que dividiam.

— O quê?

— Viu ele a beijar? — Joana segurou o castiçal ao lado da cama e sentou-se virada para a irmã. Ainda vestiam a roupa do baile.

— Eu vi, sim — Rebecca confirmou, baixando os olhos. — Fui eu, Joana, quem chamou papai e Amália até aquele corredor. Eu não sabia de quem se tratava. Estava tão escuro... Eu estava observando as moças dançando, ansiosa para que alguém viesse me convidar, quando vi Sophie girando pelo baile, acompanhada de um jovem que há pouco havia escrito o nome no cartão de baile dela...

— E o que viu exatamente? — questionou decidida.

— Eu o vi conduzir Sophie para o corredor e sumirem da minha vista. Fiquei preocupada e alertei mamãe e papai. Então quando fomos até lá... — Ela fez uma pausa.

— Fale, Rebecca. Pode me contar! — exasperou-se. — E pare de olhar para mim com pena. Sabe que aceitei me casar com ele por insistência de nosso pai, não sabe? — perguntou, procurando acreditar no que dizia.

— Eles estavam se beijando, à meia luz, sozinhos naquele corredor — Rebecca disse e o coração de Joana se apertou ainda mais.

— E o que houve depois?

— Papai e mamãe gritaram e ele ficou muito assustado, e enquanto nossa mãe dizia o quanto estava decepcionada, ele tentou se defender. Foi quando pudemos perceber, pela voz, de que era.... Era ele — incomodou-se em repetir aquele nome. — Agitado, ele começou a falar que não era Phillip e que precisava contar toda a verdade. Falou que a amava, Joana...

— Amava a mim? — Ela riu sem força. — Esse senhor é louco?

— Eu não sei Joana, mas até me pareceu ser verdadeiro. Se você visse como ele estava transtornado. Estava a ponto de cair no chão, de tão mal.

— Como disse nosso pai, ele é um farsante. Finge muito bem... — Joana disse, ainda tentando digerir toda aquela história.

A conversa foi interrompida por Anastasia, que entrou no aposento acompanhada de Amália e Sophie. Elas já estavam trajadas para dormir e Sophie ainda se segurava nos ombros da mãe.

— Conte tudo para suas irmãs — Anastasia pediu à Sophie. — Vamos, diga tudo o que aconteceu, para que fique bem claro que aquele senhor está totalmente impedido de dirigir uma palavra sequer para qualquer um dessa casa.

Joana encarou a irmã. Sophie já havia parado de chorar, mas ainda estava com os olhos muito avermelhados.

— Não precisa fazê-la repetir tudo — Joana interveio. — Rebecca acabou de me contar exatamente o que houve. E acho que talvez isso tenha servido como lição ao nosso pai.

— Não fale do seu pai assim. Já está sofrendo o suficiente, sentindo-se envergonhado... — Anastasia reclamou.

— Envergonhado? Pois é bom que esteja! — Joana descontou todo o peso da sua revolta naquelas palavras. — Meu pai quis me obrigar a casar-me com um homem que ele nem ao menos sabia quem era, apenas por acreditar que fazia um casamento lucrativo — afirmou audaciosa.

— Seu pai só quis o seu bem. O seu e de todas as suas irmãs!

— Há tempos ouço isso! E veja no que deu? O meu bem? — riu com nervosismo. — Por que não nos deixam escolher o que nos faz bem? — jogou-se exausta em sua cama, afundando as mãos no rosto. — E Sophie, está bem? — Ela encarou a irmã.

— Estou... assustada... com o que houve — respondeu desviando os olhos dos de Joana.

— Eu não entendo! — Joana tornou a falar. — Papai disse que ele voltasse a sua atenção para Sophie, que pedisse a sua mão em casamento... — Ela procurava reorganizar seu pensamento. — Por que ele não aceitou a proposta e casou-se com ela? Se ele se declarou apaixonado... — falou aquelas palavras com pesar. — Então, por quê? — Joana não entendia.

— Porque é um homem de mau-caráter — Anastasia disse. — Há muitos homens assim. Enganam as moças para tirar delas o que querem... Depois mostram-se como são verdadeiramente, e então é tarde para muitas... Ficam à beira da sociedade, desonradas e tornam-se uma vergonha para a família.

— Sophie, por que deixou que ele a conduzisse para fora do salão? — Joana perguntou com firmeza. — Como ele conseguiu distingui-la entre todas as outras moças naquele baile? Vocês tinham combinado algo? Tinha se encontrado com ele? — inquiriu com ainda mais vigor, tomada de angústia.

— Não! Eu jamais me encontrei com ele a sós antes — Sophie garantiu. — Confesso que levava comigo a possibilidade de ele escolher a mim como noiva. Eu via como ele me olhava sempre que vinha até a nossa casa — falou com malícia. — Pensei que estivesse interessado em mim, por isso surpreendi-me quando ele disse ao papai que queria cortejá-la, Joana.

Ele a olhava? — Joana sentiu ciúmes.

— Realmente há algo de muito estranho nas atitudes desse senhor — Rebecca atentou-se. — Também não entendo... Ele parecia realmente apaixonado por Joana.

— Algumas semanas antes do baile recebi um presente — disse Sophie interrompendo as palavras de Rebecca. — Esta flor que usei no baile, recebi dele — contou abrindo a mão e mostrando o broche de rosa branca. — Ele disse para eu usar esta flor para que ele pudesse me encontrar entre as moças do baile.

— Quando ele lhe deu isso? — Joana quis saber, voltando a sentir um mal-estar.

— Mandou o cocheiro entregar há algumas semanas. Veio junto com um bilhete assinado por ele e endereçado a mim. Eu usei porque estava encantada por ele e Joana afirmava a todo instante de que era indiferente a ele.... Eu só usei a flor pois sabia que Joana não o amava — lançou um olhar inquisidor para a irmã.

— Então, por considerar que sabe muito sobre os sentimentos das pessoas, você deixou ser conduzida pelo noivo da sua irmã até um corredor escuro, onde deleitou-se com os beijos dele? — Joana falou austera, sentindo seus lábios tremerem e uma grande indignação crescer dentro de si.

— Vocês ainda não eram noivos! E ele me enviou esta flor antes de fazer o pedido ao nosso pai — disse Sophie. — Por isso chorei, por isso andava triste, confusa. Fiquei me indagando o porquê de ele ter pedido a mão de Joana, quando há poucos dias havia me enviado a flor. Decidi arrancá-lo do meu coração. Usei a flor para que ele viesse até mim no baile e então eu pudesse dizer que se afastasse, que não me fizesse sofrer mais... E veja — disse entregando o seu cartão de baile para Joana —, eu não sabia de quem se tratava. Ele veio até mim com o nome verdadeiro.

— Alexandre Franz? — Joana encarou aquela letra bem desenhada escrita no cartão de baile da irmã. — Então, o nome dele é Alexandre? — sentiu vontade de chorar.

— Sim. Por isso, no início pensei que estava dançando com outra pessoa. Não pude perceber com facilidade que estava sendo levada para o outro lado do salão. Ele me conduzia com maestria, envolvendo-me com seus olhos negros. Quando nos afastamos do centro do salão fui surpreendida com suas mãos me levando para o corredor.

— Ele a forçou ir? — Amália perguntou horrorizada.

— Não, ele apenas me conduziu e eu fiquei sem reação. Meu coração quase parou quando ele se revelou e começou a dizer que, na verdade, gostava de mim e que faria o que fosse preciso para voltar atrás com sua decisão de casar-se com Joana. Ele disse que Joana era muito tempestuosa e que ele não merecia casar-se com alguém com tão frios sentimentos — disse sem piedade, encarando a expressão de Joana. — Disse que...

— Chega! — Joana pediu consternada. — Eu não preciso ouvir mais nenhuma palavra sequer sobre isso! — sentiu uma pontada no peito, como se tivesse sido atingida por uma cruel adaga. Ao lado da sua cama o cartão de baile que havia usado repousava sobre o criado-mudo. Joana o pegou e o

abriu, aproximando-o do castiçal para enxergar melhor. O que viu a deixou surpreendida.

— Eu ainda não consigo entender — Rebecca voltou a questionar. — Por que uma pessoa age com tanta leviandade assim? Ele enganou até mesmo a mim, que jurei que o amor que sentia por Joana era verdadeiro. Se tudo era uma farsa, por que ele contou tudo no baile? Por que enfim decidiu revelar quem era de verdade? Por que não continuou a nos enganar, já que jamais desconfiamos dele?

— Ele disse que gostaria de ser sincero comigo a partir daquele momento, e que não havia mais razões para mentir — Sophie falou. — Disse que seu nome era Alexandre e só ocultou sua verdadeira identidade para ganhar tempo até conseguir me conquistar...

— Não! Ele só contou a verdade porque o verdadeiro Phillip chegou — Joana disse ao constatar aquele nome escrito em seu cartão de baile: Phillip M. Era o nome do único jovem com quem dançara naquela noite, o jovem dos olhos azuis mais perturbadores que Joana havia visto.

Capítulo 17 – Coração partido

Alexandre não conseguiu dormir naquela noite. As cenas do baile iam e voltavam em sua cabeça, atormentando-o. Assim que amanheceu desceu do seu aposento, passou pela sala e viu ao longe, através da janela, Caroline caminhando sozinha pelo jardim. Decidiu ir até ela e contar tudo o que havia acontecido, sem ocultar nada, desde o dia em que chegara ali. Não sabia exatamente o quanto confiar na irmã, mas estava desesperado e precisava de conselhos. Esperava que ela tivesse algum bom para lhe dar.

— Caroline — Alexandre a chamou descendo os degraus da mansão e a encontrando perto dos arbustos de cercas-vivas, que formavam um corredor até o meio do jardim.

— *Bonjour* — sorriu ao vê-lo. — Estou magoada com meu irmão — disse fazendo uma expressão desolada enquanto percorriam o amplo quintal.

— Magoada? Por quê?

— Depois que nos falamos ontem no baile eu não tornei a vê-lo. Havia deixado uma dança reservada para você — disse ela, passando seu braço entre o braço esquerdo do irmão.

— Ah, o baile... — proferiu aborrecido.

— O que foi? Não apreciou o baile? A julgar por sua expressão, acho que não.

— Não, não o baile em si...

— Então o que aconteceu? Percebo que está aflito. E mais do que isso, parece abatido. Não dormiu bem esta noite?

— Eu nem dormi esta noite — confessou desalentado. — Lembra-se da moça...

— A moça da vila dos camponeses? — Ela o interrompeu. — A que eu segui após vê-los juntos e descobri que era filha daquele senhor que esteve certa vez aqui nesta propriedade e que o chamava de...

— Isso, Caroline, essa moça. — Foi a vez dele de interromper.

— E o que tem ela? — inquireu.

— Vou lhe contar... — disse ele, resolutivo.

Então ela ouviu tudo com atenção, erguendo as sobrancelhas e arregalando os olhos em algumas partes da narrativa, rindo em outros momentos e quando Alexandre terminou de contar, ela parecia tão absorta que ele já não sabia se ela estava pensando em algo para ajudá-lo ou se sua mente já havia voado para outro lugar.

— Ainda está me ouvindo? — Alexandre perguntou.

— Sim, estou.

— E o que me diz?

— Que está mesmo enrascado, meu irmão. E veja bem — soltou o braço de Alexandre e gesticulou —, essa moça, Joana, não serve para você. Sabe bem que pode arrumar uma noiva de posição muito melhor.

— Ah, Caroline! Não me ouviu? Eu amo essa moça! — declarou. — Amo verdadeiramente! Eu que não sou digno dela! — falou em bom tom. — Perceba a minha aflição, Caroline. Estou como um louco, sem saber o que fazer, e tudo o que tem a me dizer é que ela não serve para mim? Como pode dizer isso, se depende dela toda a minha felicidade?

— Ah, meu irmão.... Desculpe-me — pediu olhando para ele e constatando sua sinceridade. — Então somos duas criaturas arrebatadas pelo

amor...

— Sim, sinto-me agrilhado pelas correntes do amor — declarou. — E quanto a você, cara irmã, volto a sugerir que esqueça Phillip.

— Se eu pedisse que esquecesse essa moça, Joana... A esqueceria? — indagou. Ele apenas balançou a cabeça em negação. — E diga-me, o que Phillip pensa a respeito disso tudo? Já que agora ele sabe o que aconteceu...

— Custou a me entender, e mesmo agora ainda tem o equivocado pensamento de que usei seu nome para me aproveitar de Sophie.

— Por que Phillip pensaria isso?

— Ele a viu chorar no baile. Isso o fez imaginar que eu a magoei. Juro Caroline, nunca dei sequer qualquer sinal de interesse por Sophie. Disse isso inclusive para o senhor Hour...

— Essa moça é perigosa, meu irmão — Caroline concluiu.

— Perigosa, por quê?

— Porque são perigosas as moças apaixonadas e traiçoeiras. Posso afirmar com confiança de que ela planejou essa situação constrangedora que acabou de me narrar.

— Sim! Tem razão! Sophie estava usando o broche que enviei para Joana. Era a forma que encontrei de distingui-la entre todas as moças do baile. Não fosse por isso eu jamais a teria beijado. Foi por causa do broche que me confundi...

— Então... Ela pode ter roubado o broche de Joana?

— Não sei, a senhorita Joana teria visto o broche na irmã... E o *cocher* garantiu que entregou para a ela, em mãos.

Alexandre ainda conversava com Caroline no jardim quando Phillip desceu as escadarias da mansão e fez sinal para o cocheiro. Instantaneamente Alexandre soube que ele iria sair. Em seguida Patric também desceu as escadas e parou junto do irmão.

— Phillip!? — Alexandre chamou ao longe, fazendo sinal para que o esperasse. — Vai sair?

— Sim — limitou-se a dizer. Alexandre continuou a olhá-lo e esperar que dissesse algo mais. — Eu vou até o vilarejo, na casa do senhor Hour, desculpar-me pessoalmente. Embora tudo tenha ocorrido longe do meu conhecimento, devo fazer isso.

— Então vou acompanhá-lo. Preciso com urgência explicar-me a eles.

— Não, não. Desta vez eu vou sozinho — Phillip avisou. — Quer dizer, vou acompanhado de Patric, apenas. É prudente fazer isso, visto que o senhor Hour deve estar ainda muito afetado pelo ocorrido. Se o ver é capaz de matá-lo.

— Ele não faria isso...

— Quem há de saber? Deixe-me falar com ele e verei como reage.

— Certo... Mas antes de ir, deixe-me dizer que garanto que nunca fiz nenhum mal para aquela moça, Sophie. O senhor Hour queria que eu a desposasse, mas falei a ele que meu interesse era por sua filha mais velha... — Alexandre contou, surpreendendo Phillip.

— Pelo que vejo, esse equívoco, somado a sua fraude não planejada, foi muito mais longe do que eu imaginei. Como pôde tencionar cortejar uma das filhas daquele senhor usando meu nome?

— Não contesto a minha culpa, jamais o farei — Alexandre disse com firmeza. — Porém mesmo que eu estivesse vivendo uma mentira maior, tudo o que senti e sinto pela filha mais velha do senhor Hour sempre foi verdadeiro.

— Tudo bem, o defenderei como puder — Phillip garantiu, apoiando as mãos nos ombros de Alexandre. — É, as mulheres continuam sendo o seu ponto fraco, não é?

— Meu ponto fraco hoje tem nome e sobrenome. E provavelmente vocês a verão quando chegarem à casa do senhor Hour. Diga-lhe que sofro com o que houve e tentarei uma forma de me desculpar — Alexandre disse quando Phillip e Patric já estavam acomodados no interior da caleça. — Seu nome é Joana! — gritou para a caleça que já estava se afastando. Foi Patric quem assentiu com a cabeça e sorriu em resposta.

A moça com quem dancei no baile? — Phillip perguntou para si mesmo ao ouvir aquele nome.

As irmãs Hour estavam todas na sala. Sophie e Amália distraíam-se com um bordado, enquanto Rebecca brincava com um gatinho, ainda filhote, que passeava pela janela da casa, aprendendo a se equilibrar. Joana estava afundada em seus pensamentos, enquanto segurava um livro aberto no colo e fingia que o lia.

— Não vai virar a página desse livro? — Rebecca perguntou à Joana, aproximando-se enquanto segurava o gatinho no colo.

— Deixe-me, Rebecca — pediu com desânimo. — Distraio-me lendo essas linhas, mesmo que elas não façam sentido.

— Assim como não tem sentido tudo o que houve — disse Rebecca.

— Melhor assim, não é? Agora papai não me imporá outro casamento sem meu consentimento e terá mais cuidado em quem confia — Joana disse circunspecta.

— Eu não sei, Joana. Não acho que deva se fechar ainda mais para os sentimentos verdadeiros.

— E quais sentimentos são verdadeiros? — inquiriu firmemente. — O amor é um privilégio para poucas de nós, Rebecca. É um sonho vago, incerto. Na maioria das vezes, nos casamos porque nossos pais acham que aquele casamento é ideal para seus negócios. É um acordo. Os verdadeiros sentimentos não têm espaço para entrar no acordo, tampouco sobrevivem em meio às mentiras.

— É tão triste que seja assim — Rebecca suspirou. — Mesmo sendo como você diz, um privilégio para poucas, eu ainda sonho com um amor de verdade.

— Os sonhos... — Joana sorriu inabalável. — É melhor ficar com a realidade. Mas isso é algo que digo para mim — Joana ponderou ao perceber que estava sendo dura demais ao expressar a sua opinião para a irmã, que era tão doce e sonhadora. — Você está com os olhos brilhantes demais, Rebecca. Algo relacionado aos sonhos, ou aos sentimentos verdadeiros?

— Não. Apenas um *quase* sonho — Rebecca olhou para o alto e sorriu serenamente.

— Um quase sonho?

— Sim. Sonhei muito com o baile. Imaginei que algum cavalheiro me convidaria para uma valsa e então dançaríamos como se o salão fosse apenas nosso. Nossos olhos se encontrariam e ele se apaixonaria por mim mesmo sem ver o meu rosto.

— Oh, Rebecca, sinto muito que o seu primeiro baile não tenha sido como imaginou.

— Tudo bem, como eu disse, foi um quase sonho. Um cavalheiro veio até mim, parecia ser tão belo, seus olhos eram azuis como safiras e seu sorriso era doce e jovial. Ele convidou-me para uma dança, mas precisei

declinar quando vi...

— Eu sei, foi quando viu o falso Phillip levar nossa irmã para fora do salão — Joana disse e Rebecca percebeu que ela não falou com indiferença, mas sim com ressentimento, parecia esforçar-se para não pronunciar o nome de Alexandre.

— Sim. Pedi desculpas a ele e recusei a dança com o coração partido. Seria a primeira vez que algum homem tocaria em minhas mãos. Minha primeira valsa — suspirou.

— Sinto muito. Veja, até nisso esse senhor... enganador, causou-nos uma desagradável situação.

— Você tem certeza de que não está sofrendo, Joana? Mesmo que não o amasse, mas todos nos sentimos enganados e tristes...

— Tenho certeza — disse tentando parecer firme. — Para mim esse homem é apenas um detestável mentiroso e quanto menos falarmos dele, melhor — pediu com as faces ruborizadas.

Pouco tempo depois uma criada anunciou que tinham visita, e qual foi a surpresa de Frederico Hour quando soube que era Phillip quem estava em sua casa. Seu primeiro ímpeto foi o de buscar a pistola na gaveta do seu escritório para defender a honra das filhas. Logo depois, recobrou a consciência e, mais calmo, percebeu que haveria de se tratar do verdadeiro Phillip, já que o outro não teria a audácia de voltar ali.

Do lado de fora da casa, Patric viu uma moça brincando com um gatinho. Não era bonita, mas sorria com doçura para o bichano enquanto assegurava-se de que ele não iria cair da janela. Frederico Hour pediu para a criada receber Phillip e o encaminhar para a sala de estar, onde estavam todos da família.

Phillip e Patric acompanharam a criada e quando puseram seus pés na sala, sentiram pelo menos seis pares de olhos a encará-los.

— Senhor Phillip? — disse Frederico, caminhando na direção dos irmãos Motier e titubeando para qual dos dois deveria dirigir-se.

— Prazer, eu sou Phillip Motier, e este é meu irmão Patric — apresentou-os formalmente. — Perdoe-me vir sem comunicar, porém, o assunto que me traz aqui não me deixou outra alternativa senão vir o quanto antes e esclarecer alguns acontecimentos.

— Sei do que se trata, se preferir podemos falar em meu escritório.

Antes deixe-me apresentar minha família. Minha esposa Anastasia, e minhas filhas Amália, Rebecca, Sophie e Joana — apresentou-as de acordo com a disposição em que estavam no sofá.

Joana, a moça a quem Alexandre se referiu — Patric atentou-se, admirado com a beleza dela.

A moça com quem dancei no baile! Sim, era este o seu nome, Joana! — Phillip recordou, olhando-a bem a fim de reconhecer nela os traços dos olhos e lábios, os quais tanto olhou enquanto dançavam.

Capítulo 18 - Aqueles olhos

As quatro filhas de Frederico Hour curvaram levemente a cabeça cumprimentando os irmãos Motier. Quando Joana levantou novamente o olhar, encontrou dois pares de olhos azuis a encará-la. Tanto Patric quanto Phillip olhavam-na sem discrição, o que prontamente foi percebido por Sophie, que acompanhou tudo com desagrado.

Phillip e Patric acompanharam Frederico Hour até o seu escritório e lá se acomodaram em poltronas dispostas ao lado de uma mesa, logo atrás de uma pequena biblioteca particular. O senhor Hour observou que os irmãos eram parecidos; tinham a mesma cor clara de pele, os mesmos olhos azuis de um tom raro, a mesma altura e a mesma cor de cabelo. No entanto, Phillip tinha o corpo mais robusto, forte, e sua voz era mais grave, falava manso e pausadamente, tinha um refinamento incomum. Patric, por ser mais novo, tinha a pressa nos gestos e palavras, era vibrante em sua alegria. Fisicamente tinha o corpo magro, os cabelos loiros e ondulados e uma vivacidade que se notava logo pelo seu olhar.

— Senhor... Hour — Phillip começou a conversa, falando pausadamente a fim de ganhar tempo para organizar suas palavras —, ontem, no baile... o que aconteceu foi muito...

— Chocante, odioso, repulsivo — Frederico recomeçou a sua lista de insultos.

— Calma, senhor. Sim, foi muito desagradável. O que quero lhe dizer, e por isso vim até aqui, é que isso ocorreu totalmente fora do meu conhecimento — disse Phillip.

— Não o questiono por isso, mas sim por ter em sua confiança um homem tão miserável e mentiroso como esse senhor... Alexandre — retorceu os lábios. — Sinto uma tontura só em citar este nome.

— O senhor Alexandre cometeu um grave erro — Phillip concordou. — Não pretendo retirar qualquer culpa que ele realmente tenha, mas não posso deixar de mencionar que esse ato me deixou completamente surpreendido...

— Alexandre — Patric o interrompeu — não é o tipo de homem que não inspire boa reputação. Ele é mais do que alguém de nossa confiança; é um amigo que estimamos desde a infância. Por isso não considero justo que o ofenda de tal maneira — disse serenamente ao senhor Hour.

— O senhor é que me ofende — Frederico avermelhou-se. — Tenho eu todo o direito de desferir minha indignação por esse homem, o qual o senhor chama de seu amigo. Ele enganou a mim e a toda minha família, passou-se pelo seu irmão, seduziu as minhas duas filhas mais velhas... — disse furiosamente dirigindo seu olhar à Patric.

— Aí está algo que ainda não entendi — disse Phillip. — Recordo-me que no baile uma de suas filhas chorava nos ombros da mãe. O que exatamente aconteceu com ela?

— Constanço-me em dizer, mas... minha filha, inocente como é, foi seduzida e conduzida até um corredor de sua propriedade, onde foi beijada contra a sua vontade por esse senhor, Alexandre. Seu amigo não lhe contou?

Phillip recordou as palavras de Alexandre: *“Antes de ir, deixe-me dizer que garanto que nunca fiz nenhum mal para aquela moça, Sophie. O senhor Hour queria que eu a desposasse, mas falei a ele que meu interesse era por sua filha mais velha”*.

— Conversei com Alexandre ontem depois do baile — disse Phillip —, mas ele estava muito nervoso, então não nos aprofundamos na conversa. Senhor Hour, como é o nome da sua filha mais velha? Joana?

— Sim, minha filha mais velha se chama Joana. E ela estava praticamente noiva desse impostor — Frederico enraiveceu.

— Noiva? — Tanto Phillip quanto Patric surpreenderam-se com a revelação. Alexandre ainda não havia dito nada sobre isso. — O senhor está me dizendo que Alexandre estava comprometido com sua filha Joana, mas foi surpreendido beijando sua outra filha... Sophie? — Philip perguntou.

— Sim, é exatamente o que lhe digo e é toda a verdade. Ainda acha pouco a minha indignação? Outro homem em minha situação lavaria a honra de suas filhas com sangue — irritou-se.

Phillip passou as mãos pelos cabelos e encarou Patric, que estava com os olhos arregalados e igualmente surpreso com a revelação.

— Senhor Hour. Eu estou perplexo com o que acabo de ouvir. Eu não quero questioná-lo ou duvidar da sua palavra, mas isso não parece em nada com algo que Alexandre faria — disse Patric.

— Mas fez! Você custa a acreditar porque ele o enganou tão bem quanto enganou a mim, minha esposa e filhas.

— Alexandre confessou que se passou, por um certo tempo, pelo meu irmão — disse Patric —, mas certamente seu desejo era revelar tudo. Alexandre se desculpará por isso. Ele é um homem honesto, eu lhe garanto. Quanto a essa questão do baile, deve haver alguma explicação que ele possa dar para se justificar — Patric insistiu, atendendo ao pedido de Alexandre.

— Pois que nem tente! Não quero ouvir nada vindo da boca daquele homem. Qualquer chance que eu pudesse dar para ouvi-lo seria aproveitado por ele como mais uma forma de nos enganar.

— Desculpe, senhor Hour, mas eu não concordo! — Patric ousou dizer. Sendo acertado por um olhar duro de Frederico e outro surpreso, de Phillip. — Se Alexandre errou, não foi por leviandade. Queira desculpar-me mas devo me retirar e deixar meu irmão resolver essa lamentável ocorrência — disse saindo do escritório e sendo acompanhado pelo olhar de recriminação de Phillip.

— Perdoe-me, senhor, pela atitude de meu irmão. Ele e Alexandre são muito amigos.

— Deveria orientar seu irmão quanto a isso. Que péssima amizade!

— Diga-me, senhor Hour, como tudo aconteceu?

Frederico contou tudo, desde o dia que receberam Alexandre para o jantar achando que ele fosse Phillip. Contou sobre a entrega do convite, a visita que ele fez à propriedade Motier e na qual Alexandre não usou a oportunidade para desfazer o mal-entendido. Falou sobre Joana e como era

teimosa e irredutível em não aceitar qualquer casamento que lhe fosse imposto. Por fim, falou de Sophie, do seu interesse por Alexandre, da suposta falta de interesse de Alexandre por ela e depois de como Joana acabou cedendo ao pedido do pai e aceitando se casar. Narrou como surpreendeu Alexandre e Sophie beijando-se e detalhou tudo o que a filha contara a todos, mencionando inclusive o broche de flor como presente.

— Mal posso acreditar que tudo isso aconteceu em apenas três meses — disse Phillip aturdido assim que Frederico terminou de narrar os fatos conforme sua perspectiva. — Então, sua filha Joana não desejava casar-se com Alexandre?

— Como eu disse, ela não queria se casar com qualquer pretendente que fosse escolhido por mim, mas mesmo não querendo ela enfim havia aceitado. Agora usará o ocorrido a seu favor, para recusar qualquer outro futuro pretendente — lamentou-se.

— Eu poderia falar com as suas filhas apenas um minuto? — Phillip pediu. — O senhor poderá nos acompanhar, claro.

— Senhor Phillip, não precisa preocupar-se em se desculpar com Joana ou com Sophie. O senhor não foi culpado por tudo o que aconteceu. Sua culpa apenas foi depositar confiança em quem não a merecia.

Assim que Patric saiu do escritório, passou pela sala e encontrou as filhas de Frederico Hour e a esposa Anastasia, sentadas no mesmo lugar em que estavam quando entrou. Ele curvou a cabeça e saiu da casa sem dizer nada. Ficou irado pela forma com que o senhor Hour falou de Alexandre. Ele conhecia bem o seu amigo, o suficiente para saber que ele não agiria de tal com maldade ou para se aproveitar das filhas de Frederico. Havia uma explicação, disso ele estava certo.

— Senhor Patric... — Alguém o chamou quando já estava do lado de fora da casa, atravessando o jardim.

— Sim. — Ele voltou seu olhar para trás e encontrou uma das filhas do senhor Hour. Era Rebecca.

— Desculpe vir atrás do senhor, mas há algo que preciso que diga ao senhor Alexandre — Rebecca pediu.

— E o que é? — Ele lhe deu toda a atenção.

— Diga-lhe que Joana não é indiferente a ele. Ela não admite, mas sou sua irmã e sei que está sofrendo.

— Diga-me, a senhorita também acredita que Alexandre é um mau-caráter, aproveitador?

— Eu não sei o que pensar, ele mostrou ter sentimentos verdadeiros por Joana, mas não posso negar que a sua mentira nos chocou muito — revelou, olhando dentro dos olhos de Patric.

— E afinal, por que a senhorita acha que ele mentiu?

— Senhor, meu pai estava desesperado para casar Joana. Ela é a mais velha de todas nós e já havia recusado muitos pretendentes. Minha mãe quis mais do que tudo acreditar que aquele homem à nossa porta era Phillip Motier. Acho que Alexandre percebeu isso e quis se aproveitar da situação para se casar com Joana, porque se apaixonou por ela — falou de forma doce e apaixonada.

— Então a senhorita não o culpa? — admirou-se.

— O culpo apenas por não ter dito a verdade logo. E não compreendo por que ele beijou Sophie no baile... — disse aturdida, pressionando os lábios.

— A senhorita também estava no baile...? — Ele a surpreendeu com aquela pergunta que mais parecia uma afirmação. Olhava agora diretamente para um sinal de nascença que Rebecca tinha no braço direito. Era um sinal grande, de cor castanha.

— Eu.... Não. Não tenho idade ainda para frequentar festas na sociedade — ruborizou.

— Pensei tê-la visto — disse ele.

— Como poderia? Era um baile de máscaras.

— Sim, mas a senhorita não estava de luvas — disse ele.

— Como? Luvas? — Ele apenas olhou novamente para o braço de Rebecca e ela logo entendeu. — Oh.

— Por que mentiu?

— Minha mãe orientou a mim e minha irmã, Amália, a não falarmos que estivemos no baile. Nós ainda não debutamos — baixou os olhos envergonhada.

— Entendo — limitou-se a dizer. — Fale para sua irmã que Alexandre sofre com o que houve e tentará uma forma de se desculpar — disse Patric, e em seguida se despediu rumando para a caleça que estava no outro lado da rua.

Que moça agradável. Pena não ter as feições delicadas, como as irmãs. Por pouco não dançamos no baile. Então foi por isso que ela recusou a dança? — riu e lembrou-se de como ela havia procurado uma desculpa para recusar a dança e depois saiu apressada acompanhada de outra moça e mais duas pessoas, que certamente eram seus pais.

Rebecca voltou para casa confusa. Como ele havia conseguido perceber o seu sinal no baile? O salão não era tão bem-iluminado assim e ela falou apenas com uma pessoa, sem contar as irmãs e os pais, o jovem que a convidara para dançar e ela precisou recusar.

Será ele? Será o jovem dos singulares olhos azuis? — Rebecca suspirou sentindo o coração saltar no peito.

Phillip saiu do escritório ao lado de Frederico e juntos foram até a sala. Desta vez, foi Joana quem examinou o rosto de Phillip. Ao prestar atenção especialmente em seus olhos e lábios ela não teve mais dúvidas de que fora com ele que dançara no baile. Mesmo que já houvesse lido várias vezes aquele nome em seu cartão de baile, foi curioso constatar a grande coincidência que foi terem se encontrado no salão, entre tantos outros presentes.

— Quero convidá-los para um jantar em minha propriedade amanhã, se puderem — Phillip convidou, quebrando o silêncio e esperando uma resposta de Frederico.

— Senhor... Eu aceitaria com muita alegria, mas... certamente encontrarei lá aquele senhor...

— Alexandre? — inquiriu Phillip, já sabedor da resposta.

— Sim, e não quero aborrecer-me ou expor as minhas filhas a encontrá-lo novamente — falou ele. O coração de Sophie bateu mais forte com a possibilidade.

— Tudo bem. Não quero constrangê-los — disse Phillip.

— O senhor é nosso convidado sempre que desejar voltar a essa casa — Anastasia disse a Phillip.

— Muito obrigado, Madame. Até mais — disse ele olhando para as irmãs Hour, e demorando-se principalmente em Joana.

Como são lindas. Quase começo a entender quais os motivos da mentira de Alexandre. — Ele pensou passeando os olhos em Joana e Sophie.

— Querido, não devia ter recusado um convite desses. Não se deu conta? Recusou um convite de Phillip Motier, o verdadeiro desta vez! — Anastasia o recriminou em bom tom.

— Estou tão farto dessa história que nem pensei direito.

— Não se esqueça que temos quatro filhas, e duas em idade de se casar. Se Joana voltar a recusar um pretendente, devemos casar Sophie e depois Amália. Veja bem, Phillip tem ainda outro irmão, além desse que esteve aqui com ele hoje.

— Deste eu já não gostei — disse Frederico Hour.

— Alguma razão especial? — Ela quis saber.

— É amigo daquele farsante e tentou protegê-lo. O senhor Phillip disse que foram todos criados juntos em Paris. Sendo um Motier ou não, começo a pensar se todos eles não têm o mesmo caráter.

— Oh não, querido! O senhor Phillip pareceu-me um jovem tão encantador, educado. Penso que deveria reconsiderar e mandar hoje mesmo um bilhete aceitando o tão gentil convite que ele nos fez.

— Farei isso — concordou entre um suspiro —, pelo bem de nossas filhas e de nossa família. Mas para mim será uma grande afronta ter que colocar meus olhos novamente naquele senhor...

— Precisaremos lidar com isso por hora — disse a esposa.

Capítulo 19 — O passado

Johan estava debruçado sobre o parapeito da escadaria da mansão Motier. Ele olhava Caroline ao longe, andando no jardim, sozinha. Era hábito da moça fazer esse passeio todas as manhãs. Ela passava pelo chafariz, dava a volta pelo coreto, e depois contornava a cocheira onde os cavalos ficavam.

Johan sempre achara Caroline muito bela, mas ela nunca o olhou como olhava ao seu irmão, Phillip. Quando eram mais jovens e moravam todos em Paris, Caroline ia visitá-los com frequência junto de Alexandre e seus pais. Eles residiam tão próximos que se podia ir caminhando de uma propriedade à outra. Nessas ocasiões Johan tentava se aproximar dela, procurando algum assunto que fosse do seu interesse, mas ela mal olhava-o nos olhos e o esnobava enquanto suspirava por Phillip. Ele ficava irritado, pois parecia que ela fazia aquilo para provocá-lo e mostrar a ele quem era o alvo do seu verdadeiro interesse.

Quando Caroline tinha quinze anos — um pouco antes de se mudar para a Inglaterra e ir morar com a tia — Alexandre organizou um jantar de despedida para a irmã, na propriedade deles, em Paris. Na época, moravam apenas os dois na residência, pois o pai havia falecido um ano antes e a mãe naquele mesmo ano. Caroline estava deslumbrante em um vestido azul-claro. Os olhos de Johan percorreram o corpo da moça, que havia mudado muito naquele último ano. Ele a olhava e via a bela mulher que ela se tornaria. Caroline tocou pianoforte para todos os presentes e cantou. Sua voz suave fez o coração de Johan disparar. Com prazer ele observava que Phillip não demonstrava voltar nenhuma atenção a ela; enquanto ela, claramente esforçava-se para agradá-lo.

Eles jantaram, conversaram, e quase no fim da noite, ao ver que ambos haviam sumido, Johan foi procurá-los. Ao se aproximar da sacada da casa viu o irmão, no andar de baixo, conversando com Caroline. Ele não podia ouvir o que diziam, por causa da distância, mas viu claramente quando Caroline tocou o rosto de Phillip. Ele recuou e os dois quase saíram do seu campo de visão. Ele ainda via Caroline e parte de Phillip, sob a varanda do

térreo. Ela voltou a tocar em Phillip, desta vez em seu peito — aquilo incomodou Johan de forma singular.

Phillip segurou os dois braços de Caroline e girou o seu corpo, ficando no lugar onde antes ela estava, e a distanciando mais uma vez. Então Johan viu algo que por muito tempo ele imaginou ter sido um devaneio seu. Caroline pegou as mãos de Phillip e as levou para junto do seu colo, passou os dedos sobre a alça do vestido e o afrouxou, deixando o tecido mais solto. Ainda segurando as mãos de Phillip ela incentivou que ele a acariciasse. Johan tinha dezessete anos na época, e Philip um pouco mais de dezoito. Ele não viu o que aconteceu em seguida, pois Patric o chamou na sala e quando lançou os olhos rapidamente para a varanda, não os viu mais.

Depois de cinco anos sem vê-la, Johan surpreendeu-se ao constatar como ela ainda o afetava, talvez não mais como naquele tempo, não mais de uma forma tão inocente. Olhava-a agora com mais luxúria, mas ainda com o coração saltitante de um apaixonado. Não conseguia ser indiferente à sua beleza.

— Gosta dela? — Uma voz soou atrás de Johan, fazendo-o sobressaltar.

— O quê? — virou-se e encontrou Phillip.

— Gosta da senhorita Caroline? — Phillip perguntou, colocando-se ao lado do irmão.

— Por que a pergunta?

— Estava aí, a admirando há tanto tempo. A considera especial? — inquiriu uma vez mais.

— Especial? — expressou-se com desprezo e uma risada. — É apenas como tantas outras.

— Nada especial? — replicou Phillip.

— Para mim nada — irritou-se com a insistência daquela conversa. — E para você? — encarou o irmão.

— Claro que não — disse Phillip surpreso.

— Não esperava vê-la aqui. Sabe por que ela veio?

— Para ficar junto de Alexandre, é claro.

— Sabe que não é a verdade.

— E qual é a verdade?

— Veio para conquistar um jovem herdeiro, solteiro e rico — disse Johan com ironia.

— Besteira! Caroline sabe que há muito somos apenas amigos e que minha amizade por ela se deve muito mais pela minha consideração a Alexandre.

— Então não a acha atraente? — Johan perguntou e Phillip o olhou aturdido.

— Que espécie de pergunta é essa? — redarguiu com seriedade.

— Uma pergunta comum, assim como a que me fez ainda há pouco. Não acha que a senhorita Caroline esconde, atrás do seu rosto de anjo, uma dissimulada sedutora? — Johan perguntou com audácia. — Talvez ela tenha muito mais experiência do que sua idade permitiria ter.

— Ouça o que diz! — Phillip o repreendeu. — Que juízo faz da moça, e sobre qual pretexto? Deve respeitá-la, é irmã de Alexandre.

— O que me importa o Alexandre? — deu de ombros. — Digo isso porque sou um bom observador. Caroline mudou muito, além da aparência, pode ter adquirido muita experiência sobre a vida, na Inglaterra.

— Ora! Esteve sob os cuidados da tia. A senhorita Caroline não é uma moça solta no mundo. Não me desagrade criando conflito, ou situações vexatórias. Se não consegue respeitá-la, mantenha-se distante! — ordenou.

— Para mim isso será mais fácil do que para você, meu irmão. Já que de mim ela foge, enquanto se faz sua sombra... — disse Johan. Phillip apenas o encarou irritado e o deixou falando sozinho.

[...]

— Alexandre, precisamos conversar — disse Phillip quando o viu passar com rapidez em frente à porta do seu escritório.

— Sim... — Alexandre falou, parando de imediato. — Não vi que estava aí — disse, parecendo incomodado. — Podemos falar depois? Tenho que sair...

— Aflito como está? Aonde vai?

— Preciso ver Joana, esses dias têm sido um pesadelo. Patric me contou como foi a conversa com o senhor Hour ontem, a forma como aquele homem me odeia... Mas, ao mesmo tempo, disse-me algo que deu-me...

— Pretende ir à casa dos Hour? — Phillip o interrompeu e franziu o

cenho, como a advertir-lhe de que isso não era o certo.

— Não, eu sei que não seria bem-recebido. Mas há outro lugar que talvez eu possa encontrá-la.

— Encontrar-se escondidos?

— Não escondidos, mas a sós — Alexandre o corrigiu.

— Não vai encontrá-la hoje, seja lá onde for esse lugar a que se refere. Veja, acabo de receber o bilhete do senhor Hour. Ele e sua família vêm estar conosco hoje para um jantar. Eles chegarão cedo, antes do pôr-do-sol — disse estendendo o bilhete a Alexandre.

— Os convidou? Por quê? — Alexandre quis entender.

— Um pedido de desculpas.

— Acha que há alguma possibilidade do senhor Hour desculpar-me?
— Ele perguntou. Phillip apenas pressionou os lábios e meneou a cabeça em dúvida.

Ao cair da tarde, Joana andava dentro do aposento, sem saber o que fazer. O pai havia dito que ela iria àquele jantar de qualquer forma. Ela tentou fazer com que o pai desistisse da ideia, mas não houve jeito.

— Joana, está tão nervosa — disse Rebecca, percebendo a inquietude da irmã mais velha.

— E não é para estar? Veja a situação a que nosso pai nos expõe! Agora ele e mamãe acham que vão conseguir casar uma de vocês com o senhor Phillip — disse aturdida. — Isso é tão...

— Joana — interrompeu Rebecca —, lembra-se do jovem que me convidou para uma valsa no baile, e a qual tive que recusar?

— Sim, lembro...

— Era o irmão do senhor Phillip.

— O que esteve aqui ontem? O senhor Patric? — Joana surpreendeu-se.

— Sim, tenho certeza de que era ele.

— E como sabe?

— Ele me reconheceu, perguntou sobre meu sinal — disse olhando para o braço —, então não pude negar. Foi o único jovem com quem conversei no baile. Quem mais poderia ter percebido o meu sinal, se não

estivesse tão próximo a mim?

— E você gostou dele? Quer dizer, o que achou dele? — Joana sorriu, embora soubesse que pela expressão da irmã, ela havia gostado dele sim.

— Eu o achei encantador — disse ruborizando as faces —, e também atencioso e respeitável.

— Papai o detestou. Parece-me que apenas o senhor Phillip ganhou dele algum respeito.

— Se papai não o aprovou foi por ele ter defendido o senhor Alexandre — suspirou —, o que eu achei um gesto muito honroso, de um amigo para com o outro. Joana, provavelmente vai reencontrá-lo hoje na mansão Motier, como se sente com isso?

— Rebecca! — Joana lhe acertou um olhar duro. — Não me sentirei afetada se encontrá-lo — disse mais para si mesma. — Se há alguém que deve se sentir mal, não sou eu, mas sim aquele senhor...

— Por favor, Joana, se é mesmo tão indiferente, deveria parar de evitar dizer o nome dele — Rebecca riu.

— Eu acho totalmente indevido este jantar ser oferecido àquela família — disse Caroline a Alexandre, quando estavam somente os dois na sala de estar.

— Não importa o que acha, Caroline — Alexandre rebateu ríspido.

— Vou considerar a grosseria como um instinto do nervosismo a qual deve estar acometido. Sei que está nervoso — disse ela soltando o ar com força. — O que eu quis dizer é que Phillip não precisava oferecer um jantar a eles, como pedido de desculpas, sendo que você nada fez.

— Eu sei o que eu fiz, Caroline, e acredite, este jantar não abonaria em nada as minhas falhas, mesmo se fosse essa a intenção. Porém sei também o que não fiz, e ficar com esta culpa eu não aceito. Joana precisa saber que eu nunca fiz nenhum mal à Sophie e meus olhos e coração foram sempre dela, nunca de outra.

— É, mas quem há de acreditar em um homem, se ele já não diz a verdade desde o princípio? — disse ela. Alexandre apenas a acertou com um olhar irritado, ao constatar que ela estava certa.

— Pensa que não sei disso? Com o que acha que torturo os meus pensamentos a todo momento?

— Desculpe-me meu irmão, por ter dito algo tão inoportuno. Eu não quero aborrecê-lo.

Eles pararam de conversar quando Johan e Patric adentraram na sala, acompanhados de Phillip, que se vestira com elegância para receber os convidados. Usava um *Tailcoat* vinho e calças brancas de linho, com fivelas e abotoados no abdômen, bem como alguns acessórios, como uma bengala belíssima e um elegante chapéu negro, alto e de abas retas. Alexandre surpreendeu-se ao vê-lo vestido de forma tão nobre para aquele jantar. Aquelas vestimentas o deixaram com um ar mais sóbrio e até mesmo mais velho — foi o que Alexandre conceituou. Johan e Patric também estavam bem-vestidos, mas não de uma forma tão ostentosa quando Phillip.

Caroline cumprimentou aos irmãos Motier com um aceno de cabeça e eles fizeram o mesmo. Eles se olharam por alguns instantes antes de Patric interromper o silêncio:

— Que venham os Hour! — Tentou quebrar o clima sisudo que ali se instaurara.

Capítulo 20 — O confronto

Todos ficaram em pé quando a família Hour foi anunciada na

propriedade Motier. Caroline inquietava-se com a expectativa de finalmente ver Joana e as irmãs de perto. Já Alexandre, experimentava sensações incomuns a ele; estava trêmulo e seu coração disparado — ele só se sentia assim quando estava perto de Joana.

Finalmente Frederico Hour adentrou na sala, junto da esposa, acompanhados de dois criados de Phillip. Logo atrás deles, as quatro filhas surgiram. Amália, que sempre foi muito tímida, olhava para baixo, retraída. Rebecca sentiu o rosto queimar e o coração palpitar ao ver Patric, mal pôde esconder seu contentamento. Joana olhou firme para todos na sala, apenas baixando seus olhos com rapidez quando encontrou Alexandre. Vê-lo novamente fez seu coração ondular no peito. Por mais que procurasse esconder isso de todos, não conseguia vencer aquela batalha dentro de si. Já Sophie, olhava firmemente para ele, sentindo sua respiração perder o controle e todo o corpo tremer de tensão. Ela ainda se lembrava daquele que havia sido o seu primeiro beijo, e mesmo sabendo que todo aquele amor não era para ela, sentia-se plena ao relembrar das sensações que experimentou. Voltou a olhar Alexandre e quando finalmente seus olhos se encontraram sentiu com amargor o desdém e até mesmo a repulsão com que ele a encarou.

Os olhos de Johan passeavam entre Joana e Sophie, mas concentrou-se especialmente na mais nova. Ele a achou linda, o rosto angelical e os olhos espertos e curiosos. As irmãs Hour curvaram a cabeça aos anfitriões, e eles fizeram o mesmo, enquanto Phillip se dirigia a eles para dar-lhes as boas-vindas.

— Que bela propriedade — disse Anastasia, não deixando de reparar a elegância de Phillip. — Esta sala é tão bela quanto o salão do baile — disse ela, admirando os móveis e as tapeçarias. Ao fundo da sala uma lareira iluminava o ambiente e deixava o ar invernal um pouco mais quente.

— Estejam à vontade, por favor — disse Phillip. — Estou feliz por terem aceitado o meu convite.

— É um prazer — disse Frederico Hour a Phillip, observando que Alexandre estava próximo à lareira, ao lado de Patric. Sentiu uma grande raiva ao vê-lo.

— Senhor Hour — disse Phillip, vendo os olhos raivosos na direção de Alexandre —, espero que seja uma noite agradável, e que possamos nem que seja por uma noite, esquecer os mal-entendidos que antecederam a minha chegada — pediu.

— Certamente — Frederico concordou. Ele não queria fazer a desfeita de dar um escândalo na casa de Phillip e deixá-lo com uma péssima impressão da sua família.

— Joana — Rebecca chamou a irmã, afastando-se com ela para perto do pianoforte. — Como se sente? — cochichou.

— Por que quer saber a todo o momento como me sinto? — Joana repreendeu a irmã.

— Alexandre não para de olhá-la. Veja, ele está ao lado de Patric, na lareira — Rebecca apontou com os olhos, mas Joana não os olhou. — Eu estou nervosa — disse a irmã mais nova, inquieta por estar na presença de Patric.

— Rebecca! Pare de olhar ou ele irá perceber.

— Devo fingir que sou alheia a ele? — inquiriu, claramente fazendo referência ao comportamento de Joana em relação a Alexandre.

— Deve! Procure não mostrar sua euforia ao menos até ter certeza do caráter dele — recomendou. — E agora mude de assunto, Amália está vindo até nós, e sabe que ela não esconde nada de Sophie — Joana alertou.

[...]

— Daria qualquer coisa para saber o que a senhorita Joana conversa com a irmã — disse Alexandre a Patric.

— Ela deve estar dizendo que o odeia e que sua presença é intragável — Patric o provocou em tom de brincadeira.

— Obrigado, amigo — Alexandre devolveu um olhar antipático.

— E o que acha das irmãs da senhorita Joana? — Patric perguntou.

— Não sei dizer. Nunca falei com as mais novas; e Sophie, já lhe disse, é dissimulada e insensível.

— E muito bela, não se esqueça de dizer...

— Bela? Eu a vejo e não vislumbro nada de belo. Apenas uma carcaça que abriga uma alma maldita e imperfeita — disse ressentido e Patric se surpreendeu com os adjetivos.

— Será que ela merece todo esse ódio, Alexandre?

— Não é ódio, mas foi por causa dela que hoje a senhorita Joana deve estar me odiando. Ela usava o broche que enviei para Joana, e no baile nada disse durante a valsa, ou até mesmo quando estava em meus braços. Enquanto eu me declarava, calou-se fingida, até que eu... — balançou a

cabeça, aturdido.

— É, como pode uma moça tão bonita ser capaz de tão detestáveis atos. Já a irmã, a senhorita Rebecca, parece ser tão doce e agradável e é...

— Feia?

— Não digo que é feia. Essa palavra nem combina com uma moça tão gentil. Aliás, é uma jovem muito ponderada e parece ser uma grande amiga da irmã. A senhorita Rebecca disse-me que Joana não lhe é indiferente.

— Disse-lhe? — Alexandre acendeu o olhar e não pôde evitar de sorrir. — Ouvir isso atinge-me como um verdadeiro remédio. Foram essas as observações da senhorita Rebecca, ou as próprias palavras de Joana?

— Ao que me parece, a senhorita Joana esconde bem o que sente. Foram observações da irmã. Como lhe disse, é uma jovem admirável.

— Admirável... — Alexandre concordou, porém, seus pensamentos estavam bem distantes daquela conversa.

Preciso arrumar uma forma de falar com ela — Alexandre pensava.

[...]

— Qual delas é Joana? — Caroline se aproximou de Alexandre e perguntou. — Eu adivinharia, se todas elas não fossem tão parecidas.

— Não são tão parecidas — disse Patric que ainda estava ao lado do amigo.

— Conseguiria distingui-las de longe, ou de costas? — perguntou ela a Patric.

— Ah, sim, dessa forma são muito parecidas — concordou. — Joana é a moça ao lado do pianoforte, acompanhada das irmãs mais novas, Amália e Rebecca — informou Patric.

— Então aquela ao lado dos pais, conversando com Phillip e Johan, é Sophie?

— É Sophie, sim — Alexandre confirmou com desgosto.

Caroline passou lentamente por eles, a fim de ouvir o que diziam. Ouviu que falavam sobre a recepção do baile, e que Frederico Hour não media elogios a Phillip. Caroline continuou caminhando pela sala, olhando atentamente Anastasia e as filhas, principalmente Joana, e lembrou que já as tinha visto antes, na boutique, logo que chegara à propriedade Motier e tinha ido à vila com o irmão.

— Com licença — Caroline disse, aproximando-se de Joana —, como

é bom ver outras moças por aqui — sorriu. — Eu sou Caroline Franz, convidada nessa casa, e irmã de Alexandre — falou olhando para Joana, que ficou incomodada quando Caroline citou o nome do irmão.

— É um prazer — Amália e Rebecca a cumprimentaram, enquanto Joana não expressou nenhuma palavra.

— Ouvi muito falar de você — disse Caroline à Joana. — Claro, somente coisas agradáveis.

— Interessante. Já eu não tive o mesmo prazer. Ah, é claro, Phillip não tem uma irmã, como poderia ter mencionado — Joana não se conteve.

— Eu sei que se refere a meu irmão. Não quis ser rude com meu comentário. Apenas dizer que Alexandre a admira, e isso causou-me curiosidade em conhecê-la.

— Você disse... quem? Não conheço tal senhor. Com certeza não fomos apresentados — Joana falou com o olhar firme, mas, embora mantivesse uma postura rígida, por dentro estava desmoronando. Caroline respirou profundamente, acenou constrangida com a cabeça e afastou-se delas.

— Joana, precisava falar assim com ela? — disse Amália. — Ela não tem culpa...

— Culpa? Não, não tem, mas tenho certeza de que ela não é diferente do irmão — Joana falou. — Já a vimos antes. Lembra-se, Rebecca? A moça que encontramos na boutique, antes do baile?

— Oh, é mesmo! É ela. — Rebecca a reconheceu

[...]

Frederico Hour e a esposa ainda conversavam animadamente com Phillip. Sophie continuava ao lado do pai e da mãe, e dividia sua atenção entre os sorrisos que dava a Phillip e os olhares que lançava na direção de Alexandre, sem ninguém perceber. Johan também participava da conversa, falando sobre Paris e sobre as viagens que já tinha feito. Na verdade, seu maior interesse era ver de perto a bela filha do senhor Hour. Estava fascinado por Sophie.

[...]

— Patric, você precisa me ajudar. Escrevi uma carta para Joana, para o caso de não conseguir falar com ela nesta noite. Gostaria que entregasse à Rebecca e pedisse para ela entregar à irmã quando chegarem em casa.

— Está com a carta em mãos?

— Sim — Alexandre confirmou, passando o pedaço de papel discretamente para as mãos de Patric, que a colocou no bolso interno do casaco. — Eu vou subir para meu aposento. Não suporto vê-la tão de perto e a ignorar-me como se eu não estivesse nessa sala.

— O que mais ela poderia fazer? Fique conosco mais um pouco — Patric pediu.

— Eu vou tomar um ar fresco, reorganizar a cabeça — disse Alexandre, voltando seus olhos mais uma vez para sua amada. Desta vez o encontro de olhares foi inevitável. Joana o olhava distraída, claramente absorta em seus pensamentos enquanto a irmã falava algo. Ela ficou presa nos olhos de Alexandre e demorou alguns segundos para conseguir desviar-se deles, não sem antes ler seus lábios, que disseram claramente, sem emitir som algum, que a amava.

Eu a amo, Joana — gesticulou com os lábios antes de sair sala, sendo acompanhado discretamente por muitos olhares.

Patric atravessou a sala e caminhou até Joana, Amália e Rebecca, aproveitando a oportunidade de que o senhor Hour e Madame Anastasia estavam entretidos demais para perceberem sua aproximação das filhas.

— Com licença, senhoritas — disse de modo cortês. — Eu as estava olhando aqui, próximas do pianoforte, e pensei: será que as senhoritas apreciam tocar?

— Rebecca toca muito bem — Joana antecipou-se em elogiar a irmã, que ficou com o rosto enrubescido.

— Imagina, que gentil minha irmã, mas tenho praticado tão pouco, que acho que perdi o jeito — disse desconcertada.

— Tenho certeza de que sua irmã não quis apenas enaltecer suas qualidades. Deve tocar muito bem. Quem sabe não nos faz esse agrado? — Patric disse, estudando uma forma de entregar-lhe o bilhete sem que as outras irmãs vissem.

— Oh... eu... Sim, é claro — Rebecca concordou. Patric curvou-se diante dela e a conduziu para sentar-se na banquetta, abrindo a tampa do pianoforte e lhe indicando a partitura no *atril*, onde discretamente colocou a carta, dobrada em mais de duas partes, fazendo com que se tornasse um pequeno pedaço de papel, onde bem no centro Rebecca pôde ver um selo de cera de cor vinho.

Nervosa, ela não conseguiu ler a inicial no brasão do selo, apenas o

recolheu rapidamente e escondeu no volume do vestido, entre os joelhos. Seu coração palpitava ligeiro.

Será que sou correspondida? Será uma carta para mim? — pensava.

Quando tocou as primeiras notas, todos pararam para ouvi-la. Frederico Hour admirou-se por ver a filha mais nova sentada ao pianoforte e Madame Anastasia sentiu vontade de repreendê-la, por estar chamando toda a atenção para si, quando deveria deixar que as irmãs mais velhas se destacassem. Sophie sentiu uma ponta de inveja, ao ver como a irmã estava sendo elogiada por Phillip, que disse à Anastasia que o pianoforte era uma das artes mais belas que uma moça prendada deveria conhecer.

— Confio que toca tão bem quanto a sua irmã — Johan disse discretamente ao lado de Sophie, enquanto a suave música preenchia o ambiente.

— Oh, eu aprecio muito tocar — Sophie respondeu, surpreendida por ele iniciar uma conversa com ela.

— Quem sabe não nos dá a honra de ouvi-la, após sua irmã terminar.

— Seria um prazer, mas acredito que o farei em outro momento. Minha irmã deve ficar na memória desta noite como a única estrela a se destacar — disse ela.

— Pois para mim, há somente uma estrela nesta sala — Johan afirmou com o olhar fixo nos lábios de Sophie. — E sei que ela não brilha somente à noite. Durante o dia, a estrela deve virar flor, e enfeitar as campinas do prado.

— É um poeta, senhor Johan? — perguntou olhando-o.

— Só quando encontro inspiração... — revelou. — Gosta do prado, senhorita?

— Eu... sim, é um lugar muito bonito.

— Aceitaria minha companhia para uma caminhada, ao entardecer, amanhã? — Ele perguntou. A música que Rebecca tocava ao pianoforte terminou e todos aplaudiram. Sophie aproveitou para sair de perto de Johan, deixando-o sem resposta.

Rebecca agradeceu os aplausos e, antes de se levantar, de forma discreta colocou o bilhete dentro do busto do vestido.

— Você foi maravilhosa! — Joana elogiou.

— Obrigada, mas fiquei tão nervosa que acho que me atrapalhei em algumas notas.

— Foi esplêndida, senhorita. Que melodia suave — Patric elogiou. Joana aproveitou que o rapaz se aproximou da irmã e voltou sua atenção para Amália, puxando um assunto qualquer para deixá-los mais à vontade.

[...]

— Gostariam de conhecer a galeria de arte? — Phillip perguntou ao senhor Hour e Madame Anastasia, quando os dois disseram que eram grandes admiradores da pintura renascentista.

— Oh, mas é claro — Anastasia concordou entusiasmada. Não sem antes olhar novamente todos os cantos da sala e se certificar de que Alexandre não estava mais lá. Deixou as filhas na sala na companhia de Johan e Patric.

[...]

— Você deveria tentar disfarçar um pouco melhor — Patric murmurou para Johan. — Sophie não é tão angelical quanto o seu belo rosto aparenta.

— Deixemos os disfarces para Alexandre, ele é que é formidável nessa arte — disse com ironia.

— Alexandre é bem menos culpado do que pensa — Patric o defendeu.

— Com duas moças tão belas quanto as senhoritas Sophie e Joana... Não é difícil imaginar como ele ganhou o título de conquistador e mentiroso.

— Comete dois graves erros, meu irmão; o primeiro de acusar Alexandre, e o segundo, de justificar que a beleza de uma jovem seja desculpa para um homem se tornar um sedutor sem escrúpulos.

— É por pensar assim que jamais tocou em uma mulher — Johan provocou. — Castidade e pureza são qualidades mais apreciáveis em uma dama, irmão.

— E o caráter é apreciável a qualquer um. Com licença — disse antes de se afastar de Johan.

[...]

— Aonde foram papai e mamãe? — Sophie perguntou à Amália.

— Saíram acompanhados do senhor Phillip — disse ela.

— Senhor Patric, sabe onde estão meus pais? — indagou vendo que

Patric se aproximava delas

— Quem sabe na galeria de arte, ou na biblioteca — palpitou.

Quando Sophie viu que Johan ainda a olhava e que fazia menção de vir até ela, procurou sair da sala e ir em busca dos pais. Passou por uma grande sala, que era a entrada principal da mansão, e entrou em um corredor à direita. Caminhou por ele até sentir o aroma do jantar que estava sendo preparado na cozinha. Deu a volta e retornou pelo mesmo corredor e, ao chegar novamente à grande sala, encontrou Alexandre subindo os degraus da escadaria, vindo do jardim. Ela girou o corpo e apressou o passo para voltar à sala da lareira, onde os demais estavam. Queria fugir dele.

— Espere! — Alexandre a chamou. — A senhorita precisa dar-me algumas explicações — disse ele.

— Engana-se, senhor. Nada tenho a lhe dizer. — Ela corou e continuou a andar.

— Espere! — Ele segurou em seu braço. — Por que a senhorita usava o broche de flor no baile? Como ele chegou em suas mãos?

— Não entendo por que quer saber daquele broche. Joana me deu — mentiu. Alexandre sentiu uma fisgada no peito. — O que ele tem de especial?

— Eu dei aquele broche para Joana. Mandeí entregar nas mãos dela. Era uma forma de reconhecê-la entre as outras moças do baile. Diga-me, como ele chegou em suas mãos? — perguntou mais uma vez.

— Já lhe disse — soltou-se das mãos dele com um gesto brusco —, foi Joana quem me deu o broche, e pediu que eu o usasse no baile. Oh, agora entendo. Joana fez isso para que o senhor não a reconhecesse. Ela jamais o quis, senhor...

— É mentirosa! A senhorita mente! Vejo agora claramente como é dissimulada.

— Por que me acusa? Foi o senhor quem mentiu — retrucou. — E mesmo assim, eu lhe dei meu coração! Eu o amei desde o primeiro momento em que o vi e, juro, mesmo agora, sabendo que não é herdeiro desta propriedade, mesmo sem saber como vive ou quem realmente é, eu ficaria ao seu lado. Lutaria contra meu pai e até fugiria, se me quisesse — derrubou uma lágrima.

— Suas lágrimas são injustificáveis. Jamais lhe dei qualquer esperança e só a beijei no baile porque pensei que fosse a senhorita Joana. Eu amo a sua irmã e jamais a magoaria. Eu não quero o seu amor, tampouco a

sua presença ao meu lado. Mesmo que Joana não me quisesse, mesmo que me rejeitasse para sempre, eu jamais a escolheria! Agora confesse que mentiu para Joana e por isso ela me odeia e me ignora. Confesse! — Ele gritou.

— Joana... sempre... o desprezou. — Ela gaguejou.

— Engana-se. Joana me ama, assim como eu a amo! — Ele tornou a gritar. Ao olharem para o lado, depararam-se com Amália.

— Eu... vim procurá-la, Sophie — Amália estava chocada. Alexandre deu-lhes as costas e subiu para seu aposento sem jantar. Sophie e Amália voltaram para a sala da lareira.

— Precisa me prometer que não vai contar a ninguém sobre o que ouviu — Sophie encarou a irmã, ainda no corredor.

— Sophie, por que deixou todos pensarem que o senhor Alexandre a seduziu e mentiu sobre seus sentimentos por Joana? — Amália perguntou incrédula com o que acabara de ouvir.

— Você não sabe nada. Não ouviu nada! — Sophie agitou-se. — Prometa que não falará com ninguém! — repetia enquanto Amália olhava-a consternada.

— Que belíssimas obras de arte o senhor tem aqui! — Frederico elogiava os quadros na galeria particular de Phillip.

— Muitas obras foram herdadas por meu tio. São muito valiosas. Outras foram adquiridas em leilões — dizia Phillip.

— É tudo fascinante! — Madame Anastasia exclamou, admirando os grandes vasos, alguns que pareciam ser guarnecidos com ouro. Havia ali alguns bustos de mármore e esculturas de pequeno e médio porte.

— Encantador! Eu gostaria que Joana tivesse nos acompanhado, ela aprecia arte — disse o senhor Hour.

— É mesmo? Pois poderá vir sempre que quiser — Phillip sorriu.

— Quantas vezes imaginei que Joana se casaria com o senhor — Anastasia disse sem medir as palavras e o marido a olhou com severidade. — Oh, perdão. Refiro-me à quando pensávamos que... O senhor sabe, Joana ia noivar com...

— Eu sei. Não precisam ficar constrangidos — Phillip a tranquilizou.

— Eu não sei o que eu faria se o noivado tivesse acontecido — Frederico Hour balançou a cabeça com censura.

— Tudo poderia ser desfeito. A não ser que tivessem se casado — disse Phillip.

— Não posso sequer imaginar essa possibilidade! — Madame Anastasia sacudiu a cabeça. — Na verdade, eu gostaria de um noivo como o senhor para minha filha. É claro, que isso também não é uma possibilidade, afinal....

— Por que não é uma possibilidade? — Phillip riu achando graça do embaraço de Anastasia.

— Oh, o que eu quis dizer é que o senhor é um homem de classe, e honrado. Qual família não se encantaria? Porém, é claro, deve haver muitas moças...

— Deve... — Ele concordou. — Não sei se alguma tão encantadora quanto sua filha — elogiou.

Capítulo 21 — A carta

— Sophie, não sei se poderei guardar este segredo — Amália disse à irmã quando estavam sozinhas no aposento que dividiam. Ela estava receosa de tocar em um assunto tão delicado, já que Sophie estava calada desde que chegaram do jantar na propriedade Motier.

— Pois não deve dizer nada. Não sabe as razões que me levaram a fazer o que fiz — Sophie voltou-se para a irmã com um olhar impositivo.

— Não me parece justo deixar que todos pensem que o senhor Alexandre a seduziu. Agora que sei dos verdadeiros sentimentos dele, sinto pena, pois imagino que deva estar sofrendo.

— Sofreria de qualquer maneira. Joana o ignora completamente. Há muito sabe que ela é completamente indiferente a ele. Já eu, gostei do senhor

Alexandre e fui sincera em revelar isso desde o princípio. Ele escolheria a mim se Joana não fosse tão engenhosa, sempre querendo se fazer notada...

— Sophie — Amália a interrompeu —, Joana foi exatamente o contrário disso que você pauta. Ela esquivou-se de estar no primeiro jantar que papai ofereceu a ele e quando teve que comparecer, em outro momento, permaneceu distante, deixando-o totalmente entregue a uma conversação com você — lembrou-se.

— Pois foi uma indiferença totalmente calculada... — Sophie retorquiu.

— Não compreendo. Há pouco disse que Joana é completamente indiferente a ele. Agora diz-me que foi uma indiferença calculada? Acredita ou não na indiferença de Joana em relação ao senhor Alexandre? — indagou.

— O que acredito é que ela não o ame e não se importe com os sentimentos dele.

— Mas acha que Joana o esnobou apenas ter sua atenção? Apenas por capricho? Que tenha buscado cativar sua atenção usando como arma a indiferença?

— Até mesmo mamãe disse-lhe isto certa vez. Que o interesse de um homem é facilmente atraído por essas atitudes. Se a moça o esnoba, ele sente-se desafiado...

Amália ficou alguns segundos pensativa. Sophie olhava-a com preocupação.

— Por que pegou o broche de Joana? — Amália perguntou enfim.

— Joana não o usaria de qualquer forma! — disse Sophie. — Ouvi Joana dizer muitas vezes que jamais se casaria com alguém que papai indicasse, que não se casaria com quem não aprovasse. Ela deixou claro em suas ações e palavras, que não aprovava o senhor Alexandre. Eu só queria ter a oportunidade de ser notada por ele... Prometa Amália, que não dirá nada. Prometa! — insistia.

— Sophie, mas o senhor Alexandre disse-lhe que ama Joana, disse-lhe que mesmo que...

— Eu sei o que ele disse! — interrompeu zangada. — Ouça Amália, se tudo estiver acabado, se todas as minhas chances forem impossíveis, então desistirei de amá-lo, eu juro! Mas de que adiantaria dizer para Joana sobre o broche? Por que me envergonharia de tal maneira, se sabe que Joana não o ama? Sabe que ela até me agradeceria por ter usado aquele broche no baile.

Sabe que ela só aceitou casar-se com ele porque papai a pressionou, mais do que isso, ele a obrigou! — Sophie estava exasperada.

— Eu... eu não sei. Joana pareceu ficar desapontada com o que houve. Por um momento cheguei a imaginar se ela não estava gostando do senhor Alexandre... — disse Amália, confusa. — Sabe que a amo demais, Sophie, e faria qualquer coisa para protegê-la, mas não se isso custar a felicidade de Joana.

— Então não me ama o suficiente — Sophie irritou-se e enfiou o rosto no travesseiro.

Amália estava confusa, decidiu que observaria melhor o comportamento de Joana para ver se ela era realmente indiferente ao amor de Alexandre, antes de tomar a decisão de revelar tudo o que havia escutado.

O jantar na mansão Motier havia sido, sob a perspectiva de alguns, muito agradável, porém, para a maioria foi desconcertante. Joana detestou todas as dissimulações, a forma como precisou manter-se indiferente a Alexandre, quando queria gritar, lhe ofender de todos os modos possíveis. Tirar-lhe-ia satisfações e o acusaria de leviano, se pudesse. Odiava o que ele havia feito com ela, por ter sido tão insistentemente amável, declarando-se e fazendo nascer nela sentimentos que antes repugnava com todo fervor. Agora suas noites eram um tormento, em que a expressividade dos olhos de Alexandre, em cima dos seus, tirava-lhe o sono constantemente. Já havia quase uma hora que estava deitada e não conseguia adormecer.

— Joana? — Rebecca chamou-a.

— O que foi? — Joana olhou para o lado e pôde ver a irmã sentando-se na cama e estendendo-lhe a mão. — O que é isso?

— É uma carta do senhor Alexandre, para você — disse ela. Mesmo sem poder vê-la com clareza, Joana soube que a irmã estava triste. — O senhor Patric entregou-me.

— E por que está triste? — Joana não se moveu para alcançar a carta.

— Ah, Joana — suspirou —, só por um momento cheguei a pensar que fosse para mim. Mas vi que o selo tem a inicial A. Logo dei-me conta de que era para você — Rebecca ergueu o corpo e deixou a carta ao lado de Joana, na cama.

— Eu não quero ler. Pegue-a! Leve-a de volta assim como está, lacrada... — estendeu a mão a fim de devolver a carta.

— Não, Joana. Precisar ler. Quem sabe há algo que possa justificar...

— E há algo que possa justificar? — dolorosamente ela imaginava que não. — Se não a pegar, eu vou rasgá-la.

— Não, não rasgue — Rebecca pegou a carta e a guardou consigo. Joana sentou-se na cama e encarou a irmã, a pouca claridade que vinha da rua mostrava o semblante desapontado de Rebecca.

— O senhor Patric a admira, Rebecca — Joana falou de repente.

— Acha mesmo? — sorriu esperançosa.

— Não comece a se iludir — Joana interveio. — Disse apenas que a admira, o que é notável. Porém não deve alimentar esperanças. Ele parece ser um bom homem e pode apenas estar sendo gentil. A admiração nada tem a ver com romance. — Ela disse e Rebecca esmaeceu, magoada.

— É, tem razão. Sou boba e sonhadora demais.

— É romântica, Rebecca, apenas isso.

— Nunca foi romântica, Joana?

— Romântica? Sou lúcida demais para ser romântica — respondeu, querendo apagar da memória todas as vezes em que ficou acordada, relembando os momentos em que esteve com Alexandre, suspirando com a lembrança dos sorrisos que deram juntos, das mãos dele segurando as dela, ou da vez em que ele a pediu para ser sua esposa, e que seus lábios estiveram a milímetros de se encostarem.

— Alexandre não devia ter se ausentado durante o jantar — disse Phillip a Patric, quando estavam a sós na biblioteca.

— Ele não se sentiu bem ao ser evitado por todos. Até mesmo a tapeçaria da sala recebeu mais atenção do que ele — disse Patric.

— Alexandre fez por onde — afirmou Phillip. — O seu papel como um verdadeiro homem era ter ficado naquela sala.

— Não vamos julgar Alexandre. Ele já se culpa e sofre o suficiente. Sabemos que é honrado.

— É, mas quase me deixa uma noiva como herança.

— Noiva? A quem se refere? — Patric não entendeu.

— Os pais da senhorita Joana disseram-me que imaginavam a mim

como esposo da filha, afinal, quando aceitaram que Alexandre lhe fizesse a corte, era para *Phillip Motier* a quem estavam entregando a mão da jovem. Se visse os olhos de cobiça de Madame Anastasia sobre mim!

— Aquela família é muito controversa! É risível a forma com que agem para casar as filhas — observou Patric.

— Mas não são diferentes da maioria das famílias onde existam moças em idade de se casar. Ontem mesmo recebi um senhor que veio falar sobre negócios e no final da conversa já discursava sobre uma das filhas — narrou Phillip. Patric achou graça e não pôde deixar de rir.

— Sim — Patric concordou —, mas o senhor Hour e Madame Anastasia são descomedidos! E que absurdo! — balançou a cabeça.

— O que é absurdo?

— Você... e Joana... — tornou a balançar a cabeça.

— E por que é um absurdo?

— Porque é. — Ele mediu o irmão, analisando sua expressão zombeteira. — Não pode estar falando sério! Depois dessa história toda...? E sabendo que Alexandre ama a moça.... Consideraria?

— Claro que não! — Phillip respondeu rindo.

[...]

— Irmãos. Por isso eu não os encontrava — disse Johan ao entrar na biblioteca, trazendo consigo uma garrafa de vinho e caminhando até a cristaleira de onde retirou três taças. — Que noite! Estou impressionado com a beleza das irmãs Sophie e Joana.

— Ainda esse assunto? — Patric franziu o cenho, enquanto pegava a taça de vinho que Johan lhe oferecia.

— É minha culpa que elas sejam tão belas? Não consigo evitar o comentário. — Ele se defendeu, e ofereceu o vinho a Phillip, que aceitou a taça.

— Belas ou não, qualquer uma delas parece ser sinônimo de confusão — considerou Phillip, enquanto bebia o vinho tinto.

— Esse vinho é muito bom — Johan elogiou, após beber uma taça inteira e voltar a enchê-la.

— *Veja, meu amor, a que ponto chegou minha covardia. Será que a perdi?* — soou a voz de Rebecca pelo aposento.

— O quê? O que está dizendo? — Joana perguntou à irmã, olhando para a cama ao lado e vendo Rebecca sentada, próximo ao castiçal, segurando a carta em mãos. — Eu não acredito!

— *Sou hoje um desgraçado, lamentando a minha dor. Por que eu nada disse, enquanto tinha tempo e oportunidade? Priva-me agora de debruçar os meus olhos sobre os seus e dizer-lhe que a amo, com toda a minha alma. Ah, se soubesse o quanto isso me destrói.*

— Pare, Rebecca! Que atrevimento. Não acredito que esteja fazendo isso!

— *Perdoe-me se causei-lhe algum sofrimento. Jamais o quis fazê-lo. Não estou empenhado em me justificar, tampouco saberia fazê-lo, sou mesmo culpado por ter adiado em dizer-lhe toda a verdade...*

— Dê-me esta carta, Rebecca! — Joana fez menção de levantar-se e ir até a irmã.

— *Nem quero imaginar que tenha me esquecido. Nem posso imaginar que não a verei mais entre as faias, ou voando em seu cavalo branco pelos prados. A visão dos teus olhos, teus cabelos emoldurando sua face, e cada sarda em sua pele, são toda fonte do meu respirar. É com a esperança de revê-la sorrir para mim que durmo e levanto todos os dias, sonhando com a oportunidade de pedir-lhe perdão. A omissão foi o meu único pecado, nada mais do que isso, eu lhe juro...* — Rebecca fez uma pequena pausa.

— E isso é tudo? — Joana perguntou procurando não demonstrar ansiedade.

— Não... ainda há mais. Quer que eu continue?

— ...Continue — disse a contragosto. — Já que começou...

— *Garanto que era meu desejo dizer a verdade logo. Ensaiei formas de revelar tudo, porém fraquejei, tomado pelo medo de lhe perder antecipadamente. Julgam-me agora como um mentiroso, porém o meu amor sempre foi o mais verdadeiro e continua a crescer a cada dia, e já não mais depende de ser correspondido para existir.*

— Mentiroso! Isso não explica o que fez à Sophie.... Tudo o que ela nos contou naquela noite... As palavras que ele lhe disse. — Seus olhos arderam.

— *Há muito mais que eu gostaria de falar-lhe. Amanhã à tarde, onde nós nos vimos pela primeira vez. Estou pedindo que me dê a oportunidade de me explicar. Com todo amor, Alexandre Franz* — Rebecca concluiu a leitura.

— Onde se viram pela primeira vez? Não foi em nossa casa, no primeiro jantar que papai ofereceu a ele, quando veio entregar o convite para o baile? E por que ele fala sobre as faias? — Rebecca tentava entender.

— Eu preciso dormir, Rebecca... — Joana sentiu seu rosto arder, como se um choro fosse tomá-la a qualquer instante.

— Não, Joana. Diga-me o que sente pelo senhor Alexandre e eu farei tudo para ajudá-la.

— Rebecca, minha irmã... — Joana respirou para buscar forças. — Não sinto nada por esse senhor, além de desprezo...

— Eu não consigo acreditar. Eu a conheço Joana. Sempre foi tão forte e verdadeira, nunca escondeu seus sentimentos e brigava por eles... e agora vejo claramente como mudou. E vejo que está sofrendo...

— Rebecca, não conte para ninguém sobre essa carta — Joana pediu, de seus olhos rolaram algumas lágrimas.

— Eu não vou contar — Rebecca esticou os braços e entregou a carta para Joana.

A escuridão já tomava conta dos corredores e de quase todos os aposentos na mansão Motier. Apenas uma luz no final do corredor ainda permanecia com a chama acesa. Caroline preparava-se para dormir quando ouviu passos no corredor. O som parecia estar longe e foi aumentando até ela perceber que estava próximo do seu aposento. Ela segurou um castiçal e aproximou-se da porta, abrindo-a lentamente. Os passos pararam. *Ele* virou-se para trás e encarou Caroline.

— Algum problema?

— Nenhum — paralisou. — Apenas ouvi barulhos no corredor e vim averiguar.

— É assim tão corajosa? — *Ele* sorriu

— Eu estou em segurança. Certamente não encontraria perigo algum aqui. Imaginei que poderia ser o meu irmão, ou...

— Cuidado, senhorita — *ele* a interrompeu —, não sei o quanto realmente está em segurança, especialmente a esta hora e trajando-se apenas com esse leve tecido — disse olhando-a com avidez.

— Eu... estava preparando-me para dormir. — Ela disse rapidamente,

voltando um passo para dentro do aposento, que estava iluminado pela lareira.

— É um belo aposento. — *Ele* deu um passo à frente e olhou para o interior do mesmo. — Posso vê-lo melhor?

— Agora? — perguntou receosa, corando.

— Não é apropriado? — *Ele* deu mais alguns passos à frente e pôs uma de suas mãos na porta, junto da dela.

— Nem um pouco apropriado. — Ela respondeu.

— Qual a distância que existe entre o que é apropriado e o que é muito desejado?

— Uma longa distância — Caroline disse, entrando no aposento e sendo seguida por *ele*.

— E não me deseja tanto quanto eu a desejo?

— Uma moça não deve jamais falar sobre seus desejos...

— Às vezes não é necessário falar. — *Ele* disse, encostando a porta atrás de si e indo cada vez mais próximo do rosto de Caroline, encostando o nariz em sua orelha. Ela arfou enquanto sentia um calafrio arrepiar os pelos do seu corpo.

Ele afastou os longos cabelos negros dela, que caíam sobre os braços, e os colocou para trás do pescoço, deixando a pele livre para ser beijada. Ela não resistiu, fechou os olhos e sentiu o aroma que vinha da pele dele e o cheiro de vinho que exalou da sua boca. Com agilidade soltou dos ombros dela a camisola branca de tecido fino, deixando que caísse no chão, enquanto beijava-lhe com ardor o pescoço, fazendo com que Caroline pendesse a cabeça para trás e arquejasse de prazer. Ela retribuiu, enlaçando a cintura dele com as pernas e o trazendo para mais junto de si, puxando a camisa que ele usava e cravando com força as unhas em suas costas expostas.

Ele a segurou no colo e caminhou com Caroline presa ao seu corpo até encontrarem a cama macia, onde renderam-se à paixão.

Capítulo 22 — Encontros e desencontros

Joana abriu um livro e sentou-se na cama. Fechou o livro. Foi à janela e pôs-se a olhar o movimento da rua. Sentiu-se ansiosa. Uma guerra era travada em seu interior. Queria vê-lo; queria ir ao bosque... Não queria vê-lo jamais; queria vê-lo apenas mais uma vez... Precisava gritar com ele. Odiava-o com fervor... Sim, odiava-o....

A tarde avançava cada vez mais.

Será que ele está à minha espera? Pois que espere! — dizia para si mesma, andando nervosamente pelo aposento.

— René, onde está o *Percheron*? — Alexandre perguntou ao cavaleiro, depois de revistar todas as baias e constatar que o animal não estava em nenhuma delas.

— O senhor Johan esteve há pouco aqui e o levou — respondeu o homem percebendo que Alexandre estava nervoso.

— Justo o *Percheron*? Não sabe ele que aquele cavalo é meu? — perguntou irritado. O funcionário retraiu-se.

— Não sei, senhor. Pensei que o senhor soubesse que ele o levaria... — respondeu.

— *Arh* — bufou. — Sele outro cavalo para mim, por favor, René — pediu.

— Sim, senhor. — O homem saiu e rapidamente voltou com um cavalo cor de trigo. Alexandre o montou e seguiu para o bosque.

Joana, esteja lá — desejou.

[...]

Johan chegou ao prado bem antes do entardecer. O Sol ainda estava alto e deixava o verde ainda mais claro, além de aquecer um pouco quem estivesse sob ele. Viu ao longe o bosque e, ainda mais distante, as montanhas, que logo estariam brancas com a neve que em breve começaria a cair.

Ele percorreu os olhos por todo o campo a fim de encontrar Sophie e esperava que ela atendesse ao seu convite para estarem juntos naquela tarde, apesar de ela o ter ignorado completamente. Ele esperou alguns minutos e não viu nenhum sinal da moça. No entanto, muito distante, observou que alguém parecia vir na sua direção, a cavalo. Rapidamente escondeu a si e ao *Percheron* atrás de um monte mais elevado, onde havia uma enorme pedra de tamanho suficiente para abrigarem-se.

A distância ainda não o permitia ver com nitidez, mas Johan teve certeza de que era um homem, e quando este passou pela estrada de terra próximo do riacho e rumou para perto da entrada do bosque, Johan teve certeza de que se tratava de Alexandre.

Notou que Alexandre parecia também estar à espera de alguém, e logo pôs-se a pensar se ele não estaria aguardando Sophie. Imaginou que ela pudesse ter combinado de estar ali com Alexandre, para que ele os visse juntos e assim não ousasse mais convidá-la para passeios ou tencionasse cortejá-la.

Conjecturou isso após lembrar-se da história que Patric contara a ele, sobre a confusão no dia do baile, e também sobre as insinuações de Alexandre, de que Sophie poderia ter fingido ser Joana apenas para conquistá-lo, e que ela não passava de uma moça dissimulada e esperta. Ponderou a história e não deixou de julgar que Alexandre poderia ter mentido sobre o ocorrido e, que na verdade, ele se aproveitara das duas irmãs. Talvez ainda estivesse se aproveitando de Sophie. Ele não arriscaria que isso não pudesse ser verdade. Não conhecia Alexandre tão bem para acreditar nele tão fielmente, assim como Patric acreditava.

Johan só parou com suas deduções quando viu uma jovem caminhando pelo prado. Ela vestia uma longa capa de veludo verde e olhava em todas as direções, como se estivesse à procura de alguém. Ele percebeu que era Sophie quando ela chegou mais perto de onde ele estava, e quando o vento derrubou o capuz que escondia seus cabelos e revelou o seu rosto.

— Senhorita! Meu coração sabia que viria. — Ele a chamou e caminhou na direção dela, sorrindo.

— Senhor... Johan — curvou a cabeça em cumprimento. — Disse “o seu coração”? — Sophie repetiu as palavras dele com certa surpresa.

— Sim, este que bate aqui dentro — apontou o próprio peito.

— O senhor não deveria falar assim. Deixa-me constrangida — disse ela.

— Então digo apenas que me sinto feliz por ter aceitado o meu convite, e assim ter a certeza do que eu já supunha...

— Sobre o que está falando? — questionou.

— De que é ainda mais bela durante o dia. Sinto vontade de colhê-la, como se fosse uma flor deste prado.

— Eu não deveria ter vindo. — Ela disse, dando-lhe as costas em desagrado.

— Não, não. Espere! — Ele pediu indo atrás dela. — Perdoe-me. A senhorita é realmente fascinante, mas prometo não lhe fazer mais lisonjas. Apenas fique — segurou as mãos dela. Sophie acompanhou o ato com os olhos. Esquivou-se.

— O problema nunca são as lisonjas, mas sim o quanto podemos confiar nelas. — Ela lhe disse.

— Quero ser merecedor de sua confiança. — Ele disse enquanto caminhavam pelo extenso prado.

Conversaram sobre amenidades, depois sentaram-se abrigados pela sombra de uma frondosa árvore, onde Johan prendeu o cavalo. Sophie usou a capa como uma manta para sentar-se sobre ela, e Johan ficou à sua frente, sentado em um pequeno tronco de árvore caído, que parecia ter sido colocado ali para servir de banco.

— Então, senhorita, gosta mesmo de vir aqui? — Ele perguntou.

— Não vim muitas vezes. Mamãe não nos permite sair com frequência a sós para caminhar. Apenas nos arredores de casa.... Mas, já estive aqui com minhas irmãs e duas amigas para um convescote.

— Sua mãe faz bem em ser prudente, cuidando das filhas como joias preciosas.

— Mamãe é um pouco exagerada — revirou os olhos. — Mas, diz que é o seu papel, caso contrário nós jamais arrumaremos um...

— Um...?

— Pretendente. — Ela pôs-se a mexer nas pontas do cabelo, evitando

olhá-lo nos olhos. Johan riu.

— Impossível não haver pretendentes às sobras para cortejá-la, senhorita. Com todo o respeito, mas linda e agradável como é! — elogiou.

— Bem... ao menos nunca houve um até o momento. Papai não permite que conheçamos pretendentes antes de Joana se casar. Ela é a mais velha de nós...

— E Alexandre? — perguntou sem pensar.

— O que tem ele? — Ela pareceu não gostar da pergunta. — Alexandre me magoou muito. Não quero falar sobre ele. — Os olhos dela ficaram agressivos, marejados. Johan não soube entender se era mágoa ou ódio que eles exprimiam.

— Sinto muito. A senhorita não deveria ser magoada nunca. — Ele disse contemplando os olhos verdes de Sophie e notando como ela era inconstante. Ora parecia ser tão frágil, ora parecia ser tão violenta. — Se eu tivesse a oportunidade, não mediria esforços para fazê-la feliz.

— O senhor? Por que o senhor faria algo em prol de minha felicidade? — indagou.

— Porque sei que isso também me deixaria feliz. — Ele levantou-se e caminhou até ela, ficando quase de joelhos à sua frente e segurando-lhe as mãos entre as suas. Sophie olhou para os lados, mas não retirou as mãos dele sobre as suas.

— Não deveria dizer isso... — Ela contestou.

— Seria errado dizer se não fosse a verdade, mas como *não minto*, não vejo mal algum em lhe dizer o quanto sou encantado pela senhorita.

— Mas não é apropriado. Nem mesmo estar em sua presença a sós é apropriado. Eu devo ir. — Ela levantou-se, sendo seguida por ele.

— Não, espere, deixe-me olhá-la um segundo mais — pediu, segurando as mãos dela. — Como é linda! — acarinhou o rosto de Sophie com uma de suas mãos, enquanto se aproximava cada vez mais. Sophie olhou para o rosto bonito de Johan. Ele tinha os olhos azuis como as borboletas que apareciam no verão naquele prado. Pareciam cintilar uma cor quase metálica. Seu rosto era muito proporcional e, apesar de ter os cabelos loiros como os seus irmãos, tinha a pele levemente bronzeada. Johan encostou os lábios no rosto de Sophie e suavemente deslizou para perto de sua boca, beijando-a com suavidade. Ela permaneceu imóvel, com dificuldade para manter uma respiração uniforme.

— Como é suave a sua pele. — Ele afastou os lábios dos dela somente o suficiente para falar. Ela nada disse, apenas continuou estática. — Que homem feliz eu sou por tê-la diante de meus olhos! — sorriu, envolvendo-a e beijando-a novamente. Dessa vez ela fechou os olhos e retribuiu timidamente, passando as suas mãos em volta do pescoço dele. Ele a olhou, surpreso com o gesto, e a segurou no colo, levando-a novamente para debaixo da árvore.

— Solte-me, senhor Johan! — Ela pediu, repreendendo-o. — Não faça isso...

— Eu disse que a colheria como se fosse uma flor. — Ele sorriu, colocando-a sentada sobre a manta, que ainda estava no solo.

— Eu preciso mesmo ir. Estou arrependida do que aconteceu. — Ela baixou os olhos. — Eu jamais poderia ter feito isso. Não tenho a permissão dos meus pais nem ao menos para olhá-lo, ou trocarmos alguma palavra, muito menos para tal liberdade — falava agoniada.

— Por favor, não se arrependa! — pediu. — É não ter a permissão dos seus pais que a incomoda? — Ele a questionou.

— É claro! O que pensa que eu sou? — Sophie o olhou incrédula.

— Eu poderia fazer isso...

— O quê?

— Se disser que sente algo por mim, nem que seja só um pouco do que eu sinto pela senhorita, eu vou até a casa dos seus pais e peço permissão para cortejá-la — disse ele. Sophie arregalou os olhos.

— Não!! Eu não o amo! — declarou com rapidez. Johan riu.

— Eu nem esperaria por isso. Não em tão pouco tempo. Mas se um dia foi o suficiente para despertar em mim tamanha paixão, sei que logo sentimento igual poderá surgir para a senhorita. A menos que já ame alguém. — Ele disse buscando os olhos dela, que olhavam para baixo.

— Não amo ninguém. — Ela disse, recordando as palavras de Alexandre na noite anterior. *“Eu não quero o seu amor, tampouco a sua presença ao meu lado. Mesmo que Joana não me quisesse, mesmo que me rejeitasse para sempre, eu jamais a escolheria!”*. Aquelas foram as palavras mais duras que alguém já tinha lhe dito e nada a feriu mais do que ter que as ouvir. Foi como cortar as suas esperanças pela raiz.

— Então, não há nada que impeça que esteja ao meu lado? Se for somente a aprovação dos seus pais, eu lhe juro que se for da sua vontade, a

terá — disse ele. Sophie arregalou os olhos.

— O senhor consideraria apresentar sua proposta... de... casamento?

— Ela tremeu diante da possibilidade. Seus pais iriam vibrar com a notícia. E, embora seu coração estivesse triste com a recusa de Alexandre, ela precisava assegurar o seu futuro. Johan era jovem e muito bonito, além do mais, era irmão de Phillip Motier. Ele era muito rico.

— Se for da sua vontade. — Ele beijou as mãos dela.

— Sim. — Ela concordou, deixando que ele a tomasse novamente nos braços, envolvendo-a em um beijo mais ousado.

Tentou reprimir seu desejo de beijá-lo com mais intensidade, mas o calor que vinha do seu corpo era deleitável. A forma como ele a beijava, como o ar quente de sua boca a aquecia, tudo era inebriantemente bom demais.

Alexandre estava frustrado, andou entre as faias por longos minutos e não encontrou Joana. Foi até a entrada do bosque, contemplou o horizonte verde, e nem sinal dela. A tarde já estava caindo, o céu já tinha algumas nuances de tons laranja e azul-escuro. Voltou a adentrar o bosque e parou diante da árvore que continha a gravação das iniciais de seus nomes. Sentou-se e recostou o corpo no tronco da faia e, apoiando as mãos na cabeça, deixou que as lágrimas caíssem livremente por seu rosto. Era a primeira vez que chorava por amor. Era a primeira vez que amava alguém. Ele não conseguia acreditar que Joana pudesse realmente ter dado o broche para Sophie propositalmente.

...foi Joana quem me deu o broche, e pediu que eu o usasse no baile. Joana fez isso para que o senhor não a reconhecesse. Ela jamais o quis, senhor... — As palavras de Sophie ainda ecoavam em sua mente.

Ao mesmo tempo, um pouco distante dali, Joana surgiu montada em seu cavalo. O pelo branco do animal contrastava com seu vestido cinza escuro. Ela galopava rapidamente. Avançava como ondas quando avançam na praia, mas com o mesmo medo de morrer na areia com o qual morrem as águas revoltas do oceano. Estava disposta a encontrar alguma resposta, pois havia muitas questões que ela, embora não admitisse, não conseguia entender. Ela iria ao seu encontro nem que fosse para dizer, olhando nos olhos dele, que o odiava... de todo o coração.

Diminuiu o ritmo ao passar pelo riacho e ao longe viu as faias, lindas e quase despidas de folhas. As folhas secas formavam, ao redor de cada árvore, um espesso tapete que demorava longo tempo a decompor.

Ah, a nudez invernal — admirou a paisagem.

Mais adiante, ainda no prado, enxergou o *Percheron* negro preso a uma árvore e percebeu que havia uma pessoa debaixo dela. Parecia ser uma mulher. Joana aproximou-se com cautela, seguindo pela margem direita do riacho e tomando cuidado para não ser vista. Seu coração pulou no peito quando viu que havia uma moça recostada na árvore, despida de suas roupas e envolta apenas em um manto verde. Via, até então, apenas as suas pernas e parte dos seus braços; a moça estava em uma posição em que se podia vê-la apenas de lado; ela olhava em outra direção. Seu coração congelou.

Joana bateu os dois estribos no cavalo e passou com ele pelo riacho. A moça recostada na árvore ouviu um barulho e olhou para trás, ficando frente à frente com Joana.

— Sophie? — Joana arregalou os olhos.

Sophie estremeceu quando viu Joana olhando-a do alto do cavalo, tão assustada quanto ela. Segurou com força o manto, cobrindo-se até o pescoço.

— Por que está... — Joana começou a falar com dificuldade. Ver Sophie praticamente nua estava a deixando sem ar. — Por que está sem as suas roupas? — indagou com o mesmo olhar incrédulo.

— Eu... — Sophie respirou fundo, trêmula. — Eu... — aturdida, não conseguia mencionar qualquer palavra.

Joana olhou para o *Percheron* negro preso à árvore e voltou a olhar Sophie, ao mesmo tempo que seus olhos se enchiam de lágrimas. Seu coração parecia que pararia de bater a qualquer momento. Joana sabia que aquele era o cavalo de Alexandre. Ela apertou os lábios e os olhos com força, quase duvidando do que via. Um pouco mais distante viu que alguém se aproximava. Surpreendeu-se ao ver quem era. Estava perplexa, mas não pôde deixar de sentir um discreto alívio ao ver que não era Alexandre. O homem que vinha até elas, tinha os cabelos claros e era mais magro. Vestia uma calça preta, botas, e uma camisa branca aberta até a metade do peito, em suas mãos trazia flores. Ele sobressaltou-se ao ver Joana e parou alguns segundos antes de continuar a caminhar até elas.

— Senhor Johan!? — Joana constatou ao vê-lo de perto. Sophie começou a recolher as peças de sua roupa e trazê-las para mais perto de si. — Eu mal posso acreditar no que estou vendo. Vista-se, senhor!

— Eu estou vestido — disse ele calmamente, abotoando os botões da camisa sem pressa. — Peço que não se exalte... — depositou as flores ao lado de Sophie, no chão.

— Pede que eu não me exalte? — O seu sangue parecia correr mais lento e espesso pelo corpo, acentuando uma grande palidez em seu rosto. Joana sentiu uma vertigem e desequilibrou-se. Caiu no chão, sendo amparada por Johan. Sophie vestia-se rapidamente. — Não toque em mim! — Joana disse ainda tonta, porém levantou-se para encará-los.

— Joana, por favor, vamos conversar. Por favor, não diga nada ao papai. Estou tão envergonhada — Sophie começou a choramingar. — Diga a ela, Johan... — buscava os olhos dele.

— É a sua única preocupação?! — Joana a olhou com severidade. — Acaso não sabe o que acabou de fazer com a sua vida? — interrogava-a. Johan terminou de abotoar a camisa e vestiu o casaco, desamarrou o cavalo

da árvore e caminhou até Sophie.

— Não se preocupe — disse ele em voz baixa, antes de beijar-lhe as mãos, sorriu e a olhou nos olhos. Sophie concordou com a cabeça, dos seus olhos vertiam lágrimas. Johan agilmente montou o *Percheron* e rumou para a propriedade Motier.

[...]

— Você guardará o meu segredo!? — Sophie indagou à Joana, mais como uma ordem do que como um pedido.

— Não! Claro que não! — olhou incrédula para a irmã. — Você contará o que houve para os nossos pais. E se ele a forçou...

— Eu não posso fazer isso! — Sophie a interrompeu. — Sabe que não posso! E Johan... ele não me forçou... — disse olhando para o chão.

— Por que não pensou nisso antes?! — exaltou-se. — Como deixou acontecer? Um homem que mal conhece! O que espera com isso? — Joana quase chorava, em desespero e por temer o futuro da irmã.

— O senhor Johan nutre grande sentimento por mim — Sophie disse com os olhos vívidos. Joana a olhou com consternação. — Ele resolverá tudo. Pedirá a minha mão em casamento ao nosso pai, Joana!

— Pedirá? Ele lhe disse?

— Sim! Não tente estragar tudo mais uma vez! — arregalou os olhos úmidos pelo recente choro.

— Estragar tudo? O que eu já fiz a você, para que se sentisse assim? — Joana balançou a cabeça, confusa.

— Ainda pergunta? — Sophie a acertou com um olhar agressivo.

— Sophie, como pode culpar a mim? — Joana esmaeceu. Jamais iria querer ver Sophie triste. — Sophie, o que aconteceu aqui não é certo. Sabe que não é! Como pode acreditar no senhor Johan? O quanto conhece sobre ele?

— Eu o conheço pouco, mas o suficiente para saber que é confiável. Eu sei que não acredita! — Sophie declarou. — Não acredita que Johan está apaixonado! Sente inveja de mim, Joana! — gritou.

— Inveja? — Joana abalou-se com aquela declaração tão ressentida.

— Sente inveja, sim, porque desejava estar em meu lugar todas as vezes que papai queria lhe impor casamentos arranjados. A cada jantar que precisou suportar aqueles velhotes, viúvos. E ficou assim, fria em relação aos

sentimentos, pois sabia que o amor não aconteceria para você! Pois sabe que Alexandre gostou de mim primeiro — falava enérgica, com as faces avermelhadas.

— As suas palavras são tão duras. Ferem-me como um tapa... — Joana disse inconformada.

— Quem feriu primeiro? Quem tirou de mim a oportunidade de sonhar? Você me feriu primeiro, Joana! — disse iniciando um choro compulsivo.

— Não diga isso! Está sendo injusta! Aquele senhor... não merece que se sinta assim. — Ainda não conseguia pronunciar o nome de Alexandre.

— Eu me sinto assim por sua culpa! — Sophie declarou em voz alta. — Aceitou ficar noiva dele mesmo sabendo que eu o amava! E por quê? Se diz que não o ama! — gritou.

— Não grite — Joana soltou o ar dos pulmões com força e buscou controlar-se a fim de não ferir ainda mais a irmã. — Eu não sabia que seus sentimentos por ele eram tão fortes... Mas, ainda poderiam ficar juntos. Ele não se declarou no baile? — sorriu forçosamente, sendo alvejada por uma dor forte em seu peito e uma tristeza imensurável ao lembrar-se daquele dia. — Por isso, não devia ter feito o que fez. Se ama ele, como diz, não devia...

— Eu o amava, sim! Mas estou arruinada, sem esperanças! Papai não deixaria jamais que ficássemos juntos depois do que houve. Sofro com isso, mas sei que precisarei esquecê-lo. O senhor Johan declarou-se apaixonado por mim. Sinto que posso ser feliz ao seu lado. Posso gostar dele também. Por isso eu lhe peço que não conte ao nosso pai. Deixe que Johan vá até ele e apresente a sua proposta de casamento, antes que nossa família o odeie ainda mais do que odeiam o senhor Alexandre.

— Ele o fará? — Joana perguntou.

— É evidente! Custa a acreditar? — Sophie olhou-a com rancor. — Ainda custa a acreditar no que digo?

— Eu não sei, mas esse senhor tem pouco tempo para fazer isso, ou eu contarei tudo para nossos pais — Joana anunciou e montou no cavalo, rumando para casa e deixando Sophie sozinha no prado. Ao passar perto da entrada do bosque sentiu uma pontada no peito. Decidiu que não iria mais voltar àquele lugar. Foi embora sem saber se Alexandre estava mesmo à sua espera.

— Ela não veio — Alexandre disse a si mesmo quando avistou a primeira estrela no céu. O frio havia aumentado consideravelmente e todo o seu corpo estava gelado devido à umidade do bosque. O ar quente que saía de sua boca formava nuvens esbranquiçadas em frente ao seu rosto. Ele levou as mãos à boca e soltou o ar entre elas para esquentá-las, levantou-se e foi embora.

Galopou vagarosamente, sem vontade, sem perspectivas. Não queria acreditar que ela o havia deixado ali, que não tinha lhe dado a chance de explicar-se. Uma força maior dizia incessantemente para que ele não desistisse, mas por vezes era vencido pelo desânimo e pensava que tudo estava acabado. Enquanto não chegava à propriedade Motier, sua mente foi tomada por lembranças. Ele viu-se diante de Joana, de pé no bosque, com seus olhos desafiadores a lhe dizer que fosse embora, que não desejava conhecê-lo. Lembrou-se do segundo encontro que tiveram, quando viu seu sorriso pela primeira vez e sentiu acender em seu coração uma centelha de fogo que tornou-se cada dia mais ardente. Consumiu-lhe, tomou-o por inteiro aquela paixão, o desejo intenso de vê-la dia após dia, a forma como ficava linda mesmo quando estava irritada, e como ele gostava de provocá-la. Recordou o prazer que sentiu quando beijou as suas mãos pela primeira vez, quando tocou em seu rosto, quando disse que a amava, mesmo sem ter coragem de dizer toda a verdade sobre ele, mesmo que ela fosse tão dura e indiferente.

Depois, as lembranças foram ficando amargas. Joana dizendo que se casaria por conveniência... O baile... Sophie usando o broche de flor branca... O beijo apaixonado que dera em Sophie pensando que ela fosse Joana... A verdade enfim revelada de uma forma que ele não queria.... A dor que sentiu ao vê-la ir embora daquele baile sem que ele pudesse se explicar.... E a saudade que sentia. Um vazio, um grande e impreenchível vazio.

— E então? Ela foi? — Patric veio ao encontro de Alexandre assim que o viu entrar na propriedade. Eles caminharam juntos até a sala.

— Ela não foi — Alexandre disse desapontado.

— Pode ter acontecido alguma coisa — Patric procurou animá-lo.

— Acredito que não. Acho que ela não quis ir. Eu preciso me acostumar com os fatos.

— Você a ama muito, não é? — Patric perguntou ao amigo, enquanto

dava tapas em seus ombros para consolá-lo.

— A senhorita Joana é... uma luz singular em minha vida. Ela é tão intensa, expressiva, forte... Ela não é doce — sorriu —, tampouco é verdadeira a todo momento. Eu sei que muitas vezes esconde o que sente. Mas eu a vi dentro dos seus olhos. Eu a enxerguei por detrás de suas palavras. Eu a vejo de uma forma que nem ela mesma sabe se ver.

— É, meu amigo, você a ama mais do que eu imaginava! — Patric sorriu. — O que fará?

— Eu não sei... — pensou por alguns segundos. — Esperar?

— Talvez seja bom... — Patric concordou.

Capítulo 24 — Ciúmes

Rebecca já havia acordado há algum tempo, porém, silenciosa em sua cama observava Joana na janela do aposento, fitando o céu com um olhar vago. O céu cinza e frio parecia com o recente humor da irmã. Rebecca era observadora o suficiente para perceber que Joana andava angustiada. Sabia que ela não era tão indiferente a Alexandre, como dizia ser. Via como Joana estava sempre muito absorta em seus pensamentos e que constantemente exibía um olhar melancólico. Por estarem sempre juntas, por dividirem o aposento, e por Joana ser uma referência de fortaleza, Rebecca era uma das

poucas pessoas que conseguia vê-la além do seu costumeiro tom imperativo.

— Joana — Rebecca a chamou. Assim que ela se virou para atender ao chamado, Rebecca pôde ver em sua expressão que algo não estava bem e, diferente de outras ocasiões, Joana não fazia esforço algum para ocultar o que sentia.

— Está tudo bem? — Rebecca perguntou endireitando-se na cama.

— Rebecca, o que faria se gostasse muito de uma pessoa, quisesse protegê-la, mas soubesse que o caminho para tal seria cercado por dor, vergonha e incompreensão? — perguntou em um tom investigativo, sentando-se na cama de frente para a irmã.

— Bem... Eu tentaria protegê-la mesmo assim — Rebecca opinou, sem saber exatamente sobre o que falavam. — Se o mal que lhe seria causado sem a minha proteção fosse ainda maior do que a vergonha, a dor e a incompreensão, eu decidiria por protegê-la.

— E se tivesse a certeza de que teria o ódio e desprezo em troca dessa proteção, ainda assim o faria?

— Joana. Eu não sei o que vem em seu coração, mas acho que com o tempo todo o ódio poderia ser desfeito, então o bem que fez poderia ser melhor visto, e seria agraciado como uma benção. Acho que deveria sim, lutar pelo seu amor. Se ele é verdadeiro, não há nada que possa impedir de acontecer. A incompreensão, com o tempo se tornaria respeito, e o ódio se dissiparia quando papai visse que está feliz.

— Papai? — Joana franziu o cenho. — Sobre o que está falando? Oh, não acredito! — Ela jogou um travesseiro na irmã. — Está louca? Acha que estou falando daquele... — encerrou a frase antes de mencionar o nome de Alexandre.

— Do senhor Alexandre. Sim! Ah, não esconda de mim, Joana! — lançou um olhar suplicante.

— Não! Não era sobre ele! Ah, Rebecca, como é tonta — riu e balançou a cabeça.

— Tonta é você! — Ela jogou o travesseiro de volta em Joana. — E me conte, você foi até ele? Foi até o senhor Alexandre e ouviu o que ele tinha a lhe dizer? Ah, Joana, que carta linda a que ele a enviou...

— É claro que não fui! — respondeu desconcertada, embora não fosse completamente verdade. — O que ele poderia dizer que faria mudar tudo o que fez? Nenhuma carta, intenção ou pedido de desculpas podem fazer

com que o tempo corra para trás, Rebecca! — censurou a irmã. Jamais poderia contar que havia ido ao bosque, mas que não pôde encontrar Alexandre pois havia se deparado com Sophie e Johan, juntos.

Joana havia pensado a noite inteira sobre a cena que vira no prado no dia anterior. Sophie sempre fora amparada pela mãe, que a mimava de forma predileta, mas ela tinha certeza de que os pais não perdoariam uma desonra como aquela. A virtude de uma moça era quase mais importante do que a sua própria existência, e uma dependia da outra. Sem virtude uma jovem estaria arruinada. O casamento com Johan era a única forma de reduzir tal infortúnio.

Sem mais dúvidas, Joana decidiu ir à propriedade Motier e falar pessoalmente com Johan. Desceu as escadas e foi até a cavalaria. Desejava ir cedo, antes que alguém em sua casa percebesse a sua ausência. Vestiu-se de maneira simples e colocou sobre o vestido um grande casaco de inverno. Aproveitou e foi à cozinha, onde buscou na despensa alguns mantimentos para levar à vila dos camponeses. Algumas famílias no local eram tão desvalidas que chegavam a passar fome, e Joana levava frutas e pão sempre que passava por lá. Porém foi surpreendida pelo seu pai logo na porta de casa.

— Joana? Aonde vai? — perguntou olhando para a cesta nas mãos da filha.

— Vou levar essas provisões à vila — disse naturalmente.

— Não aprovo! — Ele a censurou. Joana já esperava a repreensão.

— Por quê? Aquelas pessoas precisam desse alimento. Trabalham todos os dias arduamente, no frio e no calor. O camponês sustenta o clero e...

— Minha filha — ele a interrompeu —, parece que vive alheia a tudo. Não sabe que mal vivemos para pagar impostos? Não sabe que vivo a temer dias ruins na colheita e reviver os tempos em que mal tinha grãos em meu celeiro? Você era criança, não lembra dos vários ataques a qual sofremos. Nos ameaçaram, quebraram os móveis, saquearam o meu fraco depósito... E sabe quem nos atacou? Os camponeses revoltos.

— Meu pai, nunca passamos fome, os camponeses sim. Se o rei fosse justo, não haveria tanta desigualdade, e estes pobres homens não veriam nesse terrível ato uma forma de modificarem sua situação. O senhor mesmo diz que vive para pagar impostos, acha justo? Se o rei tivesse conhecimento

do que se passa com sua plebe, veria que padecem da maior miséria e desgraça — Joana disse com uma ousadia inabalável. Ao senhor Frederico Hour restou apenas balançar a cabeça em desaprovação e deixar a filha partir.

Johan viu através da janela da biblioteca que alguém chegava montado a cavalo junto aos portões da propriedade. Sobressaltou-se quando percebeu que era uma moça. Os cabelos soltos e compridos o fizeram ter certeza que era uma das filhas do senhor Hour. Fixou melhor o olhar e pôde ver o tom laranja dos fios de cabelos de Joana, bem como a sua expressão nada amigável. Apressado, saiu da biblioteca e desceu as escadas agilmente, a fim de recebê-la antes que alguém mais a visse. Ao passar pela sala, fez um sinal com as mãos para o criado, que já havia visto a visitante e estava indo avisar Phillip.

— Deixe que eu a recebo — ofegou e procurou controlar a respiração alterada por causa da recente correria. Ele firmou o andar e foi resolutos até o portão.

— Senhorita, Joana? — olhou ao redor para ver se alguém testemunhava a sua chegada. A sua expressão de nervosismo incomodou Joana. Ele a encarou por alguns segundos, observou os longos fios ruivos e ondulados, que estavam livres e caíam quase até a cintura. Ela vestia-se com simplicidade e ainda assim estava bonita.

— Está surpreso em me ver, senhor Johan? Eu bem posso ver que sim. — Ela firmou seu olhar endurecido sobre os olhos dele.

— Sim, estou surpreso. Não sabia que viria, tampouco que viria sem a companhia de seus pais — disse ele, claramente recriminando-a pelo inesperado aparecimento.

— Gostaria de tê-los aqui comigo, ao menos o meu pai, que certamente gostaria de conversar melhor com o senhor — disse ela acertando-lhe um olhar frio. Johan sentiu que ela o estava provocando. — Não me convida para entrar? — Ela o encarou com seriedade.

— Claro, entre, por favor — disse ele. Caminharam lado a lado até o centro do jardim. — Eu... sei que que lhe causei uma desagradável impressão... — começou a se explicar.

— As minhas opiniões sobre o senhor vão além de puras impressões.

— Ela o interrompeu. — O senhor agiu de forma condenável, inaceitável...

— Senhorita — foi a vez dele de interromper —, nada do que aconteceu foi sem o consentimento da sua irmã. Eu sou consciente do inconveniente, mas...

— Inconveniente? — Joana riu com ironia. — O senhor agiu de forma execrável! Como pode chamar de inconveniência um ato tão reprovável? Disse para Sophie que nutre grandes sentimentos por ela, então vim para pedir que seja breve em anunciar isso, ou me obrigará a relatar o acontecido a meu pai e pedir que interfira — falou com firmeza e autoridade.

— Então veio ameaçar-me? — sorriu desconfortável.

— Vim lhe advertir!

— E esse tom indelicado é apenas para mostrar que não acredita em minhas palavras?

— O tom é para que o senhor tenha *certeza* de que não acredito em suas palavras. Mas terá oportunidade de melhorar essa impressão, é claro.

— A senhorita é insultuosa — irritou-se —, não tem modos algum. É uma pena que sendo tão jovem e bonita, seja tão hostil. Os modos fazem uma dama, não o dinheiro que sua família possui, a inteligência ou a beleza — declarou exasperado.

Joana abriu a boca para responder quando viu Phillip descer as escadas. Os seus olhos semicerrados forçavam a visão para enxergá-los ao longe. Joana lançou um olhar áspero na direção de Johan e o fez entender que não estava simulando, ele precisaria tomar uma atitude com urgência.

— Senhorita, Joana? — Phillip sorriu vindo ao seu encontro. — Que satisfação a ver — curvou-se gentilmente. Em seguida, olhou para Johan e sua expressão mudou, passando para um semblante de curiosidade. Ele tinha notado que os dois conversavam, parados no jardim, mas não conseguia imaginar sobre o que falavam.

— Eu peço desculpas por vir sem informar. Estava a passeio quando percebi que algo estava errado com o meu cavalo — inventou a desculpa de improviso. — Acredito que tenha soltado a ferradura, então achei melhor averiguar, e como estava muito perto de sua propriedade...

— Fez muito bem em ter vindo. Deixe-me levá-lo à cavalaria — fez menção de segurar os arreios do cavalo —, o *cocher* resolverá essa questão enquanto tomamos um chá.

— Deixe que eu o conduzo o cavalo até a cavalaria — Johan

ofereceu-se.

— Eu não quero causar incômodo — disse ela. — Posso aguardar aqui enquanto o *cocher* verifica se há algo errado — sugeriu, imaginando que se visse Alexandre, não saberia como agir. Em sua ânsia de falar com Johan, ela não tinha calculado sua atitude sob todos os aspectos.

— Não será incômodo algum — disse Phillip de modo cortês e fez um sinal para que Johan levasse o animal. Ele se afastou, deixando-os a sós.

— Tudo bem, eu agradeço o gentil gesto. — Ela sorriu acompanhando Phillip até a mansão. Ao chegarem no primeiro degrau da escadaria, Phillip lhe ofereceu o braço. Joana surpreendeu-se com o gesto e, hesitante, apenas segurou sua mão para subir o primeiro lance da escada, soltando-a em seguida.

Phillip a conduziu à biblioteca. Joana sentiu um leve desconforto por estar em sua presença, e a sós. Pensou que ele a levaria até a sala, a biblioteca lhe pareceu um lugar particular demais. Joana retirou o pesado casaco que vestia e o pendurou perto da porta. Sentaram-se em poltronas de frente para a lareira, que estava acesa.

— Que magnífica biblioteca. — Ela estava surpresa com a quantidade de títulos que havia ali. O lugar era enorme, com luxuosos móveis e tapeçarias, bem como lustres belíssimos. O teto era repleto de pinturas neoclássicas. — Seria o meu lugar preferido nessa casa — falou sem medir as palavras. Imediatamente sentiu-se tão arrependida que chegou a corar, mais de irritação consigo mesma do que por constrangimento.

— Sinta como se fossem seus — disse Phillip olhando-a com encantamento, mais por sua beleza do que por seu modo espontâneo. — Sempre que desejar, venha até aqui... para ler — completou.

— Que gentil — sorriu, ainda desconfortável, esperando que o chá não demorasse e ela pudesse partir. Levantou-se e caminhou até algumas prateleiras, passando os dedos sobre a lombada de alguns títulos. Seus olhos brilharam ao ver tantos livros. Era fascinante.

— Estes são sobre ciência — disse ele —, e à sua direita os livros de religião. Há um pouco de tudo, política, poesia, teatro... Algumas obras clássicas e...

— E os proibidos para mulheres? Onde ficam? — Ela perguntou audaciosa. Phillip arqueou as sobrancelhas, surpreso com a pergunta.

— Não separei estes ainda... — sorriu com a ousadia de Joana. —

Estou pensando sobre os títulos que entrarão nesse grupo. Com certeza a senhorita poderá me ajudar...

— Claro, literatura filosófica, iluminista, liberal — disse ela dando um meio sorriso. O chá chegou no mesmo instante. Phillip estava consternado com o arrojo com que Joana se expressava.

A criada os serviu e, antes de se retirar, deixou as xícaras e o bule sobre a bandeja. Joana voltou a se sentar na poltrona próxima a Phillip. O líquido quente desceu reconfortante e a temperatura fria do ambiente permitia ver-se a evaporação rápida da bebida. Por alguns minutos eles não falaram nada e uma inquietação começou a nascer em Joana.

— Acho melhor eu verificar se o meu cavalo já está pronto para ser montado — disse ela.

— Claro, eu a acompanho. — Ele levantou-se. Deixaram a biblioteca e percorreram os enormes corredores. Joana andou todo trajeto com o coração palpitante, como se a cada curva fosse deparar-se com Alexandre.

Alexandre estava em seu aposento, distraído com uma leitura. Quando viu que não estava mais conseguindo se concentrar vestiu seu casaco e preparou-se para descer. Antes de colocar a mão na maçaneta da porta alguém bateu afoitamente. Ele abriu e encontrou Caroline, agitada ela lhe puxou pelas mãos.

— Joana está aqui — anunciou sem rodeios. — Venha...

— A senhorita Joana está aqui? — Um nervosismo o atingiu de sobremaneira. Ele ainda se sentia surpreso ao constatar como o simples mencionar daquele nome acendia sensações inexplicáveis em seu corpo. Imaginou se ela teria ido vê-lo, após tê-lo deixado esperando por ela no bosque, no dia anterior, mas teve receio de perguntar.

— Está na biblioteca com Phillip há alguns minutos — Caroline informou. Aquilo o atingiu de forma desagradável.

— O que fazem lá? — fechou o semblante. — Eles estão sozinhos?

— Sim, sozinhos — Caroline falou, não com menos ciúmes do que o irmão. — Você deve ir até lá...

— Eu não posso. — Ele disse. — Não posso simplesmente ir até lá e entrar em um cômodo em que sei que Phillip está tendo uma... conversa particular — disse aborrecido.

— Finja que entrou lá para pegar um livro! — Ela sugeriu. — Irá interrompê-los inesperadamente.

— Ora, Caroline. Fingir? Já não sabe o quanto estou pagando por igual ato?

— Ou, melhor — disse ela mudando de ideia ao ver o livro de Alexandre sobre o criado-mudo, ao lado da cama —, vá apenas devolver para a biblioteca o livro que estava lendo. — Ela caminhou até o criado-mudo, mas seus olhos focaram abaixo da janela. Caroline ficou paralisada.

— Ainda não conclui a leitura — disse ele.

— Esqueça, a visitante já está de partida. — Ela disse, apontando com os olhos pela janela. Lá embaixo, à porta da mansão Motier, Joana e Phillip conversavam.

Alexandre caminhou até a janela, voltou seu olhar para baixo e os viu. Não era possível ouvir o que diziam. Também não conseguia ver os seus rostos, apenas tinha a visão do alto de suas cabeças.

— Por um momento pensei que ela tivesse vindo até mim, para que pudéssemos enfim conversar — disse esmorecido.

— Vá até eles. Vá, Alexandre! — Caroline o puxou até a porta do aposento e depois em direção às escadas.

Alexandre desceu os degraus do interior da mansão e, vagarosamente, chegou à sala principal. Dali já era possível ouvir as vozes de Phillip e Joana.

Caminhou lentamente na direção deles com Caroline logo atrás. Joana estava de costas para a porta, virada para o jardim, e Phillip estava à sua lateral, olhando na mesma direção. Ele fez um gesto cortês e ofereceu seu braço para descenderem juntos as escadas e, novamente, ela apenas se apoiou em seu braço para dar o primeiro passo, soltando-o em seguida. O toque sutil da mão de Joana sobre a de Phillip fez arder o coração de Alexandre.

— Foi um prazer recebê-la — disse ele quando chegaram ao final da escadaria. — Reafirmo o meu convite e desejo de que venha mais vezes. A biblioteca está à sua disposição, senhorita — sorriu. — Gostaria de dar uma volta pelo jardim antes de buscar o cavalo? — convidou.

Joana estava prestes a recusar, quando virou seu corpo um pouco para a direita e viu Alexandre, parado no alto da escadaria, junto à porta. Ela hesitou a fala por alguns minutos, sua boca secou, enquanto seu coração vibrava no peito. Ele estava ainda mais bonito do que ela se lembrava. Com a expressão séria e também desapontada, ele a olhava. Ela enfim desviou seu olhar, sentia o coração pulsar no peito e na garganta. Phillip olhou na direção da escadaria e também viu Alexandre.

— Sim — Joana aceitou o convite de Phillip e perpassou o seu braço entre o dele. Suas pernas tremiam, segurar-se em Phillip naquele momento foi um ato impulsivo, mas também providencial. Ela não se importou se feriria Alexandre com seu gesto, mal conseguia negar para si mesma que se o visse sofrer, sentir-se-ia vingada; por outro lado, não fazia ideia de que aquilo o fosse atingir da forma como atingiu. Ao ver Joana de braços entrelaçados com Phillip, Alexandre deu-se conta de que a perdia da forma mais dolorosa que podia imaginar. Deram as costas para Alexandre, que os viu se afastar em meio a sentimentos de todas as nuances, dores e profundidades. Um estranho e novo sentimento lhe tomava as emoções: o ciúme.

— Por que estão juntos? — Caroline perguntou ainda mais enciumada, parando logo atrás de Alexandre. — O que ela veio fazer aqui, afinal?

O olhar que Caroline os lançava era diferente do olhar do irmão. Alexandre sentia-se triste, decepcionado com o amigo e com Joana, mas acima de tudo, ainda culpava-se por tudo ter acabado assim. Já Caroline, olhava-os com raiva, sentia ciúmes de Joana, por estar de braços dados com Phillip. Ela sentia, acima de tudo, grande vontade de gritar e lhes tirar satisfações. Impulsiva como era, fazia grande esforço para segurar seu ímpeto.

Alexandre não respondeu. Continuou observando Phillip e Joana andando juntos pelo jardim. Eles contornaram a mansão e foram até a cocheira, de onde ela buscou o seu cavalo branco.

— A nossa visitante parece atrair sempre muitos olhares na sua direção — Johan disse logo atrás de Alexandre e Caroline. Patric descia as escadas quando os viu todos parados à porta. Ele havia visto Phillip junto de Joana através da janela e desceu para ter certeza.

— Por que ela veio? — Caroline tornou a perguntar, sem conseguir esconder seu descontentamento.

— Disse que teve problemas com o cavalo e precisou parar para averiguar as ferraduras — Johan contou-lhes a mentira inventada por Joana e voltou a entrar na mansão. Caroline revirou os olhos e também subiu para o aposento, de onde acreditava que poderia ter uma visão melhor dos dois.

— Conseguiu falar com ela? — Patric perguntou a Alexandre.

— Não. Ela deu-me as costas. Sei que não mereço sua atenção, mas seria irreal dizer que não dói vê-la ignorar-me.... No entanto, o que fiz...

— Não se martirize — Patric o interrompeu. — Você se arrependeu do que fez e agora busca meios de se desculpar. Uma hora ela irá ouvi-lo e quem sabe poderá entender que disse a verdade em muitos momentos. O que sente é verdadeiro, ela irá perceber.

Patric tinha visto quando Joana se afastou da casa de braços dados com Phillip. Em seu íntimo ele imaginava que ela pudesse ter feito tal ato para causar ciúmes em Alexandre, ou para causar nele qualquer desconforto, de modo a lhe ferir, como Alexandre também a tinha ferido. No entanto, ele não pôde deixar de recriar Phillip em pensamento. Phillip sabia o quanto Alexandre estava triste e arrependido, sabia dos sentimentos do amigo. Patric julgou que ele deveria se manter mais distante de Joana, mas ele parecia cada vez mais interessado na moça. Patric olhou para Alexandre e imaginou se ele também já não estava pensando a mesma coisa.

Alexandre deu as costas para todos e subiu até o seu aposento. Sentado junto da sua escrivaninha ele tinha pleno acesso visual aos dois, que ainda conversavam próximos à cocheira.

Ele retirou da gaveta um pedaço de papel e começou a escrever uma nova carta para Joana. Após terminar a carta algumas lágrimas vieram aos seus olhos. Ele olhou para o papel e considerou se devia mesmo entregá-lo à Joana, e como faria isso. Pegou o castiçal ao lado da escrivaninha e o acendeu, derreteu cera sobre o papel e com o sinete carimbou o seu brasão na carta.

Olhou novamente para o jardim e viu que se despediam. Quando Phillip beijou as mãos de Joana, seu coração não aguentou, chegou a desviar os olhos da cena. Depois, viu Joana montar no cavalo com a ajuda de Phillip e rumar para fora da propriedade Motier.

— Até mais, senhorita Joana — Phillip despediu-se. O cocheiro, que estava próximo deles, ouviu quando o patrão pronunciou aquele nome e imediatamente colocou mais atenção no rosto da jovem.

Alexandre viu que ela já estava fora dos portões da mansão e não aguentou o ímpeto de ir atrás dela. Saiu com pressa, sem muito pensar se agia com prudência. Ao descer as escadas encontrou Patric no caminho, que o olhou assustado e tentou impedir sua passagem, devido o estado transtornado que notou que Alexandre estava.

— Aonde vai, Alexandre?

— Vou atrás dela. É minha oportunidade, e não sei quando terei outra

— disse ele, desviando-se de Patric. — Deixe-me passar, preciso ser rápido.

Patric deu espaço para Alexandre passar. Ele perpassou pela sala como um vulto e, ao descer as escadas que davam acesso ao jardim, encontrou Phillip, que vinha na direção contrária. Por pouco não se esbarraram.

— Aonde vai? — Phillip perguntou, descendo alguns lances que já havia subido e indo atrás do amigo. Ele franziu a testa, percebendo claramente a intenção de Alexandre. — Não deve ir... da forma como está, atrás da senhorita Joana...

— Não me diga o que devo fazer! — Alexandre lhe lançou um olhar furioso e deu-lhe as costas, rumando para a cocheira de onde Joana acabava de sair.

— Alexandre! — Phillip gritou, balançando a cabeça em reprovação.

Capítulo 25 — Mágoas e mais sentimentos

O *cocher* escovava os pelos de um dos cavalos quando Alexandre chegou acelerado. Sem voltar os olhos para o funcionário ou lhe dirigir uma palavra, ele foi até onde estava o *Percheron* e o conduziu para fora da baia.

— Senhor Alexandre. — O homem o chamou.

— René, desculpe, não posso falar agora. — Ele ignorou o chamado e montou o animal.

— Senhor, mas há algo que preciso lhe perguntar — René insistiu.

— Podemos falar quando eu voltar, sim?

— A senhorita que acaba de sair daqui — o *cocher* começou a falar —, o seu nome é Joana? — Alexandre parou imediatamente ao ouvir o nome mencionado.

— Sim — prestou mais atenção ao que o homem dizia.

— Senhor, esta é a moça a qual certa vez o senhor pediu-me para

enviar um bilhete e um pequeno embrulho?

— Sim, é essa a moça, não a reconhece? — disse irritado. — Seja breve, René, preciso sair com urgência.

— Senhor, não foi para essa moça a quem entreguei o que o senhor mandou. Era outra moça, e embora até se parecesse com esta, era uma mais juvenzinha — disse ele gesticulando. Alexandre parou no ato.

— O quê? René, eu não lhe disse para entregar somente para a senhorita Joana? — exasperou-se.

— É daí que vem toda a minha confusão, porque a moça disse que se chamava Joana — revelou o homem.

— Sophie! — Alexandre fechou a expressão e quase gritou, batendo com os pés contra o cavalo, o conduzindo para fora da propriedade Motier.

O *Percheron* galopava a toda velocidade. Alexandre estava enraivecido por ter a confirmação de que Sophie havia mentido sobre o broche. Seus olhos procuravam Joana à frente, no caminho. Precisava encontrá-la e contar a ela toda a verdade. A estrada que passava em frente à propriedade Motier conduzia até o prado, onde ultrapassando o riacho, via-se à esquerda o bosque de faias e, à direita, algumas colinas. Foi nesse trecho que encontrou Joana, que ia devagar, quase a passeio com o seu cavalo.

Ela praticamente deixava que o animal a conduzisse, perdida em seus pensamentos não colocava atenção na paisagem. Quando ouviu um trotar de cavalo atrás de si ficou pasmada ao encontrar Alexandre. Ele a alcançou e, posicionando seu cavalo ao lado do dela, pôs-se a olhá-la. Nada disseram por alguns segundos. Ela olhava fixamente para frente, ignorando a sua presença, mas sentindo-se grata por ter onde se sustentar, devido à fraqueza que sentiu ao vê-lo.

— Senhorita — chamou-a enfim, com a voz em súplica —, olhe para mim. Dê-me a oportunidade de uma palavra... — Alguns segundos mais transcorreram e ela ainda olhava o horizonte. Joana tomou à frente e atravessou o pequeno riacho, procurando se afastar dele. — Joana — Alexandre tornou a chamá-la. Ela sentiu uma vibração no peito ao ouvi-lo pronunciar o seu nome com tanto carinho e intimidade. — Prefiro mil vezes a ouvir desferindo palavras irritadas para mim do que esse silêncio torturante. Prefiro vê-la revidar todos os meus argumentos, criticar os meus modos, qualquer coisa, a ser ignorado. Qualquer coisa, a vê-la sofrer — disse ele.

— Sofrer? — Ela disse, ainda sem olhá-lo. — Por que acha que sofro? O que sua presunção enxerga em mim? — perguntou com o atrevimento que lhe era comum, e também com o ressentimento que a dominava.

— Não é minha presunção, é o meu amor. — Ele a atingiu com aquela declaração. — Meu amor aprendeu a enxergá-la muito melhor do que enxergo a mim mesmo.

— A palavra *amor* proferida por seus lábios soa banal. — Ela finalmente o encarou. Os lábios tremiam. — Conheço pouca coisa sobre o amor, mas posso supor que ele não é indecente, nem age com desonestidade.

— Sim — concordou imediatamente. — É assim o amor que a senhorita merece, mas também não sou experiente nessa questão, o amor é algo novo para mim, e percebi que ele é contraditório — expunha com sinceridade, buscando os olhos de Joana. — Não fui honesto em dizer meu nome desde o início, mas isso é tudo! Mas meu amor nunca foi indecente. Eu compreendo que não consiga acreditar em mim com facilidade, mas juro que sempre fui honesto quando falei sobre os meus sentimentos pela senhorita, os mesmos sentimentos que me fizeram perder a coragem, mesmo quando eu sabia que contar tudo era o certo a fazer...

— Então fala sobre sentimentos que o levaram a mentir? A enganar a mim e Sophie? — questionou-o com os olhos inflexíveis, intensos, mas também torturados pela mágoa.

— Não! Não! — agitou-se. — Juro que não.

— Deixe-me ir em paz. — Ela pediu sentindo os olhos marejarem. Olhou para o lado oposto para que ele não percebesse sua fraqueza. Seus lábios tremiam nervosamente, pensou se era o frio que estava fazendo aquilo consigo, mas, em seu íntimo, sabia que não.

— Eu não posso deixá-la ir sem antes lhe dizer toda a verdade.

— A verdade? — Ela riu com escárnio e voltou a encará-lo. — Há algo que saia de sua boca que exale esta qualidade? — inquiriu, esforçando-se para manter firmeza em suas palavras.

— Não me importo que seja dura comigo — disse ele. — Sei que mereço.

Alexandre percebeu que estavam próximos ao bosque. Não sabia se tinham conduzido seus cavalos até ali, ou se os animais é que os tinham levado. Aproximou-se o mais que pôde dela e tentou tocar-lhe as mãos. Ela

sobressaltou-se e o cavalo também se assustou com o gesto brusco que Joana havia feito.

— Deixe-me! — gritou ela. O animal parecia absorver todo o nervosismo de Joana e ficou irrequieto. Ele ergueu suas patas dianteiras e por pouco ela não perdeu o equilíbrio. Alexandre saltou rapidamente do *Percheron* e tomou os arreios do cavalo montado por Joana.

— Calma — disse ele alisando o pescoço do animal. — Joana — tornou a chamá-la apenas pelo primeiro nome —, prometo que se me ouvir, a deixarei ir... — Ele lhe estendeu a mão. Ela hesitou por um breve momento e ignorou a mão estendida. Saltou sozinha do cavalo e pôs-se a andar.

— Seja breve, senhor... Seja muito breve — disse-lhe tensa. Ele a seguiu a pé, segurando os arreios dos dois cavalos. Uma chuva fina começou a cair e o frio tornou-se ainda mais intenso.

— Há tanto para ser dito — ofegou. — Mas se me desse apenas uma palavra, eu lhe diria *perdão*. Perdoe-me por não ter dito quem eu era assim que tive a oportunidade. Perdoe-me por deixar o medo de perdê-la falar mais alto do que meu juízo. Perdoe-me por esse ato impensado, imprudente, mas que foi regido pelo sentimento que lhe tenho — disse-lhe com os olhos úmidos, caminhando atrás dela.

— E isso é tudo? — disse ela, sentindo o coração saltitar com força, como jamais imaginou ser possível. — Acha que isso é tudo? — proferiu nervosa virando-se para encará-lo.

— É tudo — garantiu ele. — Eu lhe juro que isso é tudo. Todo o meu pecado se resume a isso, e nada mais.

— Nada mais? — riu nervosa. — Nada mais!? E quanto aos seus outros pecados, senhor, pedirá perdão diretamente à Sophie? — olhou-o com severidade.

Alexandre ainda não a tinha visto tão irritada, mais do que isso, ela estava completamente furiosa. Ele prendeu rapidamente os cavalos a uma árvore e precisou ser ágil para acompanhá-la. Joana entrava no bosque e caminhava ligeira entre as faias, que os abrigava um pouco do recente chuvisco que caía.

— Senhorita, sua irmã... — ele procurou as palavras para não a ferir —, ela mentiu.

— Sophie mentiu? — Ela girou o corpo e voltou a acertá-lo com mais um olhar hostil. — O senhor mentiu! — gritou. — O senhor é o enganador!

O senhor! — Ela gritava. Parou de caminhar e respirou algumas vezes descompassadamente, ofegando. O subir e descer do seu peito era visível. Alexandre sentiu vontade de abraçá-la.

— Ela mentiu. — Ele voltou a dizer. — Por mais doloroso que seja para mim lhe dizer isso, e que certamente seja para a senhorita ouvir... Sophie usava o broche de flor no baile — disse ele. Joana franziu o cenho ao ouvi-lo falar do broche.

— O broche que o senhor mandou para ela! — disse em bom tom. As palavras evaporaram junto com o ar quente que saía de sua boca.

— Não, o broche que mandei para a senhorita! Que mandei para você, Joana.

— Não — ela balançou a cabeça —, Sophie disse que o senhor mandou o broche como presente para que pudesse identificá-la no baile; e lá se declarou, dizendo que estava arrependido de tomar minha mão em noivado, pois não merecia uma noiva com tão frios sentimentos — lembrou com dor as palavras da irmã. Alexandre estava chocado. Ficou alguns segundos inerte antes de voltar a falar.

— Joana... — sacudiu a cabeça atordoado —, ela mentiu... — disse introspectivamente. Era realmente doloroso ter que dizer aquilo para ela. — Sophie mentiu. O broche era para você, Joana. Meu beijo era para você. Meu amor e tudo o que tenho de melhor, sempre foi para você. Desde o dia em que a vi neste bosque, e quando tornei a vê-la em sua casa, a cada vez que meus olhos tiveram a graça de encontrar com os seus, que tenho feito de tudo para lhe provar que eu a amo com empenho, com ardor. Eu jamais teria beijado a senhorita Sophie, se não pensasse que fosse você.

Os olhos de Alexandre não conseguiam mais segurar as lágrimas. Algumas gotas rolaram em sua face e ficaram depositadas sobre sua boca. Ele as sorveu sentindo o gosto salgado do desconsolo. Joana o olhava aturdida, completamente confusa. Por mais que seu coração quisesse acreditar no que ele dizia, por mais que Alexandre lhe parecesse completamente sincero, não era fácil ter que aceitar que a irmã poderia ter feito aquilo com ela e consigo mesma, rebaixando-se ao nível mais sórdido do desprezo. Novas lágrimas verteram dos olhos de Alexandre, mais pesadas, mais insistentes. Joana olhava-o de uma forma diferente, e em seu interior uma luta era travada: ou acreditava nele, ou em Sophie.

— Juro que faria qualquer coisa para jamais provocar esse sentimento

na senhorita, sei que a fiz sofrer — tornou a dizer. Deu alguns passos na direção de Joana e segurou suas mãos. — Se acreditar em mim serei um homem um pouco menos infeliz.

Joana emudeceu. Seu pensamento girava, viajando por aqueles meses, perpassando cada diálogo que teve com Alexandre, cada encontro. As mãos dele ainda seguravam as suas. Ela não tinha vontade de se livrar delas. Olhava os olhos negros de Alexandre, molhados pelas lágrimas, e sentia vontade de colhê-las com as pontas dos dedos. Sentia-se enlevada pelos seus sentimentos. Seus olhos enterneceram. Joana suspirou e uma discreta lágrima correu em sua face. Alexandre alisou seu rosto e enxugou a lágrima, contornando seus lábios, admirando suas sardas, depois, segurou o seu queixo com as pontas dos dedos. Seus lábios estavam dormentes, o coração estava acelerado. Experimentavam sensações que eram comuns aos dois. Ele piscou brevemente e no instante seguinte estava com os lábios colados aos dela.

Assim que sentiu o toque quente dos lábios de Joana nos seus, pensou que estava delirando, ela não havia recuado, também fechara os olhos. Os segundos pareceram correr lentamente. Estavam transbordados de emoção. Ele beijou-lhe os lábios com carinho e trouxe as duas mãos dela para junto do seu peito, sorriu e abriu os olhos, olhando-a com todo o encanto que a beleza inebriante dela lhe proporcionava.

— Como é linda! — disse ele. — Eu ficaria para sempre contemplando seus olhos, seus lábios. Eu a amo tanto!

Joana estremeceu, seus lábios permaneceram entreabertos, trêmulos. Ela não conseguiu proferir nenhuma palavra, mas parecia que estava prestes a desmaiar a qualquer momento. Toda aquela felicidade, angústia, vontade de sorrir e também de chorar ao mesmo tempo, só podia significar uma coisa. Já era completamente impossível de negar a si mesma que também o amava de forma muito intensa. Apesar do frio, o seu coração ficou aquecido.

Então, como se tivesse caído em si, seus olhos ternos mudaram de expressão e voltaram a ficar agressivos. Ela deu alguns passos para trás, para se afastar, enquanto mais lágrimas rolavam de seu rosto.

— Posso ver em seus olhos que ainda duvida dos meus sentimentos — disse ele. — Isso me fere como um punhal em meu peito, mas eu não ousaria culpá-la por pensar o pior de mim — disse com sofrimento em sua voz.

— Faria diferente se pudesse voltar o tempo? Teria sido sincero? —

Ela perguntou. Sua expressão agora denotava sofrimento.

— Eu gosto de acreditar que fui o mais sincero que pude — disse ele.

— Sincero? Como pode dizer que foi sincero?

— Ao exprimir meus sentimentos, sim, fui. Jamais quis me passar por Phillip. Juro que era meu desejo desfazer todo o mal-entendido tão logo ele foi instaurado.

— E não desfez, por quê?

— Não posso me arrepender de tentar aproximá-la de mim. Não posso me culpar pelo o que fiz, pois tudo foi levado pelo desejo de ser correspondido... E pelo medo de perdê-la antecipadamente. Mas ainda assim, me culpo — disse confuso. — Culpo-me, mas abençoo o destino que...

— Não fale em destino — ela o interrompeu —, foram as suas escolhas, não o destino que nos fez isso! E como espera que eu acredite em sua palavra? Coloca Sophie em posição de malfeitora, diz-me que minha irmã é mentirosa... Diga-me, como acreditar em quem faltou com a verdade desde o início?

— Eu não sei — respondeu ele, decepcionado. — A verdade está aqui, é como o amor que sinto, mas que não posso ver, apenas senti-lo pulsar em cada parte do meu corpo. É uma graça invisível, precisa acreditar para fazer sentido.

— Quer que eu acredite no senhor, assim, como se fosse algo puramente simples?

— Eu gostaria que acreditasse, mas sei que isso exigiria censurar sua irmã, sei que não é algo que faria com alegria.

— Quer me convencer que Sophie roubou o broche que o senhor enviou para mim, e friamente calculou toda aquela situação apenas para...

— Senhorita, eu tenho uma testemunha. René, o cocheiro de Phillip, poderá lhe dizer. Eu entreguei a ele um bilhete junto do broche e pedi que entregasse a você. Ele foi à sua casa e encontrou a senhorita Sophie à porta. Sem saber quem ela era, ele perguntou pelo seu nome e ela disse-lhe que se chamava Joana. No bilhete eu pedia que usasse o broche para poder distingui-la entre todas as moças naquele baile. Andei por aquele salão à procura de uma jovem que estivesse com o broche, confundi-as por culpa desse detalhe. Ao dançar com Sophie, pensava ter você em meus braços e ao beijá-la pensei que eram seus lábios que tinha entre os meus. Eu não sabia que era Sophie, mas ela sabia quem eu era. Enquanto dançávamos falei da minha alegria de

vê-la usar o broche, enquanto ela permanecia muda. Havia escrito meu nome no cartão de baile dela, pensando que fosse o seu, e escrevi meu nome, não o de Phillip. Aquele era o momento que reservei para nós, para lhe contar a verdade e pedir seu perdão.

Ao terminar de contar tudo, Alexandre viu que dos olhos de Joana vertiam Lágrimas doloridas. Lembrou-se de quando a viu no bosque chorando, e como sentiu desde aquele momento o desejo de reconfortá-la. Agora era ele o causador de suas lágrimas, mas não apenas ele, Joana chorava a decepção que a irmã lhe causava. Sentia-se decepcionada pois acreditava e duvidava daquela história em iguais proporções.

Uma neve mansa começou a cair, e cada floco gelado misturava-se à sua pele quente, umedecida pelo choro.

Alexandre retirou seu casaco e fez menção de abrigá-la do frio, mas ela recuou alguns passos.

— Eu não consigo acreditar no senhor — disse tentando se acalmar. — Sophie é mimada, muitas vezes é egoísta, mas não sórdida, não mau-caráter a esse ponto — procurava convencer a si mesma do que dizia. Queria acreditar na inocência de Sophie, mas não queria duvidar da sinceridade de Alexandre.

Ela apoiou-se em um tronco de faia e abaixou a cabeça, negando para si mesma que a irmã poderia ter agido de tal forma. Tornou a elevar seus olhos e viu, ao lado da árvore na qual se apoiava, as iniciais de seus nomes. As letras J e A estavam juntas e cicatrizadas, mas ela não sabia se o seu coração também poderia cicatrizar algum dia.

— Por que gravou sua inicial na árvore? — perguntou ela. Ele sorriu ao ver que ela tinha notado.

— Eu a gravei antes do baile. Estava aflito, não sabia o que fazer. Só pensei em vir para cá... Assim como é para a senhorita, este bosque tornou-se o meu refúgio — disse ele. Joana elevou seus olhos para os dele.

— O senhor roubou o meu refúgio, senhor Alexandre — proferiu o nome dele pela primeira vez, ato que foi percebido imediatamente pelos dois. — Antes do senhor aparecer, eu tinha os meus aborrecimentos, mas podia resolvê-los facilmente. O senhor tirou-me a liberdade de uma tarde à sombra das faias, tirou-me o gosto pelos livros, tirou a minha concentração... O senhor tirou de mim as minhas certezas... — Mais lágrimas escorriam por sua face.

— Joana — chamou-a com a voz embargada —, daria a você a minha liberdade, daria a você todas as minhas tardes, minha paz, minha concentração... Daria tudo o que pudesse para vê-la sorrir. Eu só não posso lhe devolver as suas certezas... Elas são totalmente mutáveis, basta estar vivo para mudar de opinião... Eu mesmo jamais imaginei que houvesse um sentimento tão grande como o que sinto hoje. Se suas certezas mudaram, é porque novos sentimentos lhe despertaram essa mudança... Jamais estamos certos o tempo todo... E nada permanece igual para sempre...

Ele se aproximou dela, ficando novamente muito próximo do seu rosto. Joana percebeu que era difícil estar tão perto do rosto dele e olhá-lo nos olhos ao mesmo tempo. Desviou o olhar para baixo e viu quando Alexandre retirava do casaco e lhe estendia uma carta. Era a que havia escrito enquanto via Joana e Phillip juntos no jardim.

— Esta carta é para a senhorita — disse ele.

— Quantas mentiras cabem em uma carta? — Ela deu-lhe as costas e rumou para fora do bosque.

— Joana! Joana! — Alexandre a seguiu, chamando-a insistentemente, ainda com a carta em mãos. Ela parou para desamarrar seu cavalo que estava preso à árvore. — Joana, vai ficar mais fácil quando admitir que me ama! — disse ele com a voz carregada de emoção. Ela parou instantaneamente, o acertou com um olhar incerto e montou no cavalo.

— Vai ficar mais fácil quando o senhor sumir da minha vida! — replicou. Alexandre teve pouco tempo para colocar a carta em um bolso lateral do casaco que ela vestia.

Ele a viu se afastar e não pôde deixar de sorrir, não que estivesse plenamente feliz, mas sorria por ter, ao menos que por alguns minutos, a sua irritada Joana de volta. Isso sem mencionar a felicidade que sentia por tê-la beijado. Fechou os olhos e inspirou o ar gelado, os flocos de neve ainda caíam, mas não conseguiam de forma alguma vencer o calor que se instaurara em seu peito.

Capítulo 26 — Os dias frios são os mais tristes

Joana afastou-se do bosque com urgência. Não olhou para trás. Negava-se a acreditar em tudo o que Alexandre lhe falara, era dolorido aceitar que Sophie tinha mentido de tal forma.

Conduziu-me para o corredor afastado do baile e declarou-se. Disse que preferia a mim do que você! — As palavras de Sophie ainda ecoavam em sua mente.

Quando viu que já estava a uma boa distância do bosque, já próxima à vila dos camponeses, ela parou. Ofegou nervosa. Precisava pensar sobre como agiria quando chegasse em casa. Confrontaria Sophie? Abrir-se-ia com Rebecca?

Joana notou que do bolso do seu casaco, um papel destaca-se no tecido escuro. Ela retirou o pedaço de papel e logo percebeu que era uma nova carta de Alexandre. Abriu-a rapidamente:

Daqui, de onde estou, de dentro do meu sofrimento, posso vê-la.

Está tão distante de mim o meu amor. Mais distante do que se estivesse além do bosque e das montanhas, mais distante do que se estivesse do outro lado do oceano. E ainda assim, está tão perto que quase posso tocá-la. A minha culpa me atormenta, me coloca em posição de castigo, acho que até mereço o desprezo. Mas quando fecho os olhos só sinto meu coração vibrar com cada batida de amor, e cada batida é somente para ti, amada Joana. Aquelas letras gravadas no tronco da faia, são para ti. As vezes que disse sobre meus sentimentos, que declarei o meu amor, foi sempre somente para ti, e foram as palavras mais cheias de verdade que já ousei proferir algum dia em minha vida. Disse-lhe “jamais esqueça de como estou agora em sua frente, rendido em meus sentimentos, mostrando-me como realmente sou. Não se esqueça de que agora me conhece verdadeiramente, pois sabe o que vem dentro do meu coração”.

Hoje, escrevo esta carta olhando-a de braços dados com outro, que é meu amigo e do qual eu não deveria sentir ciúmes, mas meu coração arde. Por que não dá a mim a chance de lhe pedir o perdão e provar que a amo?

Não vejo nada mais em meu destino além de lutar por essa oportunidade, tê-la um dia em meus braços, ou morrer de tristeza.

Com todo o amor

Alexandre Franz.

Joana arfou. Aquelas palavras a haviam acertado como uma onda forte. O impacto quase a fez perder os sentidos. Não podia negar que se sentia tocada por aquele sentimento que era quase palpável, e mesmo através de simples linhas, conseguia ver transbordar sinceridade no que ele dizia. Como podia ser tudo tão contraditório?

Quando Alexandre retornou à mansão Motier, seu semblante era muito diferente do que estava quando saiu. Sua expressão era leve, seu sorriso era quase lírico e todos que o viam podiam ter a certeza de que estava em paz. Estavam curiosos, mas ninguém perguntou nada a ele, nem mesmo Patric, que preferiu respeitar a reserva do amigo em manter o silêncio.

Alexandre finalmente sentia a serenidade de uma boa noite de sono. Pedir o perdão para Joana havia lhe tirado um grande e pesado fardo que carregava todos os dias em seu peito e que o esmagava sem piedade.

Os dias de inverno tornavam-se cada vez mais rigorosos. A neve começou a cair com mais frequência e as pessoas procuravam manter-se em casa e abrigadas do frio. Alguns dias transcorreram depois do encontro de Joana com Alexandre, e da visita que havia feito à propriedade Motier. Ela sentia-se impaciente. Johan ainda não tinha aparecido em sua casa para conversar com seu pai. Cada vez que Joana se aproximava de Sophie e mencionava aquele assunto, a irmã chorava e se trancava no aposento. Rebecca e Amália pensavam que ela ainda estava ressentida com Alexandre, que havia se iludido com ele além do que imaginavam, mas somente Amália tinha ouvido a conversa entre Sophie e Alexandre. Ela sabia que Sophie tinha motivos para sofrer, pois havia sido duramente rejeitada, mas nem em sua maior suposição, imaginaria que a irmã possuía outros motivos, e ainda maiores, para afligir-se.

Uma semana arrastou-se como se fosse um ano inteiro, e Sophie preferia acreditar que algo de grave tivesse acontecido com Johan, do que crer que ele a havia enganado.

Joana pensou muitas formas de poder ter contato com Johan novamente, mas não queria e nem poderia ir à propriedade Motier. Que pretexto usaria? Teve sorte por acreditarem nela na última vez em que lá esteve. Foi durante o café da manhã, de um dia intensamente frio, que ela encontrou a oportunidade.

— Os dias frios são os mais tristes — disse Amália.

— Por que acha isso? — Rebecca perguntou.

— Não há nada o que fazer em um dia assim. Quando o clima está quente podemos caminhar, fazer um convescote ao ar livre. Agora, nesse tempo, até mesmo abrir a janela parece impossível — reclamou.

— Mas ainda podemos nos reunir ao redor da lareira — rebateu Rebecca —, tocar pianoforte, conversar e cantar. Lembra-se do ano passado, Joana? Reunimo-nos na casa dos Loen e tivemos uma noite muito agradável, embora o clima fosse cortante, de tão gelado.

— Lembro sim — Joana respondeu. — Tivemos que aguentar o desafino de Marie e Daisy em um dueto, quase a noite inteira — Amália e Rebecca riram.

— Mamãe — Rebecca chamou a mãe, que estava ao lado delas —, podemos esse ano fazer essa reunião aqui, em nossa casa?

— É uma ótima ideia — disse Anastasia. — Mas se convidarmos os

Loen não poderemos convidar os irmãos Motier — pensou sagazmente, dando uma piscadela para as filhas.

— Mamãe... — Joana estava pronta para repreendê-la, quando pensou melhor —, realmente é uma opção muito melhor.

— Sim! — Rebecca vibrou.

— Por que tanta animação? — Sophie a olhou de soslaio.

— Como disse Amália, os dias frios são muito tristes... Agora, ao menos um não será mais!

— Pensa que não percebo? — olhou-a com escárnio. — Cuidado, Rebecca, sonhar nos faz bem, mas sonhar demais pode ser muito perigoso. Se uma moça não tem grandes ambições na vida, tem muito mais chances de não ser infeliz.

— Oh, pare Sophie — Amália reprovou-a, vendo como Rebecca esmoreceu. — De que serve a vida se não forem os sonhos? Seja lá quais forem os de Rebecca, não seremos nós a dizer que não é possível de realizar.

— Tudo bem, eu não me importo — disse Rebecca desalentada. — Sei que sonho demais...

— Uma fantasia completamente inatingível, eu diria — Sophie voltou a dizer. — Ainda bem que é a mais nova de nós e não precisa se preocupar com isso tão cedo. Preocupadas ficaríamos nós se fosse a mais velha — riu. Rebecca saiu correndo para o aposento, chorando.

— Por que disse isso a ela? — A mãe repreendeu-a, embora sem muita vontade de fazê-lo. — Sabe que Rebecca é sensível. Cuidado para não a magoar mais. Ela não tem culpa por não ser tão bela quanto você, mas ainda tem chances de encontrar um bom homem no futuro.

— Oh, sim. Sempre haverá viúvos ricos que, apesar da idade, podem ser muito honrados — disse Sophie com escárnio. — E se Rebecca encontrar um senhor assim, que for decente, e levando em conta a sua idade, talvez ele já não se preocupe tanto mais com a beleza de sua esposa. Por isso disse a ela que não seja tão sonhadora...

— Sophie discursa sobre sonhos com tanta propriedade que acredito fortemente que seja vítima do mesmo mal a qual acaba de aconselhar Rebecca — disse Joana irritada. — Sonha demais e tão alto que já vive com a cabeça junto das nuvens. Você é quem deveria tomar cuidado, pois moças com a cabeça nas nuvens tendem a ser mais fáceis de enganar! Embora também sejam ótimas enganadoras.

Sophie ruborizou as faces. Anastasia olhava para ambas sem entender como a discussão havia chegado àquele ponto, embora já estivesse acostumada com o constante afrontamento entre as duas. Joana as deixou e subiu para o aposento, indo atrás de Rebecca.

— Sophie — disse Amália —, você foi muito injusta com Rebecca. Por que deixá-la triste, especialmente quando estava tão alegre?

— Eu só falei a verdade — rebateu insípida.

— A verdade? — Amália olhou-a incrédula. — Uma verdade que é sua, e que é carregada de maldade! Aliás, você nem sempre é verdadeira — disse chateada. Sophie olhou-a com assombro. Era mesmo a doce e tímida Amália que lhe dissera aquilo? A sua irmã e amiga mais fiel?

Tudo só se acalmou quando todas subiram e se afastaram de Sophie. Até mesmo Amália deixou-a de lado e foi ao aposento de Rebecca e Joana, a fim de evitar ter que continuar aquela briga. Ao entrar encontrou Joana consolando Rebecca, que tinha os olhos e rosto avermelhados.

— Sophie tem razão. Sei que não sou bonita o suficiente para ser notada — fungou. — Muito menos ser notada pelo senhor Patric. Joana, quem sabe o meu futuro seja mesmo aceitar qualquer casamento que papai venha a me arrumar — dizia inconsolável.

— Não, não — dizia Joana —, nem pense nisso. Rebecca, você é suficientemente bonita para o senhor Patric. Aliás, a questão é se o senhor Patric é suficientemente belo para você! — piscou para a irmã. — Ele somente a viu algumas vezes, mas quando ele realmente a notar, se tiver nem que for um pouco da sua beleza, ele a amará imediatamente!

Rebecca riu e abraçou a irmã. Amália finalmente foi notada por ambas. Ela estava de pé, próxima à porta e sorria ao ver como Joana confortava a irmã.

— Eu sinto muito pelo o que Sophie lhe disse — disse Amália para Rebecca. — Saiba que não concordei em nada com aquelas palavras, a repreendi e até mesmo brigamos. Ela foi muito áspera, injusta e maldosa com você.

— Ah, tudo bem. Eu já não devia mais me importar com o que Sophie diz — falou Rebecca.

— Talvez todas nós não devêssemos nos importar com nada do que ela diz — Amália completou. Joana a olhou com o canto dos olhos. Amália estava introspectiva demais.

Tudo foi acertado e quando Frederico Hour chegou em casa, Anastasia contou-lhe da ideia que tiveram. Ele aprovou, frisando bem que, de convidados, somente entrariam naquela reunião os de sobrenome Motier. Mandaram o convite no dia seguinte e receberam a resposta dois dias mais tarde, com agradecimentos e confirmação de que compareceriam na próxima noite.

— Quem virá? Ele mandou avisar se virão todos? — Sophie perguntou, debruçando-se sobre o bilhete que Phillip enviara.

— Não mencionou — disse Anastasia —, mas acredito que venham, sim. Claro, o senhor Phillip e os irmãos, apenas.

Joana esperava que Johan comparecesse e cumprisse com a sua palavra. Esse também era o desejo de Sophie, embora ela não o amasse, nem sentisse por ele toda aquela agitação febril e apaixonada que sentira outrora por Alexandre. Ainda assim, um casamento com Johan seria o que de mais maravilhoso poderia acontecer em sua vida, aliás, seria a sua ruína se não acontecesse.

— Reunião mais entediante certamente não deve existir. Imagine só! — Caroline dizia enciumada para o irmão, e como ele não dizia nada, continuou. — Mesmo que tivessem me convidado, eu não iria. Se bem que eu jamais receberia um convite, já que os convidados são todos pretendentes que almejam para as filhas — dizia ela. — Inclusive para Joana.

— O quê? — Alexandre enfim disse algo. — Pretendentes para Joana? — Chegou a corar o rosto de tão nervoso que ficou somente de ouvir mencionar aquela possibilidade. — Quem?

— Ora, qualquer Motier serviria muito bem, aposto!

— Pois nenhum deles ousaria. Não há a mais remota possibilidade — assegurou.

— Persevera-se até que se consegue — disse ela.

— Como? — Ele não entendeu.

— Ora, esse repentino estreitamento de amizade entre Phillip e a família Hour. Jamais ouvi falar de situação semelhante que não fosse

culminar em casamento.

— Não diga bobagens — repreendeu-a. — Por ciúmes já casou Phillip com metade deste povoado.

— Atente-se, irmão, é somente um conselho — Caroline falou. Alexandre apenas soltou um longo suspiro.

— E por que não nos acompanhará? — Patric perguntou a Johan. Já estavam prontos para saírem.

— Apenas não sinto vontade — replicou ele.

— Não sente vontade? Acaso agora só faz o que tem vontade? — Phillip inquiriu, de pé embaixo do umbral da porta da grande sala principal.

— Sim — disse ele sem pestanejar, atirando-se sobre uma poltrona —, só o que tenho vontade. E aquela família é enfadonha, cansa-me. Vão vocês. E tentem não voltar noivos — riu. Phillip e Patric olharam-se incrédulos.

— Também parece não se importar com o que diz — Patric observou. Alexandre entrou na sala naquele mesmo instante.

— É a mais pura verdade — disse Johan. — Por que eu deveria importar-me em dizê-la? Muitas pessoas seriam mais felizes se sempre dissessem a verdade — proferiu, olhando para Alexandre. Patric o repreendeu com um olhar duro.

— É, esta é a primeira coisa que o ouço dizer e concordo plenamente — disse Alexandre.

Antes de saírem, Patric falou a sós com Alexandre:

— Nenhuma carta, hoje? — perguntou.

— Não, mas quero que leve isto — entregou-lhe um papel. — É um poema. Certamente farão a leitura de alguns textos e poderão discuti-los. A senhorita Joana aprecia muito ler. Espero que consiga ler meu amor através das linhas deste poema.

— Ah, o amor! — Patric sorriu. — Nunca pensei que fosse vê-lo tão romântico — Alexandre sorriu para o amigo.

— Lembrou-me agora do que certa vez me perguntou o senhor Hour: *“É um homem romântico, senhor? Diga-me apenas se veio apresentar a sua*

proposta e eu lhe darei a minha permissão” — Alexandre imitou a voz de Frederico Hour. — Assim, tão simples, ele não desejava ao menos saber o que pensava, ou o que vinha no coração da filha. Nem mesmo eu pensei muito sobre isso ao ouvi-lo dizer tais palavras. Quis aceitar o mais breve possível... — lembrou.

— Mas você se preocupou. Sei que jamais casaria com a senhorita Joana se tivesse a convicção de que ela lhe era totalmente indiferente — disse Patric.

— Seria a coisa mais difícil que eu teria que fazer. Deixá-la por saber que não me amava...

— Pior seria se amasse outro — disse Patric em tom de brincadeira.

— Então eu morreria em desgraça — exagerou. — Sorte de Phillip não ser apaixonado pela noiva que o tio lhe quis arrumar antes de morrer. Assim foi mais fácil aceitar que o casamento não poderia ser feito, já que a moça amava a outro.

— Grizelda? — Patric olhou-o sem entender.

— Sim, a filha de Donald, o Lorde escocês. Uma moça linda e culta, pelo que me disse Phillip, e que seria uma ótima esposa não fosse completamente apaixonada por outro.

— Phillip lhe disse isso? — Patric franziu o cenho em estranhamento e surpresa.

— Sim, disse-me assim que chegou a essa propriedade...

Encerraram o assunto quando chegou a hora de Patric e Phillip irem até a casa dos Hour.

Capítulo 27 — A única entre cem

Sophie estava um pouco mais disposta e muito menos fastidiosa naquele dia. Passara a maior parte do dia em seu aposento provando vestidos e escolhendo qual deles usaria à noite. Não tinha dúvidas de que Johan apareceria para enfim lhe pedir a mão. Não duvidava nem por um segundo que seus sentimentos eram verdadeiros. Deixou o vestido azul sobre a cama, arrumou os cabelos e perfumou-se. Estava certa de que aquela noite seria especial, talvez a mais especial de sua vida.

Amália estava distante de Sophie nos dias que se seguiram à discussão que tiveram, em que ela humilhou Rebecca. Cada vez mais tinha a certeza de que Sophie era mais do que apenas uma jovem mimada, em muitas ocasiões ela era egoísta, esnobe e traiçoeira. Por isso, naquela noite, deixou-a sozinha e foi se preparar no aposento de Joana e Rebecca. Pegava-se constantemente culpando-se por ainda não ter dito o que ouvira de Alexandre na noite em que estiveram no jantar na propriedade Motier. Queria ter certeza do que fazer, não queria que suas irmãs brigassem, nem queria rebaixar Sophie ao título de mentirosa, embora soubesse muito bem que tinha sido isso que ela havia feito, mentido. O único fato que a fazia ainda não ter revelado a verdade, era a certeza que tinha de que Joana não amava Alexandre. Era o que Sophie dissera, e ela nunca tinha ouvido Joana falar o contrário, ou mostrar o contrário com as suas ações.

— Como estou? — Rebecca virou-se para as irmãs e perguntou. Ela usava um vestido lindo, lilás, com pequenas flores nos ombros. Era um vestido mais justo na cintura e não muito volumoso, o que a deixou com um

ar mais maduro e acentuou as curvas do seu corpo, que era muito bem contornado.

— Está linda! — exclamou Joana, enquanto também se vestia.

— Sim, fabulosa — concordou Amália, sorrindo.

Depois de todas prontas, desceram até a sala e aguardaram os convidados. Sophie ainda não havia descido. Do alto da janela do seu aposento, de vez em quando ela olhava para baixo e conferia se alguma caleça já havia parado ali. Queria entrar na sala quando todos já estivessem a aguardando. Causaria enlevo a todos os presentes e faria o coração de Johan bater descompassadamente.

Ficou pensando nisso até que viu parar uma caleça em frente à sua casa, mas não parecia ser a luxuosa caleça de Phillip, embora Sophie tivesse certeza que já a tinha visto antes.

Na sala, convidados foram anunciados por uma criada. Madame Anastasia, Frederico e todas as filhas que estavam no local, levantaram-se para recebê-los. O espanto de todos foi imediato ao verem o senhor Loen e a sua esposa, Madame Catherine, com as duas filhas, Marie e Daisy. Espanto esse que não foi compartilhado por Joana, que se adiantou em cumprimentá-los.

— Que bom que vieram — curvou-se. — Fico feliz que tenham recebido o meu convite.

Imediatamente Marie correu na direção de Rebecca e de Amália para enchê-las de abraços. Daisy também acompanhou a empolgação da irmã e, embora mais comedida, não deixou de demonstrar em como estava feliz por revê-las.

— Catherine! — exclamou Anastasia ao ver Madame Loen. Pensou em dizer o quanto estava surpresa ao vê-los ali, mas pôde perceber claramente que Joana os havia convidado. Lançou um olhar reprovador para a filha, que fingiu não notar. — Que alegria vê-la. — Foi o que lhe restou dizer.

O senhor Henrique Loen e o senhor Frederico Hour também se cumprimentaram. Frederico não estava menos surpreso do que a esposa. Ele pensava que apenas os irmãos Motier estariam presentes.

— Que saudades suas — disse Daisy olhando para Rebecca e Amália. — Há quanto tempo não nos vemos? Desde antes do baile! E moramos tão perto! Isso é imperdoável!

— Não me censure por isso — rebateu Rebecca sorrindo —, também poderiam ter vindo. Sabem que sempre são bem-vindas.

— Sabemos — Daisy sorriu. — A verdade é que estivemos fora durante um mês. Fomos visitar minha tia, em Paris! — sorriu prazenteira.

Acomodaram-se no sofá maior. Joana sentou-se ao lado, na poltrona, enquanto os demais conversavam de pé, próximos ao umbral da porta.

— Joana, é verdade que está noiva do senhor Phillip Motier? — perguntou Marie de repente, fazendo Joana tomar um susto.

— O quê? Quem disse isso? — elevou as sobrancelhas.

— É o que alguns criados da propriedade Motier estão comentando. Sabe, temos uma criada que tem uma irmã que é criada do senhor Phillip. Há rumores...

— Não estou noiva de ninguém! — Joana sobressaltou-se, interrompendo-a. — Falam demais. Que bobagem!

— Talvez o senhor Phillip tenha comentado algo com alguém — disse Daisy. — Oh, não mantenha segredo conosco, Joana! Se os criados estão comentando é porque deve existir algo. Sabe que um criado de uma casa às vezes sabe mais da vida dos patrões do que ele mesmo.

— É, e sabem mesmo. Sabem tanto mais, que sabem até o que não existe — disse Joana aborrecida.

— Joana não está noiva do senhor Phillip — Rebecca interveio, irritada com a falta de postura de Daisy e Marie. — E isso é tudo — complementou.

Joana já estava arrependida de tê-las convidado. Havia feito isso para que aquele jantar não se transformasse em um jantar familiar e íntimo demais, em que estariam apenas a sua família e os irmãos Motier. Sabia que seria constrangedor, e que certamente sua mãe poderia ter a ideia de transformar a recepção em um jantar de noivado. Noivaria qualquer uma das filhas com qualquer Motier. Porém não imaginava que um rumor como aquele estava circulando entre os criados de Phillip. Imaginou o porquê de estarem falando aquilo, mas logo Daisy tirou sua dúvida.

— Mas dizem que você esteve lá por mais de uma vez — disse ela com olhar presumido. — E que já foram recebidos para um jantar. Inclusive deram-me detalhes de como, em outra ocasião, você e o senhor Phillip andaram de braços dados pelo jardim da propriedade Motier — relatou Daisy. Joana arregalou os olhos. — E de como tomaram chá juntos na

magnífica biblioteca...

— Que absurdo! Que criadagem mais intrometida! — Joana interrompeu a narrativa de Daisy. — Porém já disse e repito: não estou noiva do senhor Phillip!

Tão logo acabou de dizer tais palavras percebeu que *ele* estava sob o umbral da sala. A criada o conduzia e seus pais já estavam radiantes ao vê-lo chegar. Joana sentiu pontadas no peito por ter expressado a sua indignação em tão alto tom, e temeu que ele a houvesse escutado. Os olhos dele estavam exatamente dentro dos seus naquele instante. Já os olhos de Madame Catherine estavam arregalados ao ver quem era anunciado, e as irmãs Marie e Daisy olhavam-no não menos estupefatas. Logo atrás surgiu Patric, fazendo o coração de Rebecca tremer no peito, em uma sensação deleitável e ao mesmo tempo angustiante.

— É ele? É o senhor Phillip? — Marie perguntou, com os olhos brilhantes de êxtase. — Jamais vi um moço tão bem aprumado — cochichou.

— Ele é lindo! — exclamou Daisy, menos silenciosa. — Tão belo quanto o irmão! Bem que todos comentam sobre a beleza dos irmãos Motier.

— Parem com isso — Rebecca protestou um pouco enciumada. — Não deixem que percebam ou irão constrangê-los — corou.

Phillip já havia cumprimentado os Loen e também os Hour. Vinha, agora, na direção de Joana. Todos os olhos acompanharam o seu gesto. Ele caminhou até ela e sorriu gentilmente. Joana sentiu-se exasperada por ele ter vindo cumprimentá-la por primeiro. Ele curvou-se e pegou uma de suas mãos. Ela retribuiu curvando um pouco a cabeça, e respirou com autocontrole, tentando ignorar como todos prestavam atenção neles. Phillip então abaixou o rosto na direção da mão de Joana e depositou ali um beijo.

— Que bom revê-la — disse depois de saudá-la. Ela fez um leve meneio de cabeça. — Está encantadora — elogiou-a. Joana apenas sabia fazer leves meneadas com a cabeça e ansiava que ele fosse cumprimentar os demais. E ele foi, estranhando a forma como Joana estava emudecida.

— Não formam um belo casal? — disse Anastasia virando-se para Catherine, frisando bem as palavras para que ela não tencionasse cortejá-lo para uma das filhas.

— E são um casal? — Madame Catherine inquiriu, olhando-a com assombro.

— É claro! — disse Anastasia. — E penso que foram feitos um para o

outro — reforçou. Catherine lançou um olhar decepcionado, mas ainda havia Patric, e ele estava cumprimentando uma de suas filhas.

— É um prazer — dizia Patric cumprimentando Daisy, depois de já ter cumprimentado Marie e Joana.

— Um prazer que também é meu. — Ela sorriu. Rebecca olhava-os e sentia-se nervosa por vê-lo sorrir para Daisy. Isso sem mencionar o fato de que ele ainda não a havia saudado. Entristeceu-se em ver como não podia competir com elas. As irmãs Loen eram ambas loiras, de olhos azuis e peles de porcelana. Lindas, embora seus modos não fossem em nada refinados.

Daisy dizia algo para Patric quando ele olhou para o lado e encontrou os olhos de Rebecca. Ela desviou rapidamente. Ele sorriu para Daisy e disse algo, deixando-a e cruzando a sala, indo até onde Rebecca estava.

— Perdoe-me — disse ele. — Quis cumprimentá-la por último... — falou sorrindo. Rebecca não entendeu por que ele tinha a deixado por último... Porém isso era mero detalhe, tão encantada ficava quando olhava bem de perto os seus reluzentes olhos azuis.

— Tudo bem — Rebecca sorriu, nervosa.

— *E como está?* — disseram os dois ao mesmo tempo. Riram. Patric viu que ela estava nervosa, mas que era espontânea e delicada.

— Eu estou bem — respondeu ela ruborizando.

— E eu também — disse ele sorrindo. — Preparou algo para esta noite? — perguntou olhando para o pianoforte.

— Oh, nada fabuloso!

— Conte-me. Tenho certeza de que será, sim, fabuloso — elogiou. Rebecca sentiu o rosto queimar.

— Irei tocar *Mars et Vénus* — revelou ela.

— Assim como a pintura? — perguntou ele. Rebecca não entendeu. — A pintura de Botticelli, Vênus e Marte.

— E o que a pintura mostra? — Ela ficou curiosa.

— O deus da Guerra, Marte, e a deusa do amor, Vênus, em uma alegoria da beleza e valor.

— Confuso. Podem o amor e a guerra se relacionarem? — perguntou ela, como uma reflexão. Patric pensou alguns segundos antes de responder.

— Talvez seja um alerta de que o amor é muitas vezes acompanhado de dor — disse ele. Rebecca assentiu. Sim, ela concordava com a alegoria e

com sua significação.

— Será que *Mars et Vénus* foi inspirado nesse tipo de amor? — Rebecca perguntou. — Agora que penso nessa possibilidade, darei ainda mais sentimento à essa composição, mas também a acho mais triste.

— Até mesmo os sentimentos tristes podem ser belos, poéticos. Até mesmo no amor há tristeza. Por isso há tantas obras magníficas com essa temática. — Ele falou. Riram juntos e conversaram mais algum tempo. Patric estimava cada vez mais a companhia de Rebecca.

[...]

— A senhorita está tão calada nesta noite. Queria poder tentar adivinhar seus pensamentos — disse Phillip ao parar ao lado de Joana.

— Ah, aí está algo totalmente inoportuno — disse ela velozmente e sem se importar se soaria hostil. — Já são pensamentos para que não tenham que ser compartilhados — falou sem pensar. Phillip fingiu não ser atingido pelo seu atrevimento. Apenas sorriu e assentiu.

— É tão genuína em suas palavras. É incrivelmente franca sempre.

— Está oferecendo a mim um elogio ou uma crítica? — quis saber.

— Só poderia ser um elogio. Um homem pode conversar com cem jovens em uma noite, jamais lembrará de todas. Mas se conversar com a senhorita e com mais outras cem, apenas do nome Joana ele se lembrará — sorriu, depositando o brilho azul de seus olhos sobre os olhos verdes de Joana.

— O que também pode ser algo lamentável — Ela sorriu de volta.

— Sua autenticidade jamais será algo lamentável — concluiu ele. — Mas diga-me, senhorita, irá nos agraciar com sua voz esta noite? Ou com uma melodia ao pianoforte?

— Confesso que não sou habilitada nem para uma, nem para outra coisa. Por isso me reservo o direito de apenas ouvir.

— Que triste então será não poder apreciá-la.

— Garanto que diz isso porque não me ouviu cantar. Mas diga-me — voltou-se para ele tentando mudar o assunto —, onde está o seu irmão, o senhor Johan? Por que ele não veio?

— Johan... — ficou sem saber o que dizer, e também curioso com o fato de Joana perguntar por ele —, não se sentiu muito bem nesta tarde e lamentou muito não poder nos acompanhar.

— Oh, lamentou? — perguntou incrédula e também com um leve tom de preocupação. Sua aflição era por Sophie, e não por Johan. Joana podia adivinhar que sua ausência se tratava de uma mera desculpa.

Sem mais poder esperar, Sophie desceu as escadas. Ela já tinha visto que a caleça de Phillip estava em frente à propriedade e esperou alguns minutos para chegar triunfante à sala. A cada passo que dava, seu coração batia mais forte. Flashes do seu momento romântico com Johan vinham à sua mente. Lembrou-se de como ele a envolveu em seus braços fortes e a fez sentir-se protegida. O hálito quente da sua boca, as mãos carinhosas, as palavras doces... os beijos e suas carícias febris. Ele não a decepcionaria. Estava certa de que não o faria.

Assim que pôs os pés na sala foi atingida por muitos pares de olhos, inclusive de Marie e Daisy, as quais não imaginou que estariam ali. Percorreu os olhos pelas suas irmãs, o senhor Loen e Madame Catherine, seus pais, Patric, Phillip... e viu que não havia mais ninguém. A decepção acertou-lhe em cheio, os olhos encheram-se de lágrimas, mas não caíram. O sorriso desapareceu do seu rosto imediatamente.

Anastasia foi logo na direção da filha, vendo como estava estranha, constrangida, e a trouxe para perto de si.

— O que foi, meu anjo? Por que está abatida? Parece a ponto de chorar — Anastasia perguntou aflita, segurando as mãos da filha.

— Não, acho que peguei um resfriado, dei um espirro ainda há pouco — respondeu amortecida.

— Então venha, saia de perto das janelas. Está com frio?

— Não mamãe, eu estou bem — assegurou. Olhou para as três irmãs, que estavam juntas e conversando e sentiu ciúmes. Elas estavam tão próximas e, aos seus olhos, excluía-na sem piedade. Rapidamente Marie e Daisy correram para cumprimentá-la.

— Sophie, como vai? — Marie indagou.

— Bem — respondeu de forma seca. As irmãs se entreolharam.

— Parece aflita — disse Daisy, e vendo que Sophie olhava para a porta, perguntou: — Esperava por alguém ainda hoje?

— Não, não espero ninguém. Com licença — deixou-as e caminhou afoitamente até Phillip, que estava ao lado de Joana. Curvou-se desajeitadamente ao chegar perto dele e sem delongas perguntou: — E o senhor Johan, não veio? — Seu olhar era aflito. Imediatamente Phillip viu

que aquela agitação tinha a ver com o seu irmão e estranhou que mais uma das filhas do senhor Hour perguntasse por ele. Patric também percebeu a situação.

— Sentiu-se mal — Joana respondeu por ele. — Agora mesmo fiz essa pergunta ao senhor Phillip. É lamentável que não tenha vindo... — disse ela olhando para Sophie.

— Muito lamentável, embora eu acredite que esteja muito mal mesmo de saúde — disse Sophie enérgica.

— Na verdade, não acho que esteja tão mal — Phillip corrigiu. — Talvez uma dor de cabeça, ou um resfriado — inventou.

— Oh! Compreendo — Sophie enervou-se. — Também sofro deste mesmo mal. Deve ser o tempo — falou com os olhos marejados e saiu de perto dos dois.

— Sua irmã está bem? — Phillip quis saber, estreitando os olhos.

— Eu vou averiguar. Com sua licença — retirou-se e foi atrás de Sophie.

— Veio rir de mim e dizer que estava certa? — Sophie disse à Joana. As duas estavam logo atrás do pianoforte e de costas para os convidados.

— É claro que não. A verdade aparecerá por si própria, e sabe que torço para que ele venha, mas o tempo está passando e, sim, começo a duvidar do senhor Johan e de suas intenções.

— E então o que fará? Dirá tudo ao nosso pai e me porá em ruínas de desgraça? Deixará que meu futuro seja uma vergonha com a qual terei que viver para sempre? Sabe que se disser algo não terei a chance de um bom casamento, nem ao menos um casamento terei... Desonrada — disse ela chorando copiosamente. Correu para o seu aposento sem ao menos dar satisfações para a mãe ou despedir-se dos convidados.

Anastasia viu Sophie sair, mas não quis ir atrás da filha e deixar Phillip e o irmão sem a sua presença. Marie, Daisy e sua mãe já estavam fazendo de tudo para aproximarem-se deles.

Capítulo 28 — poesia e suave melodia

— Minhas filhas são muito instruídas em diversas áreas artísticas. Sabem tocar piano com perfeição, cantam, fazem lindos bordados, apreciam muito a boa literatura, falam mais de um idioma.... — Catherine discorria sobre os talentos das filhas. Marie e Daisy sorriam ao lado da mãe, confirmando com um aceno de cabeça tudo o que ela dizia.

Phillip e Patric pareciam ouvir tudo com atenção, mas se Catherine fosse um pouco menos egoísta e um pouco mais sensata, veria que estava entediando a ambos. Catherine colocava muito vigor em sua voz, dando sempre ênfase às qualidades das filhas e olhando especialmente para Patric, porém sem realmente se importar se ele estava interessado no assunto.

Rebecca observava a cena descontente, mas sem saber o que fazer. A única coisa que lhe ocorreu foi finalmente ir ao piano. O som preencheu a sala e ela viu que todos pararam para apreciá-la. Seus dedos tocavam as teclas de forma fluida, leve, com mais paixão do que já havia tocado em toda a sua vida. Lembrou-se do que Patric lhe dissera sobre a pintura de *Vênus e Marte* e isso a fez colocar ainda mais emoção naquela melodia. Ela não sabia se aquela canção também falava sobre o *amor* do deus da guerra e deusa do amor, mas via a sua própria realidade com aquele mesmo significado, ela e Patric eram como os deuses, *opostos*.

De toda forma, amar Patric era um sonho bom, mesmo que jamais fosse correspondida. Aquele sentimento era a parte mais bonita de um sonho que ela construía para si. Sonhar com o toque das mãos de Patric nas suas, sonhar que seu amor pudesse ser retribuído...

Ao terminar de tocar foi aplaudida por todos, e viu os olhos de Patric brilharem na sua direção. Era como se ele pudesse elogiá-la mesmo à distância, através do olhar. Isso fez seu coração saltar algumas notas dentro do peito e seu rosto corar de uma forma calorosa. Estava extasiada em perceber como o amor produzia as mais conflitantes emoções, e tudo era tão prazeroso e tão doloroso ao mesmo tempo...

Ao voltar a si, viu que Marie já estava ao seu lado, para ser a próxima a tocar. Joana revirou os olhos de uma maneira divertida, certamente lembrando-se de que Marie também gostava de cantar enquanto tocava, e ela

tinha uma voz que em nada poderia ser considerada agradável, muito ao contrário. Logo uma nova melodia ocupava o ambiente, enquanto Daisy sorria exultante na direção da irmã, sendo acompanhada pelos olhares orgulhosos do senhor Loen e da esposa.

Rebecca posicionou-se ao lado de Joana, de pé. Elas estavam próximas ao pianoforte, ao lado esquerdo, ouvindo Marie tocar. De frente para Joana, do outro lado da sala, estava Phillip, que de vez em quando lhe lançava olhares calorosos; ato que foi percebido por Anastasia e prontamente ignorado por Joana. Rebecca teria notado, não fosse a sua exultação em estar tão próxima de Patric, que estava bem ao seu lado, tanto que em certo momento seus ombros chegaram a se tocar.

— Enquanto a ouvia — disse Patric inclinando a cabeça na sua direção — refleti melhor sobre a minha interpretação em relação à pintura, e agora a vejo também sob outra perspectiva.

— A pintura? — Rebecca perguntou confusa, olhando-o com discrição, mas com muito interesse no que ele dizia.

— Sim, e penso que a pintura seja mais do que um alerta de que o amor é muitas vezes acompanhado de dor, mas também que a união dos contrários faz os casamentos felizes — disse ele como se tivesse descoberto um enigma. Rebecca sorriu completamente florescente.

A noite seguiu agradável para alguns e embaraçosa para outros. Anastasia precisou justificar a ausência de Sophie mais de uma vez, dizendo que a filha se sentira mal e precisou recolher-se antes do que desejava. Frederico Hour e Henrique Loen conversavam sobre seus negócios animadamente. Não discordavam em quase nada. Amália foi a última a tocar o pianoforte e depois os jovens se reuniram para ler alguns textos e discutir literatura.

— Adoro poemas épicos — disse Daisy. — Li “A canção de Rolando” mais de uma vez. Fascina-me tudo que envolve a história e gosto muito mais do real do que o imaginário.

— Já eu gosto muito mais do que é romântico e está no plano das ideias — falou Rebecca.

— Deus me livre do abstrato! — replicou Daisy sorrindo. — Tão difícil de entender, tão repleto de enigmas e mil interpretações.

— A realidade mais fundamental pode ser tão abstrata quanto

substancial. Não é assim o amor? — disse Patric. Phillip o olhou espantado por expor tão abertamente o seu romantismo, porém sua sinceridade fez Rebecca, Daisy e Marie suspirarem. Com isso ele ganhou também um pouco mais da admiração de Joana e de Amália, que ainda não haviam dado a sua opinião sobre o assunto.

— Tem razão — disse Rebecca. — O amor é abstrato, porém completamente substancial. Ele permanece igual mesmo com as mudanças... — disse olhando desta vez para Joana.

— O amor não é completamente eterno, tampouco imutável — disse Joana com o olhar firme. Rebecca viu que havia ressentimento nos olhos da irmã.

— Mas se o amor é puro, sua essência será eterna e perfeita — disse Rebecca.

— O que acha, senhor Phillip? — perguntou Daisy, a fim de extrair dele alguma opinião sobre o assunto.

— Sei tanto sobre o amor como sei sobre filosofia e história — disse ele dando um meio sorriso. — Meu conhecimento sobre esse assunto é todo advindo de livros — completou.

Ficou bastante claro para todos que Phillip, através daquela declaração, dizia que nunca havia experimentado sensação que fosse próxima ao amor. Ou era isso, ou ele apenas estava evitando falar sobre seus próprios sentimentos.

Depois disso, Amália leu alguns poemas para os convidados, Marie declamou outros dois e Daisy tentou por duas vezes recordar-se de “um que muito estimava, mas que havia sumido de sua memória”.

— Trouxe um poema comigo — disse Patric. Pertence a *Johann Wolfgang von Goethe*. — E então, vendo que todos olhavam-no retirar o pedaço de papel de dentro do casaco, iniciou a leitura: *Livro do Amor*

“O mais singular livro dos livros

É o Livro do Amor;

Li-o com toda a atenção:

Poucas folhas de alegrias,

De dores cadernos inteiros.

O distanciamento faz uma secção.

Reencontro! Um breve capítulo,

*Fragmentário. Volumes de mágoas
Alongados de comentários,
Infinitos, sem medida.
Ó Nisami! — Mas no fim
Achaste o justo caminho;
O insolúvel, quem o resolve?
Os amantes que tornam a encontrar-se”.*

Ao concluir a leitura Patric dobrou o papel e fez menção de guardá-lo; mas Joana, que estava bem ao seu lado, pôde ver com detalhes aquela grafia e pediu para ler ela própria o poema com mais atenção. Ele entregou o papel e Joana passou os olhos por aquela letra, reconhecendo ali todos os traços da grafia de Alexandre. Devolveu o papel para Patric sem ao menos reler o texto. Patric soube imediatamente que ela havia reconhecido a letra e a intenção de Alexandre em enviar aquele poema.

“...mas no fim... achaste o justo caminho... Os amantes que tornam a encontrar-se.” — repetiu mentalmente aquele verso para si mesma. Sim, era um apelo em forma de poema.

Continuaram a conversa sobre literatura e Joana reservou-se a apenas dar estreitas opiniões sobre o que lhe era perguntado. Ficou abalada com o poema lido por Patric, e também não queria discorrer sobre suas preferências literárias, que seriam imediatamente censuradas. Apesar disso, havia sempre muita audácia em tudo o que dizia, e mesmo a considerando um tanto impetuosa e singularmente arisca, Phillip ficava cada vez mais fascinado por ela.

Após a leitura, um pouco antes de se despedirem, Phillip agradeceu ao senhor Hour e Madame Anastasia pela agradável noite que tiveram, depois convidou a todos para irem à propriedade Motier naquela mesma semana, dali a dois dias, para um pequeno bailinho que ofereceria a eles. Deixou claro que seria uma reunião estritamente reservada, e não uma grande recepção, mas que poderiam dançar e se divertir. O convite estendia-se também à família Loen, afinal, Phillip não conseguiu esquivar-se de convidá-los. Tinha certeza de que se ele não o fizesse, receberia a visita deles de qualquer forma, com ou sem convite. Eles já se consideravam amigos íntimos de Phillip e Patric, apenas por terem trocado poucas palavras durante aquela noite.

Antes de irem embora, despediram-se de todos, e Phillip estranhou a

forma como Joana desejou “melhoras” para Johan, dizendo que esperava sinceramente vê-lo em breve.

— Não é difícil perceber por que Alexandre gostou da senhorita Joana — disse Phillip voltando-se para Patric quando estavam a sós no interior da caleça, voltando para a propriedade Motier.

— A que se refere exatamente? A beleza da moça é notável, mas presumo que queira mencionar outra qualidade — disse ele voltando-se para o irmão. A caleça agitava-se noite afora.

— Não diria que é exatamente uma qualidade — disse Phillip —, mas sim um desafio. A senhorita Joana é rebelde, singular entre tantas outras jovens. Isso, somado à sua beleza, é algo completamente atraente.

— Mas não podemos rebaixar os sentimentos de Alexandre a uma pura atração; os seus sentimentos vão muito além de um pequeno interesse... um entusiasmo — lembrou Patric.

— Já defende melhor os sentimentos de Alexandre do que ele próprio. É um bom advogado do amor — Phillip riu. — Sempre foi um bom romântico, mas agora está acentuadamente sentimental. Poderia até afirmar que está apaixonado — disse ele ainda rindo.

— Apaixonado? Não... não... — negou veementemente; mas, sem poder evitar, Rebecca veio de encontro à sua mente. Patric chegou a balançar a cabeça para dissipar o pensamento. Seria muita inocência de sua parte confundir uma amizade com uma paixão. — Realmente nada conhece sobre sentimentos como o amor e a paixão... — limitou-se a dizer.

— Não se engane, posso facilmente detectar um apaixonado, quando vejo um — disse Phillip.

Já no aposento, após preparar-se para dormir, Amália não aguentou mais o choro compulsivo de Sophie. Com a cabeça afundada no travesseiro ela ainda chorava copiosamente.

— Se há algo que eu possa fazer para ajudá-la, por favor me diga — Amália disse angustiada.

— Se eu a incomodo retire-se! Retire-se se não pode me ver sofrer. Mas não sei por que se importa! Não sabe nem a metade do que sofro... Não pode supor, não pode sequer tentar supor... — dizia ela inconsolável.

— É claro que me importo, somos irmãs e sempre fomos amigas.

— Fomos, está certa em dizer que fomos; mas hoje, ignora-me o quanto pode. É apenas amiga de Rebecca e de Joana.

— Não é verdade. Já não lhe dei prova da minha amizade? Já não permaneci calada quando me pediu que nada dissesse sobre sua conversa com o senhor Alexandre naquela noite na propriedade Motier? Até hoje eu não disse nada a ninguém, tudo por consideração a você e às suas palavras, nas quais acreditei sem hesitar. Mas depois, a vi agir de forma tão rude com Rebecca, e tudo sem motivos, apenas por crueldade... ou divertimento...

— Crueldade? — interrompeu ela. — E não acha cruel amar e não ser correspondida? Não é a ilusão a mais cruel inimiga de uma mulher?

— Ah, Sophie — Amália suspirou. — Ouvi muito bem o senhor Alexandre dizer que jamais alimentou suas esperanças, que ele não a incentivou em seus sentimentos... E que o broche...

— Pare! — Sophie gritou. — Veio para me ferir ainda mais? Deixe-me, Amália. Deixe-me.

— Eu só quero entender. Parece que está sofrendo como se acabasse de descobrir algo que lhe trouxe muita dor. Diga-me se isso ainda tem a ver ainda com o senhor Alexandre. Após todas essas semanas.... você estava melhor, mas hoje a vejo completamente abatida, quase pior do que ao final do baile na propriedade Motier. Por quê?

— Não me pergunte mais nada se realmente não quer que eu sofra — chorava sem parar. Anastasia entrou no aposento e encontrou a filha naquele estado lastimável.

— Meu Deus, o que houve? Por que está chorando dessa maneira? — disse ela.

— Mamãe — Sophie ergueu a cabeça para olhá-la. Os cabelos desgrehados, os olhos vermelhos. — Apenas não consigo me perdoar por ter perdido o jantar e a companhia de meus estimados amigos — fungou. Amália olhou-a incrédula.

— É isso? Oh, querida. Não chore. Todos entenderam muito bem tudo o que aconteceu, e ninguém a culpou por estar doente. E depois, o senhor Phillip fará uma pequena recepção em sua propriedade dentro de dois dias. Você já estará melhor até lá. Ele nos convidou, e também aos Loen — revirou os olhos. — Será ótimo, ele disse que poderão dançar, acho que contratará alguns músicos para a ocasião.

Amália revirou os olhos e afundou-se em sua cama, mal podendo

acreditar no completo fingimento de Sophie.

Capítulo 29 – A proposta

Patric passava em frente à saleta particular de Phillip quando ouviu algo que o fez parar de imediato. Ele não queria ouvir uma conversa da qual não estava participando, mas foi inevitável não se ater ao conteúdo daquele diálogo.

— Que espécie de proposta é essa? — dizia a voz alterada de Johan.

— Que espécie de proposta é a sua, de querer que eu o mantenha na Inglaterra, que retire os meus inquilinos da melhor propriedade que tenho lá apenas para dar a você — retrucou Phillip nervoso. — E nem ao menos me dá uma justificativa razoável para isso. Diga-me, qual o *verdadeiro* motivo?

— Não me adaptei a este lugar. Não desejo continuar aqui. E quero ir em breve — Johan anunciou. — Mas casar-me? Não intenciono me casar tão logo. Eu não entendo por que considera que este casamento seja vantajoso para mim, quando não o considerou bom para si próprio — disse em bom tom.

— Foram outras circunstâncias — disse Phillip procurando baixar o tom de voz para que ninguém os ouvisse. — E acredito que seus motivos sejam muito menos apreciáveis. Estou certo de que apenas quer bater em retirada após ter promovido alguma indecência — disse sério, avaliando o irmão. Johan jogou a cabeça para trás e riu com muita energia.

— Desde quando é contra as indecências que um homem pratica? Não venha com sermões, não estou convencido que os seus motivos para deixar a sua pobre noiva escocesa tenham sido mais nobres que os meus, para deixar este fim de mundo.

— Não faça comparações! Eu não vou interrogá-lo, mas estou certo de que sua partida é uma fuga! Algo ligado à senhorita Sophie? — Phillip perguntou. Johan olhou-o sem nenhum abalo. — Ontem a moça estava desesperada com a sua ausência, retirou-se da sala quase aos prantos — narrou ele, enquanto Johan permanecia com o mesmo semblante sereno. Patric franziu o cenho e continuou a ouvir a conversa às escondidas.

— Eu não tenho culpa que as mulheres sejam tão sentimentais. Se algum dia eu encontrasse alguma moça que não fosse assim, casaria com ela imediatamente. Digo isso porque estou certo de que jamais encontrarei uma assim. E você, caro irmão, não causou menos dor em sua pretensa noiva, que eu sei. Grizelda é o nome dela, não é? Deixou-a assim que descobriu que estavam falidos! Então repito, não me venha com sermões.

Patric sabia que Phillip tinha recusado o noivado com Grizelda por este motivo. O que lhe abalara de verdade era aquela afirmação que Phillip fazia sobre Sophie, e a qual Johan não fizera questão de ao menos se defender.

— Qual homem gosta de ser enganado? — Phillip inquiriu. — E já lhe disse, foram outras circunstâncias. Nosso tio disse-me, antes de morrer, que a riqueza de Lorde Donald girava em torno de trinta mil libras por ano. Viajei para a Escócia e encontrei-os falidos. Confessou-me ele, quando eu já estava lá, que sua renda não ultrapassava cinco mil libras. Um insulto! — disse Phillip.

— Com certeza nosso tio não estava a par da situação do Lorde Donald nos últimos anos, ou não o recomendaria um noivado com a filha de um homem falido.

— Sim, creio que Donald esteve escondendo sua falência durante estes últimos anos. Este acordo foi firmado entre os dois quando eu ainda era um rapazinho, alheio a tudo isso. Porém, Lorde Donald jurou-me de que sua situação melhoraria rapidamente, e que já estava melhorando. Quis convencer-me de que a minha união com a sua filha seria um ótimo acordo... Mas tive que declinar.

— Por isso volto a perguntar, por que insiste que eu firme compromisso com essa moça? E o que isso tem a ver com o meu pedido?

— Irá se casar algum dia, enquanto isso pode apenas noivar com a senhorita Grizelda. Lorde Donald ficaria muito satisfeito com a união. Um noivado longo, três, quatro anos, ou mais, lhe daria o tempo que deseja para aproveitar bem sua solteirice. E lhe daria a amizade e a confiança do Lorde. Poderia até mesmo ajudar-lhe em seus negócios de bebidas. É um ramo muito lucrativo o que ele atua, aposto que em alguns anos recuperará a fortuna. E essa é a minha condição para lhe manter na Inglaterra, ou qualquer outro lugar que queira ir — falou decidido.

— Eu não acredito que está me propondo isso. — A voz de Johan era amarga. — E a moça, Grizelda, como ela é? — perguntou logo em seguida.

— É uma das moças mais belas que já vi, garanto, apesar da apatia que aparenta ter.

— Apatia? Quer me ver casado com uma moça lânguida? — Johan exasperou-se.

— Quando notei isso nela, não considerei um defeito, mas agora penso que deve ser realmente enfadonho uma esposa fria, sem nenhum posicionamento sobre nada, sem personalidade alguma.

— Mas então? Eu não posso aceitar isso... — balançou a cabeça em reprovação.

— A maioria das moças decentes são assim — Phillip o interrompeu. — Se eu encontrasse uma que não fosse assim, mas que fosse decente, casaria com ela imediatamente — disse ele rindo ao copiar as recentes palavras do irmão. — A moça é bonita e culta. É adequada para você. Esta é a minha condição.

Patric desencostou-se do umbral da porta e saiu antes que os irmãos

abandonassem a sala. Foi para o jardim e, enquanto caminhava, pensou sobre a conversa que tinha ouvido. Para ele, a única novidade era o nome de Sophie ser mencionado naquele assunto. Afinal, o que ela tinha a ver com a decisão de Johan em abandonar a França?

Alexandre foi avisado por Patric sobre a recepção que Phillip ofereceria às famílias Hour e Loen. Foi com estranhamento que ele recebeu a notícia. Logo recordou as palavras da irmã, alertando-o de que aquele estreitamento de amizade era algo que poderia culminar em casamento, embora ele ainda preferisse acreditar que era apenas uma cortesia de Phillip para retribuir o convite que recebera anteriormente.

Patric narrou tudo o que havia acontecido na reunião na casa dos Hour, dando ênfase especialmente à conversa que tiveram sobre literatura e em como Joana ficou afetada quando ele leu o poema que Alexandre enviara. Patric assegurou que Joana não era indiferente ao amigo e lhe deu apoio para perseverar em sua tentativa de fazer todos da família Hour saberem da sua inocência em relação à Sophie; mas para Alexandre bastava saber que Joana havia acreditado nele.

Em sua narrativa, Patric não poupou elogios à Rebecca, dizendo o quanto admirado era por sua delicadeza, sua habilidade ao pianoforte e como era agradável e inteligente ao conversar sobre qualquer assunto. Falou dos seus gostos em comum pela música e pela arte. Alexandre sorriu, vendo no amigo muito mais do que um discreto encantamento pela jovem irmã de Joana, porém percebeu que nem Patric ainda havia se dado conta disso. Narrou também, de forma muito rápida, que Joana e Phillip trocaram algumas palavras, mas que devia se tratar de um assunto muito trivial, pois logo afastaram-se. Já ao falar sobre Sophie, seu rosto contraiu-se. Patric brevemente relatou que ela havia se ausentado da sala pois estava adoentada.

Ao juntar essa atitude de Sophie, com a conversa que ouvira entre Phillip e Johan, Patric se sentiu intrigado e levado a acreditar que havia muito mais por detrás daquele abatimento de Sophie. Ele pensou alguns instantes antes de revelar tudo a Alexandre, mas como o tinha como amigo da mais alta estima, resolveu abrir-se.

— Quando me disse que a senhorita Sophie era vil e traiçoeira, eu mal pude acreditar. Aquela aparência tão doce, seus gestos tão gentis com todos... Mas naquela reunião consegui olhá-la de outra forma. Vi seu olhar

presunçoso... E havia algo nela que não consegui decifrar, como se estivesse decepcionada, e também triste... A forma como se retirou daquela sala com o pretexto de estar doente, enquanto seus olhos denotavam outra coisa, uma notável frustração. Seus olhos estavam apavorados...

— Patric, sinceramente, pouco me importa saber sobre a senhorita Sophie — Alexandre interrompeu. — Não há a menor possibilidade de eu me compadecer de qualquer aflição que ela venha a ter. Se está doente... se está para morrer, para mim só importa que não morra antes de confessar a verdade à Joana. E não somente ela, a senhorita Amália ouviu-me conversar com Sophie no último jantar em que aqui estiveram. Amália ouviu-me dizer à senhorita Sophie sobre o broche e ouviu a irmã confessar que o tinha roubado. Por Deus, será possível que ela não tenha dito nada à Joana? Por quê? — Ele passou as mãos pelo cabelo em um gesto nervoso.

— As duas irmãs sempre me pareceram muito próximas. Deve ser uma espécie de cumplicidade e o amor pela irmã que a fez ficar em silêncio. Porém não estavam mais assim tão juntas da última vez que as vi. A senhorita Amália estava sempre perto das senhoritas Joana e Rebecca, enquanto a senhorita Sophie olhava as irmãs com ciúmes... completamente perturbada...

— O que quer dizer Patric? Conheço-o bem o suficiente para saber que está ansioso. Diga logo.

— Sim, há algo... — Patric suspirou. — O que quero dizer, é que penso que a senhorita Sophie, de alguma forma, tenha relação com algo que recentemente ouvi em uma conversa entre Phillip e Johan. E isso pode ser a causa de toda aquela agitação, daquele desconforto que até culminou em uma desculpa e uma doença. Eu a vi descer as escadas perfeitamente bem, e logo todo seu sorriso se dissipou, a senhorita Sophie não estava doente...

— Não estou entendendo. O que a senhorita Sophie tem a ver com Johan? Ele nem ao menos estava nesta reunião. — Ele franziu o cenho.

— Eu não sei como os dois podem ter... algo, mas ouvi Johan pedir ajuda de Phillip para se manter na Inglaterra. Ele disse com todas as palavras que deseja ir embora da propriedade Motier.

— Ainda não entendo a relação que isso tem com Sophie... — balançou a cabeça tentando entender Patric. — Phillip e Johan sempre tiveram um péssimo relacionamento. O que mais me causa estranheza é ele ter permanecido tanto tempo aqui.

— O nome de Sophie foi mencionado por Phillip — disse Patric,

soltando o ar com força, como se aquele relato fosse embaraçoso para ele. — Phillip lhe disse que tinha certeza de que Johan estava partindo para se afastar de Sophie — relatou. Alexandre contraiu a testa. — E ele se referiu a essa situação com um certo *divertimento*, dizendo que...

— Eu entendi — disse Alexandre, estupefato. — Mas como isso é possível? Como podem ter estado juntos? E por Deus, o que pode ter acontecido entre eles para Johan querer partir...?

— Fugir... foram as palavras usadas por Phillip. E em breve — completou Patric.

Dois dias se passaram em grande expectativa para Sophie, que ansiava por rever Johan. Estava certa de que ele teria alguma desculpa razoável por ter sumido, então tentou recuperar o ânimo e verificava a todo o momento no espelho como estava a sua aparência. Estava pálida e havia emagrecido um pouco. Seus olhos estavam opacos, e não mais com aquele brilho encantador e jovial de sempre. Chorava quase todos dias e boa parte das noites.

Amália entrou no aposento para se vestir e viu a irmã sentada de frente para a penteadeira, rapidamente notou que Sophie esforçava-se para não mostrar o seu abatimento.

— Quer ajuda para pentear-se? — Amália perguntou pondo-se às costas da irmã. Sophie confirmou com a cabeça, em silêncio.

— Já estão todos prontos? — perguntou enfim.

— Sim — Amália respondeu pegando a escova e penteando delicadamente os fios ruivos de Sophie.

— E Joana não se recusou a ir? — ergueu os olhos e encarou Amália através do espelho.

— Não. Por que se recusaria?

— Não sei, ela sempre se recusa a tudo... — disse Sophie, amarga. — E vai encontrar lá o senhor Alexandre, com certeza...

— Ela não se recusou a ir — Amália interrompeu-a. — Sophie, acha mesmo que o senhor Alexandre ame Joana, como ele disse amar?

— Ora — olhou-a com espanto —, se amasse não teria desistido dela. E onde ele está? Buscou reconquistar nossa confiança? Que eu saiba ele nem ao menos desculpou-se com Joana. Eu sei que pode achar que sou má, por ter feito o que fiz, mas não sou. Eu gostei muito, de verdade, do senhor

Alexandre. E meus atos não abonam o que ele fez primeiro, em mentir para todos, enganar-nos passando-se por outra pessoa.

— Isso é verdade — concordou Amália. — Mas, e se Joana pudesse perdoá-lo por isso...? E se ela quisesse perdoá-lo? E se o fato de Joana desprezar o senhor Alexandre se desse muito mais por ele tê-la beijado, por uma grande traição como essa, do que por ter mentido sobre quem era? Não estamos, então, tirando dele uma chance de obter o perdão de Joana e de nossos pais? — inquiriu. Seus olhos estavam agitados. Via-se claramente que se punia por esconder aquele segredo.

— Vejo que nunca mais terei sua amizade, não como antes. — Os olhos de Sophie encheram-se de lágrimas. — Vamos, me deixe aqui. Não há ninguém para entender a minha dor — disse ela. Amália fez o que a irmã pediu e saiu pensativa do aposento.

Alexandre estava prestes a descer as escadas da mansão Motier quando encontrou Phillip no caminho. Seus olhos se cruzaram quando Phillip acabava de sair do aposento e dirigia-se à sala. Houve naquele olhar certo desconforto, de ambos os lados, e Alexandre sentiu que Phillip tinha algo a lhe dizer e estudava a melhor forma com que falaria.

— A família Hour e a família Loen são nossos convidados esta noite — disse Phillip enfim.

— Seus convidados — Alexandre corrigiu com naturalidade. — Mas não se preocupe, não serei rude com nenhum deles — falou.

— Jamais supus que seria — Phillip franziu o cenho. — Eu devo me desculpar se lhe causo algum desconforto por tê-los convidado. Você, além de meu amigo, é meu hóspede, não o quis ofender ao convidar o senhor Hour e pessoas que não o estimam para virem até aqui nesta noite. Entenderei perfeitamente se não quiser estar entre eles.

— Não me trazem desconforto algum. Acho que já vivi desconfortos muito maiores do que esse.

O olhar que Alexandre lançou para Phillip ao dizer isso era quase uma afronta, simplesmente por não ser o costumeiro olhar amigável. Phillip percebeu claramente que, se Alexandre estava diferente, ele tinha mais a ver com isso do que qualquer outra pessoa.

— Então espero que esteja conosco — disse Phillip. — E farei de tudo para que não o desconsiderem. Estará naquela sala como um convidado

da minha mais alta estima, mesmo que o senhor Hour não aprove isso.

— Não quero perturbar sua recepção. Não entrarei em conflito com qualquer um que seja — disse Alexandre. — Mas obrigado pela *amizade* — falou em um tom realçado e com um olhar frio.

Phillip assentiu e desceram juntos as escadas, rumo à sala de música.

A sala de música da propriedade Motier era um amplo e luxuoso espaço, com muitas cadeiras e sofás. Um Pianoforte ficava bem no centro, e por si só já era esplendoroso o suficiente para conferir elegância e riqueza ao salão. O pé direito da sala era extremamente alto, bem como os umbrais, que deviam ter mais de três metros de altura, e de onde desciam cortinas azuis de um caro tecido. Nas paredes alguns quadros de artistas renomados da França e da Inglaterra. Era o lugar perfeito para pequenas reuniões, com no máximo trinta convidados. Naquela noite estariam com metade desse número de visitantes, mas os criados e os músicos ajudariam a preencher o ambiente.

A família Loen foi a primeira a ser anunciada. Chegaram pontualmente em uma caleça recém-adquirida pela família e da qual sentiam imenso prazer em mostrar em todos os lugares que iam. Marie e Daisy desceram ainda mais fascinadas com aquela propriedade do que ficaram na primeira vez em que lá estiveram, para o baile.

Foram encaminhados até a sala de música e depois dos cumprimentos sentaram-se próximos ao piano, à esquerda da lareira. Estavam na sala apenas Alexandre e Phillip. Henrique Loen analisava Alexandre, as suas vestes e a sua postura, a fim de averiguar se ele era rico o suficiente para merecer dele alguma simpatia. Catherine observava-o com o mesmo entusiasmo e com as mesmas intenções, mas também com o intuito de descobrir se ele poderia ser um bom genro para ela, e um bom marido para uma de suas filhas. Se fosse um homem de posses ela o consideraria. Assegurou-se de que iria descobrir isso naquela noite, com a ajuda do esposo.

Logo Johan também adentrou na sala e depois de cumprimentar a todos, pegou uma bebida e foi à janela, que estava fechada devido ao frio, embora não estivesse nevando. Lá fora era impossível de se ver qualquer coisa, a noite já estava alta, extremamente escura. Em seguida Patric e Caroline também desceram, cumprimentaram a todos e também ocuparam um lugar na sala. Caroline estava tão linda que fez os olhos de Johan arderem em uma paixão febril. Não importava quantas vezes ele a olhasse, sempre

parecia que era a primeira vez. Ela usava um vestido cor-de-rosa da moda inglesa, com pouco volume e bem marcado na cintura, sem nada de exageros, toda a ostentação daquela peça estava em uma manga um pouco bufante que mostrava parte de seus ombros magros.

Os olhos de Marie e Daisy também se concentraram em Caroline, avaliando seu vestido e as joias que ela usava. As irmãs acabaram por concluir que era um vestido sem-graça, pouco rodado e com quase nenhum enfeite.

— O seu amigo, o senhor Alexandre, é um homem rico? — perguntou Henrique Loen a Phillip sem a menor descrição.

— É um homem de algumas posses, sim — disse Phillip surpreso com a pergunta, e vendo que Loen ainda o olhava em busca de saber mais, continuou: — Duas casas que lhe garantem um bom aluguel, e uma bela propriedade em Paris. Herdou todos os bens dos pais quando eles morreram, o que o permite viver confortavelmente. Alexandre faz parte do regimento das tropas de Cavalaria, já esteve em algumas batalhas ao lado do meu tio e creio que agora lutará junto dos meus. É um ótimo militar — disse Phillip.

— Um militar? — Alexandre ouviu o final da conversa e se aproximou.

— Sim, estava dizendo ao senhor Loen que você é um ótimo e honrado militar — Phillip tornou a dizer.

— Infelizmente nem tão honrado assim, afinal, não há nada de muito honrado em matar outros homens — disse ele, que estava especialmente irritado naquela noite. Eram tantos olhares reprovadores voltados a si, que já não estava mais suportando.

— Mas é honrado se for a favor da sua pátria, a favor do rei — disse Loen, causando um certo incômodo em Phillip e Alexandre, que tinham diferentes opiniões sobre política.

— Já lutei muitas vezes, mas em nenhuma delas eu estava a favor do rei. Ninguém deveria matar outros iguais em nome de Deus.

— Quantos matou na busca pela liberdade? — encararam-se. Eles já haviam conversado algumas vezes sobre isso durante os meses em que Alexandre estava na propriedade Motier, mas em nenhuma delas Phillip viu Alexandre tão resignado a lhe afrontar com ideias opostas às suas.

— Por isso decidi jogar as minhas armas em definitivo. Lutei ao lado do seu tio porque acreditava na sua causa; mas não lutarei contra o povo —

falou e deu-lhes as costas.

Alexandre se referia aos vários problemas que afetavam a sociedade francesa, especialmente os mais pobres. Ele lutava pela liberdade de pensamento, respeito e dignidade das pessoas. Se Phillip era a favor do rei, então para ele, era contra o povo e contra esses princípios de igualdade. Além das questões políticas, seu aborrecimento vinha da recente menção de que Johan e Sophie tinham estado juntos, e de que de alguma forma a aproximação dos dois fizera com que Phillip acobertasse a fuga do irmão, o que era um ato completamente reprovável. Alexandre conhecia Johan o suficiente para saber a profundidade dos seus sentimentos em relação às moças com quem convivia e como seus interesses com as mesmas eram acentuadamente libertinos. Por isso, sempre evitou deixá-lo a sós com Caroline, pois Alexandre sabia que ele nutria uma paixão por ela desde muito jovem.

Eles continuariam aquela conversa sobre política, mas a família Hour foi anunciada, e todos levantaram-se para recebê-los. A tensão se formou no rosto de Alexandre e ele segurou o ar nos pulmões. Como de costume, Marie e Daisy correram eufóricas e abraçaram as irmãs Hour com entusiasmo. Madame Anastasia e Madame Catherine também se cumprimentaram e logo puseram-se a falar sobre a rica decoração daquele ambiente, andando de braços dados pelo salão. Frederico Hour saudou a todos, e passando por Alexandre lhe dirigiu um duro olhar e um breve aceno de cabeça, e que mesmo assim causou espanto a todos que sabiam do ocorrido. Até mesmo Alexandre ficou surpreso com aquela gentileza tão a contragosto.

Frederico apenas estava tentando não ser rude, como lhe instruíra a esposa, e como certamente era o correto a se fazer em se tratando de bons modos e educação. Os demais se cumprimentaram com um aceno de cabeça e sorrisos gentis. Rebecca estava especialmente interessada em encontrar Patric entre os presentes e, desta vez, ele veio cumprimentá-la sem demora, e fez isso com muita alegria e naturalidade, como se já fossem os mais íntimos amigos.

Joana olhou Alexandre brevemente, de forma discreta, embora sua mãe estivesse reparando suas ações e vira a troca de olhares entre eles. Ela foi rápida em cumprimentá-lo, mais com os olhos do que com a cabeça, e lembrou-se do que sua mãe lhe dissera, ainda dentro da caleça a caminho da propriedade Motier “Não o saúdem como se fosse um amigo, mas também não ajam como se fosse um inimigo. A indiferença polida bastará para ele.”

Essas eram as palavras e recomendações de sua mãe para ela e para os demais de sua família.

Mas quando Joana via Alexandre, todo o seu peito de agitava em ondas, e todo o seu desembaraço desaparecia. Não que demonstrasse isso em suas ações, mas em seu interior ela sofria e experimentava emoções intensas, que eram prazerosas e torturantes ao mesmo tempo e em iguais proporções.

Alexandre permaneceu alguns segundos extasiado pela presença da sua amada. Cada contorno daquele rosto já havia sido decorado por ele, desenhado em sua mente inúmeras vezes. Cada detalhe, cada trejeito, cada expressão de ironia, de raiva ou de tristeza, cada levantar de sobrancelha, tudo era extremamente adorado por ele.

Capítulo 30 – Uma rosa caída

Sophie estava com a cabeça levemente encurvada. Olhara com o canto dos olhos para Johan e viu que ele ainda não havia buscado seus olhos. Johan estava ainda ao lado da janela, demonstrando grande indiferença a ela, com uma taça de bebida na mão, e olhando mais para fora do que para dentro da mansão, onde os convidados estavam. Tudo o que ele havia feito até então

era beber, e sua boa educação lhe permitiu apenas dar um aceno de cabeça para o senhor Loen e o senhor Hour, mas sem preocupar-se com maiores apresentações ou uma conversa mais alongada.

Pouco tempo depois o som da orquestra preencheu o ambiente, deixando todos boquiabertos com a qualidade dos músicos contratados. Frederico Hour jogava uma partida de xadrez com o senhor Loen, enquanto Madame Anastasia e Madame Catherine ainda andavam pela sala olhando cada objeto com admiração.

Johan atravessou a sala e o coração de Sophie saltou forte no peito, seus olhos brilharam ao vê-lo se aproximar, mas logo o brilho se desfez e os olhos encheram-se de lágrimas, quando o viu ir até Caroline e convidá-la para uma dança. Esse ato foi percebido por muitos, especialmente por Alexandre, Patric, Phillip e Joana.

Johan deu o braço para Caroline e a conduziu para a área do salão especialmente reservada para a dança. O violoncelo vibrava suas notas graves enquanto o coração de Sophie quebrava-se em muitos pedaços.

— Estúpido — Joana disse em baixo tom, maldizendo a atitude de Johan, e se compadecendo da dor da irmã.

— O quê? Quem é estúpido? — perguntou Rebecca. Joana notou que não havia dito aquilo tão baixo quanto gostaria.

— Ah... — Ela tentou buscar alguma desculpa, mas não encontrou nada que pudesse ajudá-la, afinal, estava com os olhos cravados em Johan.

— O senhor Johan? — Rebecca pareceu entender por pura observação. — O que ele fez?

— Eu apenas disse isso porque... — buscou as palavras que usaria — acho que Sophie gosta dele. — Foi tudo o que conseguiu dizer. Suspirou pesadamente em seguida.

— O quê? Sophie gosta do senhor Johan? — Rebecca não conseguiu conter uma expressão muito assustada, os olhos expandiram-se. — Isso é verdade? Sophie não gostou sempre só do senhor Alexandre? Como pode ser? E eles não se viram apenas uma vez? — perguntou afoita, em seguida olhou a expressão de Sophie e notou que ela realmente estava triste ao ver Johan com Caroline.

— Rebecca, vamos falar sobre isso em outro momento, sim? — Joana pediu. Seu olhar nervoso fez Rebecca assentir.

— E então promete que me contará tudo?

— Sim. Eu acho mesmo que preciso lhe contar tudo.

Rebecca não gostou muito do tom de voz de Joana, mas procurou não perguntar mais nada naquele momento, embora adoraria saber o que aquele *tudo* significava. Em hora oportuna elas conversariam.

— Leve como uma pluma! — Johan sorria ao elogiar a destreza de Caroline ao dançar.

— Isso porque meu par também é um ótimo dançarino — retribuiu o elogio com simpatia, sem deixar de sorrir para ele. Pensou como seria mais fácil ter se apaixonado por Johan, ao invés de Phillip. Johan era sempre muito agradável com ela, embora Caroline soubesse que ele era um completo libertino.

— E linda, sempre muito linda — disse ele.

— E você cortês, sempre muito cortês. — Ela ironizou com um sorriso nos lábios. Johan olhou fixamente para eles.

— Não sei como posso estar tão perto assim da senhorita e saber raciocinar ao menos uma palavra que seja. Então não ria da minha cortesia, que ela lhe é muito sincera — disse Johan ao segurar as mãos de Caroline com mais vigor.

— Então devo pedir desculpas por isso — Caroline respondeu, apertando os lábios e concentrando-se na dança. Olhando discretamente para o salão viu que alguns pares de olhos os censuravam, e pensou que devia ser por estarem conversando demais. A malícia que escapava dos olhos e dos lábios de Johan era evidente.

Tão logo a primeira música acabou, Johan cumprimentou Caroline cordialmente e a levou até onde estava antes, porém, não se afastou dela, ficou tão próximo e mal conseguia conter seus olhos, que não achavam outro caminho para olhar, além das curvas que o vestido de Caroline sublinhava em seu corpo. Neste mesmo instante Phillip aproximou-se de Joana e de Rebecca, fazendo uma breve reverência e estampando o seu sorriso mais gentil. Phillip era ainda mais bonito quando sorria, seus olhos ganhavam um outro brilho, e estreitavam-se de uma forma que o deixava muito charmoso. Trocaram algumas palavras e Phillip elogiou o desempenho de Rebecca ao pianoforte na noite que ela tocou para todos em sua casa, não deixando de mencionar o quanto ficou desapontado por não ter o prazer de ouvir Joana ao piano. Conversaram um pouco sobre música e quando Rebecca mencionou seu gosto por obras de arte, Phillip convidou a ambas para conhecerem a

galeria. Elas aceitaram, um tanto receosas em deixar a sala, mas também não seria nada gentil não aceitar o convite. Rebecca desejou que aquele convite se estendesse a Patric, mas ele estava ao lado de Alexandre e *parecia* alheio a ela naquele instante.

Rebecca pôs-se ao lado de Joana e Phillip, e juntos percorreram o salão em direção ao umbral que separava uma sala da outra, mas quando estavam quase alcançando o limiar foram interceptados por Patric.

— Senhorita — disse ele olhando para Rebecca. Phillip e Joana também pararam. Olhavam ambos para os dois. A breve reverência de Patric, e o braço levemente dobrado que ele oferecia à Rebecca, fez todos entenderem que ele a estava convidando para uma dança. Mas ele permanecia calado, nada mais foi dito após a palavra “senhorita”. Rebecca estava petrificada.

— Sim...? — Rebecca olhou-o confusa. Queria a confirmação daquele convite, se realmente se tratasse de um.

— Reconhecesse essas notas? — perguntou ele olhando para a pequena orquestra ao fundo da sala. Rebecca apurou os ouvidos e reconheceu a melodia.

— *Mars et Vénus?* — Ela não conseguiu conter um sorriso de surpresa e sua voz saiu quase um sopro. Os olhos acenderam-se extasiados. Patric continuava com o braço estendido na sua direção.

— Vamos Rebecca, segure o braço do senhor Patric antes que o faça cansar — disse Joana, contendo um riso. Rebecca ainda olhou para Joana, hesitante; aceitar o convite de Patric seria uma recusa ao convite de Phillip, de visitar a galeria de arte. Porém, como se entendesse o dilema de Rebecca, os lábios de Phillip voltaram a sorrir, e ele lhe deu uma afirmação com a cabeça, para que fosse com o seu irmão.

Rebecca segurou o braço estendido de Patric e sentiu uma onda de calor subir de suas mãos e ir até o seu rosto. Catherine e Anastasia chegaram a engasgar a fala quando os viram juntos no salão. A forma como Patric a olhava, com muita admiração e entusiasmo, foi notado por todos, e um sorriso transparente no rosto de ambos revelava que aquele ato era mais do que apenas polidez. As mãos trêmulas de Rebecca seguraram as de Patric, mais firmes e quentes que as dela. Joana ainda deu um discreto sorriso para a irmã antes de dar alguns passos ao lado de Phillip; então, subitamente, ela parou e o sorriso evaporou de seus lábios.

— Podemos esperar Rebecca... — alargou os olhos na direção de Phillip. — Ela ficaria tão desapontada em não visitar a galeria. Ela ama arte... — Joana falou, vendo-se em uma situação embaraçosa. Não queria ir à galeria apenas acompanhada de Phillip. Próximo a eles, Alexandre acompanhava a tudo com olhos atentos e uma angústia crescente.

— Com certeza ela está onde mais gostaria de estar nesse momento. — Ele estendeu o braço, e Joana, desconcertada, acabou segurando e acompanhando o anfitrião. Alexandre os viu sair e seu coração apertou-se um pouco mais; mesmo assim, não se achava no direito de desconfiar de um amigo, e muito menos do que seu coração lhe gritava. Então, como se quisesse gravar aquilo mais fundo em seu peito, repetidas vezes ele falava a si mesmo: “Ela me ama, eu sei que me ama”.

— Se realmente a ama está na hora de começar a agir — disse Caroline ao pé do ouvido de Alexandre, quase adivinhando seus pensamentos.

— Ah, Caroline — bufou contrariado —, eu também queria que fosse tão fácil como você transparece ser, em sua fala, mas não é. Ali está um homem que me odeia — disse olhando para Frederico Hour. — E ele é o pai da senhorita Joana. E ali — apontou com os olhos para Amália e Sophie — estão as duas senhoritas que poderiam pôr um fim em parte do meu sofrer, mas sabe lá Deus o porquê, não o fazem. E ainda temos a minha própria culpa, meu erro...

— Muitas lamentações, não é mesmo? Enquanto isso Joana tem os braços de Phillip entrelaçados aos dela, e não os seus.

Alexandre queimou com aquela fala. Era difícil conter seu ciúme, não queria perder seu autocontrole e deixar que a desconfiança e a rivalidade crescessem em seu coração. Como admitiria para si mesmo que já estava alimentando tais sentimentos?

— Caroline, suas palavras tão duras infelizmente não me auxiliam, ao contrário, envenenam-me. Não quero morrer envenenado, Caroline — disse ele. Ela apenas meneou levemente a cabeça, concordando. Queria que o irmão tomasse uma atitude, forçaria ele a isso se pudesse. Seria algo que o irmão faria por ela também, já que ela própria não podia fazer muito.

Frederico Hour não viu quando Joana saiu da sala de música acompanhada de Phillip. Já Anastasia, notou quando saíram e sorriu satisfeita com a aproximação dos dois. Não se preocupou com fofocas, por deixarem a

sala a sós, pois os únicos presentes ali eram a sua família e a família Loen, mas Anastasia já havia feito Catherine acreditar que Phillip e Joana estavam noivos, então ela consideraria absolutamente compreensível que um casal quisesse desfrutar ao menos alguns minutos apenas na companhia um do outro.

Rebecca e Patric ainda dançavam. A concentração de ambos estava apenas naquela dança, tanto que nem notaram como as irmãs Loen olhavam-nos com perplexidade, chateadas por Patric não ter convidado uma delas por primeiro, e também por não ter tido com elas aquela mesma atenção. Rebecca sentia-se plena e, em seu pensamento, agradecia que a sua primeira valsa não tivesse acontecido no dia do baile de máscaras. Na época lamentou muitíssimo não ter dançado, mas agora tudo era mais especial, agora ela sabia que era Patric que segurava suas mãos, e ele também sabia quem era ela. Agora ela o amava, e as sensações que sentia eram muito mais sublimes do que as que teria sentido naquela época.

Quando a música acabou eles se olharam com profundidade. Os olhos verdes de Rebecca, e também os seus lábios, sorriram para Patric. O breve segundo daquele olhar lhes pareceu ter demorado o mesmo tempo daquela valsa.

Joana percorria lentamente a galeria de arte olhando cada tela e cada relíquia com atenção. Ela também gostava de arte, não tanto quanto Rebecca, mas gostava das pinturas, especialmente aquelas que retravam a sociedade como ela realmente era. Havia poucas assim naquela galeria, poucas pinturas do campo, da pobreza, dos camponeses; mas muitas obras retratando o belo, a riqueza, o poder. Joana seguia atenta a tudo isso enquanto Phillip a olhava recostado em um dos pilares da galeria. A deixava caminhar sozinha, perdida em seus pensamentos, enquanto ele também se via perdido, completamente fascinado pela beleza de Joana, seu modo de caminhar, seu olhar altivo, sua perspicácia.

Havia ali uma tela em que uma família nobre era retratada em uma luxuosa sala, em uma partida de xadrez, ao fundo via-se uma lareira e alguns objetos de decoração sobre uma bancada. Havia outras pinturas que mostravam suntuosos bailes; algumas de anjos; outras mostravam tropas em ação, em um cenário de batalhas vencidas pela França.

Joana estava completamente absorta naquelas imagens quando se terrificou ao sentir a presença de Phillip atrás de si. Ele estava tão próximo, que, quando falou, ela pôde sentir a quentura do seu hálito encostar próximo ao seu pescoço.

— Gosto especialmente deste — disse ele com a voz mansa. O quadro era uma tela enorme de uma moça ruiva, e de olhos verdes, assim como os de Joana. — Essa beleza misteriosa, esses olhos indomáveis... Esse olhar insurgente já me fez perder horas olhando para essa tela — revelou ele.

— Uma... bela pintura — Joana limitou-se a dizer, petrificada, soltando o ar preso em seus pulmões com autocontrole.

— E sempre me questiono sobre essa rosa. Afinal, o que pode significar uma rosa tão a ermo...? — Sua voz era agora mais rouca e baixa.

— Rosa? — Joana procurou a flor pela tela, mas não encontrou.

— Está sutilmente esquecida aqui. — Ele segurou uma das mãos de Joana e levou seus dedos a tocarem a rosa abandonada aos pés da jovem retratada na pintura. Joana sentiu uma inquietação percorrer o seu braço, um leve formigamento e ela desvencilhou sua mão das dele sutilmente, como se fosse uma atitude natural, e não vítima de um desconforto tão grande como o que sentira. Phillip estava tão próximo de seus cabelos que Joana ainda sentia sua respiração rente à sua nuca. Ela deu um leve passo para frente para depois se virar para Phillip, a fim de evitar chocar-se com ele, que seria o que aconteceria se ela se voltasse para ele bruscamente, tão próximos estavam. Calculou bem os seus movimentos e, quando se virou, viu mais do que um par de olhos azuis a olhá-la ardentemente, viu os olhos negros mais aborrecidos e magoados que já tinha visto em sua vida.

Capítulo 31 – O substancial e o concreto

Alexandre estava paralisado. Seu olhar inconstante ora parecia uma tempestade, onde raios e trovões faziam morada em uma infinidade de dor; e

ora parecia a própria morte, um olhar estático e frio.

Joana expandiu seus olhos em surpresa ao vê-lo ali, parado sozinho ao umbral da porta. Ele parecia se decidir se avançaria sobre Phillip, ou se lhes dava as costas antes de tomar alguma atitude da qual se arrependeria depois. Respirou sem nenhum controle, seus lábios tremeram e retraíram-se em espasmos seguidos antes que ele pudesse tentar dizer alguma coisa.

Phillip, vendo que Joana olhava para a porta, virou-se e encontrou Alexandre. Lançou sobre ele um olhar tão natural e trivial que soou a Alexandre como uma frieza controlada, como se ele não se sentisse afetado por sua presença inesperada, e tampouco pelo gesto que acabara de fazer ao tocar as mãos de Joana com tanto atrevimento. Phillip também não disse nenhuma palavra, olhava para Alexandre como a esperar que viesse dele alguma declaração. Mas as palavras não saíram, ele apenas voltou seu corpo para o corredor e seguiu caminho rumo ao seu aposento, controlando dentro de si toda a ira e decepção que sentia.

Os lábios de Joana ainda estavam entreabertos. Talvez ela dissesse alguma coisa a ele. Talvez, se não fosse a presença de Phillip, ela o chamasse de volta, mesmo temendo o que podiam dizer um ao outro em uma situação como aquela. De tantos encontros inesperados que imaginou e desejou ter com Alexandre naquela noite, nenhum deles incluía aquele olhar nublado que os olhos dele exprimiram naquele momento.

— Desculpe o desconforto — disse Phillip quebrando o silêncio. — Sei que a senhorita tem razões para se sentir assim, afinal... e desculpe por tocar nesse assunto, mas tudo o que Alexandre fez há meses atrás foi tão reprovável que é absolutamente normal que não o queira ver — disse Phillip. Joana estranhou que ele achasse que seu único desconforto fosse esse, e que ignorasse o desconforto que ele próprio havia causado ao se aproximar e tocar nela de forma tão íntima.

— Eu estou certa de que não vejo mais a presença do senhor Alexandre com tanto desconforto, afinal, não guardo rancor ou acúmulo sentimentos nocivos em relação a ele — garantiu ela. Os seus verdadeiros sentimentos eram ocultados de todos. Como diria que, na verdade, se sentia afetada, que estava literalmente aflita por ter visto os olhos de Alexandre tristes, e não mais aqueles olhos enternecedores e apaixonados de sempre?

Sentia-se presa em meio a toda aquela conveniência e proibições, em meio à gentilezas forçadas, sorrisos e modos ensaiados, pela repressão por ser

mulher, por ser filha mais velha, e toda aquela importância que seus pais davam para que suas filhas tivessem um casamento rentável. Não bastava tudo isso, ainda tinha Phillip, e agora Joana podia ver claramente as suas intenções.

— A senhorita tem os sentimentos muito nobres — disse Phillip dando um passo na sua direção. Joana tinha às suas costas a parede onde a enorme tela da moça ruiva estava pendurada, e à sua frente tinha um homem grande em altura e beleza, que a encarava com um olhar intenso e repleto de intenções. — Se perdoou Alexandre pelo que fez, então isso é a prova da mais alta generosidade e superioridade.

— Não, não tenho sentimentos tão elevados como estes. Sou humana e cheia de falhas...

— Onde? Em minha frente só vejo a mais esplêndida perfeição.

— É porque não vê o substancial, somente o concreto — disse ela rapidamente, lembrando a conversa sobre arte e de como Rebecca havia falado que o amor não muda, mesmo com as mudanças. Naquele momento ela só pensou em discordar, mas agora concordava plenamente. Se o amor exige mudanças, se o amor traz alvoroço e inconstância, ainda assim será amor, ainda assim poderá resistir à tempestade.

— Ambos me fascinam. Ambos me fazer sentir desejo de tocá-la — disse Phillip sem tirar os olhos dos dela, sem se afetar com a indiferença de Joana. Ele pegou as mãos de Joana e estreitou os olhos ávidos na sua direção.

— Fascínio... Desejo... toques... — disse Joana pausadamente. — Pouco substancial e muito material. Com licença, senhor Phillip — pediu, desvencilhando-se das mãos dele e indo sozinha até a sala de música.

Durante o trajeto seu coração saltava no peito, olhava para os lados em busca de ainda encontrar Alexandre, mas ele já estava a caminho do seu aposento. Joana estava decidida a perdoar as falhas de Alexandre, mesmo as mais duras para ela, e lutar pelo sentimento que tinha por ele. Não importava o que viesse pela frente, ela não queria mais ver aqueles olhos — que tanto amava — afundados em dor.

Alexandre chegou em seu aposento atordoado. Aproximou-se da janela e abriu-a, deixando que o ar gelado tocasse o seu rosto e abrandasse a sua ira. E tudo ia muito além daquela cena que vira na galeria de arte. Tudo tinha começado ainda no salão, quando, estando ao lado de Marie e Daisy, foi

intimado pela mãe das moças a convidar uma de suas filhas para dançar a próxima valsa. Ele estava perdido demais em seus pensamentos para ter uma atitude tão cavalheiresca como aquela, desde que entrara naquela sala só conseguia olhar para Joana, por isso fez-se de distraído e não as convidou para dançar. Quando viu que Joana havia saído da sala ao lado de Phillip, quis conter o seu ciúme, mas foi incentivado por Caroline, que sugeria que ele tomasse alguma atitude. Depois de considerar alguns instantes, decidiu que iria até onde eles estavam, decisão essa que foi mais levada pelo desejo de falar a sós com Joana, do que pelo ciúme, o qual não queria deixar crescer em seu coração.

Essa intenção foi instantaneamente desfeita, quando ouviu as irmãs Loen conversando. Ele as escutou com muita clareza:

— Joana não parece ter plena consciência da sua felicidade — disse Marie, fazendo Alexandre apurar os ouvidos. — Ou então não pareceria sempre tão distante. Se eu estivesse em seu lugar, mal conseguiria conter um sorriso desde ao acordar até adormecer.

— Deve estar escondendo seus sentimentos até que o noivado se torne de conhecimento de todos — falou Daisy. Alexandre não deixou de contrair o rosto completamente confuso.

— Mas isso já é um fato completamente evidente, e confirmado por Madame Anastasia. Além do mais, estão sempre juntos, como agora, em que acabaram de sair a sós deste salão... E isso só se justifica por estarem noivos, ou do contrário não seria nada aceitável — replicou Marie.

— Noiva do senhor Phillip, que alegria a de Joana! — Daisy proclamou entre um sorriso e um risinho.

Alexandre sentiu naquele instante todo o corpo dormente, enquanto uma desagradável sensação percorreu seu corpo e se instalou ao centro do seu estômago. Custaria a creditar naquelas palavras, se ele não as tivesse ouvido pessoalmente.

Noivos? Este é com certeza o pior de todos os mal-entendidos — pensou enquanto dirigia-se para fora do salão sem terminar de ouvir o restante da conversa.

— Agora Joana não poderá mais negar — continuou Daisy. — Tenho certeza de que o casamento deles não demorará a acontecer. Como deve ser difícil terem que esconder que estão noivos e apaixonados...

Alexandre percorreu o corredor da parte baixa da mansão Motier sem

saber ao certo onde os encontrar. Devido ao ciúme, não deixou de checar o interior da saleta particular de Phillip ao passar pela frente da mesma e a ver de portas fechadas. Não havia ninguém ali. Seguiu caminho e, passando em frente à biblioteca, adentrou o espaço, olhando para cada extremidade do lugar como se fosse vê-los a qualquer momento. Eles também não estavam ali. Já quase no final do corredor avistou a porta da galeria de arte e seu coração apertou: tinham que estar ali. Mas nem por um segundo conseguiu conceber a ideia de encontrá-los juntos e tão próximos como os encontrou.

Mal pôs-se abaixo do umbral da galeria viu Joana de frente para uma tela e Phillip logo atrás dela, estavam tão próximos que imperceptíveis milímetros os dividiam. Phillip parecia sussurrar palavras no ouvido de Joana, enquanto ela permanecia estática. Havia, naquela ação de Phillip, uma intenção sedutora que transpareceu para Alexandre. Phillip segurou uma das mãos de Joana e as levou até a tela. As mãos desvencilharam-se e, depois de tomar um pouco mais de distância dele, Joana virou-se para Phillip. *Seria aquele o momento em que se beijariam? Será que esteve há instantes de assistir a uma cena que o destruiria sem comiseração? — pensava Alexandre.*

Os olhos de Joana encontraram-se com os seus no mesmo instante e dilataram-se em surpresa. Alexandre não soube definir o sentimento que o assolou naquele momento. Se tivesse visto mais dor do que surpresa nos olhos dela, então isso seria um alento maior para a sua própria aflição. Mas preso dentro de sentimentos que oscilavam entre raiva e ciúmes, ele só conseguia ver uma Joana sobressaltada por ter sido surpreendida em uma cena romântica. Naquele breve instante apenas desejou uma coisa, voltar os seus passos no tempo e não ter estado ali.

Já os olhos de Phillip permaneceram inabaláveis, e aquilo lhe feriu como uma grande afronta. Eram olhos que não demonstravam remorso, como se nenhuma transgressão houvesse cometido, como se Alexandre fosse o causador daquele desconforto, por entrar ali sem ser chamado. Ele era o intruso.

Voltou-se novamente para o corredor e, a passos largos, logo alcançou a escadaria que o levou até o seu aposento.

De volta à sala de música, Phillip continuou a sua recepção sem demonstrar qualquer embaraço diante do acontecido. Já Joana permanecia

agitada, mais aflita ao constatar que Alexandre não tinha retornado àquela sala. Rebecca percebeu a agonia da irmã, mas decidiu que só perguntaria a ela mais tarde, quando estivessem em casa, ainda lembrando-se da promessa que Joana tinha lhe feito de conversarem, e pensando que, talvez, o que estava lhe perturbando era ainda aquele assunto sobre Sophie e Johan.

Joana aproveitou seu momento de torpor e, deixando Rebecca em uma conversa com Patric, caminhou lentamente, porém decidida, até onde Johan estava. Sem demora cobrou uma resposta dele, pegando-o de surpresa com aquela atitude arrojada.

— Não digo que me enganou, senhor Johan, pois nunca depus minha confiança no senhor, mas enganou Sophie e causou-lhe uma dor que não suporto vê-la sentir — disse com o rosto acalorado. — Não vou mais questioná-lo sobre suas intenções pois elas se mostram agora muito claras. Já não lamento mais isso tanto quanto lamentava antes, pois penso que quanto mais afastada do senhor, melhor será para Sophie, mesmo que o futuro dela esteja hoje comprometido por sua culpa.

— Senhorita, perdoe-me, mas está fora de si. Esse não é um assunto para se tratar nessa ocasião, e não discutirei isso com tantas pessoas nos olhando... — Johan repreendeu-a, olhando em volta.

— O senhor revelou-se um completo boçal, um libertino sem escrúpulos — Joana o interrompeu. Suas palavras eram duras, mas sua postura era ainda muito sóbria e elegante, sua voz era comedida e quem os visse de longe não imaginaria que estavam discutindo.

— Sei que não posso fazer com que a senhorita me odeie menos do que me odeia agora, então não vou me empenhar em fazê-lo — disse em baixo tom, controlando-se.

— Só nos faria perder tempo — concordou ela. — Mas não pense que dará essa punhalada no coração de Sophie sem que todos saibam que a feriu — disse austera.

— Embora não queira acreditar, não sou esse imoral sem sentimentos que a senhorita julga que eu seja — disse ele, desta vez mais impaciente. — Mas não vou tentar explicar o que se passa na cabeça de um libertino, assim como me chamou, pois a senhorita é distinta demais para que eu lhe explique, embora adoraria lhe dar detalhes sobre isso...

— Não ouse continuar. — Ela ergueu seu olhar altivo para ele, desafiadora. — O senhor é mesmo um canalha! — deu-lhe as costas.

No salão, Phillip, como bom anfitrião, dançava com Daisy, e já havia prometido a próxima dança para Marie, enquanto Caroline remoía-se entre a curiosidade de ir atrás do irmão e saber por que ele não tinha retornado à sala, e o desejo de continuar ali, com os olhos fixos em Phillip a esperar que ele a chamasse para uma dança. Não queria acreditar que ele seria tão descortês em não a convidar para dançar naquela noite. No mesmo salão Patric dançava agora com Amália, após ter dançado com Rebecca duas danças seguidas. Sophie prostrou-se em uma cadeira e fez-se adoentada novamente. Sem ânimo algum para conversar ou para dançar, deu a desculpa pelo seu comportamento ao dizer que estava cansada e ainda afetada pelo mal-estar de dias atrás.

Angustiado demais para conseguir dormir Alexandre ainda permanecia na janela, do mesmo modo que estava desde que entrara naquele aposento. O ar frio da noite invernal já lhe consumia o rosto e as mãos, únicas partes do seu corpo expostas, e não importava se estivesse de olhos abertos ou fechados, ele via Joana ao lado de Phillip repetidas vezes em sua mente, sem cessar.

Com os pensamentos excessivamente agitados para continuar onde estava, ele resolveu ir à cozinha solicitar uma bebida quente a uma criada. Talvez um forte chá que o ajudasse a adormecer e esquecer. Ou uma bebida alcóolica, sim, pensou melhor e considerou que uma bebida forte seria o melhor para aquela ocasião. A adega ficava próxima à cozinha, e para ele chegar até ela, precisaria passar em frente ao corredor da sala de música, onde todos estavam.

A sala de música ficava no início do corredor, logo após à grande sala da lareira. Em seguida seguia-se a saleta particular de Phillip, a biblioteca, a galeria de arte, e, ao fundo, virando à direita, chegava-se à cozinha e à adega. Ao final daquele segundo corredor, ao lado da adega, havia uma porta de saída para os fundos do jardim e que também era usado como acesso dos empregados para a mansão.

Sem ânimo ele desceu as escadas completamente entregue às penumbras, e dali já pôde ouvir o som da pequena orquestra contratada para aquela noite. Não conseguiu conter um pensamento e imaginou como seria ter Joana em seus braços em uma valsa, ou como seria incrível participar de uma contradança tendo sua amada como seu par. Ao se aproximar da sala de

música apressou-se e passou pela frente do salão como um fantasma, um vulto trajado de preto, e seguiu em direção ao seu destino: a adega.

O vulto não passou despercebido pelos olhos de Joana, Amália e Rebecca, que estavam exatamente voltadas para aquela direção quando ele passou. Joana logo reconheceu Alexandre e seu pensamento girou, advertindo que se ela desejava desfazer a impressão errada que ele teve dela, então aquela seria a oportunidade. Seu coração ordenava que tomasse alguma atitude.

— Preciso sair desta sala agora e falar com o senhor Alexandre — sussurrou aflita para as irmãs. Enquanto Rebecca sorria discretamente e assentia para a irmã, Amália contraiu o rosto, sem entender aquela urgência de Joana.

— Falar com o senhor Alexandre? — Amália indagou, estranhando a agitação de Joana.

— Retornarei rápido, mas se perguntarem por mim, digam que fui à procura de uma joia que perdi quando me ausentei da sala com o senhor Phillip — falou agarrando uma pulseira que estava em seu pulso e arrebatando um de seus elos. Fechou a pulseira na palma das mãos e caminhou discretamente até o umbral da porta, sendo acobertada pelas irmãs, que embora não soubessem bem quais as intenções de Joana, estavam concentradas na tarefa de ajudá-la.

Logo Joana encontrou a oportunidade de sair da sala sem ser vista, aproveitando que a maioria dos presentes estavam de costas para elas, ou dançando, ou em conversas animadas, alheios à sua presença.

Ela percorreu o corredor rapidamente, o coração ansioso dançando no peito. A primeira porta que abriu foi a da biblioteca, e ali mesmo da entrada passeou os olhos pelo ambiente. Fechou a porta tão logo viu que Alexandre não estava ali. Seguiu caminho e parou em frente à galeria, seu peito contraiu-se com a recente lembrança. Ela não precisou entrar naquela sala, instintivamente adivinhou que ele não estava ali e seguiu pelo corredor. Olhou para a direita e viu outro corredor, de onde vislumbrou a porta da cozinha semiaberta, e dentro dela alguns criados preparando drinks e petiscos para os convidados daquela noite. Uma claridade vinha do final daquele corredor, saindo de dentro de uma pequena sala, revelando uma tênue luz na parede do lado de fora, que oscilava conforme um vulto passava em frente às chamas de velas.

Um discreto tilintar de vidros podia ser ouvido, e Joana soube que era ali que Alexandre estava. Muniu-se de toda a sua coragem e foi até lá.

Alexandre remexia algumas garrafas de vinho na prateleira da adega, a luz fraca não o permitia ver com nitidez, havia ali duas velas acesas e com a cera quase ao fim. Ao voltar o corpo à sua esquerda ele viu alguém parado à porta e sobressaltou-se ao ver que era Joana. Ainda piscou os olhos e depois os estreitou na sua direção, como se aquela fosse uma visão irreal, como se estivesse imaginando coisas.

— Senhorita Joana? — franziu o cenho, endireitou o corpo e olhou por detrás dela, checando se estava sozinha.

— Preciso de uma palavra com o senhor — disse ela agitada, sem considerar como iniciaria aquela conversa.

— Uma palavra? — repetiu ele ainda aturdido com a sua presença. — Senhorita, se alguém a ver aqui...

— Ninguém irá me ver aqui se permitir que eu seja breve — interrompeu-o. — Tudo o que quero lhe dizer é que lamento muitíssimo a cena que vi ainda há pouco na galeria do senhor Phillip. Eu... — dizia nervosa.

— A Senhorita não precisa falar sobre isso... — Alexandre cortou sua fala. Ter que ouvir aquele anúncio dos lábios dela seria ainda mais penoso para ele.

— Sei que não, mas quero...

— E por que quer dar a mim algum consolo, mesmo quando sabe que não há nenhum que será capaz de abrandar meu tormento? Ou, engano-me, e o que quer de verdade é ver de perto meu coração sangrar? A senhorita — os olhos deles encheram-se de lágrimas —, noiva de Phillip? Minha garganta chega a dar um nó apenas em pronunciar esse fato em voz alta.

— O quê? Eu não estou noiva de Phillip! — exaltou-se e seu rosto ganhou uma cor acesa de desconforto. — Quem lhe disse isso?

— Ouvi as irmãs Loen conversando, e garantindo que era fato confirmado por sua mãe, Madame Anastasia.

— Mas isso é um absurdo! Não estou noiva do senhor Phillip! — repetiu com o tom de voz mais exaltado, olhando dentro dos olhos de Alexandre. Ele a puxou para dentro da adega e pediu que falasse mais baixo.

— Podem nos ouvir — sussurrou. Estavam agora muito próximos um do outro. — Não está mesmo noiva de Phillip? — perguntou para ouvir uma

vez mais ela repetir aquela frase que suavizaria seu coração.

— Não estou — garantiu ela, sussurrando também.

— Não está...? — repetiu, desta vez mais introspectivo.

— Não estou... — As palavras finalmente fizeram efeito e ele deixou um suspiro abrandecido sair dos seus lábios.

— E por que saiu daquela sala, mesmo correndo risco de ser vista aqui, só para que eu soubesse disso? — perguntou.

— Não foi para que soubesse disso. Eu nem supus que tivesse esse pensamento — disse ela apertando sua pulseira em uma das mãos.

— Mas então...?

— O senhor não consegue presumir? — Ela voltou seus olhos verdes com intensidade na direção dos olhos negros de Alexandre. Ele chegou a ficar entorpecido só em tentar supor o que ela estava querendo lhe dizer.

— Não. Não sou bom em adivinhações. Precisaré me dizer... — Ele instigou-a compenetrado.

— Eu não sou muito boa em fazer isso... — Ela desviou os olhos dos dele.

— A senhorita? — Ele sorriu. — Mas a senhorita é sempre ótima em expressar-se.

— Mas... nunca estive prestes a dizer... O que quero dizer, é que... — Seus lábios tremiam e suas mãos e todo o seu corpo também. Alexandre percebeu a angústia dela e segurou suas mãos com carinho. Notou que ela segurava a pulseira em uma das mãos.

— Eu sei o que está sentindo. Quando lhe disse isso pela primeira vez, e foi a primeira vez que essas palavras saíram dos meus lábios, foi tão difícil exprimir-me. Mas foi tão bonito ver as palavras brotando dos meus lábios e do meu coração, como se estivessem nascendo naquele instante, e de fato estavam... Depois que deixei que nascessem determinei em meu coração que viveria só para ouvi-la um dia também dizer que...

— Eu o amo, Alexandre — interrompeu-o e uma lágrima quente escorreu dos seus olhos. — Oh, sim. Eu o amo tanto... — Um soluço escapou de seus lábios enquanto ela abaixava a sua cabeça, olhando para o chão. Alexandre foi breve em erguer seu rosto com a ponta nos dedos e calar aquele choro com um beijo.

Beijaram-se suavemente por um breve minuto, com tanto amor que a

energia que transpassava por seus corpos causava vibrações entorpecentes quase capaz de fazê-los esquecer do tempo ou de onde estavam. Mas uma voz alta no final do corredor reverberou e eles se separaram. Era a voz de Madame Anastasia, acompanhadas das vozes de Phillip e de Rebecca.

Alexandre olhou para fora da adega, depois soprou rapidamente a vela acesa, pegou uma garrafa de vinho e puxou Joana junto de si antes que todos virassem aquele corredor e encontrassem com eles. Os passos tornaram-se cada vez mais próximos, mas Alexandre foi mais rápido em abrir a porta dos fundos do corredor e sair com Joana para o jardim. Fecharam a porta rapidamente e correram de mãos dadas para a ala norte da mansão Motier, sumindo no meio das árvores e cercas-vivas.

Capítulo 32 — O som do amor

— Joana não está em nenhum lugar — Madame Anastasia exclamou preocupada, colocando mais desespero na voz do que a situação realmente merecia. Já tinham olhado a biblioteca e a galeria.

— Se a senhorita Joana tivesse me comunicado, eu teria solicitado que os criados fizessem uma busca pela joia perdida — disse Phillip estafado de ter que aguentar Madame Anastasia ao seu lado, exagerando o sumiço de Joana, como se ela estivesse em situação de perigo. — No entanto, logo havemos de encontrar sua filha, Madame.

Ao virarem o corredor avistaram a cozinha e a adega. Phillip pediu licença e, deixando-as esperando no corredor, foi até a cozinha, depois voltou com um castiçal e entrou na adega, analisando cada parte daquela sala. Ele não era tão atencioso assim para saber se estava faltando alguma bebida, nem qual delas poderia ter sido pega, mas sabia que alguém estivera ali há poucos instantes e remexera em seu estoque de vinho. O cheiro de vela ainda estava no ar e as garrafas desordenadas de uma forma incomum. Phillip tocou a cera e sentiu que ainda estava quente e foi nesse momento que Alexandre lhe veio à mente.

— Ela não está aqui, vamos procurá-la novamente na galeria e na biblioteca. Ou quem sabe, ela já tenha retornado para a sala de música — disse Phillip, já mais ansioso.

Enquanto Madame Anastasia e Phillip prosseguiram procurando por Joana, Rebecca dirigiu-se à sala de música para verificar se ela já havia retornado para lá.

No jardim, Alexandre e Joana ainda corriam de mãos dadas. Ele ia mais à frente, segurando a garrafa de vinho em uma mão, olhando o caminho que já lhe era conhecido, enquanto Joana segurava a sua mão livre, apressando o passo para acompanhá-lo. Em um primeiro momento ela estava assustada com a iminente possibilidade de alguém os ver juntos, mas depois permitiu-se até mesmo achar graça daquela fuga, e num misto de euforia e felicidade abriu um sorriso, acompanhado de uma gargalhada. O som daquela risada ecoou dentro dos ouvidos de Alexandre, e foi para ele o som mais deleitável que há muito já tinha ouvido. Imediatamente ele parou de correr e a abraçou, trazendo o corpo da sua amada para muito junto do seu. O frio era

cortante e as copas das árvores e o chão ainda tinham um pequeno acúmulo de neve que caíra nos dias anteriores. Os dois ofegaram juntos e Joana tremeu em seus braços, um tremor de frio e também de prazer. O abraço de Alexandre era o lugar mais confortável em que já estivera.

— O som da sua risada... — disse ele, de olhos fechados, com a cabeça de Joana ainda apoiada em seu peito. — Eu amo esse som.

— E eu amo este que estou ouvindo — disse ela com firmeza ao escutar as fortes batidas do coração de Alexandre. Ao ouvir aquelas palavras foi impossível que seu coração não palpitasse ainda mais forte.

Continuaram a caminhada apressada pelo jardim, circundando a casa até chegarem ao coche dos cavalos e, mais à frente, ao centro do jardim. Ao longe viram as luzes que vinham da janela da sala da lareira e do grande salão principal e pararam para ver se não havia ninguém por perto.

— Se soubesse o quanto destruído eu me senti ao vê-los juntos... — Alexandre exprimiu sua angústia. — Foi tudo mesmo um mal-entendido? Eu pude sentir as intenções de Phillip e pegar com as minhas próprias mãos, tão palpáveis me pareceram. Eu a amo, Joana! Amo de verdade e não suportaria perdê-la.

— Só posso falar sobre meus sentimentos e intenções; e eles nunca incluíram o senhor Phillip — disse Joana quase em um sopro. Não disse nada sobre o que aconteceu depois que Alexandre havia saído da galeria, sobre a lisonja de Phillip e aquela declaração que ele lhe fizera.

— Agora que sei que me ama... não vamos nos separar mais — disse Alexandre abraçando-a novamente.

— Pareceu-me que o senhor sempre soube que eu o amava — disse ela sorrindo.

— Eu só podia contar com isso, com minha esperança... Mas ouvi-la confessar foi infinitamente melhor do que a minha certeza, sempre contrariada por suas palavras... — disse lançando um olhar divertido na direção de Joana.

— Será que poderá me perdoar por isso? — cobriu seu rosto, muito ciente do seu erro e de como fora dura com ele o tempo todo.

— Perdoar? Não há nada que a senhorita tenha feito para que eu precise perdoá-la... Ouça, Joana, meu objetivo agora será a luta para ficarmos juntos.

— Não será uma luta fácil — disse ela perdendo o ânimo, lembrando-

se de que seus pais não seriam a favor daquele romance. Pensou também em Sophie e seu coração doeu.

— Será mais fácil do que tem sido até agora, mas eu sou um soldado, não se esqueça disso — sorriu com prazer. — E um soldado apaixonado não pode ser derrotado. Joana, se soubesse o quanto feliz me fez essa noite — suspirou. — Minha paz se resume agora em saber que acredita em mim, que me ama... e o seu sorriso. São esses os três motivos da minha felicidade.

— Eu acredito — disse ela derrubando uma nova lágrima. — Mas Sophie fez um buraco no meu coração, porque não consigo deixar de amá-la. E agora não sei se posso perdoá-la pelo que fez, ao mesmo tempo que ainda não suporto vê-la sofrer, desta vez por...

— Por Johan. Eu sei — antecipou-se em dizer.

— Sabe? Como? — Joana o olhou com espanto.

— Eu não sei qual o tipo de promessa ele lhe fez, nem como ou quando estiveram juntos, mas sei que ele a iludiu e agora deseja fugir...

— Fugir? — perguntou atordoada.

— Eu sei que há muito mais para falarmos, e eu passaria o restante dessa noite, ou até mesmo de meus dias, declarando o meu amor e a ouvindo repetir que me ama, mas precisa voltar para aquela sala, ou logo todos irão parar de procurá-la dentro da mansão e virão para o jardim — beijou-lhe as mãos. — Vá, eu vou em seguida.

— Sim — disse ela e depois se lançou para os braços de Alexandre, com tanto amor e energia que ele se desequilibrou. Surpreendido com aquela atitude, mas muito feliz para questionar, ele a envolveu em seus braços em um beijo apaixonado. Com os olhos cheios de promessas eles se separaram.

Alexandre segurou a garrafa de vinho e, mentalmente, traçou o plano de que se fosse visto por alguém nos corredores baixos da mansão Motier, ou próximo à entrada de seu aposento, diria que havia descido para buscar uma bebida, a fim de ajudá-lo a dormir mais relaxado.

Joana correu pelo jardim, parando somente quando chegou em frente à escadaria, quando, por um breve instante, ofegou tentando controlar a respiração. Naquele mesmo minuto chegava na porta da mansão Rebecca, Patric, Amália, e Frederico Hour.

— Ali está ela — disse Rebecca apressando o passo na direção da escada, pronta para descer a escadaria e encontrar Joana.

— Cuidado. A escada pode estar escorregadia — Patric colocou-se ao

seu lado e estendeu o braço para Rebecca se apoiar. Puseram-se a descer juntos os degraus, e juntos viram quando Joana abaixou-se e fingiu pegar um objeto do chão.

— Encontrei — disse ela. — Encontrei minha pulseira — Joana anunciou erguendo a joia que estava em sua mão o tempo todo.

— Onde estava, Joana? — Anastasia interrogou acentuando seu tom sério. — Estivemos à sua procura por toda parte.

— Perdi minha pulseira. Pensei que tivesse sido na galeria de arte, mas estive lá e não a encontrei, então vim procurar aqui fora — justificou-se subindo os degraus, acompanhada de Patric e Rebecca.

Phillip, naquele mesmo instante, descia as escadas de dentro da mansão Motier. Quando todos estavam procurando Joana ele subiu até o corredor dos aposentos e bateu na porta de Alexandre. Ele não o atendeu, então abriu a porta e confirmou a sua suspeita de que ele não estava ali dentro.

Desceu as escadarias, ainda pensando sobre como proceder, quando viu que todos já haviam encontrado Joana. Ouviu as vozes na entrada da casa e foi até eles. Joana estava explicando o porquê de não ter chamado ajuda para encontrar a joia.

— Nesse frio, sozinha na noite escura à procura de uma pulseira. Joana, que inconsequente — Frederico a repreendeu.

— Está tudo bem. Devo ter perdido a pulseira quando chegamos, ao descer da caleça — Joana justificava-se. — Mas ela estava aqui, no primeiro degrau da escada.

Ao longe, ocultado por algumas árvores e cercas-vivas, Alexandre esperava que todos entrassem, a fim de aguardar alguns minutos para depois entrar na mansão.

Phillip manteve seus olhos serenos sobre Joana enquanto ela falava, certo de que ela estava mentindo. Lembrava-se com muita clareza que ela estava com a pulseira o tempo todo. Sentiu o metal frio encostar em seus dedos quando havia tocado suas mãos na galeria de arte.

Ela está mentindo. Estava com Alexandre — pensou para si mesmo enquanto um estranho sentimento crescia dentro dele. Naquele momento Phillip definiu esse sentimento como “rivalidade”, pois detestava perder, e Joana era grande alvo de seu interesse. Estava certo de que a queria. A queria muito.

Alexandre assistiu, da janela do seu aposento, a caleça da família Hour mover-se para fora dos portões da mansão Motier. Seu coração ainda vibrava ao relembrar as doces notas da voz de Joana a lhe confessar o seu amor. Sentiu que cada dia que havia passado em angústia valeram aquele momento. A certeza de um futuro doce e florescente ao lado de Joana voltou a fazer morada em seu coração.

Em pouco tempo a mansão Motier ficou completamente entregue ao silêncio e às penumbras. Apenas um ou outro castiçal ainda mantinha as suas velas acesas, quase derretidas por completo. Alexandre bebeu um pouco de vinho e, deitado nos braços da esperança, adormeceu.

A alguns dormitórios à frente, Caroline recebia uma visita. Ele chegou sem avisos, não bateu à porta nem pediu licença. Invadiu o aposento sorrateiramente, mas Caroline ouviu o ranger da pesada madeira e o encarou quase no mesmo instante. O castiçal preso à parede e outro que repousava ao lado da cama, iluminaram o rosto bonito e masculino, emoldurado por um sorriso tentador e um par de olhos azuis repletos de intenções.

Após preparem-se para dormir, Joana e Rebecca foram cada uma para sua cama, foi quando Rebecca, não suportando mais esperar que viesse de Joana a iniciativa de começar aquela conversa, puxou o assunto:

— Joana, já me fez sofrer em expectativa, espero que agora seja a hora oportuna para conversamos...

Joana sentou-se na cama, de frente para a irmã, e suspirou. Pretendia ser sincera, o quanto mais pudesse ser, por isso decidiu que deveria contar também sobre o seu próprio tormento. E foi falando sobre ela e Alexandre, que iniciou aquela conversa. Deixou sua mente viajar longe, nos meses passados, e contou sobre o primeiro encontro que teve com Alexandre, no bosque, quando ainda não sabiam nem o nome um do outro. Nesse trecho da narração Rebecca arregalou os olhos, dizendo que o bosque era muito perigoso para ir sozinha, que sempre desconfiara que Joana tivesse um refúgio, mas que julgava ser nos arredores do bosque, no prado, ou até mesmo na vila dos camponeses... mas não no interior do bosque.

— Não seria um refúgio se fosse tão óbvio. O bosque é, há muito tempo, o melhor lugar que encontrei para pensar, para ler... e para fugir.

Lembra-se de certa vez que papai quis que eu o acompanhasse em uma viagem a Paris, e soubemos que, além de negócios na cidade, ele tinha interesse de me levar junto para que eu conhecesse um pretendente? Foi no bosque que me escondi até ver partir a caleça de nosso pai.

— Sim, e ele resolveu ir sozinho depois de muito procurá-la por toda parte. Naquele dia papai foi até o prado montado a cavalo, e depois até a vila dos camponeses, enquanto mamãe a procurou no interior da igreja, na casa dos Loen e até no nosso estábulo... — riu. — Jamais suporíamos que estivesse no bosque. Além de correr o risco de se perder, ou encontrar com caçadores, poderia ter se deparado com homens cruéis ou até mesmo invasores estrangeiros.

— Tracei uma trilha para não me perder e sempre estive atenta. Alexandre foi o único encontro inesperado que tive no bosque. Isso porque ele havia se perdido ao cortar caminho para a nossa vila. A trilha é estreita demais para caleças, sendo possível seu acesso apenas a pé ou a cavalo. O fato é que, naquele encontro, não nos apresentamos, ele causou tanta irritação em mim... E eu, que já estava nervosa demais com nossos pais, acabei descontando nele todo meu descontentamento. Ao vê-lo novamente em nossa casa, quando já pensávamos que ele fosse Phillip, e a cada novo encontro que tínhamos, ele sempre conseguia me tirar a paz, me irritando de uma forma singular. Nossos diálogos eram repletos de ironias, implicâncias e eu sempre achei que seria impossível detestá-lo mais. Mas então nossos pais acharam que seria ele o melhor pretendente para mim, e isso fez com que eu determinasse que ele seria minha última escolha. Fazê-lo querer estar distante de mim era o que eu mais desejava, por isso não me importava em ser descortês com ele sempre que tinha oportunidade, mas ele não desistia de me afrontar, como se cada palavra amarga que eu lhe dirigia fosse um estímulo para prosseguir com sua insistência. Ele dava indícios de seus sentimentos e eu o ignorava o quanto podia. Até que um dia ele se declarou, disse que me amava, com tanta emoção e verdade que me senti abalada. Oh, Rebecca, como fui orgulhosa, sentia meu coração tremer quando estava ao seu lado e negava para mim mesma que estava me sentindo afetada por ele — Joana contraiu o rosto e curvou-se, pondo as mãos no rosto, envergonhada. — Sinto vergonha da forma com que agi, depreciando o que sentia e também repelindo os sentimentos de Alexandre com frieza. Sophie teve o coração magoado pela rejeição, mas também porque eu não queria aceitar que o amava... Como se confessar isso fosse me rebaixar ao título de fraca,

entregando-me aos desejos e caprichos de nossos pais, aos seus planos unicamente inspirados pela ganância. E mesmo quando finalmente o aceitei, foi dizendo que fazia aquilo por obrigação, por ordens de nosso pai. Disse, olhando nos olhos de Alexandre, que sentimentos como o amor não caberiam jamais em nosso relacionamento, pois eu estava sendo condenada a um casamento forçado, por conveniência — confessou enquanto lágrimas quentes escorriam de seus olhos.

— Joana, então você realmente o ama? — Rebecca questionou maravilhada. — Estou tão feliz que tenha *finalmente* se aberto comigo. Sempre soube que Alexandre lhe afetava de alguma maneira, embora realmente você tenha se empenhado em nos fazer acreditar no contrário. Joana... — disse levantando-se da cama e indo até a irmã, segurando-lhe as mãos. — Como deve ter sido doloroso ter que suportar ouvir Sophie narrar os acontecimentos daquele baile. Há alguma justificativa que possa explicar o que aconteceu? Por que depois lutar tanto para tê-la, Alexandre agiu daquela maneira?

Joana passou as duas horas seguintes contando tudo para Rebecca. A história do broche roubado, e como Alexandre disse que sua única culpa era ter omitido quem era, e depois deixar que aquela farsa se estendesse até que fugisse de seu controle poder voltar atrás. Narrou sobre como Sophie mentiu para o *cocher*, se passou por ela no baile e se deixou ser beijada por Alexandre, sabendo que ele pensava ter Joana em seus braços. Rebecca, horrorizada, também chorou. Um choro manso de decepção cortou seu coração. Compadeceu-se do sofrimento de Joana, e admirou-se com a sua força, por ter suportado tudo aquilo sozinha e em silêncio. Ao final da sua narrativa Joana disse-lhe que se sentia liberta, por finalmente ter confessado a Alexandre que o amava.

— Como gostaria que tivesse dividido sua aflição comigo antes. Porém entendo os seus motivos. Vocês serão felizes, Joana, tenho certeza que sim. Sophie terá que confessar aos nossos pais o que fez, e então restará apenas a culpa de Alexandre em ter omitido sua verdadeira identidade. Faremos com que entendam que Alexandre agiu por amor e, mesmo assim, que se arrependeu.

— Não estou tão confiante nisso, só a mentira de Alexandre já é o bastante para que nossos pais o censurem, e Sophie não aceitará falar a verdade assim tão facilmente.

— Ah, Sophie... — Rebecca repetiu o nome da irmã com certa introspecção. — Conte-me, Joana, sobre o que me disse esta noite... Sophie gosta do senhor Johan?

Neste instante Joana emudeceu. Um assunto tão delicado como aquele precisava ser dito com cuidado, não queria ser tendenciosa ao falar do comportamento de Johan e de Sophie, nem julgar seus sentimentos. Acreditava que Sophie tinha sido ingênua e ao mesmo tempo embevecida pelas promessas de Johan. Em seu íntimo, culpava até mesmo seus pais por aquela atitude inconsequente de Sophie, pois um casamento lucrativo sempre rondava os pensamentos imaturos da irmã, plantados pelos ideais de seus pais, e repetidos diversas vezes para todas as filhas.... E Sophie havia se entregado a Johan por uma promessa... Por uma ilusão.

— É um assunto muito difícil este, mas que preciso lhe contar... — E assim Joana contou para Rebecca tudo o que viu no prado, isentando-a de seus próprios julgamentos, apenas narrando as cenas e a conversa que tivera com Sophie naquele dia e depois a que tivera com Johan, na propriedade Motier dias mais tarde.

— Meu Deus! — Rebecca chorou completamente aflita depois de ouvir tudo. — Isso parece impossível. Joana, se eu não estivesse ouvindo de você, eu não acreditaria. Como puderam? Johan nem ao menos a ama? Por que ele não a procurou mais desde então? Ele não pretende se casar com ela?

— Não... Johan pretende fugir. Alexandre disse-me hoje... Ele não pretende cumprir com sua palavra. Hoje mesmo o confrontei... Johan apenas quis divertir-se e brincou com os sentimentos e sonhos de Sophie... — Não conteve o seu julgamento impetuoso.

— Fugir? Que raiva estou sentindo do senhor Johan por isso — disse Rebecca secando as novas lágrimas que caíam. — Isso até parece algum tipo de punição à Sophie... Como deve estar sofrendo... Não sei o que nosso pai será capaz de fazer quando souber — falava agitada.

— Calma, não falaremos nada ainda. Vamos deixar que o tempo nos mostre o que devemos fazer — Joana pediu. Rebecca assentiu, ainda atordoada com toda aquela história.

— Joana, como conseguiu suportar tudo isso sozinha? Como fui desatenta em não perceber que algo de errado estava acontecendo com você, com Sophie...

— Não... Não pense que poderia ter feito algo para ser diferente.

Também me senti assim, impotente e culpada, mas não temos culpa pelas escolhas que não são as nossas, nem por atitudes sobre as quais não temos controle. No fim, cada um de nós terá a sua própria dose de culpa e de dor, que será quase ou igualmente proporcional ao erro que cometemos. Eu também sofri e ainda sofro por ter sido orgulhosa, Sophie por ter sido irresponsável, Alexandre por ter nos enganado... Johan também pagará um dia — suspirou fazendo uma pausa. — Mas sinto-me feliz por tê-la ao meu lado, com sua amizade e confiança, fortalecendo minha esperança — Joana a abraçou. — Vê-la feliz ao lado de Patric contribuiu muito para a minha decisão em declarar o que sinto por Alexandre. Sua espontaneidade, sua entrega diante dos seus sentimentos, me inspiraram a também me abrir. Eu não sei sobre o futuro, e meu romance com Alexandre é ainda muito incerto, mas você será feliz, porque os olhos de Patric já transbordam amor por você.

— Joana! Está dizendo isso apenas para me fazer feliz? — Rebecca enrubescceu e seu corpo reagiu aquecendo seu peito.

— Posso estar sendo insensata em lhe dizer isso, mas foi tudo o que vi nesta noite nos olhos de Patric... Uma profunda admiração... Uma admiração transbordante, que certamente você estava extasiada demais para ter reparado. Estava diante dele mas flutuava entre o nervosismo e a emoção. Mas eu vi tudo. E não fui a única.

— Vou torcer para que esteja certa, mas já antecipo minha felicidade somente em ter essa dúvida comigo. Mais feliz ainda porque você quase sempre tem razão em tudo o que diz, Joana — riram juntas.

As irmãs passaram metade da noite conversando como melhores amigas e confidentes, e a diferença de idade entre elas era cada vez mais um detalhe sem importância. Rebecca, apesar dos seus dezesseis anos recém-completos, era muitas vezes a mais madura e sensata de todas as irmãs Hour.

Capítulo 33 — Decepção

— Alexandre... — Phillip chamou-o assim que se encontraram logo cedo, no corredor, quando ambos saíam de seus aposentos. — Está certo sobre o que disse ontem? Vai mesmo jogar suas armas em definitivo? Não será mais um soldado?

Alexandre parou e virou-se para Phillip, hesitante. Não queria ter que falar com ele, e lamentou muitíssimo que aquele fosse o primeiro rosto que via naquela manhã. Ainda sentia grande indignação pela cena que havia presenciado na galeria. Ele pensou um breve momento antes de responder, estudando os olhos de Phillip com minúcia.

— Nasci em uma família com tradição militar por parte de pai — disse ele com fibra —, estudei em escola militar desde os onze anos de idade, participei de várias expedições junto da Cavalaria, e se há algo que aprendi em todos esses anos, é que um militar deve saber o ponto decisivo de se findar uma guerra, e também o ponto decisivo para não lutar mais em uma.

— E este é o seu ponto decisivo? — inquiriu Phillip, com os olhos intensos e postura erguida. — Eu pensei que poderia contar com a sua experiência para treinar outros homens, que estaria ao meu lado... Como estive ao lado de meu tio.

— Eu estou ao lado das minhas convicções — Alexandre o interrompeu com a voz mais austera. — Mas desde que seu tio morreu tenho estado ao seu lado... como amigo — disse ele. — Mas sua postura política é muito diferente da minha....

— Você está do lado da revolução! Está do lado errado, do lado de pessoas fracas, que acham que vão conseguir reformar o país...

— Já discutimos isso muitas vezes, e não vamos fazê-lo novamente. Com licença — Alexandre fez menção de se retirar.

— Espere... — Phillip pôs-se à sua frente, impedindo que Alexandre fechasse a porta do aposento e que seguisse caminho pelo corredor. — Seu tom e seu olhar me dizem que está agitado. Não está em paz, Alexandre? — Phillip interrogou sem piscar os olhos.

— Paz? — Alexandre repetiu a palavra a fim de ganhar tempo para ter certeza se havia ironia nas palavras de Phillip. Considerou que sim, havia. Os olhos de Phillip eram frios e sua voz contida parecia querer, na verdade, afrontá-lo. — Não sei a que tipo de paz se refere, mas estou tranquilo com a minha decisão, e não faço isso para ofender as suas convicções, tampouco para mudá-las, mas para me manter fiel às minhas. Mas paz... nunca estamos plenos dela... Você mesmo não deve estar.

— Não estou? Estou certo de que estou — Phillip rebateu e lançou um olhar por sobre os ombros de Alexandre, espiando o aposento que ainda mantinha a porta aberta. Ao fundo, do lado da cama, viu a garrafa de vinho repousada no chão.

— Então não é quem pensei que fosse — disse Alexandre, tentando mais uma vez deixar Phillip para trás. Ao esquivar-se, Phillip bloqueou sua passagem novamente, desta vez com o braço suspenso na direção do corpo de Alexandre.

— Então está decepcionado comigo? Por quê? — inquiriu.

— Por que quer me fazer dizer algo que já sabe? Se sabe sobre sua conduta, por que quer que eu a reafirme, que diga se suas ações são ou não são condenáveis? — rebateu agitado. — Não existe em você um certo discernimento natural que o ajude a fazer um julgamento de si mesmo?

— Está agindo assim por ciúmes — Phillip balançou a cabeça em negação, recriminando-o. — Está deixando que todas as suas ações e palavras sejam controlados por esse sentimento. Por causa de uma *mulher* — Phillip disse em tom de indignação.

— Então estamos mesmo falando da senhorita Joana? Pensei que não fosse admitir. Tenho outras palavras que cabem melhor para expressar o que sinto, e a primeira delas você mesmo já mencionou: *decepção*.

— Não se rebaixe, Alexandre, mantenha a sua dignidade, a que lhe restou, para enxergar que a senhorita Joana não é para você.

— Não é para mim? Mas é para você? — Os olhos de Alexandre agitaram-se.

— Eu não falei isso. Qual o motivo do seu receio em relação a mim? Você a perdeu sozinho. A culpa de não a merecer é unicamente sua, Alexandre — disse em tom contido, embora seus lábios já adquirissem um discreto tremor.

— Então eu não a mereço? — arregalou os olhos enfurecido. — Eu

não a mereço porque sou um mentiroso que se passou por você para conquistar o amor de Joana e o respeito de sua família, usando do *seu* prestígio e riqueza? É isso que pensa? Acha que premeditei tudo isso e sou um miserável sem escrúpulos?

— Mentindo ou omitindo, não importa... — Phillip tentou dizer, mas foi interrompido.

— Como não importa? Eu amo a senhorita Joana!

— Isso não é amor, é egoísmo. Encare as consequências de ter ficado calado, Alexandre.

— E quais são as consequências? Ouça, Joana ama a mim! — Alexandre gritou indo para muito próximo do rosto de Phillip e o encarando com fúria. — Isso também não importa?

— Então, quem sabe isso seja tudo o que importa? Por que ficar tão torturado? — falou num tom tão calmo que fez Alexandre arder em raiva.

— Diga-me você, Phillip, por que estou torturado? — gritou. — Diga você qual a punição que mereço? Diga-me, por que não consegue se defender? Diga-me, por que eu não deveria me sentir assim ao ver que um amigo de minha confiança está atraído pela mulher que eu amo?! — Sua voz reverberou pelos corredores e chegou nos ouvidos de Patric, que estava em seu aposento com a porta fechada.

— Bobagem! Está mesmo consumido pelo ciúme... Eu sei que Frederico Hour me entregaria Joana em casamento, se assim eu desejasse, mas não fiz nenhuma menção a isso... É essa possibilidade que o incomoda? Sabe, certa vez Madame Anastasia disse-me que eu deveria continuar o noivado com Joana, já que você o iniciou em meu nome... Mas eu não fiz isso, fiz? — contrapôs com um nervosismo crescente. O corpo inteiro ardendo.

— Não ousaria ir tão longe... — Alexandre disse em tom de ameaça, fechou os olhos e procurou controlar a respiração para se acalmar. Só de ouvir Phillip referir-se à Joana somente pelo nome, com certa intimidade, já sentia todo seu peito queimar. — Lembra-se do que me disse certa vez? “*Se os sentimentos de uma moça não estão vivos desde o início, não surgirão depois*”. Ela não o amaria jamais! Um casamento por obrigação não lhe daria o coração de Joana.

— Alexandre... Olhe para mim... quando que eu fui um homem romântico? — perguntou com ironia, impedindo que sua ira fosse maior do

que a de Alexandre. Sempre fora um homem contido em suas emoções.

— O que está havendo? Estão gritando — Patric interrompeu-os, movendo seus passos rapidamente na direção dois. Phillip e Alexandre contiveram-se, mas embora não dissessem mais nada um ao outro, os seus olhos ainda estavam em brasas. Alexandre virou as costas para ambos e desceu as escadas rapidamente. Phillip fechou-se no seu aposento depois de fazer sinal para que Patric não o seguisse nem perguntasse nada.

Alexandre atravessou toda a extensão do jardim e saiu a pé da propriedade Motier.

— Alexandre! — Patric gritou às suas costas. — Espere! — Alexandre parou e virou-se para ele. O que Patric viu foi um rosto transtornado.

— Eu estou com tanta raiva de Phillip que se eu o ver novamente não sei o que sou capaz de fazer — Alexandre disse ainda raivoso.

— Não diga isso, você não vai fazer nada. O que houve entre vocês?

— Seu irmão é um cretino! Um cretino que eu tinha como um amigo muito estimado, mas que agora mesmo acaba de insinuar que Joana... — respirou profundo. — Meu Deus, não posso nem dizer isso em voz alta, as palavras não querem sair...

— Primeiro se acalme e depois me conte o que aconteceu.

Alexandre contou a conversa que tivera com Phillip, dando ênfase aos seus olhares frios, a sua ironia e as palavras que dissera. Patric ouviu com atenção, mas não com tanta surpresa como seria esperado. Mesmo antes de Alexandre, já havia percebido que Phillip estava encantado demais por Joana. Contou também sobre Joana, revelando que estiveram juntos na noite anterior e que ela o havia feito o homem mais feliz do mundo, declarando que o amava.

— Phillip disse: “*Frederico Hour me entregaria Joana em casamento, se assim eu desejasse*”, e isso me pareceu mais um prenúncio, quase uma ameaça! Eu sei que ele a deseja! — Alexandre agitava-se a cada palavra dita.

— Acalme-se, não irá pensar nem fazer nada agitado assim. Eu não acredito que Phillip faça isso, e não acho que ele esteja pretendendo tornar essas *ameaças* realidade — suspirou e desejou que estivesse certo. — Vamos voltar... Venha, vamos beber algo — convidou puxando Alexandre para dentro dos portões da mansão.

Os dois atravessaram o jardim e subiram juntos a escadaria, depois foram para a sala da lareira. Caroline os viu entrar e estranhou a expressão de ambos. A sala da lareira tinha uma grande e pesada porta, que ao entrar Patric deixou encostada. Caroline passou lentamente em frente à sala e apurou os ouvidos, mas tudo o que conseguiu ouvir foram sons incompreensíveis. Contrariada pensou em ir até o jardim, mas desistiu ao sentir o toque gelado da neve fina em seu rosto. Mudando de ideia, foi para a biblioteca.

— Eu não acredito que Phillip tenha dito aquilo no calor do momento, só para me ofender. Eu sinto as suas intenções. A forma como ele olhava para Joana, como se aproximou ao tocá-la, isso foi real, não uma ilusão. E ele tem razão em dizer que os pais de Joana aprovariam... — retraiu-se e não conseguiu terminar a fala.

— Mas Joana não aprovaria, concentre-se nisso! — Patric tentou lhe impor um pouco de calma.

— Você não conhece Frederico Hour, ele a obrigaria se achasse que isso fosse rentável para ele. Eu sei o que aquele homem enxerga em Phillip Motier. Acredite, eu já estive nesse papel e sei do desespero dele em casar Joana com Phillip. Ele só ainda não o fez por falta de oportunidade ou por achar que Phillip não a tomaria em casamento. Ele já estava a obrigando a isso, quando pensava que eu fosse Phillip. Lembro-me com clareza como se o visse agora em minha frente, em seu tom imperativo ele apenas disse-me que, se eu a quisesse, Joana seria minha.

— Mas, meu amigo, era você, e não Phillip! — Patric o lembrou.

— Mas o senhor Hour não sabia disso!

— Mas Joana sabia por quem estava apaixonada. Ela o aceitou, e não foi por obrigação. Há quanto tempo acha que Joana já o ama? Desde a semana passada? Alexandre, comece a pensar direito pois não farei isso por você! — disse Patric já sem paciência. Nesse momento Alexandre encheu-se de esperança.

— Tem razão — falou passando as mãos pelo rosto e soltando um longo suspiro. — Joana é forte o suficiente para lutar por suas escolhas. Quando me aceitou, pensando que eu fosse Phillip, era porque já tinha sentimentos por mim, mas não queria aceitar e confessar isso. Como posso não ter considerado isso? Ela jamais aceitaria que o pai lhe obrigasse. Preciso me concentrar nisso ou vou enlouquecer.

— Ah, já era tempo de recobrar os sentidos! — disse Patric ao dar

tapas nas costas do amigo.

— Tem razão... E Phillip não seria mesmo capaz... Mas tive que relembra-lo de suas próprias palavras... Ao chegar nessa propriedade ele falou da noiva escocesa e do porquê não aceitou casar-se com ela, disse que a moça amava outro... Sabendo que Joana me ama, ele não seria capaz...

— Alexandre... — Patric considerou se devia mesmo dizer aquilo ao amigo. — Phillip não se casou com Grizelda, mas foram por outros motivos.

— Que outros motivos? Ele disse-me que a moça amava outro, e que foi por ver seu sofrimento que recusou continuar o noivado.

Neste momento Patric pronunciou alguns sons incompreensíveis, entre suspiros e sem saber como falaria aquilo para Alexandre, e mais, o que aquela informação faria com os pensamentos já perturbados de seu amigo.

— Na verdade — começou ele —, Grizelda sofreu muito. Chegaram muitas cartas dela para Phillip depois que ele veio para esta propriedade. Todas as semanas chegavam novas cartas... Logo que encontrei Phillip, quando eu e Johan o buscamos no navio em sua volta para a França, ele já nos relatou o quanto estava decepcionado por ter encontrado um Lorde falido. Phillip tinha uma aliança com o Lorde escocês desde que era muito novo, você sabe, aliança essa formada por nosso tio. O noivado seria concretizado na ida de Phillip para finalmente conhecer Grizelda. Eles já trocavam cartas há algum tempo, desde que a moça completara quinze anos, e ela já julgava que estavam noivos. Phillip tinha inclusive um retrato dela. Admirado por sua beleza, e pela aliança poderosa que formaria com o Lord, sua decepção foi enorme ao constatar que eles já estavam falidos há alguns anos, mas esconderam dele este fato. Grizelda desesperou-se ao ser recusada por Phillip. E foi isso que ele nos narrou quando retornou da Escócia.

Alexandre permaneceu alguns minutos estupefato. Com o rosto ainda contraído ele rememorava a conversa que tivera com Phillip. Ele sabia da aliança formada há muitos anos por Louis Motier — tio de Phillip —, e já tinha inclusive visto o tal retrato da moça, que viera em uma das cartas que ela enviara a Phillip. Lembrou-se da última vez que estivera com Phillip, em Paris, antes dele ir para a Escócia conhecer Grizelda. Phillip estava satisfeito por estar indo conhecer a futura noiva, e tinha planos inclusive de já se casar com ela na Escócia e trazê-la para Paris junto com ele... De todos os motivos que poderia ter culminado o fim daquela aliança, Alexandre jamais conceberia a ideia de que fosse por causa *daquela* que Patric acabara de lhe

contar. *E por que ele não falara a verdade, afinal?*

— Isso é... — Alexandre procurou por palavras que pudessem expressar o que sentia, mas não as encontrou. Naquele ponto a conversa foi interrompida por um criado, que trazia uma bandeja, e dentro dela algumas cartas.

— Senhor Alexandre... — O criado aproximou-se. — Chegaram ontem para o senhor — entregou-lhe as quatro cartas.

— Quatro cartas? Todas para mim? — perguntou confuso.

— Sim, senhor — respondeu o criado, depois pediu licença e se retirou.

Alexandre caminhou com as cartas na mão e parou de frente para a janela. Imediatamente pensou em Joana, as cartas poderiam ser dela. Sentiu-se feliz por um breve momento, até olhar o nome do remetente e a felicidade dar lugar à preocupação. Abriu uma das cartas e, após ver a data, abriu as outras três a fim de lê-las na ordem em que foram enviadas. Franziu o cenho e, depois de organizá-las por data, começou a ler para si mesmo a primeira delas.

— Do que se trata? — Patric perguntou depois de um tempo, ao ver o olhar preocupado de Alexandre.

— Cartas de minha tia.

— Más notícias?

— Bem... Não sei o que pensar... Se importa se eu me retirar? — A decepção o acertara profundamente.

— Não, tudo bem, vá descansar. Se precisar de algo me chame.

Alexandre subiu até o seu aposento e, sentado em sua cama, releu o conteúdo daquelas cartas. A primeira delas era de algumas semanas antes de ele ter saído de Paris a caminho da propriedade Motier:

Caro Alexandre

Gostaria de estar escrevendo, como de costume, para lhe contar as novidades e pedir notícias suas. Porém, em desagrado escrevo esta carta para lhe dizer que Caroline não está mais sob meus cuidados e proteção. Ela partiu sem ao menos avisar-me e imagino que tenha ido para sua casa em Paris. Espero que quando estiver em sua companhia, ela possa lhe contar os motivos que a fizeram tomar tal atitude.

Zelei por sua irmã como se fosse uma filha, desde o falecimento dos seus pais até o dia em que ela me envergonhou de tal maneira que me sinto constrangida em contar-lhe através desta carta.

Apesar de tudo, espero que já tenham se encontrado e que ela esteja bem, e ao seu lado.

Sua tia, Delphine L.

— Não compreendo. Caroline disse-me que viera para ficarmos mais próximos — Alexandre falou para si mesmo em voz alta. Além desse motivo, havia Phillip, e Alexandre sabia que ele também era uma das razões de Caroline retornar à França... — Então, quais os outros motivos para sua vinda?

Abriu a segunda carta, que era datada de exatos um mês após a redação da primeira carta:

Caro Alexandre

Espero que esteja bem. Escrevi há um mês atrás, porém, sem respostas suas, deduzi que a carta não havia chegado às suas mãos. Imaginei que pudesse estar viajando. Escrevo novamente, na esperança de que esta o encontre. Preciso que me envie notícias... E que Caroline tenha sido sincera com você ao narrar os acontecimentos que a fizeram partir da Inglaterra.

Sua tia, Delphine L.

A terceira carta foi a que deixou Alexandre mais preocupado. Tinha a data recente, de apenas duas semanas atrás, e seu conteúdo revelava que Delphine estava impaciente pelas respostas e pretendia viajar para encontrá-lo.

Caro Alexandre

Estou angustiada sem respostas suas. Por que não me escreve? Remeti mais de uma carta para a sua propriedade em Paris e esperei pacientemente seu retorno nos meses seguintes. Lembrei-me, então, que Caroline havia me dito que seu amigo Phillip Motier herdara uma propriedade e que ficou em sua responsabilidade cuidar de tudo até que ele e os irmãos pudessem se mudar. Penso que esse deve ser o motivo para seu silêncio, talvez ainda não tenha recebido as cartas, por isso escrevi uma carta para Lady Guisela, sua criada e governanta, e pedi que encaminhasse

as cartas anteriores para onde quer que você esteja. Não sei por que ela mesma não fez isso antes...

Estou escrevendo também para comunicar que estou indo para Paris com Louise, a fim de hospedarmo-nos em sua casa, onde pretendemos passar algumas semanas, e assim conversarmos pessoalmente. Espero contar com a sua acolhida.

Sua tia, Delphine L.

A última carta era de Lady Guisela. Explicando que estava enviando as cartas a pedido de Delphine, e que já faria isso de qualquer forma, devido ao número de cartas que chegaram remetidas pela tia de Alexandre nos últimos meses.

Alexandre largou as cartas sobre a cama e deitou-se ao lado delas. Soltando um pesado suspiro ele pôs-se a imaginar o que tinha acontecido com Caroline na Inglaterra. Um suspiro ainda mais pesado veio quando a realidade recaiu sobre ele; teria que ir para Paris, mesmo que isso fosse a última coisa que quisesse fazer naquele momento. Sua estadia na propriedade Motier chegaria ao fim.

No entanto, antes, precisava falar com Joana, e era somente nisso que seus pensamentos se concentravam.

Capítulo 34 — Um coração no bosque

Depois de passar o restante da manhã olhando para o teto, deitado em sua cama, Alexandre decidiu que teria que confrontar Caroline, e saber, afinal, sobre o que sua tia se referia ao escrever: *“envergonhou-me de tal maneira que me sinto constrangida em contar-lhe por carta”*.

Sem mais pensar ele se dirigiu até o aposento da irmã, e não a encontrando, foi até os locais onde ela mais costumava estar na propriedade Motier. Encontrou-a, enfim, na biblioteca, sentada em uma poltrona que Phillip costumava usar para ler. Em uma mesinha à sua frente ela tinha um livro apoiado que, de vez em quando, Caroline virava uma página, concentrada.

— Caroline! — A fala saiu em um tom mais alto do que ele desejava e ela olhou-o com espanto. Ao encará-lo, Caroline não gostou também da expressão no rosto do irmão.

— O que foi, Alexandre? Assustou-me — pousou as mãos no peito, afetada pelo susto.

— Há algo que preciso lhe perguntar, e peço que, por favor, não se esquive em me dar as respostas — disse ele aproximando-se mais dela. Caroline assentiu muda, tentando conjecturar que tipo de conversa seria aquela. — Desde que retornou da Inglaterra, da casa de nossa tia, que tenho achado algumas coisas um tanto estranhas...

— Estranhas? O que é estranho? — Caroline perguntou, já nervosa.

— Tudo é estranho, você vir sem avisar, nossa tia não ter enviado sequer uma carta antes de sua vinda.

— Quis lhe fazer uma surpresa — respondeu ela rapidamente.

— E que surpresa! Mas, mais surpreendido estou eu agora. Já que as cartas demoraram um pouco para chegar até mim, mas hoje, enfim, chegaram — falou erguendo os papéis.

— Cartas de titia? — disse ela afetada, com os olhos arregalados. — E o que ela disse?

— Diga-me primeiro você, por que retornou sem avisar? Você mal suporta a França, mesmo sendo seu país de berço; e, no entanto, está aqui, no interior.

— Já lhe disse, vim para ficarmos juntos. E avisei Phillip, por carta, que retornaria à França — narrava agitada, quase sem fazer pausas na fala para respirar.

— Eu já sei disso tudo, e não aprecio saber que escreveu para Phillip e não para mim ao decidir voltar. Mas o que quero saber é o verdadeiro motivo de ter vindo. Nossa tia me escreveu dizendo que você a envergonhou e fugiu sem ao menos se despedir dela. O que houve? — Sua voz ecoou alta pela ampla biblioteca.

— O quê? — exclamou enquanto ganhava um tempo para pensar. — Titia sempre foi distraída... Eu avisei a ela que retornaria. Pode ela ter esquecido disso? Pode ser que eu tenha lhe dito que voltaria e ela sequer colocou atenção em minhas palavras...

— Caroline, eu a conheço muito bem... Alguma coisa aconteceu e quero que me conte. Leia você mesma as cartas — falou entregando as cartas para a irmã.

Caroline passou os olhos pela primeira carta, leu com atenção, depois passou a ler a segunda e quando concluiu a terceira, seu semblante empalideceu.

— Titia está vindo para a França?

— E olhe a data. Deve chegar dentro de alguns dias — anunciou aborrecido.

— Oh, que inconsequente titia vir sem que tenhamos lhe enviado uma carta em resposta a essa. Agora está vindo de tão longe para não nos encontrar em casa. Terá que se conformar com a estadia e uma recepção oferecida pelos criados. Mas tenho certeza que não se demorará. Louise sempre quis conhecer Paris, deve ser por isso que vieram... Serão bem recebidas por Madame Guisela, tenho certeza.

— Eu tenho certeza de que não entendeu. Nós iremos para Paris! Eu e você — anunciou com os olhos enérgicos.

— Não podemos. Não estamos em um clima adequado para viagens, há vários pontos com muita neve na estrada... Uma viagem de mais de uma noite pode ser muito fustigante nesse tempo — asseverou com as palavras trêmulas e rápidas.

— Já viajamos muitas vezes em tempos muito mais frios. Tenho que estar lá quando Delphine chegar. E, além disso, logo eu precisaria ir a Paris de qualquer jeito, preciso passar em nossas propriedades alugadas e coletar o

aluguel dos meses anteriores. Há mais de cinco meses que não vou até Paris, e nossa casa não é aqui, é lá. Depois que nossa tia partir, ou até mesmo antes disso, voltarei sozinho para cá, pois tenho alguns assuntos para resolver...

— Voltará sozinho? — Seus olhos marejaram mais intensamente, e uma lágrima já se via prestes a rolar. — Oh, Alexandre, não pode fazer isso comigo, não pode. Acostumei-me tanto a este lugar. Tenho aqui pessoas que me são tão queridas...

— Pare, Caroline, pare — disse bastante irritado. — Você virá comigo para Paris. Phillip e eu entramos em uma desagradável situação, e que corrompeu quem sabe até mesmo a nossa amizade. Não treinarei seus homens, assim como era o seu desejo. Minha função aqui já se esgotou.

— O que houve entre vocês? — arregalou os olhos, incrédula. — Então é por isso que está assim tão agitado... Precisa se acalmar, pois está baseando essa decisão, de partir, em uma discussão com Phillip... Está abalado pelo nervosismo...

— Caroline — suspirou para controlar a respiração —, sim eu estou nervoso, mas muito ciente da minha decisão. Partiremos em dois dias.

Caroline largou o livro e saiu da biblioteca, correndo pelo corredor, chorando copiosamente. Alexandre chegou a se censurar por tirar a esperança da irmã como se arrancasse ervas daninhas do solo, mas precisava abrir-lhe os olhos para enxergar os fatos; Phillip não a amava, e ele não desejava que a irmã estivesse ali para sofrer ao ser rejeitada por Phillip por ainda mais tempo.

No meio do corredor, agitada e ainda chorando, Caroline encontrou Patric, que vendo seu estado emocional tentou acalmá-la.

— Por que está chorando? — perguntou preocupado.

— Oh, Patric, você que é muito amigo de Alexandre, tente conversar com ele e fazê-lo desistir da ideia de ir embora para Paris.

— Alexandre pretende partir? Quando? — estranhou. — Ele não me disse nada... Tem algo a ver com a carta que recebeu ainda hoje?

— Sim — fungou limpando as lágrimas com as mãos. — E com Phillip também... O que aconteceu entre os dois, que Alexandre está assim tão agitado, a ponto de decidir que devemos partir?

— Eu vou falar com ele. Onde ele está?

— Na biblioteca.

Patric a deixou no corredor e caminhou em direção à biblioteca, onde

encontrou Alexandre prestes a deixar a sala. Viu que ele estava com o mesmo semblante, que exprimia preocupação, nervosismo e muitas outras pluralidades de sentimentos indistintos.

— Alexandre — Patric suspirou pondo uma de suas mãos sobre os ombros do amigo. — O que aconteceu? Caroline disse-me que pretende voltar a Paris. Se for pela contrariedade que teve com Phillip...

— Não é só por Phillip... São muitas coisas, e todas elas juntas obrigaram-me a tomar essa decisão. Preciso ir, mas sofro com isso. Não queria ter que partir, especialmente quando ainda não consegui desfazer toda a má impressão que os Hour têm de mim... Mas a decisão está tomada, e por isso preciso de sua ajuda. Preciso que vá ainda hoje à casa de Frederico Hour e peça para Joana me encontrar no bosque.

— No bosque? — Patric estranhou o local do encontro. — Quer dizer nas proximidades do bosque?

— Não, no bosque. Joana entenderá o recado. Mas seja cauteloso, para as outras irmãs não o ouvirem, não sei o quanto podemos confiar nelas. As senhoritas Sophie e Amália já mostraram que não estão do meu lado.

— Posso suggestionar um passeio com a senhorita Rebecca, e solicitar que Joana nos acompanhe. Sua mãe deverá permitir, não sou mais um estranho da família, e o clima agora, apesar de frio, está mais agradável do que pela manhã... Não está nevando mais. Se Madame Anastasia permitir, sairemos os três a cavalo, e Joana poderá encontrá-lo. A senhorita Rebecca é de confiança, garanto que é — disse ele convicto, um tanto entusiasmado com sua própria ideia.

— É o que sempre me pareceu — Alexandre concordou, notando em Patric seu ligeiro interesse naquele plano. — Patric.... Não devia dar esperanças para a senhorita Rebecca. Isso irá magoá-la.

— Isso é impossível — rebateu ele, ligeiro. — Não irei magoar Rebecca ou dar a ela qualquer esperança... Rebecca é uma das jovens mais inteligentes e sensíveis que já conheci. É delicada, agradável sempre... É fascinante... Mas...

— Patric, se está tentando me dizer que a moça é cheia de encantos em seus modos, possui um intelecto refinado, porém é desgraciosa... disso eu já sei.

— Não — disse Patric afoito. — Não estava argumentando sobre a falta de graciosidade da senhorita Rebecca, pois esse atributo hoje já

considero que ela tenha em abundância. Quando a vi pela primeira vez, não encontrei nela qualquer encanto, mas hoje, não sei como ela pode ter mudado tanto, mas seus olhos são mais vivos, expressivos e brilhantes, e seu sorriso é sempre mais aberto e afável. Encontrei hoje em suas feições muito mais beleza do que enxerguei outrora.

A essa declaração, Alexandre apenas sorriu e balançou a cabeça, crente que ouviria em pouco tempo uma afirmativa de Patric, de que estava apaixonado por Rebecca. A confissão teria que vir dos lábios do amigo, por isso o instigou.

— Como ela pode ter mudado tanto em poucos meses? Será que agora está mais elegantemente vestida, ou encontrou em sua postura algum jeito mais bem-posto de se apresentar? — perguntou Alexandre, divertindo-se.

— Não creio nisso, mas não reparei muito na senhorita Rebecca quando nos conhecemos, então não consigo compará-la com antes; mas sei que está mais bela. Ela tem um tipo de beleza irregular, mas que cintila de um jeito interessante quando avivado por sua afabilidade...

— Interessante como um olhar tendencioso pode enxergar tudo sob sua própria ótica — sorriu Alexandre.

— Tendencioso? Acha que tenho tendência a enxergar a beleza da senhorita Rebecca?

— Acho que a moça é muito mais bela do que você detalhou, pois só uma beleza como a *dela* poderia agradar aos *seus* olhos e ao *seu* caráter, meu amigo — Alexandre sorriu e Patric ficou alguns segundos pensativo.

— Devo ir agora então? Vamos juntos até o prado e de lá você segue para o local do encontro e eu para a casa dos Hour — Patric disse após voltar a si.

— Sim. E há algo mais que preciso lhe pedir. Para a viagem que pretendo fazer depois de amanhã precisarei de uma caleça e um cavalo, que junto com o Percheron levará a mim e Caroline para Paris. Dentro de alguns dias retornarei com a caleça e com os cavalos. Pretendo, na ocasião, ir até a casa dos Hour e resolver todos os meus problemas com Frederico. O farei ouvir a mim e Joana, e confrontarei Sophie e Amália. Sobre meus pecados, serei sincero em desculpar-me e dizer o quanto lamento minhas atitudes de outrora.

— Certo, conseguirei o cavalo e a caleça para a viagem, não se

preocupe — Patric assegurou. — Mas ainda estou preocupado com os motivos que o levarão de volta a Paris. Não quer se abrir comigo?

— Quando retornar de Paris terei uma ideia muito melhor do que hoje me aflige. Minha tia está a caminho de minha casa e quero estar lá quando ela chegar. Temos algo para discutir. Além disso, minha estadia aqui se prolongou e não fiz sequer uma viagem para cobrar os aluguéis de minhas propriedades. Há muitas coisas para resolver, e minha partida se faz necessária.

Caroline, trancada em seu aposento, ainda chorava muitíssimo. Chorava por ter que partir em breve e chorava por não ter conseguido alcançar o coração de Phillip, desejo este que tinha desde os seus quinze anos. Sua mente corria acelerada buscando algum recurso para não ter que partir.

Preciso pensar rápido.

E assim, logo ela encontrou uma saída para sua angústia.

Patric chegou à casa dos Hour e logo seus olhos se preencheram com a visão de Rebecca sentada ao piano. Ao se aproximar da janela ele ouviu a melodia já tão conhecida por eles: *Mars et Vênus*. O som só foi interrompido quando um gato travesso pulou sobre as teclas do piano, produzindo um som agudo e desarmonioso. Rebecca soltou uma gargalhada prazenteira e pegou o bichano no colo, alisando seus pelos amarelos. Essa imagem fez Patric recordar da primeira vez que a vira, através da mesma janela, ajudando o gatinho a equilibrar-se.

Seu coração agitou-se de forma ímpar quando Rebecca virou-se e encontrou seus olhos. Patric surpreendeu-se com aquela sensação diferente e com o discreto suor na palma de suas mãos. Ela sorriu para ele e foi até a porta recebê-lo, antes mesmo que a criada o visse e comunicasse sua chegada. Correu do caminho da sala até o corredor, e só parou quando chegou próxima da porta, quando suspirou fundo para controlar a respiração e a abriu com o coração ainda palpitante.

— Senhor Patric — sorriu com as faces tingidas de vermelho.

— Senhorita — curvou-se e beijou a mão de Rebecca —, desculpe vir sem avisar. — Ele olhou sobre os ombros de Rebecca e viu que não havia ninguém por perto, então, vendo aquela como uma boa oportunidade para

falar sobre o plano que traçara com Alexandre, ele puxou levemente a mão que ainda segurava entre as suas e a trouxe para junto de si, para fora da casa.

Rebecca deixou escapar um suspiro de surpresa. Patric segurou a outra mão de Rebecca e enfim continuou a falar:

— Não queria assustá-la... — disse depois de conferir a expressão aturdida de Rebecca, os olhos dançavam de um lado para o outro, ansiosos para que ele dissesse algo que fizesse seu coração mais feliz. Era romântica o suficiente para imaginar que ele viera se declarar.

— Não — disse ela rapidamente. — Não me assustou, de forma alguma — baixou os olhos. Seus pensamentos tentavam adivinhar o motivo de sua vinda. A esperança dançava uma valsa em seu coração.

— Gostaria de...

— Rebecca? — Uma voz reverberou do interior da casa. — Rebecca — Anastasia voltou a chamar.

— Sim, mamãe... — Rebecca respondeu, desvencilhando-se das mãos de Patric e recuando alguns passos de volta ao umbral da porta, de onde sua mãe vinha com o semblante contraído.

— Onde está? — disse ela. Em seguida, ao aproximar-se mais da porta, admirou-se ao encontrar Patric. — Senhor Patric? Como vai? — saudou-o, exibindo um sorriso afável, embora os seus olhos demonstrassem surpresa.

— Madame... — Ele a cumprimentou com cordialidade. — Eu estava desculpando-me com a senhorita Rebecca, por ter vindo sem avisar... — Logo Patric percebeu que estava mais nervoso do que imaginaria que pudesse estar naquela situação. O suor voltou às suas mãos e ele se viu atropelando algumas palavras. Naquele instante, puniu-se por não ter dedicado mais tempo com Alexandre, no prado, treinando o quealaria quando chegasse ali.

— Oh! Imagine! — disse Anastasia sorrindo. — Não precisamos dessas formalidades... Entre... — Ela o convidou.

Logo ele estava na sala, cercado por todas as irmãs Hour, sentado em uma poltrona sob os olhares curiosos de todas ali presentes. Incomodado com a sua própria — e recém-adquirida — timidez, ele resolveu falar logo.

— Madame, eu... Eu aprecio muito cavalgar, e os lugares nesses arredores são tão belos. No entanto, dei-me conta que desde que vim para cá, não fui nenhuma vez ao prado a passeio, não consegui admirar tal beleza como se deve... — começou a falar, estudando as suas palavras e procurando

não ser muito impulsivo e causar uma impressão que não era a que desejava. Logo começou a achar aquela sua ideia um pouco precipitada. *O que Rebecca pensaria sobre o convite que ele desejava fazer? O que isso iria criar nos pensamentos já tão casamenteiros de Madame Anastasia?*

— Sim... Temos uma pitoresca paisagem por aqui... — concordou Anastasia, ainda sem entender onde Patric pretendia chegar. Ele limpou a garganta e tomou coragem para prosseguir.

— Com seu consentimento gostaria de convidar a senhorita Rebecca para um passeio a cavalo no prado — disse soltando o ar que prendia nos pulmões sem perceber. Rebecca ergueu seus olhos para ele, muito surpreendida com aquele convite. — É claro, se a Madame permitir, a senhorita Joana pode nos acompanhar.

Madame Anastasia olhou-o ainda mais surpresa do que a filha. Jamais imaginaria que Rebecca fosse alvo de interesse de Patric, ou de qualquer outro jovem que fosse tão bonito e rico como ele. Sua voz chegou a tremer um pouco quando respondeu:

— É... claro que permito — respondeu sem sorrir, quase franzindo o cenho. Olhou para Sophie, sentada tão apática ao lado de Amália. A filha que ela sempre achara tão bela não tinha mais aquela energia no olhar, e há muito não exibia um sorriso nos lábios. Anastasia considerou que isso a deixara menos atraente aos olhos de Patric, pois jamais imaginou que um moço se encantasse por Rebecca, ao invés de render-se à beleza de Sophie.

Rebecca voltou seus olhos para a janela, a fim de averiguar se o tempo continuava firme, sem prenúncios de neve, que durante aquele dia ia e voltava com frequência. Pela manhã caíra uma neve mansa, que durante a tarde havia desaparecido.

— Se as senhoritas também desejarem o passeio, é claro — disse olhando para Rebecca e depois para Joana, que avaliava a situação antes de responder. Se pudesse, Joana deixaria que Rebecca fosse sozinha com Patric, mas sabia que além de inadequado, sua mãe não permitiria.

— É claro, eu adoro cavalgar, independentemente do tempo! — respondeu Joana com veemência, sorrindo complacente.

Rebecca queria dizer alguma coisa, mas temia que os solavancos do seu coração atrapalhassem seu raciocínio e a fizessem gaguejar, então limitou-se a acenar com a cabeça em concordância e sorrir com nervosismo e um discreto tremor de lábios.

Rapidamente ambas foram para o aposento que dividiam e vestiram seus casacos mais pesados e quentes. O longo casaco de veludo verde-escuro com que Joana vestiu-se, contrastou com seus cabelos ruivos, e deram uma cor mais avivada aos seus olhos verdes-esmeralda. Rebecca vestiu-se com um de cor vinho, que também caía bem com o seu tom de pele clara, e combinava com as maçãs de seu rosto, que estavam completamente enrubescidas pela paixão.

— Joana, eu pediria para me beliscar se eu mesma não tivesse ouvido dos próprios lábios do senhor Patric o convite que ele acabou de nos fazer — disse Rebecca, de frente para o espelho, escovando os longos cabelos ruivos, que eram um pouco mais lisos dos que os de Joana. O sorriso ocupava um lugar de destaque em seu rosto.

— Ah, um convite que ele estendeu a mim somente para poder convidar você, querida irmã — sorriu deliciada com a expressão feliz de Rebecca.

— Mal consigo acreditar nisso. Passei metade da manhã pensando... nele — ruborizou ainda mais violentamente. — E agora ele está aqui... na nossa sala... — suspirou.

Quando desceram Patric olhou com admiração para Rebecca, e os olhos de Madame Anastasia puderam ver que ele parecia bastante interessado em sua filha mais nova. Amália e Sophie continuaram no sofá. Amália já estava entretida em um bordado e Sophie ainda continuava inerte em seus pensamentos melancólicos. Sua mente vagava com as lembranças de quando estivera no bosque com Johan e seu coração se contraía com a dor que aquele pensamento ainda lhe trazia. Não era dor de amor não correspondido, era uma dor de rejeição, abandono e vergonha.

Logo os três estavam a caminho do prado. Joana em seu cavalo branco, Patric montado em um que tinha o mesmo tom de pelagem do que era montado por Rebecca, da cor de trigo. Ele, ao contrário do que dizia ser sua intenção com o passeio, não prestava atenção em nada à sua volta, mas sim procurava o melhor jeito de dizer à Joana que Alexandre a esperava no bosque.

Joana se adiantou um pouco e trotou com o cavalo para um pouco mais longe dos dois, deixando-os para trás para que algum deles quebrasse o silêncio que se instaurara. A neve fina cobria boa parte do solo da campina e

amontoava-se com mais abundância no topo de algumas árvores. Era um horizonte que mesclava o verde-claro e o verde-escuro das folhas das árvores que ainda resistiam ao inverno, junto com o branco gélido da neve, que enfeitava perfeitamente a paisagem das montanhas.

Ao longe, próximo à entrada do bosque, Joana viu um cavalo negro e robusto. Não teve dúvidas de que era o *Percheron* de Alexandre. Imediatamente seu coração acelerou e ela abriu um sorriso de satisfação. Segurou os arreios do seu cavalo e virou-se para trás, olhando para Patric e Rebecca, que já estavam alcançando-a. Patric olhou para Joana e depois na direção do cavalo preso ao tronco de uma faia, sorriu e fez um sinal em confirmação e consentimento para que Joana fosse até ele.

Ela bateu forte o estribo e, segurando os arreios, galopou com velocidade para a entrada do bosque, enquanto Rebecca sorria ao ver a alegria da irmã por encontrar o seu amado. Seu coração também pulsava descompassado. Ao olhar para o lado, ainda sorrindo, encontrou os olhos azuis de Patric a admirá-la.

Depois de prender o cavalo na mesma árvore em que estava o *Percheron*, Joana adentrou alguns passos no bosque, olhando para os lados à procura de Alexandre. Um pouco mais adiante eles se encontraram e, estando um pouco distantes um do outro, passaram uma fração de um minuto olhando-se com júbilo, sentindo aquela sensação comum de quando se olhavam, um palpitir delicioso no coração. Depois, como se tivessem ensaiado seus passos, correram até se encontrarem e abraçaram-se com paixão. Os braços de Alexandre envolveram toda a base das costas de Joana, enlaçando-a com carinho, aprofundando seus lábios nos cabelos caídos sobre os ombros de sua amada, beijando e sorvendo o perfume advindo dos fios ruivos.

Ele segurou a delicada mão de Joana e a levou até o tronco de faia onde estava gravado as iniciais de seus nomes. Ao aproximar-se da árvore Joana sorriu encantada, ao redor das letras já cicatrizadas, havia um coração entalhado.

Ao preencherem-se de amor e esvaziarem-se da falta que sentiam um do outro, deixaram que seus olhos brilhassem em deleite e uniram-se em um novo abraço. Logo os lábios de Alexandre encontraram um caminho para percorrer, indo dos ombros até os lábios de Joana. Beijaram-se calmamente enquanto sentiam seus corpos aquecidos pelo calor que um oferecia ao outro.

Capítulo 35 - Despedida

Tão logo Joana desapareceu entre as faias, Rebecca voltou seu olhar para Patric. Desta vez, ela não trazia um sorriso nos lábios, mas sim um semblante tenso, não deixando de considerar se realmente aquele era o Percheron de Alexandre, pois, àquela distância, poderiam ter se confundido, e aquele que viam ao longe poderia ser apenas um cavalo negro comum.

— Aquele é mesmo o cavalo do senhor Alexandre? — perguntou ela, os olhos apertavam-se para enxergar melhor.

Os dois pararam de galopar e Patric analisou-a, pensando se deveria dizer a verdade, de que havia ido até a sua casa e planejado o passeio para que Alexandre pudesse encontrar Joana. Não queria mentir, mas, de repente, se viu imaginando as mais diversas possibilidades de argumentos para explicar por que Alexandre estava à espera de Joana no bosque, e não deixar Rebecca imaginar que isso fosse a principal razão de estarem ali.

— É sim — disse ele, e respirou fundo para ganhar mais tempo para pensar no que diria a seguir, mas Rebecca, que estava curiosa demais para suportar que partisse dele aquela informação, resolveu questioná-lo logo:

— O senhor Alexandre estava à espera de Joana? — inquiriu reflexiva.

— Sim... Alexandre, ao saber que eu as convidaria, e sabendo que não seria bem-recebido em sua casa, esperou por Joana no bosque — disse, ocultando parte da verdade.

Naquele instante um pensamento lhe ocorreu, e ele experimentou ao menos um pouco da aflição que outrora Alexandre sentira, em que a verdade não era completamente revelada, mas ainda assim não possuía intenções vis. Ele não desejava de forma alguma magoar Rebecca, então dedicou-se a agradá-la e a mostrar que se sentia feliz em estar em sua presença, o que de fato era um sentimento genuíno.

Passaram a apreciar a paisagem e a falar sobre arte, música e de como toda aquela beleza era inspiradora até mesmo para um poema. Patric disse que gostava da neve, e de como a paisagem se transformava até chegar o verão. Rebecca disse sorrindo que gostava do clima mais ameno, mas concordou que era uma bonita paisagem, embora não muito auspicioso para um convescote, mas muito agradável para um passeio a cavalo.

O ar quente que saía de suas bocas evaporava conforme eles conversavam. Até que, já estando também próximos ao bosque, apearam os cavalos e sentaram-se em uma pedra baixa e alongada, muito propícia para servir como banco.

Um clima inquietante instaurou-se entre os dois quando se sentaram tão próximos um do outro e não sabiam mais o que poderiam dizer para continuar aquele diálogo que antes mantinham com naturalidade. Patric olhou-a de soslaio, ela olhava para frente, na direção do riacho, suas faces estavam avermelhadas, e ele pressupôs que ela pudesse estar com frio. Na verdade, o corpo inteiro de Rebecca estava aquecido, e suas faces cobriam-se de rubor devido ao seu coração, que se atropelava em batidas irregulares, fortes, fazendo com que ela temesse que qualquer palavra que dissesse naquele momento fosse considerada uma tolice sem sentido.

— Está com frio? — perguntou, fazendo menção em retirar o seu casaco e oferecer a ela.

— Não... O meu casaco é bastante quente — respondeu ligeira, olhando-o tão rápido quanto falou e depois voltando a fitar novamente o horizonte branco.

Depois de um pouco menos de um minuto Patric continuou a conjecturar de que ela pudesse estar com frio, então, retirou o seu casaco e o passou em volta do corpo de Rebecca, abrigando-a como se aquele fosse um cobertor e deixando seu braço repousar com suavidade sobre seus ombros, em um primeiro abraço um pouco desajeitado. Rebecca recebeu o toque e a gentileza com surpresa e seu corpo enrijeceu-se nervosamente. Ela suspirou e, olhando-o discretamente de lado, sorriu com timidez.

— Senti tanto a sua falta — Alexandre declarou após separar seus lábios dos de Joana. — Joana, não suporto mais um dia sem vê-la... — A essa declaração, Joana sorriu abertamente e suspirou.

Alexandre retribuiu o sorriso com admiração, vê-la sorrir ainda era

uma das visões mais fascinantes que ele tinha o privilégio de apreciar, e ver que aquele sorriso era agora direcionado a ele sem disfarces e repressões, o fazia sentir-se o homem mais feliz do mundo. Joana não era tão livre em suas palavras quando precisava falar sobre seus sentimentos, por isso ficou olhando para os olhos de Alexandre sem dizer nada que pudesse retribuir as calorosas declarações de saudades que ele lhe fazia.

— Não sentiu minha falta? — Ele perguntou. — É a sua vez de dizer alguma coisa — sorriu, instigando-a para que fosse como sempre era em todas as outras situações: verdadeira, objetiva, espontânea.

— É claro que sim — rebateu ligeiramente. — Preciso dizer?

— Saiba que sempre que não disser abertamente o que sente, eu consultarei seus sentimentos e a farei declarar em voz alta — disse sorrindo, divertindo-se. — E como eu poderei me deleitar com as lembranças desse encontro, rememorando suas palavras doces, se a senhorita só ficar calada?

— Está querendo me deixar constrangida, ou apenas está se divertindo às minhas custas? — Ela franziu o cenho, pressionando os lábios para não sorrir com os gracejos que ele lhe fazia.

— A senhorita é mesmo sempre assim? Responde todas as perguntas com outra pergunta? — Ele riu, lembrando-se do primeiro encontro que tiveram exatamente ali, onde estavam.

— Assim como o senhor, pelo que observo. — Ela devolveu a mesma resposta dos meses passados, mas em vez de manter uma postura altiva e petulante, ela permitiu-se gargalhar com a recordação, e pedir as mais sinceras desculpas pelo seu comportamento de outrora, afirmando que jamais teria agido daquela forma se não estivesse tão afetada pelas cobranças dos seus pais. De forma rápida explicou a ele como havia sido aquele seu dia, e deu crédito a isso para justificar seu temperamento indelicado.

— Não me deixou de forma nenhuma irritado — garantiu ele. — Mas não ter permitido que eu beijasse a sua mão e me apresentasse, foi uma atitude que me causou alguns problemas...

— Problemas maiores o senhor causou por si só, depois disso. — Ela o recriminou com brandura. — Mas hoje eu confio totalmente em suas palavras, o que também foi mérito seu, que sempre foi sincero em falar de seus sentimentos e me mostrou que eu também poderia me abrir. Jamais pense que eu algum dia duvidei do seu afeto, e se deixei que pensasse assim, foi somente para atormentá-lo. — E seus olhos brilharam brejeiros para ele.

— E confessa? Confessa que sentiu prazer em me ver desesperado, em dúvida se era correspondido? — Ele sorriu incrédulo, depois pegou as mãos de Joana e as beijou, uma após a outra, repetidas vezes. — Jamais me cansarei de beijar suas mãos. As beijarei todos os dias até que possa me preencher do vazio que foi ter me recusado tantas vezes — fez-se magoado.

— Então eu desejo que nunca se sinta completamente preenchido.

— Estarei preenchido pelo teu amor tão logo você aceitar ser minha.

— O que quer dizer com ser sua? Se já o entreguei meu coração, sinto que já sou inteiramente sua.

— Quando disser que se casará comigo — completou com ardor. — Quando disser olhando em meus olhos que me ama e quer ser minha para sempre.

Joana sentiu todo o seu peito contrair-se em ondas, como se o seu coração estivesse trabalhando em uma longa corrida. Era tamanha a força das batidas, que sentiu doer o peito. *Podia então o amor doer fisicamente? Podia a felicidade fazer quase explodir o seu coração?*

— Alexandre — disse aquele nome com tamanho carinho que ele chegou a fechar os olhos para sentir as palavras mais intensamente —, eu o amo com todo o meu coração. E tudo o que mais desejo é ser sua, para sempre — falou enfim, enquanto ele ainda permanecia de olhos fechados, sorvendo todas aquelas palavras, gravando-as em seu coração para ouvi-las sempre que precisasse de forças, como a que precisaria para passar os próximos dias longe dela. Alexandre aspirou o ar com intensidade, como se tudo à sua volta pudesse ser tragado para dentro da sua memória, depois abriu os olhos e olhou as árvores e o chão cobertos de neve, o tronco de faia com as iniciais de seus nomes gravadas nele e, por último, o doce sorriso de Joana.

— Acabou de preencher-me. Sou inteiramente completo e seu, amada

Joana — abraçou-a com amor.

— É também assim que me sinto, completa, mas não posso negar que muito preocupa-me a reação de meus pais. Como faremos para que enxerguem que estão errados a seu respeito sem que Sophie confesse como interferiu e o que fez para nos separar?

— Se Sophie não disser, Amália poderá dizer. René poderá dizer... Patric, Rebecca... Eles precisarão acreditar.

— Amália? Como Amália pode saber de algo? Se ela estava o lado de papai, de mamãe, e de Rebecca, quando viu o senhor e Sophie juntos no corredor daquele baile na propriedade Motier... beijando-se — disse amarga, sentindo as palavras carregarem-se de ciúmes, que já não fazia mais menção de esconder.

— Oh, Joana, como eu gostaria de poder fazer com que aquele dia não tivesse existido. Culpei-me tanto por aquele beijo, culpei-me tanto por não ter reconhecido Sophie... Sofri por imaginar que pudesse tê-la magoado, mesmo que esse jamais fosse o meu desejo, ao contrário, tudo o que eu queria era vê-la sorrir para mim, como havia sorrido em nosso segundo encontro no bosque; ou quando me contou sobre como as marcações nas faias não desaparecem jamais, mas que se expandem sem distorções. Assim também cresceu o meu amor, expandiu-se sempre imutável, cada dia mais forte. Como sofri pela desaprovação de sua família, por me verem com os piores olhos que poderiam... sabendo que a minha culpa era muito menor, e ainda assim sem poder fazer nada para provar o contrário. Mas Amália, já há algum tempo sabe de toda a verdade, ouviu-me discutir com Sophie na propriedade Motier quando lá estiveram para jantar. Amália ouviu-me confrontar Sophie e a ouviu confessar que fizera tudo por... porque... — Alexandre parou a narrativa ao ver os olhos sofridos de Joana lacrimejarem.

— Não, por favor, pode prosseguir. Mesmo que doa em mim...

— Não preciso dizer nada mais, só lhe garantir que há quem possa interceder por nós. Se Sophie deixar que o orgulho a consuma e se negar a confessar, Amália poderá dizer. E se não disser, e seus pais não me aprovarem jamais, ainda assim eu não desistirei do seu amor, Joana, e agora que sei que é minha, eu a levo embora comigo.

— Sim — assentiu confiante. — Eu vou, Alexandre. Juro que se papai não nos der o consentimento, eu irei... Ninguém nos negará a felicidade.

— Precisarei muito dessas palavras nos dias que se seguirão...

— Por quê? — Ela não o entendeu.

— Precisarei ir a Paris. — O semblante de Alexandre logo ficou pesado, e ele não conseguiu mais esconder a sua aflição por ter que deixá-la, mesmo que por alguns dias. Segurou as mãos de Joana e, beijando seus dedos, tentou ser sereno e passar confiança ao comunicar a sua viagem. Disse apenas o essencial, que tinha assuntos a resolver, que receberia a visita da única tia materna ainda viva, que vinha da Inglaterra especialmente para vê-lo, e que retornaria tão rapidamente que Joana nem daria conta de que ele tinha partido.

— Então não demorará mesmo em retornar? — perguntou, sem se importar de demonstrar o quanto ficou aflita com a notícia.

— Quanto tempo acha que posso ficar longe dos teus olhos? — Ele sorriu e beijou-lhe as mãos ainda com mais ardor. — Tão logo eu chegar a Paris, meus pés já irão querer retornar para junto de ti.

— E quando partirá?

— Amanhã pela manhã, se tudo ocorrer bem. Caroline irá comigo, então iremos com uma caleça e dois cavalos. Acredito que em dois dias chegaremos a Paris. Prometo escrever assim que chegar. Mas a carta será enviada para Patric, e ele entregará em suas mãos.

— Quanto tempo demorará em retornar? Preciso que me diga o dia que voltará — disse imperiosa, angustiada por um sentimento precipitado de saudade, que já sentia arder em seu peito. — Preciso que me diga exatamente quando voltará ou passarei os dias consumida pela aflição.

— Um pouco mais de duas semanas, talvez três semanas... — disse ele incerto, sem poder ser preciso quanto ao número de dias que precisaria ficar em Paris. — Não mais do que isso, não mais do que posso suportar sem vê-la. Prometo que minha ausência será o mais breve quanto puder ser. — E abraçou-a com todo seu amor, já consumido pela saudade.

Toda a sua preocupação restante ficou somente guardada para si. Alexandre não disse para Joana sobre a discussão com Phillip, porque ainda sentia dor e vergonha em sequer lembrar do ocorrido. Joana também guardava com ela a preocupação pelo futuro de Sophie, e embora soubesse que Alexandre já tinha em mente o ocorrido entre sua irmã e Johan, sentia vergonha de mencionar aquele assunto tão íntimo, sabendo que Johan naquele momento já poderia até mesmo ter ido embora da França.

Ainda sentados um ao lado do outro, na pedra próxima à entrada do bosque, à espera de Joana e Alexandre, estavam Rebecca e Patric. Os braços dele ainda abraçavam o corpo trêmulo de Rebecca, que tremia não pelo acometimento do frio, mas pelo contato com as mãos de Patric sobre os seus ombros. Tinham, depois de sentarem-se ali, trocado poucas palavras, e quem mais falou foi Patric, contando a ela um pouco das viagens que fizera e os lugares bonitos em que tinha estado.

— A senhorita está bem? — perguntou ele, lançando a ela um olhar expressivo de muita preocupação. — Está tão calada... Se estiver indisposta posso levá-la novamente até a sua casa — disse retirando o seu braço, o qual Rebecca já sentia com prazer em seus ombros, e afastou-se dela somente o suficiente para olhá-la melhor.

— Eu estou bem. Vamos esperar por Joana e o senhor Alexandre. Eles devem ter muito o que falar... — E depois de uma pausa continuou: — Torci tanto para que Joana pudesse enxergar seu sentimento e enfim o confessasse, embora soubesse o quão difícil era isso para ela — falou rapidamente, desejando que ele não percebesse o atropelo de suas palavras.

— Falar sobre nossos próprios sentimentos parece sempre uma tortura.

— Mas o que torturava mesmo Joana era a sua teimosia, seu orgulho, e não o constrangimento ou insegurança — disse pensativa, avaliando também os seus próprios sentimentos.

— Imagine as loucuras que poderíamos cometer, não fosse o receio, a meditação... Talvez alguns precisem de um pouco mais de tempo para ter coragem... — exprimiu-se verdadeiramente. O coração de Patric aqueceu-se como uma chama no meio da neve, mas seu suspiro baixo não chegou aos ouvidos de Rebecca.

Em um dos melhores aposentos da propriedade Motier, aquecida pela lareira, Caroline andava impaciente apenas com sua roupa de dormir, de um lado para outro à espera da criada que providenciaria os utensílios que ela havia solicitado. Logo a criada entrou, trazendo um pequeno balde com água e panos limpos. Caroline ordenou que saísse tão logo a mulher entrou, e antes de fechar a porta, disse que gostaria de ver Alexandre assim que ele retornasse. A criada assentiu e deixou o aposento com um semblante

contraído, sem entender o porquê daquele pedido.

Caroline passou algum tempo na janela olhando para os portões de ferro da entrada da mansão, e assim que viu Patric e Alexandre ela correu na direção da lareira e retirou o balde de água quente, que ao lado do fogo havia ficado tempo suficiente para estar quase fervendo. Torceu o pano na água escaldante e o colocou sobre a testa e peito, deixando sua pele avermelhada e muito quente, depois ocultou o balde debaixo da cama. Porém, quem primeiro bateu em sua porta não foi seu irmão, mas sim Johan, que após insistentes batidas sem ser atendido, abriu a porta vagarosamente e espiou o interior do cômodo. Encontrou Caroline deitada na cama, com os olhos fechados e o corpo tremendo.

Depois de certificar-se de que não havia ninguém dentro do amplo aposento, além de Caroline, ele foi até ela, chamando-a pelo nome.

— Senhorita? Caroline? — encostou sua mão no braço dela e sacudiu seu corpo.

— Johan? — Caroline perguntou ensaiando uma voz debilitada, após abrir um pouco seus olhos e ver que ele estava sozinho ali. Johan se aproximou mais dela e tocou em seu rosto, sentindo a ardência de sua pele falsamente febril.

— A senhorita está febril! Desde quando está sentindo-se mal?

— Desde essa tarde... mas não deve ser nada — garantiu ela com os olhos semiabertos. — O que veio fazer aqui? — perguntou curiosa, abrindo um pouco mais seus olhos e encarando-o à espera da resposta.

— Vim para falar com a senhorita — disse ele sem protelar, mas contraindo a testa e depois sentando-se em uma cadeira ao lado da cama de Caroline. — Eu vou partir amanhã e...

— Oh! — Ela interrompeu-o e fechou os olhos com força. Se não estivesse atuando teria revirado os olhos e bufado em desagrado. — Todos vão partir amanhã... — suspirou cansada.

— Por que está dizendo isso? Quem mais irá partir? — disse colocando as mãos novamente em sua testa, supondo que ela estava delirando devido à febre. — Caroline? — chamou-a e depois praguejou em baixo tom. — Eu não posso dizer o que tenho para dizer com a senhorita assim.

— Chame meu irmão, Johan... Chame Alexandre — pediu esforçando-se para mover os braços.

Johan a deixou e atendeu ao seu pedido, mesmo a contragosto foi até

Alexandre e disse-lhe que Caroline estava passando mal e que ele devia ir vê-la. Alexandre bufou enquanto subia as escadas no interior da mansão, sabendo que, o que quer que fosse, devia ser obra da birra de Caroline para não ter que viajar no dia seguinte. Mas, ao entrar no aposento da irmã, Alexandre viu que ela realmente estava abatida. Ao ouvir a voz do irmão, Caroline voltou a tremer e reclamar do frio. Sua testa estava molhada, e Alexandre imaginou que fosse suor. Ela ainda tinha a pele muito corada e quente, então ele aquiesceu com a ideia de que ela realmente estava doente. Passou alguns minutos sentado na cadeira ao lado da cama, e quando viu que a irmã parecia com a temperatura mais amena disse-lhe calmamente para que descansasse para estar mais disposta para a viagem na manhã seguinte.

Caroline queria gritar, mas teve que se controlar ou Alexandre perceberia sua atuação. Assim que o irmão saiu do aposento ela chorou, consumida pela tristeza e pela raiva, que só se intensificou quando a noite correu apressada e Phillip sequer veio vê-la.

Phillip soube através de Patric que Caroline estava doente, e que Alexandre pretendia partir para Paris na manhã seguinte. Abalou-se muito mais com a segunda informação do que com a primeira, e logo questionou Patric sobre os verdadeiros motivos para Alexandre partir.

— O que Alexandre quer fazer é fugir. Pois que fuja — cuspiu as palavras com o rosto avermelhado. — Alexandre é teimoso e orgulhoso, e está colocando o que ele diz ser *suas convicções* acima do que é o correto fazer. Quer viver no meio da revolução propagando seus ideais de liberdade, igualdade... — disse com asco, balançando a cabeça em negação.

— Phillip... Alexandre não pensa apenas em suas conquistas individuais, mas sim nas conquistas da sociedade...

— Se ele quer partir eu não me oporei — Phillip o interrompeu. — Se ele está resoluto em sua decisão e tem total consciência que isso causará uma ruptura em nossa ligação, pois que o faça. Eu não o teria pedido que viesse se soubesse que me daria as costas tão rapidamente. Ele sabia que eu contava com seu apoio e experiência militar. Sabia dos meus planos de treinar homens, servir a minha pátria, lutar como homem! — bradava nervosamente.

— Alexandre veio muito mais pela afeição a você e a mim do que por qualquer outra coisa. Ele sempre soube que suas opiniões políticas divergiam. Veio atendendo a um pedido seu, o que qualquer amigo estimado faria de bom grado, e foi o que ele fez. Acho sinceramente que deveriam conversar

antes que ele parta. E há ainda outras questões entre vocês.

— Para mim não há qualquer outra questão além da minha decepção.

— Não pode deixar que Alexandre continue a pensar que você tem algum interesse pela senhorita Hour. Ao menos essa questão, poderiam resolver. Com a discussão que tiveram, Alexandre perturbou-se com algumas insinuações que certamente foram ditas em uma hora de muita tensão entre os dois.

— Patric, eu não sou o tipo de homem que se deixa guiar por suas emoções de tal forma a não conseguir controlar até mesmo o que diz. Se falei algo a Alexandre foi porque quis dizê-lo. Minhas palavras foram muito claras e não insinuativas, mas o ciúme pode transformar tudo de acordo com suas próprias interpretações.

A esta alegação Patric ficou surpreso e ainda mais confuso, afinal, ele não conseguia conceber se Phillip realmente estava interessado em Joana, ou se Alexandre, como dissera o irmão, interpretara a situação através do seu ciúme e perspectiva.

Capítulo 36 – Adeus

Logo ao amanhecer Caroline já estava de pé. Os olhos vermelhos e cansados, que fracamente se abriam, ajudavam no aspecto combalido que pretendia passar a todos. Ao menos isso não fora premeditado, chorava verdadeiramente e estava sofrendo com todo seu coração por ter que ir embora. Passara a maior parte da noite acordada, aquecendo o pano e molhando a testa para que se alguém viesse visitá-la durante a noite e checasse a sua saúde, a encontrasse febril. Acabou por frustrar-se, pois ninguém teve essa preocupação exacerbada e ela passou uma noite inteira acordada por nada.

Pela manhã ouviu passos no corredor e apressou-se em voltar a executar o seu plano, umedeceu o rosto causando um aspecto suado e deitou-se. A porta abriu-se lentamente e Johan adentrou no aposento silenciosamente para não a acordar caso ela estivesse dormindo. Caroline, de olhos fechados, não sabia quem havia entrado, então dedicou-se em ser engenhosa em sua interpretação e tremeu o corpo como se estivesse nua no meio da neve. Ao

mesmo tempo que se punia mentalmente por estar tomando aquela atitude, sabia que seria sua última chance, a única que lhe restava para alcançar de vez o coração de Phillip.

— Caroline? Está ainda pior do que ontem! — Johan chamou por ela. Ela ouviu a voz de Johan e apenas resmungou o seu nome. Johan foi até a janela e pensou o que deveria fazer, pretendia ir embora naquela manhã, não queria adiar sua partida em nem mais um dia sequer, mas não poderia ir sem antes dizer para Caroline o quanto ela reinava em seu coração, não sem antes exprimir-se como um estúpido que sentia que era por amar uma mulher que sempre o desprezara e que sempre teve olhos apenas para seu irmão.

Ela voltou a gemer e Johan voltou para o seu lado e notou que ela parecia estar dormindo, segurou suas mãos e suspirou angustiado, depois pôs-se a falar como se estivesse confessando os seus pecados:

— Caroline... Como pode ter ficado doente logo hoje? Por que sempre arruma um jeito de fugir de mim, mesmo que de forma inconsciente? — disse analisando o semblante combalido de Caroline. — Nunca fui um bom romântico, mas sempre fui um homem apaixonado. Não tão bom com as palavras, mas muito desejoso de fazê-la sorrir, muito desejoso de que seus olhos dedicassem ao menos metade da atenção que dedicavam a Phillip. Invejoso, ciumento de um sentimento que via crescer na senhorita, e que via não ser correspondido. A vi se tornar a jovem mais bela, única capaz de fazer eu me sentir reduzido, esmagado, um mendicante do teu amor. E a tudo isso talvez nem tenha reparado, só há apenas um horizonte para enxergar quando se está apaixonado, e em teu horizonte só há Phillip, e nada mais do que Phillip. Sempre tive a pior reputação de libertino, mas sempre fui apenas um tolo repellido pela única mulher que já amou. Cansei-me, Caroline, de ser um idólatra atraído por olhos que não me veem. Eu vou esquecê-la.

Após declarar todas aquelas palavras, enquanto pensava que Caroline estava febril e adormecida, Johan decidiu que era hora de partir, ir para a Escócia e conhecer a moça linda, porém apática, como Phillip descrevera Grizelda. Caroline, completamente chocada com a veracidade daquelas palavras, presa dentro de sua própria mentira para que pudesse exprimir a surpresa que sentia, apenas continuou a sua encenação, mesmo que aturdida demais para ser completamente convincente. Fingiu estar dormindo em um sono pesado, o suficiente para permanecer de olhos fechados enquanto digeriria as recentes palavras de Johan.

Antes de sair Johan lançou um último olhar sobre o corpo de Caroline, mas não conseguiu desejar que fosse feliz e conseguisse alcançar o coração do irmão; não era de forma alguma generoso a ponto de imaginá-la nos braços de outro homem, ao contrário, era orgulhoso e ressentido o suficiente para desejar que fosse completamente infeliz, assim como diversas vezes ele se sentiu.

E foi só quando ouviu os passos já muito longe de seu aposento, que ela pôde abrir os olhos e depois expandi-los em surpresa. Seu coração estava disparado, pois aquelas eram palavras que ela jamais conceberia ouvir dos lábios de Johan. Ela sempre esteve concentrada demais em Phillip para perceber qualquer intenção mais romântica partindo de Johan, pois, para ela, Johan era o que se podia dizer ser o contrário de romântico.

Johan era sedutor, galante por natureza, lisonjeiro quando lhe era conveniente, mas seu temperamento era sempre autoritário, egoísta e muitas vezes rude. Em todas as vezes que ela notou os olhos dele concentrados em si, pensou que ele a admirava apenas por sua beleza crescente, enquanto transformava-se de apenas uma menina, em uma mulher; jamais por qualquer motivo sentimental.

Até mesmo Phillip a olhara muitas vezes da mesma forma, mas a enganara com seus modos sutis e seu sorriso receptivo. Caroline apaixonou-se por ele sem nem ao menos notar quando havia começado. Era ainda uma juvenzinha quando seus pensamentos o idealizava de forma romântica. Quando cresceu um pouco mais e já arrancava elogios e olhares de cobiça por onde ia, achou que era hora de declarar-se.

Encontrou a oportunidade uma certa noite, após um jantar de despedida que Alexandre havia preparado para ela em sua casa em Paris. Já no fim da noite, quando Phillip desceu as escadas e foi até o portão para ir embora, ela o seguiu, e quando estava próxima dele o suficiente para ver seus olhos fixos em seu corpo, ela confessou seus sentimentos, tocando seu rosto com carinho e dizendo que sentiria saudades dele quando estivesse na Inglaterra. Ele recuou afastando-a para trás. Aquilo doeu em seu coração de uma forma impensável. Seus olhos encheram-se de lágrimas, mas antes de abandonar sua pretensão de fazer com que ele se apaixonasse por ela, tentou uma vez mais que ele cedesse ao menos ao desejo, se não pudesse ser guiado por seu coração. Ela tocou o peito de Phillip e disse novamente que pensaria nele todos os dias enquanto estivesse longe, e que queria ter a lembrança dele gravada em seus lábios, pois assim seria mais fácil suportar a distância.

Phillip ouviu aquela declaração com indiferença, pegou os braços de Caroline e voltou a afastá-la de si, pedindo que ela fosse mais equilibrada em suas ações e, claramente, disse que não a beijaria jamais.

Caroline sentiu uma ardência forte queimar o seu peito e, decidida, pegou-lhe as mãos e trouxe-as para junto de seus seios, após soltar cada lado das mangas do seu vestido. Phillip olhou-a aturdido, pois mesmo que soubesse que ela era decidida, sabia que estava ultrapassando o que era correto dentro da moralidade, porém um desejo luxurioso ardeu em seus olhos, que brilharam extasiados ao ver aqueles contornos tão atraentes de um corpo esculpido de mulher. Phillip tornou a afastá-la, mas dessa vez levando-a até debaixo da varanda em penumbras. Olhou-a com lubricidade, seus olhos azuis e endurecidos percorreram seu corpo e suas mãos traçaram o contorno do decote do vestido. Foi ali que ele a beijou com apetite, apertando o corpo de Caroline com força entre as suas mãos, descendo com elas pelo seu vestido e encontrando as meias altas e rendadas que ela usava. Caroline apenas sussurrava o nome dele com adoração, pedindo que ele a beijasse nos lábios e permitindo que seu corpo ordenasse as regras que sabia que estavam quebrando.

Depois de quase fazê-la gritar implorando que ele a beijasse nos lábios, Phillip apenas a soltou, fazendo com que ela se desequilibrasse e quase caísse. Ela se segurou nas paredes de pedra da varanda, ao longe ouvia-se a voz de Patric e Alexandre, talvez vindas das janelas da sacada do andar superior. Caroline tocou os braços de Phillip e tentou trazê-lo novamente para si, mas ele veio por iniciativa própria, aproximou seus lábios dos ouvidos de Caroline e sussurrou aquelas palavras que por muitos anos ela não conseguiu esquecer:

— Cresça, mocinha, e depois tente me seduzir.

Caroline sentiu-se humilhada com aquela rejeição, queria que ele a tomasse nos braços e a beijasse nos lábios com amor. Queria o contato de seus corpos de uma forma enlouquecedora para uma jovem de tão tenra idade. Ele a deixou ali com o subir e descer do seu peito e um vazio em seu coração, enquanto ela fazia a promessa de que um dia ele entregaria a ela o seu amor e todos os seus beijos.

Seu primeiro beijo aconteceu dois anos mais tarde, já na Inglaterra, e enquanto aquele homem experiente, de olhos verdes e sorriso bonito a beijava, ela ainda apenas conseguia imaginar que fosse Phillip quem estava

beijando-a.

Johan já havia preparado tudo para partir, mas foi só quando solicitou a caleça que Patric disse-lhe que Alexandre a usaria naquele mesmo dia para ir a Paris com Caroline. Patric sugeriu então que ele fosse até Paris com Alexandre e de lá seguisse a sua viagem para a Escócia, pois tendo eles apenas duas caleças, não podiam ficar sem uma na propriedade, bem como os cavalos, que lhe fariam grande falta.

Johan assentiu surpreso, pois sequer sabia que Alexandre e Caroline partiriam. Ambos estavam tendo essa conversa no aposento de Patric quando ouviram a voz de Alexandre exaltada no corredor. Rapidamente os dois foram de encontro a Alexandre, que estava na porta do aposento de Caroline, chamando por uma criada.

— O que houve, Alexandre? — Foi Patric quem primeiro perguntou.

— Caroline parece ter piorado.

Os três entraram no aposento e viram Caroline deitada. Ela estava quase vencida, já havia pensado em desistir daquilo tudo, mas ao ouvir a voz de Phillip ecoando na entrada da porta, ela voltou a fazer tremer o seu corpo, e a esperança de que Alexandre partisse sem ela revigorou-se.

— O que ela tem? — Phillip inquiriu parado à porta, os olhos fixavam-se ora em Alexandre, ora em Caroline.

— Eu não sei, está febril desde ontem — Alexandre respondeu sem encará-lo, indo para perto da irmã e pondo as mãos sobre seu rosto. — Está ainda muito quente — disse aflito.

— Não pode a expor a uma viagem tão longa nesse estado — Johan disse nervoso, mais perturbado do que os demais que ali estavam.

— É claro que não — rebateu Alexandre, franzindo o cenho e estranhando a impulsividade das palavras de Johan. — Ela só irá se melhorar.

Percebendo aquelas palavras como o momento auge da sua atuação, Caroline passou a fazer-se delirante. Com palavras incompreensíveis tremeu seu corpo ainda mais forte enquanto os olhos mal abriam-se, apenas reviravam-se, e seu corpo ondulava em espasmos tão fortes que beiravam à convulsão.

— Ela não irá melhorar sem os cuidados de um médico! — gritou Johan. — Por que ainda não chamaram um?! — bradou no exato momento em que a criada entrava no aposento trazendo água fria e panos para pôr na

testa de Caroline, bem como um chá de ervas que disse ser bom para baixar a febre.

Johan saiu do aposento maldizendo a falta de cuidado de Alexandre para com a irmã e disse que ia ele mesmo atrás de socorro na vila. Desceu as escadarias quase correndo e foi até René, que estava aprontando os cavalos e a caleça para a partida de Alexandre.

— Apronte o Percheron para mim, René — ordenou.

— Senhor, esse cavalo será usado ainda esta manhã pelo senhor Alexandre, que me recomendou pessoalmente que o aprontasse para viagem.

— René, eu preciso deste cavalo imediatamente — asseverou. — Saia da minha frente — Johan atravessou a cavalaria e montou o cavalo negro, rumando com ele rapidamente para fora dos portões da propriedade Motier.

— Senhor ele ainda não está pronto, ainda não coloquei a ferradura... — René gritou em vão.

Johan sentiu-se desesperado ao ver Caroline de tal forma e decidiu que só pararia aquele cavalo quando chegasse à vila, onde procuraria por ajuda. No trajeto, galopando velozmente, ele percebeu que o cavalo parecia sentir aquela vigorosa corrida, mas era um cavalo muito forte e estava acostumado com viagens em terrenos muito mais acidentados, por isso ele continuou o galope. Ao passar pelo prado Johan contornou o monte mais elevado, depois passou pelo riacho e quando estava já próximo à vila dos camponeses o cavalo tornou-se agitado e soltou um relincho sofrido. Nada mais restou a Johan a não ser apear e checar se o animal estava ferido. Logo ele viu que uma das patas estava machucada e que um objeto que poderia ser uma pedra pontiaguda havia perfurado um dos cascos do cavalo. Bufou contrariado, vendo que teria que seguir o restante do caminho a pé. Prendeu o Percheron em uma árvore e saiu apressado sem tentar acalmar o animal ou procurar minimizar seu sofrimento, em sua mente apenas tinha a preocupação de minimizar o sofrer de Caroline.

Com Patric e Alexandre ao seu lado, sem sair nenhum instante sequer, e com os panos frios na testa, logo o falso estado febril de Caroline chegou ao fim. Embaixo da sua cama o pequeno balde de água já se tornara frio e ela não tinha mais verdadeiramente forças para continuar a encenar, por isso desejou que o irmão já houvesse desistido de levá-la com ele e a deixasse ali. Phillip não havia permanecido no aposento dela, lhe era intragável a presença

de Alexandre naquele momento, que por sua vez, sentia o mesmo em relação ao amigo de tão longa data.

Quando Johan finalmente retornou com um médico, que na verdade era apenas uma espécie de curandeiro, Caroline já estava recomposta, porém ainda deitada e com aspecto muito cansado. Johan suspirou aliviado, mas pediu que ela fosse examinada. O senhor, homem de cerca de cinquenta anos, de nacionalidade espanhola, era conhecido por todo o vilarejo, e bastou que se aproximasse dela para ver que o caso não era grave, e como a havia encontrado já sem febre não havia muito o que fazer, então recomendou apenas que tomasse banhos mais frios e que descansasse por alguns dias sem ser incomodada.

Alexandre suspirou resignado e pediu que todos saíssem do aposento para ele poder conversar reservadamente com a irmã.

— Caroline, você ficará mais alguns dias aqui, pois não é prudente viajar por tantos dias nesse estado em que está, mesmo que tenha melhorado, pode ser que piore no caminho, e serão vários dias em viagem até Paris... Ouça — disse segurando as mãos de Caroline —, quero que fique com isto, é a chave do portão de nossa casa, para que não se esqueça onde é o seu lar, e onde eu a esperarei assim que melhorar. Não deve esperar meu retorno para só então partir, quero que vá para Paris tão logo sentir-se melhor, amanhã, ou depois, ou depois... mas assim que melhorar.

— Alexandre — suspirou e pegou a chave que o irmão lhe oferecia —, por que não fica um pouco mais e espera eu me recompor? Espere comigo... — pediu chorosa.

— Eu não posso! Perder um dia sequer fará com que meu retorno também atrase, e eu não posso... — suspirou pensando em Joana. — Não vou deixar nossa tia ser recebida pelos criados, e já falamos sobre tudo o que preciso fazer no caminho. Eu vou cuidar do que é nosso, não só por mim, mas por você também. Quero que tenha o melhor dote para que encontre um marido respeitável... E sabe que eu não acredito que tal pretendente seja Phillip, por isso peço apenas uma vez mais para que tire de vez isso dos seus pensamentos.

— Primeiro precisarei tirá-lo do meu coração, pois só assim poderei tirá-lo de meus pensamentos — disse ela. — Já implorei para que não me pedisse isso. Não sou capaz — falou enquanto algumas lágrimas corriam por sua face. Colocou a chave que Alexandre lhe dera sobre o criado-mudo ao

seu lado e suspirou. — E seu grande amor, como vai? Foi enfim correspondido?

— Assim como um dia você também será, por um bom cavalheiro que a mereça — limitou-se a dizer e a sorrir, fazendo com que ela entendesse todo o resto.

— Eu já encontrei meu cavalheiro... — garantiu ela. — Alexandre, eu sei que lhe disse que Joana não era para você; mas, agora, o vendo sorrir dessa forma, talvez eu estivesse errada — disse com carinho. — Irmão... eu peço desculpas a você por toda a dor e decepção que lhe causei e ainda causarei, mas não se esqueça que não somos muito diferentes, mas eu nasci sem liberdade, por ser mulher, e você nasceu livre. Todos cometemos erros, mas os de uma dama sempre serão mais repreensíveis, não é?

— Estou até mesmo com medo dessas palavras. Por que não me conta tudo o que houve na Inglaterra antes que eu ouça da boca de outra pessoa, que não será tão zelosa com você quanto você mesma, e talvez detentora de apenas metade de uma história que somente você pode revelar por completo? Vamos, diga-me, por favor, o que aconteceu?

Caroline apenas virou o rosto para o lado e, envergonhada, deixou lágrimas quentes rolares por seu rosto. Alexandre despediu-se dando um beijo na testa da irmã, e depois em suas mãos. Antes de sair ainda olhou para a velha chave de bronze dos portões da casa herdada pelos dois, em Paris.

Alexandre ficou furioso assim que chegou à cavalaria e não encontrou nem o Percheron, nem René. Quem veio na sua direção foi Johan, que narrou o ocorrido e atribuiu a culpa a Alexandre, por não ter cuidado da irmã na noite anterior e assim permitisse que ela piorasse.

— Eu não o autorizei a sair com meu cavalo — bradou Alexandre enraivecido. — Poderia ter escolhido qualquer outro animal, por que o meu cavalo?

— Porque é o mais rápido e o primeiro que pensei em utilizar — rebateu Johan. — Porém garanto que não foi nada grave, e René já foi à vila buscá-lo.

— Mas eu estou de partida hoje! Agora! Estou indo para Paris nesse momento — repetiu indignado. — E como vou levar o Percheron machucado?

— Eu já pedi a Phillip e ele nos cedeu quatro de seus melhores

cavalos para a viagem. Deixe o Percheron melhorar e depois René poderá levá-lo para você em Paris, se desejar. Ele irá nos guiar na viagem e retornará com os cavalos e caleça em seguida — disse no instante em que Phillip e Patric surgiam no jardim vindo na direção deles.

— Não, eu mesmo virei buscar meu cavalo, assim que resolver as questões que me levam a Paris.

— Então voltará? — inquiriu Phillip olhando Alexandre com sisudez.

— Eu voltarei, sim — Alexandre assentiu com o mesmo semblante fechado de Phillip.

— Para buscar o cavalo? — tornou ele.

— Para buscar o cavalo... e Joana! — completou enquanto o clima entre eles se tornava tenso.

As palavras de Alexandre tiveram um efeito imediato sobre Phillip. Mesmo que sua postura ainda fosse firme e ele quisesse mostrar alguma indiferença, seus olhos diziam o contrário. Os lábios tremeram junto com o nariz em um nervosismo retraído, e ele respirou fundo para não discutir com Alexandre em sua partida, proferindo palavras tão duras quanto eram seus pensamentos e julgamentos naquele instante.

— Joana? — Phillip inquiriu alargando os olhos.

— Senhorita Joana — corrigiu-o.

— Senhorita Joana — repetiu as palavras de Alexandre muito calmamente, balançando a cabeça em concordância e abrindo os braços em um gesto de paz. — Quando retornar será bem recebido aqui.

— Obrigado — Alexandre o agradeceu com o mesmo gesto zombeteiro, enquanto trincava os dentes.

Depois de despedir-se de todos os criados, e já tendo se despedido de Joana e de Caroline, faltava a Alexandre apenas Patric e Phillip; o qual, no primeiro ele deu um abraço afetuoso e, ao segundo, um breve e duro aceno de cabeça.

— Até mais — disse olhando para Phillip, com seus braços rígidos ao seu lado e com o coração doendo. Olhar para aquele amigo de tantos anos como se fosse um mero conhecido não era algo de todo agradável.

Johan também se despediu dos irmãos e garantiu a Phillip que tornaria o seu desejo realidade e se casaria com Grizelda, dizendo que esperava que a beleza dela compensasse a sua languidez. Saiu não menos infeliz do que Alexandre, e durante um bom caminho da viagem eles não trocaram

nenhuma palavra, cada um preso dentro dos seus próprios penares.

Capítulo 37 — As consequências

A notícia da partida de Alexandre foi confirmada ao senhor Hour pelo próprio Phillip, no dia seguinte, quando Phillip esteve na vila e encontrou Frederico com a esposa e Sophie. O casal estava passando com a caleça exatamente em frente à calçada onde Phillip estava.

Aquele encontro foi para todos uma grande coincidência, afinal, Phillip havia ido à vila apenas duas vezes desde que chegara à propriedade Motier. Madame Anastasia tratou logo de entrar no assunto e perguntar se era verdade o que ouvira de Catherine Loen ainda naquela manhã, de que uma caleça havia partido da propriedade Motier na manhã anterior com várias bagagens.

Phillip confirmou a informação, dizendo que era uma caleça levando

Alexandre para Paris, mas não mencionou naquele momento que Johan também havia partido. Frederico Hour suspirou aliviado e fez votos de não voltar a encontrar Alexandre tão em breve.

— Desculpe se o ofendo, mas estou mesmo muito satisfeito com a partida daquele senhor, e até hoje não consigo entender como um indivíduo com aquela índole possa ser um amigo do senhor e de sua família — disse Frederico Hour.

— Certamente eu o entendo, e não me ofende. Alexandre cresceu junto de minha família... temos uma relação muito antiga, já de seu pai com o meu, ambos militares, ambos mortos em combate... Nossa amizade deu-se de forma natural — disse Phillip.

— Na verdade nunca sabemos com quem temos amizade até que eles nos apunhalem pelas costas. Com o perdão pelo meu exagero, mas uma mentira e uma traição também são boas adagas para se apunhalar um amigo. — E como viu que Phillip permaneceu em silêncio, continuou: — Espero não estar o ofendendo, mas eu não desejo mesmo voltar a olhar nos olhos daquele traiçoeiro.

— Mas talvez volte a olhar — disse Phillip em um ímpeto, sem refletir sobre as suas palavras. — Alexandre partiu, mas não por muito tempo. Logo ele retornará e quem sabe a sua casa seja a primeira que ele visite.

— Eu não o entendo — Frederico olhou-o com o rosto vermelho, com o sangue que lhe subiu rapidamente à face. — Ele não seria tão audacioso, a menos que quisesse morrer!

— Oh, querido, não exagere, ou o senhor Phillip pensará que é um homem violento; e isso o senhor não é, ah, não mesmo — Anastasia disse ao lado do esposo, enquanto tinha Sophie com os braços entrelaçados aos seus, ouvindo tudo muito atenta.

— Alexandre garantiu-me que tem ainda algumas questões a resolver aqui. E certamente a maior de suas questões é com o senhor... Penso que ele queira recuperar sua boa estima e apresentar uma proposta de casamento com a senhorita Joana.

— O homem perdeu o juízo? — O senhor Hour soltou uma gargalhada abafada. — Como pode cogitar a possibilidade de sequer estar em minha presença para me dirigir a palavra? Quanto mais entrar em minha casa ou ter a audácia de tomar a mão de Joana! — vociferou, desta vez mais

nervoso.

— Oh, mas eu penso que há aí um terrível engano — disse Madame Anastasia. — Joana repele com pujança aquele senhor — fez-se chocada.

— Não sei se com tanta pujança assim, mamãe. Ele pode tê-la conquistado também — Sophie interveio agarrando-se ainda mais nos ombros da mãe, com os olhos marejados.

— Tenho certeza que Joana detesta aquele homem tanto quanto nós. Não há perdão para suas ações — disse Anastasia.

— E este assunto é algo dado como encerrado. Aquele senhor jamais terá a oportunidade de sequer estar de frente com uma das minhas filhas novamente — Hour disse com segurança. Phillip apenas assentiu com um súbito desdém àquela conversa, como se não fosse ele quem a tivesse iniciado.

— Senhor Phillip, venha jantar conosco amanhã — Anastasia convidou mudando o rumo da conversa. — A minha casa é sempre tão alegre quando o recebemos. Estendo o convite, é claro, aos seus irmãos, o senhor Patric e o senhor Johan — disse ela.

— Johan partiu ontem para Paris, de onde irá logo em seguida para a Escócia — Phillip finalmente anunciou, vendo que logo eles saberiam de qualquer forma. — Ele irá conhecer sua futura noiva e casará em breve — contemplou os olhos de Sophie e viu que eles passaram de serenos para o puro desespero.

— Oh, que boas notícias — Madame Hour comemorou sem muita animação, afinal era ele um bom pretendente, segundo a sua opinião. Sophie estremeceu com a notícia e seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Noiva? — repetiu ela segurando o choro. — O senhor Johan está noivo há muito tempo? — Com essa pergunta Anastasia e Frederico olharam para a filha e estranharam muito a sua agitação e aquele choro que estava prestes a cair.

— Não, na verdade ainda não está noivo, mas está indo para a Escócia para isso. Grizelda é o nome dela, filha de um importante Lorde escocês — disse sem compadecer-se dos olhos sofridos de Sophie, que já derramavam lágrimas pesadas enquanto ela parecia perder as forças nas pernas.

— Sophie? — gritou Anastasia acudindo a filha e levando-a, com a ajuda do esposo e de Phillip, para dentro da caleça que estava parada no outro lado da rua.

— O que ela tem? — Frederico Hour perguntou à esposa.

— Eu não sei. Pode estar fraca! Ultimamente ela anda tão abatida; e alimentou-se tão mal antes de sairmos. Pode ser isso, uma súbita fraqueza.

Com Sophie acomodada no interior da caleça, Anastasia dirigiu-se a Phillip e reafirmou o seu convite, o qual Frederico fez questão de dizer que sentiria grande prazer que ele aceitasse. E assim eles se despediram, com Phillip desejando melhoras para Sophie e recomendando que mandassem lembranças afetuosas à Joana, em seu nome.

A viagem seguia de forma tranquila para Johan e Alexandre, que haviam permanecido o dia anterior inteiro dentro da caleça, fazendo pequenas pausas para os cavalos se alimentarem, beberem água e descansarem. A paisagem era belíssima, a mesma que Alexandre havia contemplado há meses atrás, mas antes eram agraciadas com a beleza do outono, e agora ganhavam novos tons invernais cobrindo-se de neve. Vilarejos adormecidos, montanhas e extensas campinas retratavam toda a venustidade daquele país.

Na primeira noite pararam em uma pensão que lhes abrigou do frio e lhes ofereceu uma boa refeição, mas no dia seguinte tiveram que percorrer muitos quilômetros em estradas muito ruins até conseguirem um estabelecimento onde pudessem ter uma refeição completa durante o dia e que tivesse um local adequado para abrigar os cavalos do frio quando, em certo momento, começou a nevar.

Alexandre pensava em Joana a quase todo o instante e até mesmo quando adormecia ele sonhava com seus beijos. Seu único desejo era que aquela viagem chegasse logo ao fim e ele pudesse retornar para ela o quanto antes. Johan pensava em muitas coisas, mas sua mente quase sempre estava ou em Caroline, ou na expectativa de como seria Grizelda.

Deitada em sua cama, depois de beber um pouco de leite e comer uma fruta de forma quase forçada, Sophie parecia enfim um pouco refeita do mal-estar que a acometera. À sua frente a mãe e as irmãs olhavam-na preocupadas. As olheiras profundas e a palidez acentuavam uma expressão quase sem vida. Pressionada pela mãe, para que dissesse o motivo de ter ficado tão afetada com a notícia da partida de Alexandre e Johan, ela começou a chorar e a falar ao mesmo tempo.

— Oh, mamãe... Oh, querida mamãe... — Mas as palavras não

conseguiam formar uma frase coerente. Sophie parecia estar à beira da morte e afundada em dor. Enquanto Anastasia e Amália abanavam Sophie sem nada entenderem, Joana e Rebecca entreolhavam-se, pois sabiam exatamente o motivo do sofrimento da irmã.

— Diga, minha filha... Minha menina, não sofra assim. Se estiver assim por causa daquele senhor, Alexandre — disse o nome com asco —, não se aflija, que ele jamais porá os pés nesta casa novamente. — Joana endureceu o corpo ao ouvir o nome de Alexandre e voltou a olhar para Rebecca, de soslaio. — Mas, querida, se for por causa do senhor Johan, eu não entendo... Seu coração estava esperançoso de que ele a escolhesse? Oh, querida... É por Johan que está sofrendo?

— Johan tem uma noiva? — Joana perguntou sobressaltada.

— Ele partiu com o senhor... Alexandre ontem pela manhã. O que acha disso, minha filha? Sabia que eles partiriam?

— Eu... não lembro de alguém ter mencionado — disse sem saber se deveria falar a verdade ou não. Com Sophie passando mal talvez devesse esperar um pouco mais.

— Estou arruinada... — Sophie murmurou com sofrer, fazendo a mãe franzir o cenho em estranhamento.

Quando Joana estava a sós com a mãe na sala, interrogou-a sobre como a irmã havia passado mal. Anastasia explicou como tudo acontecera, sem deixar de mencionar o que Phillip dissera a respeito de Alexandre, e da audácia que ele teve em dizer que retornaria, como se tivesse assuntos pendentes com Joana.

— Um absurdo! Já ouviu um despropósito maior do que esse? Eu jamais ouvi! Seu pai é capaz de matá-lo. E isso foram palavras dele. Claro que eu não acho que chegue a tanto, mas foi o que disse o seu pai. Ele o detesta muitíssimo.

— Mamãe, por ora conte-me apenas sobre Sophie — Joana pediu.

— Ora, sim, fomos comprar vestidos novos para sua irmã, e então encontramos Phillip na calçada, mas não sei o que ele estava fazendo na vila. Oh, que homem elegante, que educação... Seu pai chegou a interrogá-lo sobre como ele podia ser amigo daquele senhor Alexandre... Pois bem, Sophie passou mal quando ele deu a notícia do noivado do senhor Johan, mas acho que foi pura coincidência, ela havia se alimentado muito mal pela manhã. Oh,

está sempre tão tristonha. Tudo por culpa daquele senhor Alexandre, pois desde aquele dia do baile ela tem se tornado cada dia mais abatida.

— Faça Sophie abrir-se com a senhora. Ela está sofrendo, mas garanto que não é por causa do senhor Alexandre. Quando ela lhe disser a verdade, e o que sente, ficará tudo esclarecido.

Anastasia anuiu com a filha, mas estranhando o modo como havia falado, como se Sophie tivesse alguma declaração a dar, como se escondesse algo; então prometeu conversar com Sophie quando ela estivesse mais calma.

— E, Joana — Anastasia chamou-a quando Joana estava saindo —, o senhor Philip mandou recomendações a você... Como ele disse? Oh, sim, *mande lembranças afetuosas à senhorita Joana*. E sorriu tão lindamente que cheguei a corar, mesmo sendo uma senhora casada. Que sorte, minha filha, ele parece gostar de você.

— Sorte? Oh, mamãe, pare. Não há nenhuma sorte nisso — disse Joana saindo irritada com a empolgação da mãe.

Assim que Joana deixou a mãe a sós na sala, Madame Catherine Loen bateu à sua porta; e, depois de ser recebida e anunciada pelos criados, elas logo estavam conversando sentadas uma de frente para a outra enquanto tomavam um chá.

— Vim porque estava ansiosa para contar isso a alguém — disse Catherine com ares de fofoca. — Deve lembrar-se do senhor John.

— Sim, um senhor respeitadíssimo e muito rico que ficou viúvo tão jovem... Ele esteve em nossa casa há uns meses atrás — disse lembrando-se do jantar malsucedido.

— Pois sim, é este mesmo — concordou Catherine. — Ele esteve em minha casa ontem para jantar. Muito elegante e educado, visitou-nos em uma caleça muito luxuosa, assim como era requintada as suas vestes.

— Sim — Anastasia concordou, rememorando a forma primorosa como ele havia se apresentado quando ali esteve.

— Ele estava interessado em conhecer minhas filhas, e há muito tempo conversava com meu esposo sobre isso. Oh, fiquei muito contente, e o senhor Loen também. Mas hoje pela manhã fomos buscar referências a seu respeito e tomamos conhecimento de que ele está falido. O homem está completamente arruinado.

— Oh! — Madame Anastasia não deixou de exprimir sua surpresa. E assim elas passaram o resto da tarde cometendo indiscrições sobre a vida de

todas as famílias que eram de seus convívios.

Joana já havia contado tudo para Rebecca sobre as intenções de Alexandre em conversar com seus pais e pedir o consentimento deles para casarem-se. Sabiam que não seria fácil, por isso a verdade precisava enfim chegar até eles. Joana aconselhou-se com a irmã e juntas uniram-se para tentar trazer um pouco de sensatez da parte de Sophie, então elas foram até o aposento ocupado pelas irmãs Sophie e Amália, pois aquela conversa não podia mais ser adiada.

Sophie estava sentada em sua penteadeira, alisando seus cabelos ondulados e ruivos, sem muito ânimo. Amália estava recostada na cama e lia um livro. A entrada de Joana e Rebecca fez com que Amália abandonasse o livro e sorrisse para elas, enquanto Sophie permaneceu estática, penteando-se e olhando a sua própria imagem refletida no espelho, que mostrava uma jovem muito bela, mas completamente debilitada.

— Sophie, está melhor? — Joana perguntou aproximando-se mais dela e tocando em seus ombros.

— Um pouco. Você sabia, Joana, que Johan foi embora? — disse ela, e seus olhos voltaram a encherem-se de lágrimas. — Sabia que ele está indo para a Escócia para se casar?

— Eu não sabia sobre a noiva — Joana condoeu-se do estado lastimável em que a irmã estava.

— Mas sabia que ele partiria, não é? — perguntou em um sussurro, com as lágrimas escorrendo de seus olhos e parando no canto de seus lábios. — Eu sei que sabia.

— Sophie, escute o que eu tenho para lhe dizer. Nós não podemos ser felizes com tanto peso para carregar em nossa consciência. Eu a amo infinitamente, minha irmã, mesmo que a nossa afinidade não seja imensa, mas somos irmãs, e não quero vê-la sofrer. As nossas atitudes do passado sempre terão consequências e devemos enfrentá-las com coragem mesmo que o caminho pareça difícil. Eu também errei muito, levada pelo meu orgulho, por não saber como me abrir diante dos meus sentimentos e paguei o preço por isso.

— Não um preço tão alto quanto o que estou pagando — disse Sophie ainda em meio às lágrimas, com a cabeça encurvada olhando para suas mãos.

— Precisa contar para mamãe o que fez. Precisa fazer isso por mim e

por você mesma. Todos erramos, levados por nosso orgulho, por ambições, medos... Mas não é justo permanecer no erro quando ele impede que outras pessoas possam ser felizes.

— O que quer de mim, Joana? Quer que eu lhe dê a sua felicidade em troca da minha ruína? — Sophie inquiriu chorosa.

— Eu quero apenas que fale a verdade sobre o que fez; sobre o broche, sobre o baile. Quero que conte para eles que Alexandre não é tão culpado quanto pensam. Você precisa fazer isso — preceituou fazendo com que Amália ficasse surpresa com aquela conversa, porque pensava que Joana ainda não soubesse a verdade.

— O broche? Sabe sobre o broche? — perguntou Sophie olhando para Amália, condenando-a com os olhos por pensar que ela tivesse dito algo para Joana. — Por que quer que eu faça isso, Joana? Alexandre já partiu para Paris, foi embora e a deixou aqui, assim como Johan deixou a mim...

— Johan? — Amália exprimiu sua confusão. — Sophie? O que tem o senhor Johan a ver com tudo isso? Eu não estou entendendo.

— Alexandre voltará em breve — Joana anunciou antes que Sophie pudesse responder a pergunta de Amália. — E quando isso acontecer ele virá à nossa casa conversar com nosso pai. Eu o amo, Sophie, amo muito e preciso que conte a verdade — disse Joana ainda ao lado da irmã, procurando buscar as palavras certas para que Sophie concordasse com a ideia.

— Você, Joana — disse Sophie em um choro compulsivo —, quer que eu conte a verdade para ser feliz ao lado do seu amado? — riu enquanto chorava. — Quer que eu diga como roubei o broche que Alexandre enviou para você, e depois conte a todos que me deixei ser beijada por ele enquanto ele sussurrava o seu nome diante de meus lábios? Quer me ver destruída para que possa ser feliz do lado de Alexandre, o primeiro homem pelo qual eu me apaixonei; e que teria visto a mim, apenas a mim, não fosse a sua petulância, sua dissimulação diante dos sentimentos dele?

— Oh, pare Sophie. Jamais dissimulei o que sinto, apenas escondi-me por medo... O que você acha que o casamento e o amor representavam para mim? O que ele representa para muitas de nós? Foi por medo que não disse o que sentia, mas eu já amava Alexandre muito antes que você confessasse o que sentia por ele, muito antes do baile... muito antes de ele estar em nossa casa pela primeira vez. Eu o amei desde o primeiro momento em que o vi.

Sophie e Amália olharam para Joana muito surpresas. O coração de

Amália pulsou cheio de dor e arrependimento, lembrando-se de quando ouviu Alexandre confrontar Sophie e punindo-se mentalmente por não ter dito logo toda a verdade para Joana.

— Você está mentindo, Joana. Está mentindo assim como Alexandre mentiu. Não me condene então por também ter as minhas próprias mentiras. Acha que Alexandre é menos culpado? Acha que ele agiu por amor, então poderá ser facilmente perdoado por papai? Engana-se! Somente essa mentira já é o bastante para ele ser rechaçado por nossa família. Ele não receberá o perdão por ter se passado por Phillip Motier.

— Isso nós não sabemos — disse Rebecca. — Vamos, Sophie, conte para nossos pais a verdade. O que vier depois não importará. Ao menos faça o que é o certo.

— Não — foi a curta resposta de Sophie. — Não — repetiu uma vez mais.

— Ouça, Sophie, terá que contar. Darei a você um pouco mais de tempo, mas se não contar saiba que eu mesma contarei — Joana ameaçou-a vendo os olhos de Sophie crescerem apavorados. — Mas não se preocupe, não contarei sobre o senhor Johan... Mas o que diz respeito a minha vida e a minha felicidade, não abrirei mão.

Capítulo 38 — A sonata de Beethoven

Enquanto dirigia-se até a casa de Frederico, Phillip meditava sobre os últimos acontecimentos. Crescia a intimidade que tinha com a família Hour, e perguntava-se verdadeiramente o que queria com aquilo, afinal, não era tão sociável assim e sempre preferira o isolamento. Acabou por admitir a si mesmo que Joana era seu único interesse em visitá-los, pois os outros membros da família Hour não prendiam nem a metade do seu interesse, assim como Joana prendia apenas em caminhar de um lado da sala para o outro.

Ao seu lado, na caleça, estava Patric, que era um bom ouvinte e com o qual podia conversar abertamente, mas julgava que ele estivesse mais ao lado de Alexandre do que do dele, e que o censuraria por seu comportamento e pensamentos, sem hesitar.

Tivera que ouvir sermões do irmão mais novo no dia em que Alexandre e Johan partiram. Patric o condenava, acima de tudo, por não manter um diálogo com Alexandre, e por deixar que assuntos políticos os afastassem, bem como o embate por causa de Joana. Em palavras muito simples Patric disse a Phillip que esquecesse aquilo, que Joana amava Alexandre e que Alexandre a amava igualmente. Não havia espaço entre eles, e Phillip devia se distanciar. Phillip respondeu com indiferença e tratou logo de encerrar o assunto, mas dentro dele aquilo não se encerrou, e até o dia seguinte ainda continuava a se perguntar o porquê de Joana não sair de seus pensamentos.

Quando enfim chegaram — e depois de serem anunciados —, entraram naquela pequena sala exageradamente decorada; Phillip e Patric foram saudados por todos, embora de forma diferente por cada membro da família Hour. Enquanto os olhos de Rebecca encheram-se de prazer por rever Patric, os de Sophie eram quase mortos e inexpressivos. Joana era indiferente a qualquer adulação desnecessária, ao contrário da mãe, que não poupava elogios aos dois convidados.

[...]

— É um grande prazer — disse mais tarde Anastasia para Phillip — recebê-lo em minha casa mais uma vez. Por mim viria sempre!

— É sempre uma honra receber um convite como este — disse Phillip. — Aproveito tanto da vossa companhia como de suas filhas com muito prazer e encanto.

— Ah, você é um homem ímpar — disse ela. — Muito gentil. A cada vez que o vejo minha estima pelo senhor aumenta mais. — E quando viu que os olhos de Phillip estavam concentrados em Joana, tratou de não perder a oportunidade. — Diga, senhor Phillip, o que acha de minha filha Joana?

— Eu... — aturdiu-se com aquela pergunta — a considero encantadora, e muito bela.

— É mesmo? Que felicidade poder ouvir tão sincero elogio sobre minha filha. Sabe, lamentei muito que no outro dia em sua casa vocês dois não puderam dançar juntos. Joana perdeu a joia e também muito tempo a

procurando; mas hoje podem dançar, mesmo que a sala seja pequena, ainda assim acredito que podem dançar enquanto Rebecca toca ao piano.

— Isso é algo que posso fazer com todo o prazer, se ela ficar feliz em concordar — garantiu ele sorrindo.

— E como não ficaria? Qualquer jovem ficaria. Ah, senhor Phillip, não sei como ainda não se casou, com certeza não deve pensar nisso ainda.

— Bem, na verdade eu tenho pensado nisso há algum tempo.

— É mesmo? — perguntou ela muito satisfeita com o que ouvira.

A pequena conversa com Phillip teve que ser interrompida pois o senhor Hour se aproximou e o prendeu em outro assunto. Anastasia, porém, os deixou com um sorriso no rosto, confiante de que, se Phillip estava à procura de uma esposa, ela sabia muito bem quem seria a escolhida.

[...]

Rebecca estava mais tímida do que costumeiramente naquela noite. Se antes conversar com Patric era algo que fazia de forma espontânea, mesmo que isso lhe causasse várias palpitações no peito, agora essas sensações eram ainda mais fortes e tão sem controle que prendiam sua fala e seu corpo, impedindo-a de ser natural ao lado dele. Temia olhar para ele e dar sinais de sua afeição, temia falar algo e ficar tão embaraçada a ponto de ser considerada tola. Temia que se ele percebesse seus sentimentos, se afastasse para não lhe dar esperanças em vão. Mal sabia Rebecca que Patric compartilhava sentimentos semelhantes aos dela; tinha praticamente os mesmos medos, e estava ali, tão próximo, e não sabia como iniciar uma conversa com ela depois de tê-la abraçado no bosque e sentido como aquilo mexera com sua emoção.

Joana, que já era muito mais romântica do que fora outrora, observava a tudo com muita alegria. Há muito tempo já havia enxergado que Patric nutria sentimentos pela irmã, e antes que sua mãe sugerisse que Rebecca tocasse para que os demais pudessem dançar, ela mesmo o fez, mesmo sabendo que não era tão boa nessa arte quanto a irmã, queria dar a ela a oportunidade de dançar com Patric. Joana foi até o pianoforte e tocou uma valsa, o que fez com que Patric tomasse finalmente a iniciativa para se aproximar de Rebecca. Ele a convidou como se estivessem em um grande baile, curvando-se gentilmente e oferecendo o seu braço para conduzi-la até um reduzido espaço que havia em frente ao piano, mas que permitia que um casal dançasse facilmente. Rebecca corou por serem os únicos a dançarem,

mas Patric pareceu não reparar. Ele a rodopiou pela sala e segurou suas mãos com tanto aconchego que Rebecca acabou por se esquecer onde estavam.

— A senhorita está linda — disse ele enquanto dançavam, quase em um sussurro, depois sorriu. Rebecca quase errou os passos ao ouvir aquele elogio, que era o único que não imaginava que ele pudesse fazer a ela.

— O senhor é sempre muito gentil — disse ela quase sem acreditar. — Se eu soubesse o que me tornou mais bela hoje, então passaria a usar sempre.

— Não... Não é nada que esteja usando, nenhum vestido ou joia. Acho que não me expressei corretamente. O que quero dizer é que... a senhorita é linda.

Desta vez foi impossível não errar os passos. Rebecca parou de se movimentar e olhou para Patric completamente aturdida. Seu coração palpitava com força, seus pés não conseguiam se mover. Patric fez com que ela girasse uma vez mais e sorriu para que não ficasse constrangida.

— Desculpe-me por ter errado os passos — disse ela ruborizando, voltando a acompanhá-lo.

— Não há por que desculpar-se. Também errei alguns, que me saltaram completamente sem ritmo.

— O senhor? — perguntou sem entender, nem ao menos tinha percebido que ele também errara.

— Sim. Não percebeu?

— Não — respondeu ela sentindo o calor das mãos de Patric sobre as suas enquanto ele a conduzia com maestria naquela valsa.

— Aqui — levou a delicada mão de Rebecca até o seu peito, fazendo com que ela sentisse que o coração dele também batia forte e descompassado, errando completamente o ritmo.

— Oh! — O que Rebecca disse em resposta àquela declaração não foi exatamente uma expressão coerente, uma frase ou palavra, mas sim um som abafado que escapou por seus lábios, um sussurro surpreso que transmitia muito bem o que estava sentindo naquele momento.

A valsa tocada no pianoforte terminou e todos viraram-se para Joana para aplaudi-la, inclusive Patric e Rebecca, que estavam mais ao lado direito da sala e que naquele momento não tinham nenhum olhar sobre eles. Patric sorriu para Rebecca e ela voltou a ruborizar ainda mais.

Joana, após os aplausos, olhou para Patric conversando com Rebecca

e emendou uma nova música ao piano, mas como seu coração estava melancólico com a saudade que sentia de Alexandre, escolheu a op.27 n.2, a 14ª sonata de Beethoven. Era uma de suas sonatas preferidas do compositor alemão, que era muito respeitado e influente por toda a Europa, considerado o maior compositor do século. Assim que tocou as primeiras notas sentiu o olhar duro do pai na sua direção; ele não gostava de Beethoven pois dizia que ele era a favor dos ideais da revolução e próximo do movimento iluminista.

Joana não se importou, fechou os olhos e deixou-se guiar por aquela melodia, que se iniciava lenta, quase de forma chorosa, e que no segundo tema se transformava em uma atmosfera mais leve e alegre, terminando por fim de forma dramática em movimentos muito rápidos e difíceis de executar, mas que Joana sabia muito bem como fazer, pois era a música que mais praticava ao piano, mesmo que fizesse isso de forma menos frequente do que as outras irmãs.

A sonata completa ultrapassava quinze minutos e Anastasia já olhava com indignação para Joana, afinal, enquanto a filha estivesse ao pianoforte não poderia dançar ou conversar com Phillip. Porém, mesmo que tenha demorado, a música teve o seu fim, e Joana foi substituída por Amália, depois de Sophie ter se recusado a tocar.

— Finalmente deu-me a graça de ouvi-la tocar — Phillip disse ao se aproximar de Joana. — Não foi muito justa consigo mesma ao dizer que não era apta ao piano. Essa sonata foi primorosa.

— Obrigada, acho que estava inspirada esta noite.

— Algum motivo em especial para a inspiração? — perguntou Phillip.

— Ah, sim. A própria música — disse ela sem pestanejar. — Linda e inspiradora por si só.

— Sim, concordo — disse ele olhando-a com intensidade. — Essa música é exatamente como a senhorita. Acho que poderia ouvi-la por toda a minha vida.

Joana preferiu fingir que não havia entendido o elogio, limitou-se a sorrir e mudar o assunto, porém, não pôde evitar dançar uma valsa com ele, que a convidou com um gesto elegante e polido. Os dois juntos faziam uma bela figura, de um casal que se poderia chamar de deslumbrantes em beleza, e Anastasia parou tudo o que estava fazendo apenas para vê-los dançar.

— Ele gosta de Joana! O senhor Phillip gosta de Joana! — disse

exultante para o esposo.

— Então seu irmão partiu... — Joana iniciou uma conversa com Phillip enquanto dançavam.

— Sim. Johan foi para Paris e de lá seguirá viagem para a Escócia. Irá conhecer a noiva, Grizelda — respondeu lamentando que ela iniciasse aquele assunto.

— Interessante, nunca pensei que seu irmão tivesse uma noiva, afinal, ele sempre me pareceu tão disponível...

— Johan é sempre disponível para moças bonitas — disse ele. — Mas espero que ele não tenha deixado aqui neste vilarejo nenhuma mocinha apaixonada.

— Talvez tenha a deixado mais do que apaixonada. Talvez tenha a deixado arruinada.

— Do que exatamente está falando, senhorita?

— Tenho sérias inclinações para acreditar que seu irmão fugiu. O senhor com certeza deve estar alheio às atitudes que ele teve enquanto esteve em sua propriedade...

— Completamente alheio — disse ele sem interromper a valsa, mas franzindo o cenho e mostrando estar confuso. — O que Johan fez?

— Vou lhe contar, mesmo sendo algo completamente vergonhoso. Ele iludiu Sophie com promessas. Ele... — interrompeu a fala para dizer aquilo de uma forma menos incômoda. — Ele... a desonrou — concluiu, vendo que não havia outra palavra para usar.

— O quê? — Phillip parou de dançar e fez-se aturdido com aquilo. — Isso é muito grave. Jamais teria permitido que Johan partisse se soubesse de tão vis atitudes. Lamento muito...

— Será que há algo que possa fazer para que ela não permaneça na vergonha e no desamparo?

— Trazer Johan para cá novamente? — perguntou enquanto estudava as suas reações. — Ah, senhorita Joana, se tivesse me dito isso antes eu o teria feito ficar e se casar com sua irmã — garantiu ele, embora soubesse que jamais faria isso. Ele mesmo havia recusado casar-se com Grizelda por estarem falidos, e ainda assim os rendimentos do Lorde ultrapassavam em muito os do senhor Hour. Dentre todos os questionamentos que Phillip fazia a si mesmo, o maior deles era o porquê de estar interessado em Joana mesmo sendo ela filha de um pouco abastado comerciante de grãos.

Em sua falta de romantismo ele jamais concebeu a ideia de casar-se por amor. A razão sempre lhe ocupou os pensamentos em primeiro lugar, mas a verdade era que Joana despertava em si sentimentos que jamais lhe foram aflorados. Jamais sentiu-se daquela forma, como se estivesse bêbado somente em olhar para ela ou apenas ouvi-la falar. Quando Joana sorria enquanto dançava, seus olhos percorriam cada detalhe dos lábios dela, estudando o formato de seus dentes e espiando a sua língua, a qual chegou a imaginar-se tocando-a com um beijo. Outras vezes analisava com minúcia os seus olhos, como eles brilhavam quando ria e espremiavam-se entre os seus cílios longos.

Tocar suas mãos e tê-la tão junto de si naquela dança era ao mesmo tempo um prazer e um martírio, pois aquele suave toque de mãos era muito pouco diante do enorme desejo que sentia de tocá-la, beijar seus lábios e tê-la por completo. Com esse pensamento Phillip acabou por convencer-se de que era melhor ter uma esposa que o fizesse se sentir assim, do que um grande dote de uma esposa pela qual não se sentia nem um pouco atraído.

[...]

A noite terminou e o coração de Rebecca voltou a ficar um pouco mais preenchido com a forma como Patric despediu-se dela. Além de um beijo em suas mãos, ele disse-lhe que gostaria de vê-la mais vezes, se esse também fosse o desejo dela, e prometeu que faria mais visitas à sua casa, pois simplesmente adorava conversar com ela.

— Ficarei muito feliz com sua visita — garantiu ela sorrindo docemente.

Outra visita foi feita naquele mesmo dia, na propriedade Motier. O ranger da porta do aposento de Caroline, como sempre muito sutil, a despertou de um sono ao qual ela havia há pouco se entregado. Caroline passara muitas horas cuidando da janela para ver a hora que Phillip retornaria, mas acabou por vencer-se pelo sono. Depois que o irmão partira ela passou a se sentir muito sozinha, e sem Johan para dar a ela um pouco de atenção durante o dia, estava se sentindo triste.

— Como está se sentindo? — Ele perguntou assim que entrou e viu que Caroline sentou-se na beirada da cama. — Ainda está indisposta?

— Estou melhor, descansei e a febre cessou desde ontem — respondeu ela.

— Então partirá logo, assim como Alexandre lhe pediu? — inquiriu encostando a porta atrás de si e adentrando um pouco mais no aposento.

— Essa pergunta é por se interessar ou porque deseja que eu vá?

— Ora, Caroline, não dito nenhuma regra para a sua vida. Se quiser ficar, fique. Se precisar partir, parta.

— Sempre tão indiferente a mim. Por quê?

— Não é indiferença. Sabe que não sou nem um pouco indiferente a você.

— É indiferente nas causas sentimentais. De verdade, nem se importa se eu partir. Não sentirá a minha falta, tenho certeza.

— Claro que sentirei — falou passando os dedos sobre a pele dos ombros de Caroline. — Só não me peça para ser sentimental. Eu não sou sentimental, Caroline.

— Eu sei... mas isso porque nunca consegui fazer com que se apaixonasse por mim. Porém preciso desistir de tentar, não sei se alguma mulher será capaz de ter o seu amor. É por amá-lo que me contento em tê-lo de forma tão reduzida. Sabe o quanto me fere jamais ter sido beijada nos lábios por você? Sabe o quanto me fere ter me entregado e saber que não me ama?

— Não há mal algum no deleite mútuo. Aprecio as carícias que me oferece e lhe oferto em troca todo o prazer que puder lhe dar — falou ele, posicionando suas mãos na cintura de Caroline e a trazendo para junto de si. Ela fechou os olhos quando sentiu os lábios quentes pressionados contra os seus ombros. Um calafrio percorreu o corpo de Caroline e ela deixou-se suspirar.

O som do seu ofego atingiu os ouvidos masculinos, desejosos de mais suspiros e gemidos como aquele. Ele a beijou no colo enquanto Caroline voltava a fechar os olhos e a sorver tudo o que podia daquele momento que era tê-lo somente para si.

— Oh, sim, Phillip!

Capítulo 39 — O que diz o futuro?

A visita de Phillip à casa dos Hour já não era algo mais tão eventual. Nos dias que se seguiram ele tornou a visitá-los e sempre era convidado para retornar no dia seguinte. Habitualmente reuniam-se na sala de estar para conversar, ler, ou jogar cartas. Foi num desses jogos que Joana iniciou uma brincadeira com os presentes, dizendo que iria “ler os seus futuros naquelas cartas”. A brincadeira foi feita longe dos olhos de sua mãe e de seu pai, que certamente a condenariam por aquilo, já que era proibido ler o futuro com as cartas e havia até mesmo uma lei na França que punia as pessoas que fizessem adivinhações, prognósticos ou interpretação de sonhos.

Joana, muito inabalável em tudo o que fazia, arrancou risadas das irmãs e também de Phillip e Patric. Até mesmo Sophie parecia mais bem-disposta naquela noite, mas não se juntou a eles, ficou no sofá com a mãe,

lendo um livro.

— Eu vou lhe dar informações importantes sobre sua vida — disse ela olhando para Rebecca com concentração e virando algumas cartas sobre a mesa. — Oh, aqui, vejo um moço muito apaixonado por você — apontou uma das cartas. Rebecca ruborizou enquanto os outros aguardavam com expectativa o que mais ela diria. — E ele é correspondido. Devia declarar-se.

— Ah, pare, Joana. Não está vendo nada aí — pediu com certo constrangimento enquanto Patric apenas sorria discretamente, fazendo ares de paisagem.

— Estou sim. Estou vendo prenúncios de um amor surgindo...

— E que vê para mim, senhorita? — Phillip perguntou curioso com aquela brincadeira e também se divertindo. — Veja o meu futuro.

— Oh, sim. Deixe-me ver... Bem, vejo muitas alegrias no seu futuro, boas amizades e muita saúde — inventou tudo de improviso e esperava que ele ficasse satisfeito com as previsões positivas.

— E o meu futuro, senhorita? — Patric perguntou para também participar do jogo.

— Hum, veja... — apontou uma das cartas —, para o senhor vejo o mesmo que vi para Rebecca — sorriu divertida. — Os seus futuros são idênticos — anunciou com voz vibrante e voltou a sorrir.

O clima descontraído entre os jovens animava os planos de Anastasia, que já tinha certeza de que para Phillip declarar-se para Joana era apenas questão de tempo, e não muito tempo. Joana tentava pensar que todas aquelas atenções de Phillip para com ela eram apenas uma cortesia natural, mas lembrava-se que da última vez que estivera a sós com ele, na galeria, o mesmo havia sido muito direto, dizendo à Joana que a achava fascinante e, tocando em suas mãos, exprimiu seu desejo de maior intimidade entre eles. Mesmo quando Phillip não declarava o que sentia usando as palavras, seus olhos pareciam expressar frases inteiras e muitas vezes deixava Joana sem graça.

Patric também deixava evidente em seu olhar apaixonado e em todas as lisonjas que fazia à Rebecca, de que estava muito interessado nela; e Rebecca se sentia a moça mais feliz e sortuda do mundo por perceber que era correspondida. Anastasia viu aquilo com certo espanto, mas decidiu que se ele estava interessado na filha, e se fosse esse o desejo dele, eles poderiam se casar com todo o consentimento e alegria.

Aquela era a quinta noite desde que Alexandre havia partido, e Joana imaginava que talvez ele já estivesse quase chegando a Paris. Sentia saudades dele e esperava ansiosa por notícias, mas sabia que mesmo que ele escrevesse quando chegasse, a carta demoraria uma semana para vir até ela. Eram muitos os dias que ainda os separavam.

Ao final da sexta noite de viagem, Alexandre e Johan chegaram a Paris. Johan decidiu ficar alguns dias na cidade antes de partir para a Escócia, pois estava completamente exausto e queria descansar antes de voltar a fazer nova viagem, ainda mais longa; foi então para a casa onde crescera, e que agora pertencia a Phillip. Era uma bela casa e que ficava bem no centro de Paris. A poucos metros dali ficava a casa de Alexandre, onde ele e Caroline cresceram juntos de seus pais, até o falecimento de ambos.

A cidade era muito diferente do campo, tanto na arquitetura de suas edificações quanto nos modos e costumes das pessoas. Como a capital da arte e do lazer e local onde a grande parte da alta nobreza francesa fixava-se, a cidade possuía ares de sofisticação. No entanto era também uma cidade com vários problemas, inúmeros moradores eram pobres demais para pagar impostos e vários trabalhadores se amontoavam de forma miserável nos bairros centrais onde era crescente os inúmeros casos de epidemias.

A casa de Alexandre era uma bela e grande construção. Na parte térrea havia uma antessala com uma lareira, muitos quadros na parede e alguns sofás e poltronas. Era ali que sua mãe costumava sentar-se para ler para ele e para Caroline quando ainda eram crianças. Em seguida havia uma sala de jantar, que era o aposento principal da casa e passava toda a alegria vibrante que sua mãe tinha. As cores vivas revelavam a personalidade única de Jane Franz. Daquela sala havia duas passagens para uma varanda da qual se podia admirar o belo jardim que sua mãe gostava de cultivar. Tudo ali era belo e significativo para Alexandre.

Quando as criadas viram que ele havia chegado, logo apressaram-se em saudá-lo e dizer o quanto ele fazia falta naquela casa. Foi recebido também pela governanta, Lady Guisela, uma senhora de cerca de sessenta anos e que nunca havia se casado. Fora Guisela quem havia cuidado de Caroline e Alexandre quando Jane Franz morreu vitimada por uma tuberculose.

Ela preparou o aposento de Alexandre, no andar superior, e

providenciou uma refeição, deixando-o em seguida sozinho com seus pensamentos. O aposento de Alexandre tinha uma decoração sóbria; alguns tapetes, uma cama, uma escrivaninha, uma cômoda e uma lareira eram tudo o que havia ali. Para ele o mais aconchegante daquele lugar era a janela com vista para o jardim. Foi ali que ele se recostou e, por um bom tempo, ficou olhando para as flores e árvores, pensando em Joana.

— Mamãe, talvez devesse parar de convidar ao senhor Phillip para nos visitar com tanta frequência — disse Joana em certa manhã, depois de dar-se conta de que era a terceira vez que ele vinha à sua casa naquela semana, e sempre com convite para retornar no dia seguinte.

— Que absurdo, ele é uma de nossas melhores amizades. Por que eu faria isso, Joana?

— Desculpe, vou tentar exprimir-me melhor. O senhor Phillip pode se sentir encorajado a algo que definitivamente não irá acontecer, e isso irá aborrecê-lo de toda maneira...

— Eu acho que você enlouqueceu, Joana. Sabe como aprecio a companhia de amigos, não gosto da solidão. Quanto a ele se interessar por você, é isso mesmo que eu quero. E como sei que ele *já está* interessado, não deixarei de convidá-lo um dia sequer até que ele faça o pedido. E espero que agora esteja satisfeita.

— Que pedido? — Joana murmurou hesitante, ao mesmo tempo que uma nuvem densa de irritação a encobria.

— Você é inteligente demais para que eu perca meu tempo explicando, mas já que insiste: o pedido para se casar com você. E não se faça de espantada, não há a menor possibilidade de recusá-lo. Se bem que eu não acho que você ousaria tentar isso; o senhor Phillip é o melhor partido que já existiu e jamais haverá outro igual.

— Posso garantir-lhe, querida mamãe, que há. E peço que seja prudente de não sugerir isso ao papai ou ao senhor Phillip, porque eu não quero mesmo, de jeito nenhum, me casar com ele. — E dito isso se retirou da sala, enervada.

Foi no quarto dia após Alexandre estar em casa, e no décimo dia em que havia partido da propriedade Motier, que sua tia finalmente chegou a

Paris, em uma carruagem alugada e trazendo consigo sua filha Louise, que parecia radiante por enfim ter chegado. Já Delphine mostrava sinais de cansaço por ter enfrentado uma viagem tão longa.

Delphine era uma senhora muito bela para a sua idade, também muito alegre e afetuosa. Ela era inglesa de nascença, assim como Jane Franz, que havia se mudado para a França para se casar com Pierre Franz — pai de Alexandre e Caroline.

Alexandre lembrava-se da tia de quando era muito pequeno, pois havia convivido pouco com ela quando crescera, e foi pela amabilidade de Delphine que havia decidido enviar Caroline para sua casa em Cheshire — Inglaterra —, após a morte de Jane Franz, que deu-se um ano após a morte de Pierre, que era soldado e morreu em batalha. Quando Alexandre se viu sozinho com os cuidados da criação de Caroline, contou inicialmente com a ajuda da governanta, Lady Guisela, mas ele era muito jovem para fazer isso com a autoridade que a rebeldia da irmã merecia; e por ser um soldado e passar mais tempo em viagens, treinamentos e batalhas, decidiu que o melhor seria a irmã ficar com a tia.

Assim que Alexandre a viu, sentiu-se tentado a perguntar logo qual o motivo de sua vinda, indagando sobre o conteúdo da carta que enviara; mas, vendo o cansaço da tia, deixou que elas primeiro se acomodassem na casa e decidiu aguardar um momento em que Delphine estivesse mais disposta a conversar. Alexandre as saudou com muita consideração e deixou que Lady Guisela mostrasse a elas os seus aposentos.

Alexandre não se lembrava muito de sua prima Louise, mas sabia que ela era apenas um pouco mais nova do que ele, e que tinha praticamente a mesma idade de Caroline, em torno de vinte anos. Ela parecia ser o espelho da mãe quando mais nova; possuía os olhos azul-claros e tinha as feições de uma moça doce e reservada. Usava uma saia de tecido acolchoado e mantilha de renda preta sobre os ombros, bem como um chapéu de palha que era moda na Inglaterra.

Foi somente depois do jantar que se reuniram para conversar, momento este que Alexandre esperava usar para fazer todas as perguntas que tinha em mente para aliviar a sua preocupação, porém sabia que talvez ficasse ainda mais preocupado e irritado após aquela conversa.

— Titia, desculpe se pareço ansioso, mas não posso mais protelar essa conversa. Estou muito aflito desde que li as suas cartas, e vim para Paris

especialmente para recebê-las e conversarmos.

— Oh, meu querido, agradecemos muito sua gentileza. Eu estava mesmo certa, você tornou-se um homem de grande caráter. Eu gostaria de lhe trazer melhores notícias, mas o que tenho para lhe contar é muito desagradável.

— Se preferir podemos falar a sós — disse após olhar para a prima, calada ao lado da mãe. Se fosse algo indecoroso talvez não fosse adequado falar na frente de Louise, embora ele esperasse de todo o coração que não fosse algo tão grave assim.

— Não querido, podemos falar na presença de Louise, afinal, ela sabe de tudo, pois presenciou como tudo aconteceu...

— Pois sendo assim fale-me, titia, estou mesmo muito angustiado com isso.

— Pois bem... Primeiro quero que tenha a certeza de que eu não sabia que Caroline partiria. Ela organizou a vinda para a França sem me comunicar e isso foi para mim uma grande decepção após os quase cinco anos que cuidei dela como uma filha. Caroline não me deu quase nenhum trabalho até perto de seus dezessete anos, estava sempre comigo e com Louise e nos acompanhava à igreja e aos passeios nos parques. Era uma moça sempre alegre e uma companhia agradável para todos. Porém com seu amadurecimento, sua beleza foi também se destacando e atraindo a cobiça de alguns homens, e nessa época cheguei a considerar se não estava na hora de ela arrumar um noivo.

— Sim, lembro-me que a senhora escreveu-me pedindo minha opinião sobre esse assunto, e eu disse que considerava Caroline ainda muito jovem para o matrimônio — Alexandre recordou-se.

— Sim, no entanto Caroline parecia gostar desses flertes, sentia-se envaidecida e com o tempo passei a perceber que encorajava alguns homens de nosso convívio a continuar a cortejá-la. Um desses homens era o senhor George Rogers, um homem de abastada riqueza e que era um amigo íntimo de minha família. Logo que a conheceu, George encantou-se profundamente por ela, passou a fazer visitas frequentes à minha casa e enviar presentes para Caroline. No início eram flores, depois joias, tecidos caros...

— Oh, Deus, esse homem fez algo contra Caroline? — Alexandre resmungou preocupado.

— O senhor George era casado. A senhora Betty era uma esposa

ciumenta e não precisou de muito tempo para descobrir que o marido vinha presenteando Caroline, bem como fazia visitas frequente a ela. Proibi, então, Caroline de falar com o senhor George e também pedi que ele não viesse mais à minha casa para evitar falatórios e não alimentar a ira de Betty. Durante quase um ano não voltei a vê-los juntos, pois George realmente não voltou à minha casa, porém Betty continuava com suas insinuações, afirmando que o marido estava tendo um caso com Caroline. Imagine quão horrorizada fiquei com isso. Caroline tinha dezoito anos e ele vinte e nove, na época. Então enviei Louise com Caroline para passarem um tempo na casa de uma tia de Louise, irmã de meu falecido esposo. Elas ficaram quase cinco meses em *Castle Combe*.

— Sim, lembro-me disso! Lembro-me de ter recebido uma carta de Caroline contando sobre essa viagem, mas jamais mencionou qualquer coisa desse tipo. Por que não me contou antes? Por que não me escreveu ou mandou Caroline de volta para a França?

— Oh, Alexandre... eu não queria preocupá-lo, pensei que logo tudo se resolveria. Não queria falhar com a minha missão de dar à Caroline uma criação tal qual dei à Louise.

— O que aconteceu depois? — perguntou muito aborrecido, passando as mãos nervosamente sobre os cabelos.

— Caroline e Louise retornaram e tudo seguiu-se bem até por mais de um ano, até que recebi a visita inesperada da esposa de George. Ela fez ameaças horríveis e garantiu-me que Caroline e George ainda se encontravam em uma propriedade que ele havia alugado especialmente para os encontros.

— E isso foi quando?

— Poucos meses antes de Caroline deixar a Inglaterra.

— Quer dizer que Caroline veio para França para fugir das ameaças de uma esposa traída? — Alexandre sentiu o peso do desgosto ao acertar, seu coração bateu dolorido.

— Sim. A senhora Betty estava grávida e jurou vingança à Caroline, garantindo que poderia até mesmo matá-la se não se afastasse de George. Depois que Caroline partiu, George ficou desesperado, culpou a esposa por sua infelicidade e suicidou-se dois meses depois.

— O homem suicidou-se? — Alexandre estava pasmo.

— Sim. Hoje Betty vive um padrão de vida muito inferior ao que tinha antes. Viúva, com um filho bebê e com muitas dívidas.

— Estou muito decepcionado — murmurou abatido depois de alguns segundos. A notícia era infinitamente pior do que ele poderia conceber. — Por favor, minha tia, deixe-me digerir um pouco essa história, porque no momento não consigo nem ao menos pensar. — E depois de dizer isso ele foi para seu aposento, onde passou muitas horas acordado e aflito.

Era muito tarde quando Alexandre, ainda sem conseguir dormir, redigiu uma carta para Joana, para que fosse levada no dia seguinte para ela. Sabia que demoraria a chegar, mas quando chegasse suavizaria o coração de sua amada. Redigiu também uma carta para Caroline e outra para Patric. Depois de tanto escrever acabou adormecendo com a cabeça sobre a escrivaninha e, no meio da madrugada, com o corpo dolorido arrastou-se até a cama.

Capítulo 40 — Um péssimo romântico

Anastasia já não estava mais suportando ver Sophie tão melancólica. Era comovente a forma como ela se comportava, quase não falava e seus olhos eram sempre os mesmos, opacos e sem vida. Considerou que o melhor era chamar alguém para examiná-la, pois se a filha estivesse com uma doença grave ela não se perdoaria por não ter sido mais cautelosa. Aquela tristeza e palidez preocupavam Anastasia.

— Querida, precisa se esforçar para comer. Está tão pálida. Vamos, coma um pouco — Anastasia insistia na hora do café.

— Ah, mamãe, não consigo, estou sem apetite... — disse retorcendo o rosto.

— Temo que esteja doente, que seja algo sério. Preciso que se esforce para ficar saudável. E que se esforce para sorrir, para voltar a ser alegre, cheia de vida como era — disse alisando os cabelos de Sophie, que logo ficou com os olhos cheios de lágrimas. — Sophie, por que está triste? Sua doença tem razões do coração? Vamos, diga alguma coisa.

— Estou triste com tudo — respondeu apenas.

— Como, triste com tudo? Precisa me contar para eu ajudá-la.

— Ninguém pode me ajudar, mamãe — respondeu enquanto as lágrimas caíam pesadas.

— Está sofrendo de decepção? Se for isso, me conte, ficarei menos preocupada, pensando que pode estar enferma. Sophie, é algo sobre o senhor Johan?

— Por que está perguntando isso? — Seus olhos arregalaram-se espantados e Anastasia percebeu que seu palpite era acertado e que devia insistir um pouco mais nisso.

— Estou perguntando porque não sou boba, vi que a notícia da partida do senhor Johan a deixou abalada. Não me esconda mais. O senhor Johan lhe deu esperanças? Ele fez promessas e depois partiu seu coração? — perguntava enquanto Sophie chorava ainda mais, sem conseguir conter o desespero de ter guardado aquilo por tanto tempo.

— Pare mamãe. Não me pergunte mais nada — pediu com os olhos voltados para o chão enquanto mais lágrimas vertiam de seus olhos vermelhos.

— Oh! Deus, tire da minha cabeça esses pensamentos — Anastasia condenou a si mesma por estar prevendo que o pior poderia ter acontecido. — Diga-me, Sophie, que nada aconteceu entre vocês! Diga!

— Pare mamãe...

— Sophie, diga-me ou não terei mais certeza de que nada aconteceu entre vocês. Diga... — pedia desesperada. Em resposta Sophie apenas tornou a abaixar a cabeça completamente envergonhada. — Não, não pode ser. Desonrada? Sophie? Diga-me que estou errada, diga-me — pedia chorosa.

— Oh, mamãe — Sophie gemeu abraçando a cintura da mãe e, deitando-se em seu colo, chorou doloridas lágrimas. Anastasia expandiu os olhos em surpresa e desgosto enquanto seu coração doía profundamente.

Sophie negou-se a verbalizar a sua desonra, mas para Anastasia bastava aquele olhar arrependido, a expressão de vergonha e a ausência de qualquer frase para tentar se defender da acusação. Anastasia narrou o seu desespero para o esposo, que ficou aterrado com aquela notícia. Do segundo pavimento da casa as filhas puderam ouvir o pai gritar e quebrar alguns objetos em sua saleta particular. Entre bramidos e impropérios que ele disparava, a maior parte deles eram voltados para a esposa. Ele a culpou e a acusou de ser uma péssima mãe e de ter dado uma má-educação para as filhas. Acusou-a pela teimosia de Joana, pela vergonha que Sophie o fazia passar, e dizia que as outras filhas mais novas seguiriam no mesmo caminho, devido ao desregramento de Anastasia. Quis subir ao aposento de Sophie e bater na filha, mas Anastasia colocou-se à sua frente e disse que o estado de saúde dela era frágil e implorou que ele se acalmasse. Ao mesmo tempo que disse isso, Anastasia corou fortemente e seus olhos petrificaram, pois lhe ocorreu o pensamento de que a filha pudesse ter engravidado. Frederico pareceu entender a preocupação assim que a esposa falou sobre o abatimento de Sophie. Ele saiu de casa aturdido e durante o resto daquele dia ninguém mais o viu.

Com as mãos debruçadas sobre a mesa da sua sala de estudos, Phillip ainda meditava sobre o acontecimento daquela tarde. Levantou-se e andou pelo lugar pensando em como seria a reação de Joana quando soubesse daquilo, e qual seria a reação de Patric e Alexandre. Não se achava um homem cruel tirando do amigo a mulher amada, não sentia prazer em saber que Alexandre sofreria, só não se importava o suficiente para desistir ele próprio daquilo que desejava.

Frederico Hour foi firme em suas palavras. Naquela tarde pediu uma audiência particular com Phillip e foi direto:

— Senhor Phillip, eu e minha esposa estimamos muito a vossa amizade. Penso que não estou sendo imprudente em lhe fazer essa proposta, que não foi algo impensado, mas sim estudado com muita cautela. Pensamos que o senhor admira muito a minha filha, Joana, e gostaria que se unisse a ela e também à minha família.

Primeiro Phillip fitou Frederico com os olhos expandidos, pensou breves segundos antes de responder, admirado pela coragem com que ele

falava, como se aquilo fosse a coisa mais certa a se fazer e nada mais houvesse de questões para ambos lidarem.

— Bem, senhor Hour — disse após respirar um pouco mais forte e puxar o ar para dentro de seus pulmões —, o senhor está certo quando diz que admiro muito a senhorita Joana, impossível seria dizer o contrário...

— Sabemos que as maneiras de Joana são impetuosas, mas acredito que um casamento a beneficie em todas as questões. Joana aprenderá a ser mais comedida e logo terá uma família para cuidar. Eu tenho quatro filhas moças, senhor Phillip, e Joana é a mais velha de todas e precisa se casar logo. O dote de minhas filhas não é algo extraordinário, com certeza é quase nada para o senhor, mas ofereço também parte da minha terra, que é tudo o que tenho.

— Senhor, mesmo as afetações de maneiras da senhorita Joana, tão vívidas e singulares, me fazem admirá-la. Eu poderia desposá-la, mas receio que sua filha não irá me aceitar. Para ser sincero, foi apenas esse receio que me impediu de não ter apresentado minha proposta antes...

— Joana não está em posição de aceitar nada. Ela irá se casar, queira ou não — disse Frederico irritado, mas satisfeito por saber que Phillip já planejava o mesmo.

— Talvez ela diga que prefere ir para um convento — Phillip cogitou.

— Essa não é uma opção, Joana irá se casar. Se o senhor estiver de acordo podemos marcar o jantar de noivado para amanhã à noite, e o casamento para daqui a um mês — disse estudando as feições de Phillip, que se surpreendeu com o pouco tempo de noivado sugerido por Frederico.

— Um mês?

— O senhor sabe que noivados prolongados não são adequados.

— Assim como os muito curtos — replicou Phillip.

— O senhor já frequenta a nossa casa há alguns meses. Muitos já o consideram noivo de Joana. A família Loen é um exemplo, a própria Madame Catherine já questionou Anastasia algumas vezes sobre o casamento. Ninguém considerará inadequado.

Phillip ergueu-se e foi até a janela, onde passou alguns minutos olhando para fora e depois mais alguns minutos olhando para baixo, compenetrado.

— Duas semanas é o suficiente — disse enfim, concordando.

— É ainda mais razoável — Frederico concordou.

Se Frederico Hour saiu de casa irritado, foi muito diferente o humor com que voltou. Todos já estavam dormindo, com exceção de Anastasia, que aguardava o esposo retornar, muito nervosa com a demora.

Quando finalmente retornou, ele apenas entrou no aposento em que Anastasia estava e disse: “*Prepare dois vestidos de noiva para o final deste mês.*” Anastasia ficou em choque, e só conseguiu entender tudo depois que o esposo explicou pelo menos umas três vezes onde esteve naquela tarde e como conseguiu em apenas um dia, dois noivos para as suas duas filhas mais velhas.

Na manhã seguinte Anastasia organizava os preparativos para o jantar de noivado entre Joana e Phillip. Joana estava em seu aposento, alheia a tudo aquilo que estavam planejando. No entanto, Anastasia considerou que o melhor seria ter uma conversa com a filha e informar a decisão do pai, assim ela não agiria com surpresa quando Phillip viesse para o jantar naquela noite. Chamou a filha à sala para conversarem a sós e fez aquele comunicado com um sorriso nos lábios enquanto seus olhos exprimiam a mais pura alegria.

— O quê? Eu não vou me casar com senhor Phillip! — Joana estremeceu ao gritar tal declaração.

— Sim, você irá. Sua teimosia já ultrapassou tudo o que podíamos suportar. A única coisa boa em ter dispensado todos os pretendentes anteriores, é que agora tem um muito superior a todos que já lhe fizeram uma proposta.

— Isso é ridículo — Joana franziu a testa e levantou-se do sofá num rompante. — Desistam disso tudo logo — pediu nervosa.

— Você é quem deve desistir — disse Frederico entrando na sala. O seu tom de voz era áspero e ele estava muito irritado. — Se casará com o senhor Phillip dentro de duas semanas. E jamais... ouça bem, jamais pense em fazer algo para impedir isso. Eu a ponho para a rua — gritou mais do que um dia já havia gritado.

Joana assustou-se com a forma intempestiva com que falara o pai e se encolheu. Ela queria gritar e dizer que ele estava errado, fazê-lo entender que estavam cometendo uma grande injustiça com ela e com seus sentimentos, mas procurou manter a calma para saber lidar melhor com a situação.

— Papai, eu não posso me casar com o senhor Phillip, não posso! Eu não o amo.

— Isso é o que menos importa. Há tempos a sua oportunidade de casar-se por sua própria escolha não é mais algo em questão.

— Nunca foi! Nunca!

— Quantos pretendentes recusou? Diga-me, pois eu já perdi as contas. Nenhum deles era adequado aos seus olhos! Se você não escolhe, eu escolho por você. Escolhi Phillip e ele aceitou de muito bom grado.

— A escolha deve ser minha! Não pode ser tão injusto comigo. Não aceito, não quero me casar com o senhor Phillip — expressou-se com seu olhar desafiador.

— Irá se casar! — gritou fazendo sua voz reverberar por todos os cômodos. Frederico suava e seu corpo tremia devido ao nervosismo. Sophie, Amália e Rebecca desceram as escadas para ver o que estava acontecendo. — Irá se casar porque eu estou ordenando que se case! — E ao ver as outras filhas assustadas virou-se para Sophie com um olhar intimidador. — E você também se casará no fim deste mês, mas enquanto isso evite me dirigir a palavra ou me olhar. Sinto vergonha de ter uma filha desonrada!

Ao ouvir o pai dizer tais palavras em tão alto tom, Sophie caiu em um choro atormentado, sendo amparada pelos braços de Amália, completamente aturdida com aquelas palavras que seu pai dissera. No momento, sem forças para questionar qualquer coisa, Sophie desmaiou.

Joana e Rebecca ajudaram a conduzir Sophie para o sofá da sala, enquanto Anastasia chorava ao lado do marido pedindo que ele tivesse mais calma, mas ele continuava acusando-a por toda a desgraça da filha.

— Dentro de duas semanas as duas estarão casadas! — Frederico disse antes de se retirar da sala e trancar-se em sua saleta com uma forte batida de porta.

Joana não pensou em mais nada. Correu para o estábulo onde ficavam os cavalos de sua família e, escolhendo o seu velho companheiro branco, galopou para a propriedade Motier.

Patric estava na sala da lareira quando viu o cavalo branco se aproximar dos portões da propriedade Motier. René abriu a passagem e a encaminhou até as escadarias onde os criados a receberam e a conduziram até

Patric. Bastou olhá-la para ele perceber que Joana estava muito aflita.

— Está tudo bem, senhorita?

— Não, estou péssima para falar a verdade. Senhor, Patric, não sabe por que estou assim?

— Não. Por quê? — indagou confuso, indicando que ela o acompanhasse e se sentasse ao seu lado no sofá.

— Haverá um jantar em minha casa esta noite. Sabe o que vamos comemorar? — inquiriu com os olhos cheios de lágrimas. — O noivado do seu irmão, Phillip, comigo! — Patric teria caído se não estivesse sentado, tão grande o susto que levou.

— Não pode ser verdade... Como? Isso é... Eu não acredito que Phillip... — O rosto de Patric ganhou um tom vermelho e ele atrapalhava-se para pronunciar uma frase inteira que fizesse sentido.

— Tudo bem, não precisa se revoltar contra o seu irmão. Apenas o chame para que eu diga olhando nos olhos dele que desfaça a proposta e desista dessa ideia medíocre.

— Pode dizer agora, senhorita. — A voz de Phillip sobreveio atrás de si. Joana ergueu-se do sofá e o encarou enraivecida, mas hesitou alguns segundos a sua fala.

— Sim... Senhor Phillip. Quero que desfaça essa proposta de casamento. Eu não posso me casar com o senhor.

— E por que não? — inquiriu sem mostrar nenhuma afetação, enquanto Joana agitava-se para fazê-lo entender seus motivos.

— Primeiro, eu não o amo. Segundo, meu pai não consultou meus sentimentos, nem o senhor...

— E terceiro, a senhorita está esperando Alexandre voltar — Phillip concluiu a fala por ela, muito tranquilamente, apenas os seus olhos mostravam-se um pouco inquietos.

— Sabe sobre os meus sentimentos? Sabe e mesmo assim aceitou se casar, mesmo sabendo que amo Alexandre, que sou indiferente ao senhor e que isso magoaria a todos nós? O senhor é amigo de Alexandre, não é? O senhor não tem caráter? O senhor não tem honradez?

— Não tente me ofender, senhorita Joana — Phillip pediu com a voz mansa, mas muito segura, aproximando-se mais dela. — Eu não posso fazer com que as coisas sejam diferentes do que elas realmente são. Seu pai jamais permitiria seu casamento com Alexandre. Esse era um relacionamento

destinado ao insucesso desde o início. Alexandre mentiu para ganhar sua confiança e mesmo que tenha ganhado novamente a sua estima, o mesmo não aconteceu com os seus pais.

— Não aconteceu porque fomos enredados por mentiras de outras pessoas. Minha própria irmã mentiu sobre Alexandre, ampliando a sua culpa, tornando tudo mais difícil... Mas ouça, senhor Phillip, eu não posso e não vou me casar com o senhor. Não pode achar que se tornou uma opção por causa da rejeição que meus pais têm de Alexandre.

— Phillip — Patric chamou o irmão com uma expressão muito aturdida. Os olhos azuis exprimiam muito mais do que suas palavras, censuraram e acusavam Phillip sem que nada precisasse ser dito. — Recobre o seu bom senso. Não pode se casar contra a vontade da senhorita Joana.

— Patric, por favor fique afastado disso. O bom senso nunca me deixou e sempre esteve presente em minhas decisões. — E dando mais um passo à frente Phillip chegou muito perto de Joana. — Senhorita, eu posso lhe oferecer muito mais do que imagina. Sei que julga que os sentimentos são muito importantes e que devem ser levados em conta em uma decisão como essa, mas teremos muito tempo, sei que as afeições surgirão e que poderá ofertar a mim ao menos um pouco do que hoje já sinto pela senhorita.

— Eu não vou trocar o amor que já sinto por Alexandre por uma conjectura de um sentimento que não existe e, com meu coração já preenchido, jamais existirá. Quanto ao senhor, não deveria achar que os sentimentos podem ser criados apenas pelo querer e pelo tempo, não se esforce para amar quando isso não lhe é natural.

— Acha mesmo que eu precisaria me esforçar para amá-la? — disse Phillip segurando as mãos de Joana e olhando-a com intensidade.

— Acho apenas que o senhor não deve ir esta noite à minha casa — respondeu desvencilhando-se das mãos dele.

— Deixe-nos a sós, Patric — Phillip pediu olhando para o irmão, que recebeu alguns instantes antes de concordar. Patric saiu da sala contrariado, em passos largos. Depois que estavam a sós, Phillip voltou a fitar os olhos inconformados de Joana. — Senhorita, não seja tão rígida quanto aos meus sentimentos, nem tão segura quanto aos seus. Qual a promessa de felicidade que lhe aguarda, sendo os seus pais contra a sua união com Alexandre? Seu pai está decidido que se case. Ele me fez a proposta e aceitei, pois, sei que nada me faria mais feliz. A senhorita despertou em mim algo que eu jamais

havia experimentado antes. O que sinto pela senhorita ultrapassa o querer... Não me culpe por querê-la como jamais quis outra mulher.

— Sou muito segura em relação aos meus sentimentos, senhor Phillip. Sugerir o contrário me ofende. Sinto muito, mas não é correspondido quanto ao que diz sentir... Não irá retirar a sua proposta? — inquiriu desafiadora.

— Eu... — Phillip abaixou seus olhos por um breve momento antes de responder e quando tornou a erguê-los na direção de Joana, estava novamente seguro de si. — Eu não posso. Perdoe-me, mas não posso retirar a proposta. Eu fiz um acordo com seu pai... dei minha palavra. E senhorita, eu apenas consigo pensar nisso, em tê-la como esposa... Irei ao jantar em sua casa essa noite na esperança que esteja mais resignada e que me aceite de coração aberto.

— Sabe que não tenho o coração aberto para o senhor. Meu coração está completamente fechado, e Alexandre levou as chaves com ele quando partiu — respondeu com os olhos marejados, os lábios apertavam-se em um nervosismo incontido. Phillip apenas respirou fundo, expulsando o ar de seus pulmões com força. Experimentava pela primeira vez uma rejeição, e aquilo o afetou.

Patric viu Joana sair da sala da lareira como um vulto e descer as escadarias para o jardim. Pela expressão do rosto dela, ele percebeu que a conversa não havia trazido qualquer sensatez a Phillip, e que ele ainda permanecia firme em sua decisão. Entrou na sala novamente e encarou Phillip descrente e muito insatisfeito com a postura do irmão.

— Phillip...

— Se veio dizer que não posso casar com a senhorita Joana, poupe seu discurso, já disse isso. A minha palavra é uma só e eu já a dei ao senhor Hour.

— Pense nos sentimentos da senhorita Joana, ela não o ama e não poderá fazê-lo feliz. Pense em Alexandre.

— Alexandre precisará compreender que o que fez teve consequências. E não sou eu quem o culpo. Ele perdeu a estima dos pais de Joana para sempre. Se eu não for o esposo de Joana, outro será, mas nunca Alexandre.

— Não pode dizer isso com tanta certeza. Os pais da senhorita Joana não podem ser tão inflexíveis. Eles podem perdoá-lo, mas não o farão quando sabem que há um pretendente que é muito mais rico.

— Quanto a isso não posso fazer nada. As coisas são como são. Esta noite está convidado para o jantar do meu noivado com a senhorita Joana, Patric. E se tiver ao menos um pouco de coragem, ocupe sua mente com assuntos do seu maior interesse, e tente assumir que está interessado na filha mais nova do senhor Hour. Tenho certeza de que nada os deixaria mais felizes.

— Pelo amor de Deus! — exclamou Patric ao constatar a objetividade do irmão. — Transformou-se em um romântico agora? Um péssimo romântico! O que sinto pela senhorita Rebecca vai muito além de um interesse. Quero mostrar isso a ela antes de satisfazer meu próprio egoísmo. Quero ter certeza sobre o que ela sente. Jamais poderia ser feliz se visse que em seus olhos pairam alguma dúvida em relação a mim. Os verdadeiros sentimentos exigem cautela. Paixão e desejo não são amor, Phillip! Você pensa que pode amar Joana, mas não pode! E eu não irei a este jantar hoje. Não espere por mim — disse antes de dar as costas para Phillip e encontrar Caroline junto da porta, com os olhos marejados. Ela assustou-se assim que foi surpreendida e subiu as escadas correndo rumo ao seu aposento.

Capítulo 41 — As loucuras em nome do amor

Deitada em sua cama, Caroline chorava amargamente após ter ouvido Phillip dizer ao irmão que se casaria com Joana. Ela a tinha visto entrar na propriedade Motier e, curiosa, foi até a sala para tentar ouvir alguma coisa. Porém tão logo chegou às escadarias viu Joana partindo como um vulto. Aproximou-se da sala da lareira e ouviu as vozes de Patric e Phillip.

“Se eu não for o esposo de Joana, outro será, mas nunca Alexandre.”

“Esta noite está convidado para o jantar do meu noivado com a senhorita Joana, Patric.”

As palavras de Phillip ardiam em seu coração. Recostou-se na parede ao lado da porta de acesso à sala e suspirou fundo. De olhos fechados ela dizia para si mesma que não tinha ouvido bem, que tudo era um terrível engano. Algumas lágrimas começaram a cair lentamente de seus olhos.

Quando ela os abriu encontrou Patric retirando-se da sala. Ele olhou-a confuso antes de vê-la subir as escadas entregue ao choro.

Em seu aposento Caroline lamentou-se por mais de uma hora, recriminando a si mesma por doar tanto amor a Phillip, sem que ele fosse merecedor. Depois ergueu-se e finalmente decidiu enxugar as lágrimas e não sofrer mais. Precisava resgatar um pouco de amor próprio e, acima de tudo, confrontar Phillip e o fazer desistir de casar-se com Joana. Mesmo que Phillip jamais a amasse, que jamais a quisesse, precisava fazer isso por Alexandre, que sequer imaginava que tal situação acontecia em sua ausência.

— Oh, Joana, sinto tanto por essa decisão que papai tomou sem levar em conta os seus sentimentos — Rebecca buscava consolar a irmã assim que Joana retornou da propriedade Motier. Apenas Rebecca sabia onde Joana havia ido naquela manhã e estava a par da conversa de Joana com Phillip.

— Phillip conseguiu ganhar meu mais completo desprezo! Se antes eu poderia o considerar um amigo, agora o detesto. Suas atitudes são tão egoístas... — Seu humor não era choroso, mas sim revoltado.

— Joana, não pode mais proteger Sophie, precisa proteger a si mesma agora. Diga para papai e mamãe tudo o que aconteceu. Já adiamos demais a verdade.

— Estou muito aflita por causa de Sophie também. Tudo o que ela fez foi horrível, mas ainda é nossa irmã... Papai deu as costas a ela, repelindo-a completamente. E esse noivo, que nem sabemos quem é! Afinal, papai disse que Sophie se casará no fim deste mês.

— Eu não sei quem ele é, mas Sophie está mesmo desesperada.

— Então como posso fazer isso sem que ela sofra mais?

— Não há outra alternativa. Precisa contar. É sua única oportunidade de fazê-los enxergar que Alexandre a ama. Grite, Joana! Grite que ama Alexandre, antes que seja tarde demais.

Joana refletiu alguns segundos e, assentindo, foi procurar a mãe.

Encontrou-a prestes a sair. Anastasia estava indo à procura de um médico para examinar Sophie e confirmar sua terrível suspeita. Ela ainda custava a acreditar em tal enorme desgraça. Joana chamou pela mãe e juntas foram até a sala e sentaram-se uma de frente para a outra.

— Mamãe...

— Onde esteve, Joana? — Anastasia a interrompeu antes que ela

começasse a falar. — Sumiu por quase uma hora nesta manhã.

— Fui falar com o senhor Phillip. Pedi que desistisse dessa loucura. Disse que não o quero como esposo — anunciou enquanto os olhos de Anastasia ganhavam um tom violento de inconformismo.

— Não acredito que tenha tido a coragem de fazer tal loucura! Que o seu pai não saiba que fez isso, ou não poderei controlá-lo.

— Tenho algo importante para falar. Como papai não está, falarei com você, mamãe; mas peço que transmita a meu pai o que lhe direi.

— Oh! Deus! O que pode ser? — disse para si mesma. — Veio dizer-me que preferiria se tornar freira?

— Não! Vim contar a verdade sobre o baile de máscaras na propriedade Motier. A verdade sobre Alexandre. E como toda essa história tem o envolvimento de Sophie, gostaria que ela estivesse presente nesta conversa.

Anastasia concordou estranhando que aquele assunto voltasse à tona. Juntas foram ao aposento onde Sophie descansava. Joana sentiu pena ao ver a irmã tão combalida, deitada na cama com o rosto tão branco quanto o lençol que a cobria. Anastasia e Joana sentaram-se na cama de Amália, que não estava ali naquele momento. Sophie apenas ergueu os olhos na direção das duas quando as viu entrar.

— Sophie — Joana começou a falar calmamente —, chegou o momento de contar toda a verdade para mamãe — pediu. Anastasia franziu o rosto sem nada entender, enquanto Sophie não mexeu um músculo do rosto, apenas seus olhos ficaram marejados.

— Diga — Sophie enfim expressou-se, com a voz fraca e indiferente. — Mate-me de uma vez.

— Isso nada tem a ver com morte. Não irá morrer se confessar o que fez. Ao contrário, penso que poderá ter alguma paz em sua vida.

— Do que estão falando? — inquiriu Anastasia já sem paciência.

Toda a narração durou cerca de uma hora, em que Joana contou tudo para Anastasia, sem ser interrompida. A cada frase que ouvia, os olhos de Anastasia expandiam-se em desgosto e surpresa, e os de Sophie curvavam-se para baixo, exprimindo um brilho melancólico e envergonhado, mas também carregado de um sentimento malfazejo, que Joana pareceu não perceber. Joana decidira ocultar de sua narração apenas o encontro com Alexandre no bosque, quando se conheceram, e o beijo que deram mais tarde. Ao falar dos

seus próprios sentimentos, disse apenas que se afeioou a Alexandre e que o aceitara como esposo de coração aberto quando o pai pediu que ela o fizesse. Anastasia custou a acreditar quando Joana contou sobre o broche, a forma como ele foi ocultado por Sophie e como isso foi fundamental para Alexandre confundir-se. Mas, no fim, quando Joana terminou de contar tudo, não gostou do que ouviu de sua mãe:

— Tudo isso é terrível, mas no final tudo se encaminhou para melhores resultados. Não fosse a interferência de Sophie, quem sabe hoje estaria casada com aquele sujeito. Não digo que ela agiu certo, oh não... Agiu muito mal, Sophie — disse olhando para a filha, que já tinha lágrimas rolando livres pelo rosto. — Mas se *ele* tivesse sido honesto desde o começo, poderíamos ter nos afeioado a *ele* e quem sabe seu pai teria permitido o casamento...

— É isso que tem a dizer? — Joana inquiriu incrédula. — Devemos então agradecer a Sophie por ter agido tão levemente?

— Sophie foi muito inconsequente, e hoje está pagando por tudo isso. Agiu como uma menina boba, cega por uma paixão... Mas, Joana, minha filha... Desde que soubemos que Phillip viria assumir a propriedade Motier, quisemos que ele a conhecesse, mas sabíamos que seriam muitas as famílias e moças com o mesmo desejo, portanto isso seria um sonho distante. Não teríamos nos negado a conhecer o jovem Alexandre e ver nele um possível pretendente se ele tivesse se mostrado sincero desde o começo. Mas ele preferiu mentir, e hoje tudo é diferente, Phillip gosta de você. E está tudo acertado. Não há nada que queiramos mudar nessa história.

— Eu não irei me casar com Phillip. Eu amo Alexandre!

— Ama o senhor Alexandre? Como pode dizer isso do homem que enganou sua família? Seu envolvimento com ele está fora de questão. Irei sim, conversar com seu pai e narrar a ele todo o acontecido. Isso servirá para que seu pai o deteste menos, mas ainda o detestará! Não sabemos nada sobre esse senhor Alexandre; apenas muito pouco sobre suas condições financeiras, que não são baixas, mas não se equiparam a Phillip.

— Pouco me importa que o detestem. Eu o amo e o perdooi por suas falhas. Entendi cada uma delas e sei que tudo foi por me amar, depois por medo... Jamais por falta de caráter! Alexandre é um bom homem, é por ele que meu coração bate. Não irei desistir de minha felicidade, mesmo que isso os decepcione. Estou muito infeliz, mamãe... Muito infeliz com essa ideia de

me tornar esposa de Phillip.

— Seu pai estava falando sério quando disse que seu casamento com Phillip é uma ordem. Ele está cansado da sua teimosia, Joana. Nesta noite, quando Phillip vier a esta casa, você será a sua noiva, mesmo que se recuse a sair de seu aposento. Seu pai dará a benção para o casamento mesmo com a sua ausência, mas seria muito prudente que não se recuse a comparecer. Não quero que o seu pai fique nervoso e cometa a loucura de tentar arrancá-la do seu aposento à força.

Anastasia disse essas palavras e caminhou até a porta para se retirar, mas a voz sussurrante de Sophie a fez voltar.

— Mamãe, é verdade sobre esse noivo que papai diz ter arranjado para mim? — perguntou com os olhos sofridos. No fundo do seu coração, uma esperança de que seu pai e Phillip tivessem conseguido fazer com que Johan retornasse, palpitou em seu peito.

— Sim, é verdade — Anastasia disse condoída.

— E quem é esse noivo? — questionou ela. Anastasia demorou alguns segundos antes de responder. Seus olhos exprimiam sua preocupação com a filha e com o seu futuro. Sophie sempre fora a sua preferida. Anastasia a salvaria de toda a dor se pudesse, mas não havia nada a fazer para mudar os fatos.

— Vai saber no jantar do seu noivado, ou quando seu pai autorizar-me contar. Por enquanto ainda não temos certeza.

Phillip preparava-se para sair para o jantar do seu noivado quando a porta do seu aposento se escancarou e uma Caroline muito irritada surgiu, perscrutando seus olhos com muita raiva.

— Como pôde ter coragem de fazer isso comigo?

— O que eu lhe fiz, Caroline?

— O que fez? O que *fizemos* juntos todos esses meses... Você me enganou, Phillip. Usou-me!?

— Acalme-se, Caroline. Eu não a usei, não diga isso! Eu a considero uma dama. Eu a respeito — apressou-se em ir até ela e fechar a porta atrás de si. A expressão agitada de Caroline o deixou apreensivo.

— Respeita? Como pode dizer que me respeita quando esta noite irá noivar com outra? Phillip, sabe que eu o amo há muito tempo. Sabe que me esqueci até mesmo do meu amor próprio apenas para amá-lo.

— Eu jamais lhe prometi nada, Caroline. Eu jamais a enganei porque nunca disse que a amava. Não seja leviana consigo mesma. Sabe que nunca lhe dei esperanças. Sabe que eu a mantive longe de mim o quanto pude. Eu poderia tê-la desonrado há muito tempo, quando a senhorita mal tinha se tornado uma mulher. Quantas vezes tentou seduzir-me? Quantas vezes eu a tirei do meu aposento, em Paris, para que ninguém a visse e pensasse mal da senhorita? Eu tentei preservar a sua reputação, mas você queria desmanchá-la em meus braços.

— Por amor! Por amor, Phillip! — Sua voz reverberou pelo ambiente.

— Não se comete loucuras em nome do amor, Caroline, principalmente os não correspondidos!

— Hipócrita! Não é correspondido por Joana e mesmo assim irá noivar e casar-se com ela! Joana ama meu irmão. Joana ama Alexandre. Tenho certeza que ela o despreza! Dá conselhos a mim, mas não os segue, não os considera adequados para si?

— Acalme-se — pediu pousando suas mãos sobre as dela. — Eu estou ciente dos meus atos. Sempre fui ciente de todos eles! Eu não fui negligente com sua pureza. Olhe para mim, Caroline, eu a procurei agora pois sei que hoje é uma mulher, e eu sou um homem solteiro! Não quero que se ofenda, mas sei que já não era mais virtuosa quando veio para cá. Eu jamais teria tocado em você se soubesse que era casta.

— Então não pode me amar porque me entreguei antes a outro homem? Meu coração jamais foi de outro. Sempre foi seu! Eu o amo com todo meu coração, Phillip!

— Caroline, eu não irei falar sobre amor, pois nada sei sobre ele. Não é por teimosia, orgulho ou por afronta a Alexandre que me casarei. Casarei com Joana pois penso que meu coração a escolheu.

— Seu coração? Fala agora como um poeta? Como um romântico? Sim, você não sabe nada sobre o amor, mas eu posso lhe dizer o que ele faz com você: primeiro ele o prende, depois o sufoca, e às vezes ele o mata! — gritou.

Dito isso ela saiu em passos rápidos do aposento de Phillip. No corredor encontrou Patric, prestes a descer as escadas.

— Patric, quando será esse casamento? — inquiriu com os olhos ainda fervidos em raiva.

— Será dentro de duas semanas — revelou o que ouvira Phillip dizer.

Os olhos de Caroline surpreenderam-se com a rapidez da data, mesmo que fosse comum os noivados curtos.

— Acredita que dentro desse tempo Alexandre já estará de volta?

— Alexandre disse-me que tentaria retornar em três semanas, então possivelmente chegará poucos dias antes. Mas não sabemos se conseguirá voltar no tempo que planejou. Ele já partiu há treze dias e o único jeito de estar aqui antes desse casamento é voltando logo de Paris. Ou, *que Deus queira*, se ele já estiver em viagem.

— Mas se ele ficar uma semana a mais em Paris e retornar em seguida, chegará aqui tarde demais.

— Lamento que sim.

— Escreva uma carta para Alexandre, Patric! — pediu. — Escreva hoje mesmo e peça que ele venha imediatamente. Se tivermos sorte a carta poderá chegar lá antes do casamento, e Alexandre terá tempo de voltar.

— Isso é impossível. Se Alexandre retornar no tempo que disse que voltaria, ou se já estiver em viagem, a carta chegará lá e ele já terá partido. Precisamos contar com isso. Mas se ele se decidir ficar lá mais uma semana, a carta chegará tarde demais para que dê tempo de retornar antes do casamento; nesse caso a carta chegará apenas para deixá-lo destruído com as notícias.

— Então eu não sei o que fazer. Estou desesperada! — afirmou com os olhos marejados.

— Alexandre pediu que voltasse para Paris tão logo ficasse boa. Pensa em partir? — Patric perguntou a fim de saber um pouco mais sobre os planos de Caroline.

— Partirei um dia após esse casamento, se não pudermos evitar que ele aconteça. Rezo para que meu irmão já esteja a caminho.

Capítulo 42 — O Noivado

Nos três dias que se seguiram à chegada de Delphine e Louise a Paris, Alexandre lhes fez companhia, dedicando a elas toda a sua hospitalidade. Passou as manhãs com a tia no jardim de sua propriedade ouvindo-a rememorar sua infância, perdida nas recordações sobre a amizade que tinha com a irmã, mãe de Alexandre. Eram reminiscências de um passado longínquo, mas que ainda viviam nos pensamentos de Delphine. Quase se podia ver um sorriso faceiro de criança brotar em seus lábios, quando contava as peripécias dos tempos em que ainda eram meninas, no interior da Inglaterra. Foi olhando aquele rosto longo, mas ainda conservado, que Alexandre viu como o tempo havia passado. A última vez que tinha visto a tia, ele ainda era um menino, e sua prima Louise não devia ter mais de cinco anos de idade. Delphine era muito parecida com sua mãe, e isso o fez imaginar como seria a sua aparência se ainda estivesse viva. Seria com certeza parecida com a tia; o sorriso de ambas era idêntico.

O tempo havia trazido a ela muito mais do que algumas rugas no canto dos olhos; Alexandre percebeu que Delphine tinha a voz cansada e que sua saúde já não era mais a mesma.

Com alguma insistência da parte das hóspedes, Alexandre passeou com elas pelas ruas da cidade, porém estava quase sempre presente apenas fisicamente. Todo o seu pensamento estava em seu desassossego em querer voltar logo para a vila onde Joana morava e, de uma vez por todas, resolver suas questões com Anastasia e o senhor Hour.

Não queria demonstrar a sua ansiedade em ver a tia partir, mas foi impossível que ela não percebesse a sua inquietude.

— Então ficou quase cinco meses na propriedade do senhor Phillip Motier? Conte-nos como é o lugar... — Delphine perguntou enquanto caminhavam. Louise seguia fascinada com cada loja que via e com as diferenças entre a moda francesa e a inglesa

— A propriedade é ótima, e todo o vilarejo e as pessoas que lá vivem também. A paisagem é surpreendente. E há um bosque de faias que é a própria contemplação do que podemos chamar de fantástico — recordou-se de Joana entre aquelas árvores e suspirou quando o sorriso dela presenteou sua memória.

— Oh, por isso adoro o interior! — expressiu-se Delphine, fazendo uma breve parada para retomar o fôlego. Aquela simples caminhada parecia a cansar mais do que deveria.

— Espero que estejam gostando de Paris — sondou Alexandre, olhando para a tia e oferecendo a ela o seu braço, para que ela pudesse se apoiar. — E que seja ao menos um pouco do que Louise idealizou — voltou seus olhos para a prima.

— Estou apreciando muito esta viagem. Desde que saímos da Inglaterra vimos paisagens tão belas. Mar, colinas, prados... E Paris é linda! — Louise disse sorrindo, com a sua voz doce e seu jeito reservado.

— Na próxima semana quero levá-la a alguns parques belíssimos que sei que existem aqui — Delphine disse para a filha. — Será ótimo ter sua companhia, Alexandre — falou com a voz entrecortada, como se estivesse sem ar, o que fez Alexandre sugerir que voltassem para casa, para que ela pudesse descansar.

As intenções de Delphine foram confirmadas com aquelas palavras, e Alexandre soube que elas permaneceriam por mais uma semana em Paris. Aquilo o afetou, embora fosse completamente esperado que elas ficassem por mais tempo. Delphine e Louise haviam chegado há apenas três dias, de uma viagem que lhes tomou mais de dez dias. Estavam cansadas, a saúde da tia parecia ser frágil e certamente aquela seria uma visita prolongada. Alexandre considerou então que devia ser sincero, e dizer que não poderia ficar ao lado delas o tempo todo enquanto permanecessem em sua propriedade, mas que suas presenças o alegrava e que faria de tudo para que se sentissem acolhidas.

— Oh, mas que assuntos podem ser tão importantes que o levarão de nós em menos de uma semana?

— Questões do coração, titia — revelou ele. — Eu deixei meu

coração naquela Vila. E também preciso ir em duas propriedades resgatar aluguéis. Pretendo fazer isso no meu retorno. Porém Caroline deve estar vindo para Paris. Eu a instruí para que viesse assim que pudesse. Se ela se curou completamente da sua enfermidade, já deve estar a caminho. Poderá lhe fazer alguma companhia, se minha tia não se opuser, e poderão conversar. Espero que não guarde mágoas de Caroline. Tudo o que ela fez foi vergonhoso, mas desejo muito que consiga reerguer sua honra. Quero que Caroline se case, tenha filhos e viva com dignidade.

— Esse também é meu maior desejo. De Caroline guardo apenas a mágoa de ter nos deixado sem nos avisar. No mais, sinto que falhei com minha responsabilidade de zelar por sua reputação, e às vezes culpo-me por tudo o que houve, como se eu a houvesse negligenciado de alguma forma.

— Não se culpe, sei que não fez isso. Caroline é indomável. Sempre foi livre em suas escolhas e muito certa sobre seus atos, mesmo os mais inconsequentes. Conheço minha irmã.

Foi no meio desta conversa, enquanto tomavam o caminho de casa, que Alexandre enxergou Johan vindo na sua direção. Ele também os viu e acenou, indo até eles. Depois das apresentações, e de Johan ter beijado as mãos de Louise com tanto entusiasmo que a fez corar, Alexandre questionou sobre sua permanência na cidade.

— Decidi ficar mais algumas semanas. A viagem cansou-me, e só em pensar em enfrentar uma nova jornada até a Escócia já sinto dores nas costas — disse retorcendo o rosto em uma expressão dolorosa. — Notícias da propriedade Motier? — perguntou com um falso desdém, como se não se interessasse de fato. Johan queria perguntar se Caroline viria para Paris, ou se já estava a caminho, mas seu orgulho o impediu de fazer a pergunta.

— Não, por enquanto não. Todos sabem que minha permanência aqui será breve e, neste caso, não se faz necessário correspondências. Não imagino que novidades possam surgir em apenas três semanas — Alexandre objetou quando passaram em frente à casa da família de Phillip, e a qual o mesmo herdara.

Despediram-se formalmente e cada um seguiu o seu caminho. Alexandre voltou com a tia e a prima para casa, e Johan seguiu frustrado por não ter conseguido fazer a pergunta que queria ter feito.

— Oh, querido, dê-nos apenas mais uma semana — Delphine pedia insistentemente para que Alexandre não partisse na manhã seguinte, como ele

mencionara ser a sua intenção. — Viemos de tão longe para tê-lo por tão pouco tempo. E quem sabe quando tornaremos a nos ver...

Alexandre prometeu que iria pensar sobre o assunto naquela noite. Apenas uma semana a mais em companhia da tia não o atrasaria tanto, e ele poderia usar os dias seguintes para ir às suas propriedades alugadas e tornar para casa no mesmo dia, já que as duas casas ficavam em um povoado a menos de dez quilômetros de Paris, às margens do rio Sena.

As melhores louças, taças e talheres estavam dispostas na mesa de jantar da família Hour. Anastasia e Frederico estavam tão elegantes que suas vestes poderiam equiparar-se a uma usada em grandes recepções. Velas foram acesas nos castiçais e nos candelabros. As criadas andavam devagar arrumando os últimos detalhes, previamente instruídas pela matriarca da família.

No meio da tarde chegaram dois buquês de rosas brancas na casa dos Hour, enviados por Phillip, um para Joana e outro para Anastasia. As flores foram colocadas na sala e ajudaram na ornamentação do ambiente.

No aposento das filhas, sobre cada cama havia um vestido, cada qual de uma cor diferente, escolhidos a dedo por Anastasia, que havia dedicado o dia para preparar o jantar do noivado de Joana e Phillip. A sua euforia era tanta que acabou por não ir em busca de um médico para Sophie, o que jurou para si mesma que faria no dia seguinte, sem mais desculpas. Sabia que no fundo queria postergar aquele desgosto ao menos por mais um dia.

Joana já conhecia aquele ritual, já tinha participado de vários jantares contra a sua vontade, ao menos dos que não conseguiu evitar. Mas aquele tinha um gosto muito mais amargo para ela. Não era um jantar para apresentar um noivo, era o próprio jantar de noivado.

A cada hora daquele dia o seu coração se tornava mais inquieto, mais apertado. Uma dor no estômago era sentida com algum desconforto, revelando que o seu nervosismo já afetava mais do que apenas as suas emoções. O vestido de Joana era azul, avolumado, com muitas rendas e laços e com pequenas plumas que circulavam seu peito, ombros e costas. Ela sentiu vontade de rasgar aquele tecido ao meio assim que o viu. Foi até a janela e inspirou o ar com força, sem saber exatamente como agir naquela noite, tentando encontrar meios para conseguir evitar aquele noivado. A caleça de Phillip parou em frente à sua casa e em seguida a mãe irrompeu no meio do

amplo espaço do aposento que Joana e Rebecca dividam, arregalando os olhos por encontrar Joana ainda sem o vestido.

— Ainda não está pronta? Venha, venha — puxou a filha pelo braço e a retirou da janela, levando-a em frente ao espelho da penteadeira. Seus dedos agilmente desfizeram as fitas do vestido simples que Joana usava, tirando-o do seu corpo.

— Mamãe, acalme-se. Joana não está bem — Rebecca pediu à mãe que fosse mais gentil, ao menos com os sentimentos da filha.

— Ah, ela está ótima. Linda, corada — virou Joana para si e abraçou-a. — Veja meu coração, como bate. Oh, que noite mais especial essa! — disse após trazer as mãos de Joana para seu peito e exprimir a sua felicidade com um sorriso e mais abraços.

— Pois o meu, nem sei como ainda palpita. Meu coração está sangrando, mamãe. Devia ao menos tentar ocultar a sua felicidade, quando sabe que a minha está sendo completamente destruída — Joana afastou-se dela e Rebecca correu para abraçá-la.

— Que monstro de mãe pensa que sou? É claro que quero vê-las todas felizes. Hoje pensa que esse casamento é sua desgraça, mas no futuro verá que alegria melhor não existe. Ao lado de Phillip, que é o homem mais elegante e bonito que já vi, rodeada de riqueza, criados, vestidos, calças... Ser infeliz está longe de ser uma possibilidade. É isso que fazem as mães, elas levam os seus filhos para o caminho certo, mesmo quando eles consideram o contrário como correto. A paixão deixa muitas moças cegas para a realidade, trazendo o infortúnio para suas vidas. Quando veem, o amor que juravam sentir acabou, e então estão vivendo em um lar medíocre, passando necessidades. Não deixaria jamais algo assim acontecer com uma de vocês.

Joana ficou tão amortecida com aquelas palavras e com o pensamento insensível da mãe, que nem retrucou. Seus olhos quase morreram na inexpressividade. Anastasia trouxe o vestido azul, fez com que a filha o vestisse e depois ajustou os botões e fitas nas costas. Ela mesma puxou a cadeira da penteadeira para Joana sentar, penteou os fios ruivos com uma certa demora e colocou em seu pescoço um colar de prata. Depois beijou o topo da cabeça da filha e puxou com delicadeza os seus ombros para trás, corrigindo a postura caída.

Os olhos de Rebecca encheram-se de lágrimas ao ver a tristeza de

Joana. Anastasia deixou-as dizendo que esperava Joana na sala em alguns minutos. Rebecca tornou a abraçar Joana, os lábios apertavam-se nervosos.

— Irá descer?

Joana caminhou pensativa até a janela e fitou o horizonte escuro. O ar frio arrepiou sua pele, quando a brisa gélida tocou seus ombros. Ela passou as mãos sobre a pele exposta e sentiu o toque das plumas macias sobre suas mãos. Puxou com delicadeza uma delas e soprou. A pluma pequenina e branca girou no ar em várias direções, destacando-se na escuridão, rodopiando à escolha do vento.

— Hoje eu sou essa pluma, Rebecca.

Phillip não imaginava que um jantar como aquele podia deixá-lo tão nervoso, mas todo seu corpo reagia com uma inquietude fora do comum. No trajeto pegou-se imaginando o que Joana diria, se ela se recusaria a recebê-lo, se ela o insultaria. Em qualquer das hipóteses ele só conseguia imaginar que, no final de tudo, a teria para si.

Insegurança era um sentimento novo para ele. Rejeição, algo que jamais soubera o que era até o presente momento. Ele estava tão elegantemente trajado que conseguia estar ainda mais bonito. Sabia que qualquer moça se sentiria afetada por ele, mas por que só aquela que ele queria lhe era tão indiferente? Sentiu inveja de Alexandre, pelo sentimento que Joana ousou confessar a ele quase gritando naquela manhã. Ouvi-la dizer com tanto ardor que amava Alexandre foi algo mais desagradável do que imaginava. Mais do que inveja, naquele momento ele sentiu uma odiosidade nascer em seu peito, em relação àquele que já considerara seu amigo.

Se esses eram os sentimentos que o tomavam enquanto ainda estava em sua caleça, tudo aflorou-se em dobro assim que chegou à casa dos Hour e foi encaminhado até a sala de estar e convidado a sentar. Anastasia e Frederico eram somente elogios, sorrisos e bajulações; algo que ele nunca gostou que lhe fizessem, embora se sentisse envaidecido, também se sentia desconfortável.

Quando viu Joana descer as escadarias rumo à sala, ele sentiu pela primeira vez o que era o coração bater na garganta. Sorriu como se estivesse vendo o próprio sol descer aqueles degraus. Os cabelos ruivos brilhavam como um dia de verão e Phillip sentiu-se aquecido. Mas, ao contrário da sua

beleza acesa, tudo mais nela estava apagado. Joana não sorria e seus olhos eram como geleiras. As pequenas plumas brancas nos seus ombros e colo mexiam-se conforme ela andava, ou expelia o ar de sua boca. Phillip ergueu-se e Joana parou à sua frente, curvando-se em um gesto polido, elegante, mas completamente ensaiado, sem nenhuma vivacidade, sem nenhuma alegria.

Ele acompanhou o seu gesto e beijou sua mão, depois Joana sentou-se na poltrona ao lado e lá permaneceu emudecida, com o rosto sereno, que de tão quiescente parecia ser o de uma boneca de porcelana. Aquilo incomodou Phillip, por aquela indiferença cheia de polidez, e pela ausência de toda a sua vivacidade, que era o que ele mais admirava nela. Queria que ela sorrisse para ele, que sua alegria fosse por estar com ele, que seu rosto corasse quando ele a elogiasse. De repente sentiu muita raiva de si mesmo e respirou controlado por estar ali para ser tão ignorado por Joana.

Amália tocava algumas notas ao piano, seus olhos também eram tristes, assim como eram tristes os olhos de Rebecca e de Sophie, mesmo que os de Sophie já estivessem apagados há mais tempo e por razões diferentes. Mas as outras irmãs sofriam por Joana ter que entregar seu bem mais precioso, sem amor, a Phillip.

Frederico Hour e Anastasia pareciam de verdade nem reparar em nada. Estavam apenas concentrados em agradar Phillip e tornar Joana sua noiva naquela noite.

A ausência de Patric foi percebida com certa estranheza por parte de Anastasia e de Frederico, mas Phillip tratou de desconversar, já que não conseguiu pensar tão rápido em alguma desculpa que realmente justificasse o seu não-comparecimento.

O jantar seguiu-se de forma pomposa, as criadas nunca foram tão exigidas como naquela noite. A refeição farta incluía mais de dez tipos de pratos e sobremesas. Antes de jantarem, o propenso noivo ergueu-se e fez o pedido oficialmente, entregando um anel para Joana, uma joia belíssima com pequenas pedrinhas de diamantes. Foi grande a alegria que explodiu ao seu redor, vindo dos lábios e olhos de Frederico e Anastasia. Joana continuava com seu olhar de causar dó. Phillip ficou pálido como um bloco de gelo quando Joana não lhe deu a mão para que ele vestisse o anel, bebeu na mesma hora quase uma taça inteira do seu vinho.

— Está se sentindo indisposta, senhorita? — perguntou ele, e segurou as suas mãos, alisou-a e usou da oportunidade para tocar em seus dedos e lhe

vestir o anel. Beijou suas mãos em seguida, tudo com muita sutileza.

— Talvez — disse ela, sentando-se na cadeira novamente, sentindo o metal frio aquecer aos poucos com o contato com sua pele.

Phillip ainda disse algumas breves palavras que, de tão entorpecida, Joana não deu atenção. Olhava para ele, via seus lábios mexerem, via seu sorriso, mas a dormência em seus sentidos a impediram de compreendê-lo.

Anastasia ergueu-se segurando uma caixinha nas mãos e entregou para Joana presentear Phillip. Ela não sabia o que havia na caixa, hesitou um breve momento e sob os olhares atentos de todos entregou a caixinha para Phillip. Era um medalhão com uma gravura de Joana e uma mecha de cabelo ruivo preso por uma fitinha azul. Joana franziu o cenho para aquilo, reconhecendo ser aquela uma mecha do seu cabelo, a qual não sabia quando a mãe havia cortado, sem que ela percebesse.

Os olhos verdes de Joana encheram-se de água e Anastasia fingiu acreditar ser emoção, embora todo o rosto da filha mostrasse o contrário; era aquela uma espécie de emoção que em nada se aproximava à felicidade. Depois do jantar as mulheres se reuniram na sala de estar para tomarem chá, enquanto Frederico Hour combinava com Phillip os detalhes do casamento, que estava marcado para acontecer dali a duas semanas. Phillip anunciou que em sua propriedade os preparativos já estavam acontecendo e informou que havia contratado uma orquestra, a qual pediu que viajassem imediatamente, especialmente para tocarem no casamento. Frederico Hour maravilhou-se com a agilidade do noivo.

— O casamento poderá ser realizado em qual data, senhor Phillip? — inquiriu Frederico Hour.

— Em exatos dez dias. Se autorizar, mandarei fazer e entregar os convites para esta data. Os músicos chegarão em sete ou oito dias.

E assim ficou acertado, diminuindo ainda mais o tempo que Joana apenas queria prolongar. Seu coração apenas desejava que Alexandre já estivesse quase chegando.

Phillip foi convidado a voltar na sua casa em todos os próximos dias, para cortejar Joana, se assim desejasse. Na oportunidade ele não ficaria a sós com ela, mas sim apenas na sua presença junto com Anastasia e as outras irmãs.

— Fiz o que me pediu — disse Patric para Caroline naquela mesma

noite. Ambos estavam a sós na sala da lareira, na propriedade Motier. — Escrevi para Alexandre e enviarei a carta amanhã para Paris.

— Com sorte chegará lá e não encontrará Alexandre. Ele precisa estar a caminho. Obrigada, Patric, por não ter ido a este jantar de noivado.

— Eu não poderia estar lá para brindar a infelicidade, até mesmo a de Phillip.

Eles conversaram por mais algum tempo, até que viram a caleça de Phillip entrar pelos portões da propriedade Motier. Caroline e Patric retiraram-se da sala antes que Phillip pudesse vê-los. Patric usou o restante daquela noite para pensar em Rebecca, e Caroline pegou-se orando para que Alexandre chegasse logo.

Capítulo 43 — Dois corações e uma melodia

No dia seguinte ao jantar de noivado de Joana e Phillip, finalmente Anastasia trouxe alguém para avaliar a saúde de Sophie. O curandeiro espanhol trouxe junto com ele uma assistente, que a examinou e confirmou que a fragilidade, os enjoos e a palidez, era porque Sophie estava grávida, mas que sua saúde era frágil, pois aqueles eram sintomas de uma gravidez delicada. Mãe e filha caíram em um choro que durou mais de uma hora, em que Amália tentou em vão consolá-las. Depois Anastasia tentou organizar sua mente e pensar com alguma esperteza.

— Não conte para ninguém. Nem para suas irmãs — Anastasia orientou Sophie. — Eu também não direi ao seu pai. Amália, este é o maior segredo de nossas vidas — voltou-se para a outra filha, que tudo havia presenciado, e com a voz enfática pediu sigilo.

— Claro, mamãe, não conto nada; mas por quanto tempo poderemos manter esse segredo? A barriga de Sophie irá crescer — Amália disse o óbvio e Sophie voltou a chorar com a triste constatação.

— A barriga demorará a crescer. Sophie já estará casada... —

respondeu fazendo-as entender qual era a sua intenção.

— Mas mamãe, quem é este noivo? — Amália tornou a indagar e Sophie suplicou que a mãe lhes dissesse.

— Falarei com seu pai para ter certeza que a proposta foi confirmada. Amanhã à tarde reunirei todas vocês, minhas filhas, para o comunicado oficial.

Dito isso Anastasia voltou para os preparativos do casamento de Joana com Phillip, completamente aflita quando o marido contou que a data fora confirmada para dali a dez dias. Foi ao alfaiate e comprou o melhor vestido, levando um outro vestido de Joana, que ela tomou como base para conferir as medidas. Anastasia teve que fazer a escolha sozinha, pois Joana recusou-se a ir, mesmo depois de muita insistência.

— O noivado de Sophie foi acertado nesta manhã — iniciou Anastasia no dia seguinte, depois de reunir todas as filhas na sala. Frederico a incumbira de narrar a situação e ainda evitava olhar para a filha, que era sinônimo de vergonha para ele. — Não queríamos que fosse assim, mas a situação exige que não sejamos, neste caso, tão seletivos.

— O que quer dizer? Que meu noivo será um qualquer? — Sophie inquiriu chorosa.

— Quer dizer que não nos deu a escolha de optarmos por um noivo mais apropriado. O senhor John exigiu uma alta quantia como dote, e não tivemos escolha, tivemos que usar o dote de Amália e de Rebecca e entregar a ele para que aceitasse casar-se com você, filha — Anastasia revelou, fazendo os olhos de todas as filhas expandirem-se. Os de Sophie eram os mais inconformados.

— Mamãe, a senhora disse senhor John? — sussurrou sofrida. — Não pode ser! Eu não posso me casar com aquele velhote... — chorou desesperada.

— Quer protestar? — Frederico Hour gritou em fúria. — Nem ele a aceitaria se soubesse que... — E as palavras morreram em sua boca trêmula.

— Mas papai, o dote de Amália e de Rebecca... Como elas poderão se casar sem um dote? — Joana perguntou abalada com a notícia. — O senhor John não é um homem rico? Como ele pode ter exigido tanto dinheiro como dote para se casar com Sophie?

— O senhor John é um ótimo negociante. Por certo viu o desespero

em meu rosto. Minha vergonha anda comigo em cada lugar que vou. E o senhor John está falido; nada mais o resta além de uma pequena propriedade ao sul da Vila e uma caleça. Toda a sua riqueza, as casas alugadas, as terras, ele perdeu tudo em dívidas.

— Mamãe... A senhora vai permitir que eu me case com um homem velho e pobre? — Sophie jogou-se no colo da mãe, que estava ao seu lado no sofá, e continuou a chorar.

— Minha filha, o que posso fazer quanto a isso? — disse muito sentida, ajudando Sophie a ficar ereta no sofá enquanto lhe sussurrava no ouvido: — Por favor, não o recuse, você está arruinada, esqueceu-se? — E olhou disfarçadamente para o ventre da filha.

Sophie precisava se casar imediatamente, antes que a sua barriga revelasse a sua condição.

— Isso não é justo com Rebecca e com Amália — Joana tornou a dizer. — Entregar o dote de três filhas apenas para um noivo? Não é justo.

— Sophie não foi justa conosco quando desgraçou sua honra — Frederico voltou a falar com os olhos abrasadores. — Se quer culpar alguém, culpe a ela mesma; apenas Sophie e a mãe de vocês, que deixou que uma filha se perdesse — disse olhando diretamente nos olhos de Joana e colocou as mãos no coração, como se sentisse dor. — Se quer criticar a solução que encontrei, pense um pouco e veja que não havia outra alternativa. Seu casamento com Phillip é que trará algum consolo para nós e para suas irmãs, que precisarão muito de sua ajuda quando estiver casada, se elas não encontrarem um noivo por não terem mais o dote. Eu não tinha mais nada para oferecer; uma porção de minhas terras darei a Phillip como parte do seu dote.

Joana arregalou os olhos com o tamanho da responsabilidade que seu pai lhe jogava sobre os ombros. Agora dependia dela o futuro de suas irmãs, que precisariam contar com sua bondade para ajudar a mantê-las no futuro, pois sem um dote as chances de encontrar um noivo com posses eram escassas. As irmãs seriam pobres, isso se conseguissem se casar.

— Minhas filhas — disse Anastasia olhando para Rebecca e Amália —, vocês ainda são muito jovens. Teremos alguns anos para voltar a guardar o dote de vocês, não se preocupem.

Ao olhar para Rebecca e ver seus olhos os mais entristecidos de todos, Anastasia recordou-se de como Patric parecia ter um afeto por ela, e

conjecturou que Rebecca estivesse triste por achar que perderia a sua chance de casar-se com ele, por estar sem dote.

— Não fique triste, Rebecca, se certo moço gostar mesmo de você, ele se casará com ou sem dote — disse Anastasia.

— Eu não estou pensando no meu dote — Rebecca ofendeu-se. — Estou pensando em como vocês permitirão que Sophie se case com um homem inescrupuloso, que não nutre nenhum sentimento por ela, e que está se casando apenas por causa de um dote suntuoso!

— Não tornarei a falar sobre esse assunto, e não dou permissão para que nenhuma de vocês comentem sobre a minha decisão — Frederico disse e retirou-se da sala, ainda com a mão sobre o peito.

As flores brancas para Joana e Anastasia continuavam a chegar todos os dias pela manhã, e pela tarde Phillip ia pontualmente depois das três e meia para acompanhar a noiva e as irmãs em um chá. Nestas ocasiões Sophie dificilmente estava presente, e quem ficava ao lado deles era Rebecca e Amália, e, algumas vezes, Anastasia. Joana continuava a tratar Phillip com frieza quando a mãe estava junto deles, mas quando estavam apenas entre as irmãs ela o ignorava o quanto podia. Ela queria que ele percebesse que estava infeliz com aquele casamento forçado.

O casamento seria uma pequena, mas luxuosa cerimônia na propriedade Motier. Os convites foram entregues para os amigos mais íntimos e para as pessoas mais importantes e influentes daquela região. Anastasia não se cabia em si de tanta felicidade e andava pelas ruas com uma pompa exacerbada, como se todos que a vissem estivessem com inveja da sua sorte.

A semana corria lenta para alguns e como um vulto para outros. Em Paris Alexandre fez a viagem para recolher os alugueis e conseguiu retornar para casa no mesmo dia; para isso ele precisou sair muito cedo e voltou muito tarde, mas estava satisfeito por ter uma coisa a menos com que se preocupar em seu retorno. Agora, quando fosse a hora de voltar, ele não precisaria fazer nenhuma parada.

Assim que entrou em sua casa notou que algo não estava bem, Louise estava na sala lhe esperando junto com Lady Guisela e a expressão de ambas

era de preocupação.

— Senhor Alexandre, sua tia passou mal esta manhã — Lady Guisela informou, segurando uma das mãos trêmulas de Louise.

— O que houve com ela?

— Agora mamãe está um pouco melhor, está deitada — disse Louise ainda visivelmente abatida pelo susto. — Um médico veio vê-la e disse que seu coração é fraco, por isso ela sente falta de ar às vezes. Pediu para evitar esforços e descansar um pouco.

— Nossa sorte foi que o senhor Johan estava aqui e foi rápido em chamar o médico — Lady Guisela contou.

— Johan esteve aqui?

— Sim, senhor. Ele visitou sua tia e Louise, e estava aqui quando Madame Delphine sentiu-se mal.

Alexandre foi ver como a tia estava e a encontrou acordada, mas abatida e deitava na cama. Ao vê-la daquela forma, no mesmo aposento que pertencera um dia à sua mãe, as recordações o invadiram e ele sentiu o peito arder de saudades. Lembrou-se do dia em que ela falecera, a doença já estava quase vencendo o seu corpo, e da forma como se despediram. Alexandre percebeu que mesmo as melhores e mais importantes pessoas não são eternas e, por isso, sempre devia mostrar a elas o quanto eram amadas e essenciais. Foi o que fez com sua tia, segurou suas mãos e agradeceu pelos anos que cuidou de Caroline, e disse o quanto ela era querida para ele. Depois comunicou à tia que ficaria mais alguns dias em Paris.

Nove dias depois...

Era impossível prever exatamente quanto tempo uma carta iria demorar até chegar nas mãos do seu destinatário. Às vezes uma carta viajava muitas noites seguidas até chegar ao destino, outras vezes faziam-se muitas paradas e voltas em várias cidades e vilas e a carta demorava mais a chegar. Outras vezes não chegava nunca.

Foi somente um dia antes do casamento de Joana e Phillip que as cartas que Alexandre escrevera chegou ao seu destino final. Patric as recebeu e tratou de encaminhar cada uma delas para seus respectivos donos. Havia uma para si, uma para Caroline e uma para Joana.

Caro Patric

Como posso ser grato por uma amizade como a sua? Eu gostaria de agradecer, mas sei que o seu caráter não permitiria que eu lhe fizesse elogios, pois sua conduta sempre tão verdadeira e amável faz parte da sua natureza, parte do grande homem e amigo que você é. Mesmo assim quero reafirmar o quanto me sinto afortunado por tê-lo como amigo e o quanto feliz sou por isso.

Assim que cheguei a Paris meu coração doeu por estar separado de Joana, e preocupado por deixar Caroline, a qual vive há muito tempo iludida em um amor não correspondido... Minha tranquilidade se resume então em saber que todos estão ao seu lado e poderão sempre receber a sua atenção e conselhos enquanto eu estiver ausente.

Estou com tantas saudades da minha Joana que espero conseguir retornar e chegar aí antes dessa carta.

Alexandre Franz

Patric releu a carta algumas vezes e sentiu-se impotente diante de toda aquela confiança que Alexandre lhe depositava. Ele achava-se incompetente por ter tentado em vão fazer com que Phillip demovesse da ideia de casar-se com Joana.

Depois de entregar a carta que Alexandre enviara para Caroline, ele saiu e dirigiu-se a cavalo até a casa dos Hour.

A saudade é o que há de mais impiedoso para um coração que ama e que está distante do seu amor. É uma dor que pulsa e fere a cada batida, a cada hora e minuto do dia. Era assim que batia o coração de Joana, latejando dolorido e chorando tristes lágrimas de desconsolo.

Alexandre não voltou! Por que ele ainda não voltou? — indagava-se a todo instante.

Estava de frente para a árvore com suas iniciais, de olhos fechados passava seus dedos sobre aquelas letras e permitia-se chorar enquanto o pensamento rodava como se estivesse presa e sufocando, buscando alguma forma de sair do pesadelo. Na outra mão segurava a carta que Patric acabara de lhe entregar, e que havia chegado naquele mesmo dia para ela. Sentou-se recostada na árvore de faia e pôs-se a ler aquelas linhas.

Amada Joana

Quantas saudades sinto! Queria estar agora ao seu lado, saber notícias suas. A única coisa que me consola é saber que logo ficaremos juntos sem nenhuma barreira, e que com o nosso amor vamos provar que tudo é possível. Pensarei em nós desde o momento em que acordar até a hora em que eu dormir, e em meus sonhos a visitarei e beijarei seus lábios e os seus cabelos de outono. Recordarei cada momento em que pude admirá-la para que minha saudade seja suavizada. Sentirei cada toque de suas mãos sobre as minhas. Meu coração será o seu Norte enquanto eu estiver ausente. Lembre-se do bosque de faias, onde nosso amor foi eternizado no tronco da melhor árvore para se escrever mensagens. Será eterno, lembra-se? Talvez no silêncio do bosque você consiga ouvir minha voz dizendo repetidas vezes que a ama.

Retornar para você é tudo o que penso. Não se esqueça, minha amada senhorita, você me deve uma valsa.

Eu ainda não confessei isso, mas a senhorita é a moça mais irritada e adorável que já conheci, e eu a amei desde o primeiro momento.

Para sempre seu, e inteiro de saudades, Alexandre.

Joana sorria e chorava a mesmo tempo lendo aquelas linhas. A emoção de receber aquela carta a fez ver com nitidez o belo rosto de Alexandre em seus pensamentos. Ela fechou seus olhos e o viu montado no seu *Percheron* negro, seus olhos e lábios sorriam para ela e suas mãos a convidavam para montar com ele. Era assim que Joana imaginava poder fugir dali. Mas ao abrir os olhos ela viu que estava sozinha, e que as três semanas haviam se passado e ele ainda não tinha retornado. Seu peito se contraiu algumas vezes tomado de angústia, mas Joana sabia, ela tinha certeza, que se ele ainda não estava ali, era porque de verdade não foi possível estar. Ela sabia que ele viria assim que pudesse; só temia ser tarde demais para eles.

Ficou no seu refúgio o tempo suficiente para as lágrimas secarem e seu coração resignar-se diante de um futuro incerto, o qual ela era a protagonista. Sempre seria.

Na entrada do bosque Rebecca e Patric aguardavam Joana fazer a sua visita àquele lugar que era tão especial para ela e que, além deles, ninguém mais sabia ser seu refúgio e o local onde Joana costumava encontrar-se com

Alexandre.

Eles estavam sentados sobre a mesma pedra baixa e alongada onde estiveram juntos há dias atrás, e permaneciam com o costumeiro silêncio que se instaurava entre eles quando estavam a sós, ou muito constrangidos, como era o caso naquele instante, em que Rebecca estava distraída dedilhando notas em sua perna, como se tocasse um pianoforte, enquanto Patric a observava completamente absorto em seu ato.

— Queria poder ouvir o som das notas dessa canção que dedilhas com os seus dedos.

— Já ouviu algumas vezes... — disse ela sorrindo e virando seu olhar para o dele.

— Toque mais uma vez para eu me recordar — gracejou, fazendo-a rir. Ela tornou a dedilhar e Patric fez uma expressão de que não estava lembrando.

— Não consegue se recordar? — Rebecca entrou naquele joguete com ele e fez-se de aborrecida por ele não reconhecer as notas.

— Agora acho que lembrei. É a nossa música — disse ele com toda a sua seriedade, olhando para Rebecca como a esperar dela alguma palavra, mas ela não sabia o que dizer, como sempre precisaria pensar um pouco para não falar besteiras.

— Quem a compôs ficaria ofendido se soubesse que a tomamos para nós... que a chamamos de nossa — riu sem jeito olhando para o horizonte.

— Quem a compôs ficaria feliz em saber que uniu dois corações através de uma melodia — Patric deu a sua versão. Rebecca ruborizou instantaneamente ao ouvir tais palavras.

— Então o seu coração... Ele... ele realmente... — Ela gaguejou e não sabia concluir aquela frase. Os olhos azuis de Patric engoliram a sua capacidade de raciocinar.

— Ele é todo seu, Rebecca Hour! — disse Patric com uma energia apaixonada em sua voz.

Rebecca sorriu e suspirou algumas vezes com os lábios trêmulos, ora sorrindo, ora tremendo. Patric levantou-se e ofereceu a ela a sua mão. Ela não sabia onde ele queria levá-la, mas segurou suas mãos mesmo assim, surpreendendo-se quando ele não se moveu, apenas abraçou-a carinhosamente. Depois aproximou com lentidão os seus lábios dos lábios de Rebecca e a beijou com toda a doçura que aquele amor lhes inspirava.

Capítulo 44 — O casamento

Quando Joana abriu os olhos a realidade se apresentou para ela, mostrando que mesmo acordada ainda se podia viver um pesadelo. Seus olhos, ardidos pelo choro da noite anterior, piscaram até acostumarem-se com a claridade que entrava pela janela. Sentou-se na cama e viu um vestido branco e lilás repousado sobre um pequeno sofá que havia ao lado da janela. Era certamente o mais belo vestido que seus olhos já tiveram a oportunidade de ver.

Caminhou lentamente, percebendo que Rebecca já não estava mais deitada na sua cama, e dirigiu-se até aquele vestido de tecido tão refinado, que reluzia com suas pedrinhas brilhantes que enfeitavam toda a sua parte superior. Ergueu-o no ar e as rendas balançaram-se com leveza. Joana derramou ali as primeiras lágrimas do seu dia.

Deixou o vestido no mesmo local e vestiu-se com um de seus trajes mais simples. Desceu as escadas, onde encontrou Rebecca e Anastasia, e em seguida questionou onde estavam os demais.

— Todos já foram para a propriedade Motier, minha querida — disse

Anastasia abraçando a filha. — O senhor Phillip mandou que viessem buscar seu pai, Sophie e Amália, para que você fosse confortável assim que acordasse. A caleça retornará para nos buscar daqui a pouco.

Rebecca correu até Joana e a abraçou forte, secando com a ponta dos dedos as lágrimas que escorriam quentes em seu rosto. A cumplicidade entre elas era nítida pela forma como se olhavam, comunicando seus sentimentos sem que nada precisasse ser dito.

— Você irá se vestir na propriedade Motier, pois ainda é muito cedo e não queremos que se suje no caminho — Anastasia comunicou radiante.

— Ah, mamãe. Não permita que isso aconteça — Joana tornou a pedir, quase implorar.

— Minha filha — disse ela com os olhos angustiados —, sabia que eu me casei com seu pai contra a minha vontade? — Anastasia fez aquela revelação surpreendente. — E agora eu tenho vocês e tenho uma vida agradável. Aprendi a ser uma boa esposa e tentei ser a melhor mãe que pude. Na vida de uma mulher casada nem sempre há espaço para o amor, mas o amor dos filhos e suas obrigações com o lar tomam todo o nosso tempo e nos distraem dessas ilusões amorosas.

Joana não respondeu; ela não concordava, mas não queria entrar em debate. Sabia que as vivências da mãe, o modo como foi criada e o que a vida acabou por lhe ensinar, eram diferentes da sua forma de encarar o mundo, as pessoas e o amor.

Se antes Joana era fechada para esse sentimento, era porque não imaginava que ele pudesse existir com a intensidade que agora experimentava. O amor era sim umas das coisas mais importantes em um casamento; foi isso que Joana aprendeu vendo a ausência de afeto entre seus pais, e que sentenciou que queria para sua vida após experimentá-lo nos lábios de Alexandre.

Como poderia se acostumar sem todas aquelas ondas agitadas que sacudiam o seu peito e faziam seu corpo tremer quando estava ao seu lado? Como poderia viver em um casamento que não lhe proporcionasse uma nuvem de borboletas em seu estômago, agitando as suas asinhas cintilantes cada vez que Alexandre se aproximava em seu belo cavalo negro?

O vestido de Joana foi cuidadosamente colocado na caleça de Phillip assim que René — o *cocher* — chegou à casa dos Hour. Anastasia, Joana e

Rebecca acomodaram-se no luxuoso espaço interior daquela caleça e partiram para a propriedade Motier.

O trajeto pareceu infinito e, ao passarem pela estradinha margeada pelo riacho, Joana olhou para a entrada do bosque e recordou-se da primeira vez que se refugiou ali. As lembranças iam surgindo uma a uma, até o dia em que encontrou aquele que mudou a sua forma de pensar sobre o amor.

Ao chegarem na propriedade Motier foram recebidos pelos criados, que aguardavam Joana e sua mãe como se aguardassem uma princesa e uma rainha. As escadarias estavam adornadas com flores brancas e havia tochas dispostas para serem acesas à noite. Joana notou que todo o local fora decorado com minúcia, desde a entrada da sala até o grande salão onde outrora o baile de máscaras havia sido realizado. Era aquele o local escolhido para a cerimônia. A orquestra já estava no local ensaiando algumas músicas enquanto havia pessoas organizando as mesas e trocando as velas de todos os candelabros e castiçais do salão.

Na cozinha preparava-se todo tipo de iguaria refinada, com um cardápio escolhido a dedo pelo noivo, que fora o primeiro a acordar naquela manhã e que estava naquele momento em seu aposento, enquanto um alfaiate fazia os últimos ajustes em seu elegante traje. Phillip não viu Joana chegar, mas havia dado ordens para que preparassem o aposento que Caroline ocupava para que fosse cedido à Joana, e que Caroline fosse acomodada em um aposento de hóspedes.

Caroline suspirou nervosa quando foi comunicada desta decisão; pegou os seus pertences e mudou-se para outro aposento com uma dor pulsante a feri-la, decidida que aquela seria a sua última noite naquela propriedade, pois precisava reaprender a viver sem o amor que sentia por Phillip. Pegou a carta que Alexandre lhe enviara, que havia chegado até ela no dia anterior, e releu a última linha:

“...porque você, querida irmã, merece ser feliz e amada”.

Eram essas as palavras finais de seu irmão, ao pedir que ela retornasse para Paris e dizer que todo o seu passado era uma página de um livro esquecido no fundo do mar. A carta de Alexandre não revelava mágoa, nem mesmo a decepção que por certo ele sentira ao saber da história de Caroline na Inglaterra. A carta era carregada de emoção, saudade e perdão.

O casamento estava preparado para acontecer um pouco antes do

meio dia, e pela manhã Phillip pediu que Joana fosse atendida em seu novo aposento, onde deveria receber todo suporte que fosse necessário para sua preparação para o casamento. Na maior parte da manhã as irmãs ficaram ao seu lado, mas em um dado momento Joana ficou sozinha e passou a explorar aquele aposento que ela tinha a certeza de que era ocupado por alguém pouco antes de chegar ali. Suas suspeitas se davam pelos papéis ainda sobre a escrivaninha, a lareira que ainda emitia um calor de fogo recém-apagado, e pelo cheiro de perfume que havia em seu interior, que talvez emanasse dos lençóis sobre a cama. Por isso não se surpreendeu quando Caroline entrou no local dizendo que vinha buscar alguns objetos que foram deixados para trás.

Olhar para os olhos negros de Caroline, tão parecidos com os do irmão, avivou os sentimentos de Joana e fez com que seus olhos se umedecessem.

— Desculpe entrar nesse aposento, que a partir de hoje será seu — disse Caroline caminhando até ela e encostando a porta atrás de si. — Deixei alguns objetos nesta escrivaninha, se me permite pegá-los.

— Claro... — Joana ainda organizava seus pensamentos diante daquela familiaridade dos olhos de Caroline. — E me desculpe pela forma como falei com você quando nos conhecemos...

— Tudo bem, não precisa se desculpar. Foram outras circunstâncias. Desculpe-me se serei sincera demais com o que vou dizer, mas sei que não está feliz — Caroline afirmou. — Eu sei que ama meu irmão e sei que ele a ama. Alexandre ficará destruído quando souber que se casou com Phillip. Ele impediria de isso acontecer se estivesse aqui.

— Mas ele não está, não é mesmo? — Joana constatou aquela dolorosa realidade. — Ele prometeu que voltaria em três semanas, mas ainda não voltou... — disse com os olhos marejados. — Eu lutei tanto por minha liberdade... Eu apreciei tanto poder ser livre porque julguei que isso só dependia de mim, mas vi que tudo não passou de uma ilusão, pois, no fundo, eu nunca fui livre... Eu só esquivei-me de uma realidade, mas hoje não pude mais escapar dela.

— Tudo pode ser diferente — disse Caroline após pegar os objetos na escrivaninha. — A felicidade ainda depende só de você — garantiu, segurando as mãos de Joana e dando a ela um dos objetos. — Isso é para você...

— Por que está me dando isso? — Joana perguntou sem

compreender.

Quando a hora chegou, Anastasia e Rebecca foram até o aposento da filha, onde três criadas ajudavam-na a se preparar. Joana estava linda, como uma verdadeira princesa. Anastasia lhe beijou o rosto e disse que seu maior desejo era que Joana fosse feliz, abraçou-a com lágrimas nos olhos e colocou um colar em seu pescoço, contando que era uma joia de família. Desceu em seguida, dizendo que aguardaria a filha para a cerimônia. Rebecca ainda permaneceu mais alguns minutos com a irmã, abraçando-a e acarinhando seus cabelos.

— Você está tão linda, Joana. Só não está ainda mais bela porque lhe falta um sorriso, mas eu sei que isso é impossível neste momento — disse Rebecca derramando algumas lágrimas. — Eu sinto tanto por isso que está passando — tornou a abraçá-la.

— Não, por favor, não chore por minha causa. Eu serei feliz, eu prometo — Joana procurou acalantar a irmã, que ficou surpresa com aquela afirmação. — Concentre-se agora em ser feliz e viver a sua história de amor, Rebecca. Você conseguiu aquilo que muitos apenas sonham, mas jamais chegam a experimentar. Patric ama você e seu futuro será de alegrias ao lado dele. Se a mim só bastasse isso para sorrir, já seria grande a minha felicidade.

— Mas você merece ser feliz com a sua própria felicidade!

O abraço das duas demorou tempo suficiente para que Joana fosse chamada pela criada para colocar o véu. Logo em seguida entraram no aposento Amália e Sophie, que junto com Rebecca acompanhariam Joana até o salão onde um importante bispo chamado para realizar o casamento já a aguardava para o início da cerimônia.

Phillip estava de pé junto ao altar improvisado ao fundo do salão, e aguardava com ansiedade ver Joana despontar pela porta de entrada. Muitas pessoas também a aguardavam aparecer, principalmente as irmãs Loen, que estavam curiosas para ver o modelo de vestido de Joana, então voltavam-se a todo o momento para trás, revezando seus olhares ora para a entrada do salão, ora para Phillip, que esbanjava sua beleza notável fazendo elas e muitas outras moças suspirarem.

Os primeiros passos de Joana naquelas escadarias foram acompanhados de fispadas fortes em seu peito. Ondas inexplicáveis de adrenalina preenchiam todos os seus sentidos, que eram em alguns momentos

dormentes e, em outros, agitados. Olhava para trás e via o semblante das irmãs. Rebecca exibia uma expressão quase tão aflita quanto a sua, mesmo assim ela lhe deu um sorriso reconfortador. No último degrau Joana parou e virou-se para todas as irmãs, engolindo em seco e buscando os olhos de cada uma. Abraçou Amália, que retribuiu fechando os olhos e enlaçando o corpo da irmã com carinho. O abraço de Rebecca foi afetuoso como sempre, e seus olhos continuavam a transmitir um bem-querer para a irmã. Sophie ficou petrificada quando Joana também a abraçou. Não esperava por aquilo e não soube como reagir ou retribuir. Os olhos de Joana encheram-se de lágrimas; o que era uma incógnita para Sophie, que não conseguia entender a dor da irmã, já que, aos seus olhos, ela estava se casando com Phillip Motier, um homem jovem, bonito e rico; por isso não devia se sentir triste.

— Não deveria estar chorando. Sabe quantas moças gostariam de estar em seu lugar? Suas lágrimas são até mesmo injustas com os que sofrem de verdade. Eu terei que me casar com o senhor John... Jamais serei feliz, e no entanto... você está assim, como se casar-se com Phillip fosse uma desgraça?

— Meu choro não é somente por mim — Joana respondeu sinceramente. — Mas espero que esteja errada, e que um dia possa sim ser feliz...

Joana olhou para a frente, na direção do corredor ao lado esquerdo da mansão; era aquele corredor que a levaria ao grande salão onde todos a aguardavam. Suspirou demoradamente.

Eu sou protagonista da minha história. Se eu desejar ser feliz, eu serei — repetiu para si mesma silenciosamente.

Sete dias depois...

Com o devido descanso logo Delphine estava revigorada. Caminhava todos os dias pelo jardim da propriedade de Alexandre e sentia-se feliz em ter podido contar com a presença do sobrinho durante sua estadia e, principalmente, por ele ter ficado ao seu lado quando adoeceu.

O caráter e honestidade de Alexandre era algo admirável, mas Delphine sabia que ele estava angustiado e muito ansioso para partir para a Vila onde havia deixado sua amada, Joana. Ele contou para a tia todo o seu

tormento, desde o momento que conheceu Joana no bosque, até o dia que juraram ficar juntos para sempre, mesmo que Anastasia e Frederico Hour não lhes dessem a benção.

Alexandre disse para a tia que sentia muito não poder ficar mais tempo ao seu lado, mas que a promessa que fizera para Joana era a de voltar tão logo pudesse, e que ela o estava aguardando chegar em três semanas, sendo que já havia passado cinco semanas desde a sua partida. Ele sofria só em imaginar que Joana pudesse estar aflita com sua demora, e mais ainda em pensar que pudesse estar sem notícias suas, pois temia que a carta que enviara assim que chegou a Paris talvez não tivesse chegado até Joana. Decidiu então que deveria partir na manhã seguinte, e avisou a tia da sua decisão.

No meio daquela tarde uma carta chegou até ele, trazida pelas mãos de Lady Guisela. Era uma carta de Patric, endereçada para Alexandre. Ele subiu para o seu aposento e abriu a carta ansioso por notícias de Joana.

Caro Alexandre.

Antes de tudo, espero que esta carta não o encontre em sua propriedade. Não estranhe esse meu desejo, mas esse seria o sinal de que já partiu de Paris e está a caminho da vila. Então, dessa forma, estará aqui em pouco tempo, entre os que o estimam e sentem sua falta.

Não é fácil escrever estas palavras que escrevo agora, pois as que ainda depositarei neste papel me são doídas de registrar. Se pudesse, no lugar desta carta teria eu mesmo ido até Paris somente para confortá-lo diante da dor que lhe trarei ao comunicar que Joana e Phillip noivaram nesta noite. Estimado amigo, choro com você a sua dor, pois não consegui evitar que isso acontecesse, tampouco Joana, que tudo fez e não obteve êxito em fazer Frederico Hour lhe dar a chance de ser feliz com quem ela realmente ama, que é você, Alexandre. Joana está assolada, aguardando cada nascer de Sol para vê-lo chegar e salvá-la desse casamento.

Queria dizer que sinto muito também pela atitude de Phillip. Ele diz não se sentir culpado e afirma que nutre sentimentos por Joana, no entanto, conheço bem o meu irmão e sei que isso se trata de um capricho levado por seu egoísmo, que não o deixa ver nada mais além de suas próprias vontades.

O casamento será dentro de dez dias, a contar da data grafada nesta carta.

Se por ventura, ou por ironia do destino, essa carta chegar em suas

mãos, saiba que estou lhe enviando meu abraço amigo e todo o meu desejo de que o sofrimento seja aos poucos apaziguado pelos braços do tempo, e que a felicidade jamais o abandone.

Seu amigo, Patric.

Alexandre não conseguia acreditar no que acabara de ler. Seus olhos congelaram por alguns minutos em que ele pareceria estar morrendo, e de fato morreria se não voltasse a respirar. A carta pendeu de sua mão, sem forças para segurar aquele pedaço de papel portador de péssimas notícias, enquanto a incredulidade o instigava a acreditar que aquelas palavras eram um terrível engano. Puxou o ar com força para dentro dos seus pulmões e forçou-se a sair da inércia e fazer o seu corpo reagir. Depois seus olhos correram para a data grafada na carta e mentalmente fez o cálculo dos dias, uma, duas vezes, para ter certeza que os seus sentidos não o estavam enganando. Já havia passado dezessete dias desde que Patric lhe escrevera, e o casamento havia acontecido, ainda sob seus cálculos, há exatos sete dias.

Um tremor assolou o seu corpo no exato momento em que tinha aquela dura constatação; ele deixou a carta cair e não conseguiu segurar as lágrimas, que caíram pesadas e insistentes.

Capítulo 45 — Eterna valsa

Ao recobrar-se, Alexandre exigiu de si que as lágrimas cessassem e que sua mente trabalhasse para ajudá-lo a pensar. Precisava se acalmar ou enlouqueceria. Mesmo que aquelas palavras estivessem ali, uma a uma, escritas naquele papel, sentenciando a sua desgraça e infelicidade para sempre, ele ainda se recusava a acreditar.

Com apenas um golpe atirou uma cadeira na parede, que se quebrou ao meio com o impacto. Esmurrou a escrivaninha algumas vezes, praguejando alto contra si mesmo, arrependido por ter feito aquela viagem, queixando-se por ter demorado mais do que havia prometido à Joana.

Em sua mente ele a viu chorosa, casando-se de forma forçada com Phillip. Seu peito ardeu com batidas que o feriam mais do que qualquer golpe físico já antes recebido. Sentia-se insultado por Phillip, com uma raiva jamais sentida. Imaginou, em seu delírio mais atordado e enciumado, Joana sendo tocada e beijada por Phillip. Tornou a bater na mesa e insultar-se, foi quando a tia veio ver o que estava acontecendo.

Alexandre tornou a chorar enquanto narrava para a tia a sua lástima, recebendo o toque afetuoso das mãos de Delphine sobre os seus cabelos, enquanto ele lhe molhava os ombros com seu pranto dolorido.

— O que pretende fazer? — Delphine perguntou olhando com serenidade para os olhos inquietos e úmidos do sobrinho.

— Ainda assim vou partir amanhã pela manhã. A primeira coisa que farei quando retornar à propriedade Motier será acabar com aquele maldito — dizia sem ponderar suas palavras, apenas condoído pela raiva.

— Não diga isso... — Delphine tentou lhe trazer a sensatez. — Tal coisa não combina com você.

— Como isso pôde acontecer em apenas cinco semanas? Phillip estava planejando tudo antes mesmo de minha partida!? Suas intenções eram firmes e eu não percebi. Ainda o disse que retornaria em breve para buscar Joana. Ele usou essa informação para preparar um casamento de forma repentina, na minha ausência — Alexandre articulava as palavras introspectivamente, ora queixando-se de si mesmo, ora maldizendo Phillip.

Delphine o consolou por mais alguns minutos e depois o deixou a sós com suas dores, para que ela fosse sentida de forma integral e, assim, Alexandre aceitasse e entendesse o seu destino, por mais difícil que ele fosse.

A caleça aos poucos ganhava maior lentidão. Suas costas estavam doloridas, por isso esticou o corpo e os braços e olhou para fora através da janela, entre a fresta da cortina. O sol já havia perdido seu lugar no céu, enegrecendo-se aos poucos.

Um sorriso se formou em seus lábios e uma lufada de ar imediatamente despontou junto com sua felicidade, formando uma nuvem esbranquiçada à sua frente, devido ao frio que ainda não os havia abandonado naquela época do ano. O inverno permanecia gelando tudo ao seu redor, e a neve fina ainda caía vez ou outra.

A caleça finalmente parou.

— Eu vou ficar aqui — disse abraçando-a com cumplicidade.

Ele desceu, disse algumas palavras para o *cocher* e a caleça tornou a se movimentar, mais devagar com o galope tranquilo dos cavalos, para parar um pouco mais adiante.

Seus olhos tristes vislumbravam através da janela a noite fria que vinha lhe visitar. Ficou ali bons minutos, até ser engolido pela escuridão e por sua infelicidade, que era tão taciturna como aquela noite. Percebeu que não conseguiria dormir, então caminhou até uma pequena sala de leitura que ficava ao lado do seu aposento e de onde tinha plena vista dos portões e da rua já pouco movimentada àquela hora.

Deixou-se cair em uma poltrona e depois de olhar para o teto por um tempo, debruçou-se em uma escrivaninha onde uma vela ardia suas chamas amarelas em um castiçal. Com as mãos sobre o rosto encurvou-se sobre a madeira e deixou que suas lágrimas vertessem sem barreiras, sentindo o gosto salgado ser depositado no canto de seus lábios.

Ao ouvir um trotar de cavalos em frente à calçada, seus olhos desviaram-se para a janela. Uma figura esguia trajando uma vestimenta escura saltou do interior da caleça e acenou para o *cocher*, que retornou na mesma direção de onde viera.

Seu corpo, antes prostrado, ergueu-se rapidamente para observar aquela pessoa, que parecia caminhar lentamente até os portões de sua propriedade. Com o cenho vincado aproximou-se mais da janela com o castiçal em mãos e imaginou que seus delírios o estavam fazendo imaginar coisas.

A similaridade daqueles contornos era tanta que não pôde controlar a ânsia de correr até aquela figura e ter a confirmação, mesmo que fosse para jogar-se aos pés de uma miragem e implorar que o tempo devolvesse os minutos que o impediram de estar junto de sua amada, ou, que de alguma forma, pudesse reparar a dor e o desgosto que aquela carta escrita por Patric trouxera à sua vida.

Apressou-se em descer as escadas; e com a mesma agilidade atravessou o corredor e alcançou a porta de entrada. A noite já havia enegrecido todo o céu, e a ausência de luminosidade em frente ao portão não o permitia ver com nitidez, mas bastou alguns passos hesitantes naquela direção para o seu coração inteiro ser tomado por uma imensa exaltação,

quando ouviu aquela voz chamar:

— Alexandre? — Foi o seu nome que ele ouviu dos lábios mais doces e amados. A voz de Joana, ainda que trêmula, podia ser ouvida do outro lado daquela grade de ferro negro.

Alexandre correu, e com os seus braços perpassando pelos espaços entre o ferro retorcido em espirais — que formavam os desenhos naquele portão —, ele a envolveu com um abraço. E como foi real! Sentiu o toque de sua pele e a quentura que dela emanava e não conseguiu evitar que novas lágrimas caíssem de seus olhos.

— É mesmo a senhorita? Joana? Minha amada Joana? — Com a voz entrecortada ele ainda piscava algumas vezes para ter a certeza que ela não era uma visão e que não estava sonhando.

— Sou eu sim — respondeu sorrindo e recostando sua testa a dele, enquanto as mãos se acariciavam sedentas pelo contato um do outro. O choro de Alexandre comoveu Joana, e de seus olhos brilhantes gotas salgadas também eclodiram.

Alexandre tateou os bolsos internos do seu casaco em busca das chaves para abrir os portões, as mãos tremiam, mas em seus lábios um sorriso começava a aparecer lentamente, conforme tomava dimensão do que estava acontecendo. Ele parou o seu gesto quando viu que Joana tinha uma chave em suas mãos, e logo reconheceu que era a mesma que havia entregado para Caroline antes de partir. Sorriu ainda mais enquanto ela colocava o objeto no portão e o girava.

Nada mais os separava e o abraço foi imediato e extasiante. O rosto de Alexandre, molhado por lágrimas, afundou-se nos ombros de Joana, enquanto ela o abraçava circundando todo o seu pescoço. Ele beijou-lhe os cabelos e sorveu seu perfume, ainda admirado ao constatar como toda a sua felicidade dependia daquela senhorita de cabelos ruivos à sua frente.

— Mal consigo acreditar que esteja aqui... Então não se casou? — Os seus olhos buscavam os dela a todo momento, enquanto lhe acariciava o rosto, que era a mais pura contemplação da felicidade por estar diante de Alexandre. — Eu recebi a carta de Patric... Oh, Joana, se soubesse o quanto destruído me senti ao ler aquelas linhas...

— Eu não me casei. Como poderia? Eu o amo, Alexandre Franz!! Jamais poderia ser de outro, que não sua. Eu fugi! Fugi como dissemos que deveria ser feito se não nos permitissem viver o nosso amor. Estive nos

últimos sete dias em viagem para reencontrá-lo — narrou antes de voltar a abraçá-lo.

— Diga novamente o que acabou de dizer — pediu enquanto tinha o seu rosto muito próximo do dela.

— Que fugi? Sim, fugi...

— Não... — interrompeu-a. — Diga o que vem em seu coração.

— Em meu coração? Somente você, Alexandre. Eu o amo intensamente!

Como resposta, Alexandre a trouxe para junto de si e a beijou como se jamais pudesse interromper aquele contato, como se ao abrir os olhos a realidade se transformasse em outra e ele a perdesse.

— Eu a amo intensamente, senhorita — declarou-se após o longo beijo e ofereceu a ela o seu braço, enquanto a conduzia para o interior de sua propriedade.

[...]

— Como chegou até aqui? — perguntou Alexandre depois de acomodá-la em uma poltrona na sala de leitura. Todos já estavam em seus aposentos e Alexandre não comunicou Madame Guisela sobre a presença de Joana.

— Com a ajuda de Patric — revelou. Alexandre abriu um verdadeiro sorriso agradecido e aliviado, reafirmando a certeza de que aquele era um grande amigo.

E então, os pensamentos de Joana a levaram há sete dias antes, até as escadarias da propriedade Motier...

Joana olhou para a frente, na direção do corredor ao lado esquerdo da mansão; era aquele corredor que a levaria ao grande salão onde todos a aguardavam. Suspirou demoradamente.

Eu sou protagonista da minha história. Se eu desejar ser feliz, eu serei — repetiu para si mesma silenciosamente.

— Rebecca — Joana disse virando-se para a irmã —, preciso falar a sós com você antes de ir até aquele salão. — A agitação nos olhos de Joana era evidente e Rebecca conseguiu entender que era desespero o que via naqueles olhos.

Joana segurou uma das mãos de Rebecca e juntas caminharam até o

corredor ao lado direito da propriedade Motier. Pararam quase em frente à porta da sala da lareira. De longe os olhos de Sophie e Amália pairavam sobre as duas. Joana deu alguns passos para trás e saiu do campo de visão das irmãs.

— Eu não posso me casar com Phillip! Não irei me casar com ele! — anunciou surpreendendo Rebecca.

— O que pretende fazer? Você já usou de todos os seus argumentos...

— Não usarei mais de nenhum argumento. Eu vou fugir!

— Fugir? Tem certeza? Como?

— Apenas fique aqui até o momento em que vierem nos chamar — Joana a instruiu e deu um longo abraço na irmã. — Eu a amo muito, Rebecca; e estou muito feliz por você e Patric.

Dito isso Joana correu até o final daquele amplo corredor, passando pela galeria de arte e pela biblioteca. Ao final, virou em um segundo corredor e abriu a porta que ficava ao lado da adega e que servia de entrada para os criados. Ela já conhecia o caminho. Ergueu a barra do vestido e correu circundando a mansão até chegar à cavalaria. René estava distraído ao fundo, escovando alguns animais quando Joana entrou e perguntou sobre o *Percheron*. O homem estranhou vê-la naquele momento, vestida para o casamento e com a expressão tão afoita.

— O cavalo está melhor, senhorita.

— Prepare-o rapidamente. O mais rápido que puder — ordenou.

— Mas senhorita...

— Prepare-o, por favor — suplicou.

René não fez mais objeções, entendeu que ela estava desesperada e sabia qual era o motivo. Ele selou o cavalo e a ajudou a montar. Em rápidos galopes Joana alcançou a lateral da mansão, de onde mesmo como um vulto, alguns convidados puderam vê-la ao longe, de dentro do salão principal que possuía grandes janelas que compreendiam uma ampla visão dos jardins.

— Aquela é Joana? — perguntou Madame Catherine para uma de suas filhas, em tom tão alto que fez com que muitos convidados olhassem através da janela.

— Joana? Oh, não pode ser! — Anastasia não quis acreditar. — O que ela está fazendo no jardim?

Phillip correu para a janela a tempo de vê-la ultrapassar os portões e

galopar para longe.

— Joana está fugindo — disse ele com grande embaraço. Seu rosto ganhou rapidamente um tom avermelhado de constrangimento pela humilhação por qual estava passando. Os olhos de Caroline eram igualmente assustados. Ela não estava certa sobre a coragem de Joana em realmente efetuar aquela fuga.

Ao entregar a chave do portão de sua casa em Paris, ela lhe disse que cada porta ultrapassada e cada caminho traçado, deveriam ser apenas da vontade de cada um.

“Alexandre deu-me essa chave para que eu não me esquecesse onde é o meu lugar. Eu lhe dou ela para que saiba onde é o seu! O meu caminho eu ainda estou traçando, mas o seu já foi escrito em seu coração... Não se deixe desviar, pois em nenhum outro caminho haverá mais felicidade do que neste. Não olhe para trás, Joana!” — disse ao entregar-lhe a chave.

Imediatamente Frederico Hour e Phillip correram pelos corredores e encontraram Sophie e Amália ao pé da escada do interior da mansão. Do outro lado do corredor Rebecca vinha em suas direções sozinha.

— Onde está Joana? — Frederico perguntou irado.

— Eu não sei — Rebecca respondeu com firmeza.

— Ela sabe, sim — interveio Sophie. — Elas estavam conversando naquele corredor — apontou.

Os olhos de Frederico brilharam com fúria sobre os de Rebecca, enquanto Amália se encolhia completamente confusa.

— Joana fugiu? — Anastasia surgiu ao lado de Patric, debruçando-se sobre os seus braços como se fosse desmaiar.

— Eu vou encontrá-la — Phillip anunciou com determinação, dando passos largos até alcançar as escadarias e indo com firmeza à cavalaria. Gritou por René quando não o encontrou e quando estava já selando ele próprio o cavalo viu o criado surgir de trás da casa com baldes de alimento para os cavalos.

— Senhor? Chamou-me? — René perguntou enquanto colocava os baldes no chão e franzia o cenho.

— A senhorita Joana esteve aqui e saiu montando o *Percheron*! Por que não a impediu?

— Senhor, eu estava buscando água e alimento para os cavalos. Se ela esteve aqui, eu não cheguei a vê-la.

Phillip estava afoito demais para discutir naquele momento. Quando Frederico Hour e Patric chegaram à cavalaria, ele já estava prestes a sair. Todos selaram e montaram em um cavalo e saíram apressados atrás de Joana. Rebecca chegou logo em seguida, pediu para preparar um cavalo para ela e também partiu, ouvindo ao longe os gritos da mãe pedindo para que voltasse imediatamente.

Joana galopeava sentindo que toda a sua vida e felicidade dependiam daquela velocidade. Em poucos minutos alcançou o prado e, em seguida, adentrou no bosque pela primeira trilha que encontrou, mesmo não sendo a que costumava ir. Seu coração batia freneticamente. Tão logo desapareceu entre as faias, Patric, Frederico e Phillip desmontaram no prado e pararam no monte elevado para vislumbrar toda aquela campina. Não havia nenhum sinal de Joana.

— Não saímos tanto tempo assim depois... A senhorita Joana deve estar por perto — disse Phillip perpassando os olhos por cada canto que conseguia enxergar.

— Joana cavalga muito bem e é muito ágil. Ela pode estar passando pela vila à essa altura — Frederico arriscou um palpite.

— Impossível! Ela tem que estar por aqui. Ela pode ter se escondido no bosque! — Phillip deu sua opinião e se encaminhou para o local, sendo acompanhado por Patric e Frederico.

— Joana não pode estar no bosque. Ela não conhece o local e poderia se perder facilmente. Há muitas trilhas e, algumas delas, usadas apenas em época de caça, já estão fechadas — Frederico manifestava a sua incredulidade diante daquela opção.

— Vamos nos separar — sugeriu Patric. — Eu posso entrar no bosque e vocês podem procurá-la na vila dos camponeses, na casa do senhor Hour, e pelo vilarejo.

— Sim! Essa é uma sábia ideia — concordou Frederico. Phillip assentiu com alguma hesitação, e cada um foi para o local combinado.

Patric esperou vê-los se afastar para depois entrar no bosque. Foi o tempo suficiente para Rebecca o alcançar. Ela parou ao seu lado e segurou os arreios do cavalo. Patric desceu em seguida e a abraçou.

— Eu ajudei Joana a fugir. Por favor, Patric, se a encontrar ajude-a. Não permita que papai e Phillip a encontrem.

— Pode confiar que se eu a encontrar, a ajudarei a fazer aquele que for seu desejo.

— O desejo de Joana é estar com Alexandre! Patric, por que fará isso, mesmo sendo contra a vontade do seu irmão? — Rebecca quis entender.

— Porque a vontade dele é apenas a dele, e não a de sua irmã. Eu faço isso também por Alexandre, que é como um irmão para mim. Por que separá-los, se existe o amor entre eles, e unir dois corações que jamais se amarão? Phillip não ama Joana... Um dia ele se dará conta disso. Mas se nada mais houvesse de motivos além do seu pedido, mesmo assim eu o faria, senhorita. Bastaria me pedir.

— Obrigada — tornou a abraçá-lo, emocionada. — Preciso lhe dizer, Patric, que eu jamais pensei que fosse possível que alguém gostasse de mim... da forma como você disse...

— Não se intimida, senhorita, em dizer que eu a amo, porque eu a amo sim — declarou lhe acariciando o rosto.

— Quando vou me acostumar a isso? — disse ela muito feliz. — Patric, eu... Eu o amo também... — confessou de forma tímida.

— Deu-me o motivo que eu precisava para prosseguir por esse caminho — apontou o bosque —, encontrar a sua irmã e retornar para você, senhorita. Quando eu voltar, se casará comigo?

— Casar? O que sente por mim é realmente tão forte a ponto desse desejo nascer em seu coração? — perguntou surpreendida com aquele pedido.

— Rebecca, o que sinto pela senhorita é realmente, sim, muito forte e sincero. E não se preocupe, terá todo o tempo para acostumar-se a isso, pois eu prometo repetir todos os dias o quanto eu a amo.

Rebecca não sabia que era possível ser tão feliz como se sentia naquele momento. Ele beijou suas mãos e adentrou o bosque, chamando pelo nome de Joana e tentando encontrar a trilha pela qual ela costumava ir. Ele não conhecia bem o local, apenas foi se infiltrando entre as árvores, apurando os ouvidos para escutar qualquer ruído. Chamava em bom tom pelo nome de Joana, mas por quase uma hora não encontrou nenhum sinal dela. Pensou em voltar, mas tinha a certeza de que ela estava por ali. Já muito afastado da trilha inicial, e quase perdido entre as faias, ele viu um vulto negro ao longe, e reconheceu Joana e o *Percheron*.

— Joana! Sou eu... Patric! Espere! Estou sozinho! Vim ajudá-la.

— Patric! — gritou de volta. — Estou aqui! — acenou para ele. Joana o aguardou até que ele se aproximasse. Estava cansada e com frio, pois havia se esquecido de colocar um casaco pesado; vestia apenas o vestido do casamento.

— Estão todos à sua procura.

— Eu não vou voltar, Patric! — respondeu determinada. — Eu não sei sequer por qual caminho devo ir, mas não vou voltar.

— Eu a ajudarei.

— Quero ir para Paris. Vou encontrar Alexandre.

— Paris? Uma semana de viagem! Não podemos ir à cavalo. Estamos no meio do inverno, sem roupas para nos trocarmos, sem nenhuma quantia que possa nos abrigar do frio. Precisamos de provisões, uma estalagem para dormir... Trocar de cavalo, alimentá-los... Precisamos de uma caleça!

— Patric, eu não vou voltar. Eu irei para o mais longe que puder daqui, nem que seja para morrer no caminho.

— Certo. Eu a ajudarei... Vamos pensar em algo. Sabe onde estamos? — perguntou olhando para as centenas de árvores em volta.

— Não.

Permaneceram perdidos por mais duas horas até encontrarem uma trilha bastante larga, e seguiram por ela até encontrar uma estalagem. Joana sugeriu que ficassem ali o mínimo de tempo possível, pois ainda era muito próximo à vila e poderiam lhes alcançar durante a noite. O dono da estalagem lhes indicou o caminho por qual deveriam seguir e eles galoparam no frio por mais três horas, chegando quase no final da tarde a um vilarejo, onde encontraram uma grande estalagem que servia de parada para muitos viajantes.

— Precisamos de alimento para nós e para os cavalos — Patric comunicou ao dono da estalagem, que estudou as vestes de ambos, considerou-as elegantes, e vendo-os a sós pensou que fossem casados.

— E vão precisar de um aposento para passarem a noite? — perguntou o homem.

— Não! — Joana apressou-se em responder. — Apenas alimento e água para nós e para os cavalos. E um casaco para mim. Eu posso pagar com isto — disse apontando para o seu pescoço e procurando o fecho do colar que sua mãe dissera ser herança da sua família.

— Não, Joana! Isso é muito valioso. Vale muito mais do que nos

custará dois pratos de comida e algum cuidado com os cavalos — Patric interveio.

— Aonde estão indo? — perguntou o dono da estalagem, já bastante irritado ao ver que os visitantes estavam sem nenhuma soma, mas muito interessado na joia de Joana.

— Estamos em viagem para Paris — comunicou Patric.

— Paris? Seis ou sete dias se partirem ainda esta noite... Posso alugar-lhes uma caleça, um condutor e dois cavalos para levá-los até o seu destino. Aceito a joia como pagamento e podem comer aqui antes de partirem.

Joana e Patric entreolharam-se e aceitaram a proposta rapidamente. Depois de efetuarem o pagamento eles receberam comida e bebida. Os cavalos também foram tratados e adicionados a mais outros dois cavalos em uma caleça, que partiu naquela mesma noite. Cada vez mais distante da sua vila, mas cada vez mais perto de Alexandre, Joana sentia que havia tomado a decisão certa.

Os dias seguintes foram de viagem quase ininterrupta, paradas para alimentar a eles e aos animais, e tomarem banho em alguma estalagem no meio do caminho. Joana precisou ainda se desfazer do anel que Phillip havia dado a ela no dia do noivado — o que não lhe doeu os sentimentos —, e assim também conseguiu um casaco para ela e para Patric, bem como um vestido escuro e simples para ela.

Enquanto Joana e Patric viajavam para Paris, alguns fatos do que havia acontecido após suas partidas lhe eram desconhecidos. Foi demasiado o alvoroço após a fuga de Joana. Os convidados partiram após esperarem duas horas, dizendo-se escandalizados por aquela atitude. Madame Anastasia chorava desconsolada enquanto ainda mantinha alguma fé de que Phillip e o esposo a encontrariam e a trariam de volta para o altar. Fé que foi abandonada quando até mesmo o Bispo resolveu ir embora.

Caroline estava já em seu aposento quando viu uma grande agitação em frente aos portões da propriedade Motier. De dentro de uma caleça Frederico Hour retirava, com a ajuda de outros dois homens, o corpo de Phillip, e ele parecia desacordado. Tomada por uma angústia sem tamanho ela desceu as escadas correndo e gritando pelo nome de Phillip.

Anastasia, Sophie e Amália a ouviram e correram para acudi-la.

Todas pararam em frente às escadarias e viram quando os homens subiam por ela, pedindo espaço para passarem e dando ordens para os criados prepararem um aposento para Phillip.

— Preparem um aposento para o senhor Phillip! Panos limpos e água fervida — ordenava o homem mais baixo, que se apresentou como médico.

— O que aconteceu com ele? O que aconteceu? — Caroline perguntava insistente para que alguém esclarecesse a situação. Anastasia estava logo atrás, também aflita por explicações.

— Phillip sofreu um acidente de cavalo. Estávamos muito rápido... Foi o nervosismo pela situação, ele perdeu o controle do animal, caiu e bateu a cabeça — Frederico informou, deixando que os homens levassem o ferido desacordado para o andar superior da propriedade e o acomodassem lá.

Caroline chorou ao ver que o lado direito do rosto de Phillip estava muito machucado e que ele estava sangrando. Desesperou-se e pôs-se de joelhos orando por sua vida. Naquele instante, mais do que nunca, ela soube que o amava de todo o coração.

— E Joana, papai? — Amália perguntou aflita.

— Nenhum sinal de Joana... e nenhum sinal de Patric. Ele retornou para cá? O deixamos na entrada do bosque à procura de Joana e nos separamos... — Frederico Hour informou nervoso.

— Rebecca, você o viu? — Anastasia perguntou para a filha, que também havia saído logo atrás deles.

— Não, mamãe... Eu não vi ninguém. Quando saí daqui já estavam todos muito longe. Por isso retornei em seguida — disse ela.

Três dias após o acidente Phillip ainda permanecia desacordado. Seu ferimento foi cuidado e não mais sangrava, mas ele permanecia inerte na cama. Caroline estava desesperada, sentindo remorso por ter influenciado a fuga de Joana, atribuindo a isso o fato de ele ter sofrido aquela queda. Outras vezes tentava se acalmar, e dizia para si mesma que tinha feito o certo, e que aquele acidente fora uma ocorrência do destino, e não culpa de uma ou de outra pessoa.

Cuidou pessoalmente dele, passando todas as noites e dias ao seu lado, cuidando de suas feridas e de sua higiene, bem como fazendo o que o médico lhe instruíra, molhando a todo momento um pano limpo e espremendo em seus lábios para ele se manter hidratado. Orava e conversava

com ele ao lado da cama, acariciando seus cabelos e desejando que aqueles olhos azuis intensos voltassem a se acender.

Na casa dos Hour todos estavam ainda atônitos pelo acontecido. Frederico andava irado pelos aposentos praguejando Joana e dizendo que ela não era mais a sua filha. Vociferou que Patric era também um desgraçado, pois se ele ainda não tinha retornado era porque havia encontrado Joana e a ajudado a fugir.

O casamento de Sophie com o senhor John se aproximava, e com toda aquela agitação — a fuga de Joana e a enfermidade de Phillip —, ela esperava conseguir postergar aquele casamento o máximo que pudesse. Usou desses pretextos para implorar um adiamento, mas o pai foi taxativo em dizer que o senhor John não aceitaria protelar mais em receber o dote e realizar o casamento.

Portanto, com muito choro por parte de Sophie, o casamento foi realizado dois dias mais tarde, em uma cerimônia simples e católica, em uma pequena capela no centro da Vila. John não gostou de ver como sua noiva parecia abatida, os olhos vermelhos e melancólicos contrastavam com sua pele pálida, e toda a beleza que ele havia visto nela outrora parecia naquele momento apagado. Ele relevou tal situação; olhou para seus quatro filhos pequenos sentados nos primeiros bancos da capela e considerou que eles realmente precisavam de uma figura materna, e que embora Sophie fosse ainda jovem e inexperiente, logo os seus próprios filhos a ensinariam a ser uma boa mãe e dona de casa. Além disso, precisava com urgência daquele dote.

Anastasia despediu-se da filha com lágrimas nos olhos, reforçando — com um cochichar perto do seu ouvido —, que Sophie tentasse parecer saudável e que o senhor John deveria pensar que aquele filho era dele, quando chegasse o momento de revelar a sua condição. Sophie sentiu vontade de vomitar naquele mesmo momento, ao imaginar que teria que se deitar com aquele homem que ela desprezava e que estava muito longe dos seus ideais românticos.

Acenou para a mãe de dentro da caleça do seu esposo, onde disputava espaço com os seus quatro filhos pequenos, e partiu com eles para o seu novo lar.

No quinto dia após ter sofrido a queda do cavalo, Phillip finalmente deu sinais de alguma consciência. Balbuciou algumas frases e movimentou as pernas e braços. Não tinha forças para se levantar, mas seus olhos abriram-se devagar. O sorriso de Caroline foi a primeira coisa que ele viu, ainda que de forma embaçada. Ela estava cansada, tinha passado várias noites em claro na tarefa de mantê-lo hidratado e confortável. O médico vinha vê-lo todos os dias e dissera que se ele não acordasse logo, as suas chances de sobreviver seriam mínimas, pois já havia constatado que Phillip apresentava os batimentos cardíacos fora do seu ritmo normal, e que isso não era um bom sinal. Sendo assim, a alegria de Caroline foi infinita ao vê-lo acordar. Os dias seguintes foram de ainda mais cuidados para com ele. Caroline alimentava-o pessoalmente, dando-lhe sopas e líquidos na boca, já que ele ainda estava debilitado para fazer essa tarefa sozinho.

— O que aconteceu? — Foi a sua primeira pergunta coerente. Caroline ajeitou alguns travesseiros em suas costas e o auxiliou a sentar-se.

— Você sofreu uma queda de cavalo.

Depois disso ele tentou fazer várias perguntas, mas Caroline o poupou, e vendo que ele ainda não se lembrava de todo o ocorrido, preferiu deixar as explicações para quando ele estivesse melhor. O seu amor para com ele fez com que se esquecesse de todo o resto por alguns dias, até mesmo de si própria, mas depois sentiu-se na obrigação de escrever para Alexandre e contar tudo o que havia acontecido.

— Eu iria dormir esta noite como um completo infeliz — disse Alexandre para Joana, contemplando-a sob a luz do castiçal. — E agora, com sua chegada, irei dormir como o mais feliz e afortunado homem deste mundo!

— Por isso eu vim! Não poderia dormir com esse sentimento de infelicidade por toda a minha vida — disse ela, acostumando-se a todas aquelas declarações que saíam já naturais de seus lábios, espantada em ver como havia se transformado naqueles meses, e como parecia muito mais fácil exprimir seus sentimentos.

— Você é doce, Joana. Eu sempre soube que um fruto tão bonito não poderia ser tão amargo como quis que eu pensasse que fosse — sorriu com a lembrança do primeiro encontro que tiveram.

— Você me considerou irritada e antipática — recordou ela. — E eu

o considerei atrevido e insolente — riu.

— E hoje eu a considero a mulher mais linda e doce, única capaz de fazer isso — trouxe as mãos dela para junto de seu peito. — Olha o que fez comigo, senhorita.

— Devo desculpar-me por esses batimentos tão fora de compasso?

— Desculpar-se? Ah, sim, a senhorita me deve desculpas... — sussurrou próximo de seus lábios. — Mas já sei como pode fazer isso.

Alexandre fez uma breve reverência e curvando-se ofereceu-lhe a mão. Joana não entendeu o gesto, mesmo assim segurou a mão que ele lhe oferecia. Alexandre puxou-a para si e enlaçou a sua cintura com uma das mãos, colando seu rosto próximo à sua orelha e depositando em seu ombro um beijo suave.

— A senhorita me deve uma valsa.

— Uma valsa? — perguntou surpresa. — Não há ao menos música — disse sorrindo.

— Nós não precisamos de uma música, só precisamos dançar — tornou ele, conduzindo-a lentamente. — Nós só precisamos um do outro.

No suave ritmo daquela música que tocava apenas em seus corações, ele a beijou com doçura até que estivessem mergulhados dentro um do outro. Nada mais existia, a não ser aquela melodia e suaves beijos.

Na manhã seguinte Alexandre acordou antes de Joana e foi o primeiro a descer para o desjejum. Joana estava em um aposento de hóspedes que Alexandre havia preparado para ela. Assim que ele a viu descer as escadas e surgir na sala, seu coração bateu forte e o sorriso de ambos foi inevitável. Permaneceram juntos na sala por um tempo suficiente para Joana ter vontade de tocar o pianoforte que havia ali; e foi ao som das suaves notas dedilhadas, que Madame Guisela, Louise e Delphine a viram pela primeira vez. Permaneceram às suas costas até que terminasse aquela canção, para depois aplaudi-la com entusiasmo.

— Não precisa nos apresentar — disse Delphine sorrindo —, pela descrição que Alexandre nos fez, já sabemos quem é este anjo. — E abraçou-a carinhosamente.

Brevemente Alexandre explicou como era possível que Joana estivesse ali, quando na noite passada havia chorado nos braços da tia completamente desolado por sua amada ter se casado com outro. Ao ouvir a

narrativa, Delphine chegou a se emocionar, e a saudou por sua coragem e determinação.

No meio da manhã Patric e Johan vieram visitá-los. Patric trouxe o *Percheron* de Alexandre e o acomodou em uma pequena cavalaria ao fundo da propriedade de Alexandre. Patric foi recebido com abraços, agradecimentos de Alexandre e lágrimas nos olhos. Já Johan, foi recebido com um duro olhar, que irradiava principalmente dos olhos de Joana, que o culpava pela desgraça na vida de Sophie. Ele esquivou-se de trocar com ela qualquer palavra, e permaneceu junto de Delphine e Louise, de quem ele parecia ter conquistado um grande apreço. Sua atenção para com Louise era prestimosa; seus lábios sedutores sorriam para ela e faziam-na ruborizar apenas em lhe dirigir a palavra.

O casamento de Joana e Alexandre aconteceu naquela mesma semana. À escolha dos noivos realizou-se uma pequena cerimônia em casa, na presença dos amigos mais íntimos. Joana estava linda em um vestido rosa-claro, e seu sorriso exprimia toda sua felicidade por aquele momento. Lamentou não ter Rebecca ao seu lado para dividir com ela aquela alegria, mas sabia que em breve ela saberia de sua felicidade através dos lábios de Patric. Após a cerimônia Alexandre e Joana permaneceram sozinhos por longos minutos, olhando pela janela da sala de leitura os finíssimos flocos de neve caírem. Ela recostou-se no peito de Alexandre e suspirou, e todo o seu interior se preencheu de bem-querer. Tomando-a nos braços Alexandre a levou para seu aposento, e ali eles permaneceram completos e realizados dentro da sincronia perfeita daquele amor, para no dia seguinte acordarem aquecidos pelo calor natural de seus corpos, que ofereciam um ao outro como se fossem um cobertor de linho.

E sorriram, ao constatar que estarem juntos não era um sonho, embora tudo o que viviam fosse repleto de encantamento.

Patric retornou para a vila após ter ficado uma semana em Paris. Ao chegar encontrou Phillip já mais recuperado, mas ainda bastante debilitado. Caroline o informou que o médico ainda vinha vê-lo semanalmente, mas que a queda havia deixado algumas sequelas; Phillip andava com uma pequena dificuldade com o apoio de uma bengala, e um de seus olhos fora

prejudicado, deixando-o com baixa visão.

Foi impossível que o remorso não o atingisse, mas Caroline buscou reconfortá-lo e dizer que havia passado pelas mesmas crises de culpa, e que eram sentimentos comuns a se ter por alguém a quem tanto amavam.

— Obrigado, Caroline, por ter ficado ao lado de Phillip durante essas semanas difíceis. Eu espero que Phillip possa me perdoar por eu tê-lo deixado. Se eu soubesse...

— Se soubesse que seu irmão viria quase a morrer? — Phillip surgiu no corredor onde ambos conversavam, andava com certa dificuldade e se apoiou na parede. — Então não teria ido? Não teria ajudado Joana a fugir?

— Phillip, eu... — caminhou na sua direção. — Graças a Deus está vivo! — abraçou-o mas não recebeu nenhum afeto em troca. — Era para mim impossível saber o que se passou após a minha partida. Eu não posso pensar no que teria feito e nem atribuir a culpa a mim ou à Joana, tampouco a você. Caroline contou-me que foi um acidente...

— Sim, um acidente que me deixou mais de uma semana em estado lastimável na cama! Um acidente que quase tomou a minha vida! Que quase deixou-me cego! Um acidente levado pela humilhação de ter sido deixado no dia do casamento, ao pé do altar, quando meu próprio irmão ajudava a minha noiva a fugir! Eu olho para você e é impossível não o ver como um traidor. Se um dia eu o perdoarei, este dia não é hoje — disse afastando-se de Patric e voltando para dentro de seu aposento.

— Ele o perdoará, sim — Caroline consolou Patric. — Assim que entender melhor tudo o que aconteceu e ver como estava cego por seu egoísmo, ele o perdoará.

As tentativas de Patric de se aproximar de Phillip pareciam ser todas em vão. Apenas Caroline podia se aproximar dele; nem aos criados era permitido que entrassem em seu aposento. O humor de Phillip tornara-se difícil de lidar, era impossível para ele aceitar a sua nova condição. A cicatriz ao lado do seu olho direito havia melhorado muito, mas ainda assim era o bastante para ele não querer se olhar no espelho, e ter quebrado um deles ao meio assim que se contemplou pela primeira vez.

— Para mim, Phillip, você ainda é o homem mais belo, mais encantador que eu já conheci — Caroline acarinhava o seu rosto. Ele a olhou incrédulo com aquela afirmação. — Quando esse brilho azul repousa sobre

mim, é como se eu pudesse flutuar e voltar ao chão em poucos segundos.

— A senhorita não deveria dizer isso. Depois de tudo o que houve... Depois de eu tê-la deixado como algo insignificante, para me casar com Joana. Depois de todos esses anos sem receber o que eu poderia ter lhe dado por direito, mas que sempre recusei lhe entregar... — sentiu-se tocado pelo carinho que recebia.

— Eu sei — disse chorando, emocionada —, mas meu coração é teimoso demais para aceitar. Eu o amo, Phillip, desde que tive idade suficiente para achar que entendia sobre o amor. Errei muito com as minhas atitudes, e cada vez que imaginava que jamais o teria, eu errava ainda mais — enxugou as lágrimas com as mãos. — Eu prometo que ficarei aqui apenas até estar melhor. Partirei para Paris quando tiver certeza de que está bem... se permitir que eu fique um pouco mais...

— Eu não tenho o direito de pedir, nem permitir nada à senhorita — disse ele com sinceridade e com os olhos úmidos, admirado por constatar como Caroline o amava de verdade. — Eu a agradeço pelo o que fez por mim nestas últimas semanas... Por ter cuidado de mim, deixando suas decisões de lado para me enxergar em primeiro plano. Eu não sei se isso é certo, jamais fiz isso por alguém... mas quem sabe seja isso o que faz.... o amor.

— Sim, é isso que faz o verdadeiro amor, Phillip! É isso que sempre fiz por amá-lo demais! Eu pensei que poderia sair por aquela porta e partir para Paris como Alexandre pediu que eu fizesse, mas quando o vi machucado, eu soube que precisava de mim. Mas se agora não precisa mais, eu entendo que seja realmente a hora de partir... Agora que Patric retornou, posso viajar em breve...

— Talvez, Caroline, esse dia que a senhorita espera... quem sabe ela possa, sim, chegar... Eu não quero que vá embora — disse segurando as suas mãos. — Fique comigo, eu preciso da senhorita ao meu lado. Perdoe-me, Caroline...

Dito isso Caroline recebeu o primeiro abraço realmente carregado de afeto vindo dos braços de Phillip. E chorou em seus ombros a dor e a emoção que aquele amor trazia sempre à sua vida. Os olhos de Phillip a vislumbraram com um novo sentimento, e ele a beijou pela primeira vez, com admiração e com verdadeira afeição.

Rebecca saltou como um vulto do sofá e jogou para o alto o tecido e

as linhas que tinha em mãos. Ela estava no meio de um bordado quando viu a caleça parar em frente à sua casa e Patric surgir. Olhou-o através da janela e acenou, repleta de um sorriso que mal cabia em seus lábios. Correu para a porta para ser a primeira a recebê-lo e poder demonstrar, sem que ninguém mais visse, a saudade que havia sentido dele.

— Como conseguiu isso? — disse ele após lhe dar um afetuoso abraço.

— O quê? Como consegui o quê?

— Ficar ainda mais bonita. Da última vez que a vi a senhorita já era muito bela, mas agora... o que há de diferente? — disse examinando-a e sorrindo.

— Eu não sei — riu com a graça que ele lhe fazia. — Acho que é por vê-lo aqui. Senti sua falta.

— E eu senti a sua.

Logo estavam todos reunidos na sala dos Hour. Após trazer as notícias sobre a saúde de Phillip, ele contou que Joana estava em Paris com Alexandre e que estavam bem. Contou que haviam se casado na semana anterior e entregou para Madame Anastasia uma cesta de vime trançado — a corbelha — que Alexandre havia preparado como presente de núpcias para a família de Joana. Havia na cesta rendas brancas e pretas que pertenciam à família de Alexandre, bem como joias, passadas de geração em geração, frascos de perfume, leques, tecidos finos, xales e um saco de moedas de ouro que ele pedia que fosse distribuído para a caridade.

Enquanto Anastasia chorava, Frederico Hour foi taxativo em dizer que Joana não era mais sua filha, pois abominava completamente as suas atitudes. Os olhos de Frederico acusavam Patric pela ajuda dada à sua filha. Ele estava ainda muito magoado.

— Senhor Hour, encontrei Joana decidida... E nada podia fazer a não ser ajudá-la. Ou era isso, ou deixá-la fazer a viagem sozinha...

— Não nos admira isso, senhor Patric — Anastasia disse olhando-o no fundo dos olhos. — Joana sempre foi teimosa, sempre fez o que quis. Sendo assim, só me resta agradecer por não a ter deixado sozinha. Sabe-se lá quantos perigos poderia correr. O senhor, neste ponto, agiu certo, e eu sou grata por isso. Receber notícias de Joana alivia muito o meu coração de mãe. Tudo fiz para sua felicidade, mas veja... a felicidade dela era sempre oposta ao que planejávamos...

— Eu estimo muito a senhorita Joana, e sua família... — olhou para todos e demorou-se em Rebecca. — Eu, de verdade, gosto muito da senhorita Rebecca. E nos meses que passei a conhecê-la o meu afeto por ela não parou de aumentar. Eu gostaria de receber a benção do senhor Hour e Madame Anastasia para cortejá-la. Eu quero me casar com a senhorita Rebecca.

— Senhor Patric... Rebecca ainda não debutou... Rebecca é a nossa filha mais jovem e esperávamos que se casasse por último... — interveio Anastasia.

— Rebecca não pode se casar tão cedo — disse Frederico Hour num rompante. — Ela não tem mais o dote...

— Eu não tenho objeções quanto a isso. Mas irei esperar o tempo que for preciso até que ela tenha o seu baile de debutante, ou pelo tempo que considerarem adequado esperarmos.

Rebecca trocou com Patric um afetuoso olhar, que brilhava a felicidade que sentiam.

A carta de Caroline finalmente chegou às mãos de Alexandre. Ele a leu e releu algumas vezes, incrédulo diante daquelas palavras. As notícias eram um misto de informações, ora desagradáveis, ora otimistas. Primeiro falava sobre o acidente de Phillip, mencionando ao fim a vaga melhora que ele apresentava enquanto ela escrevia aquelas linhas. Depois, Caroline afirmava que não partiria para Paris tão em breve, pois Phillip precisava dela, do seu cuidado e do seu amor, mesmo que ainda não houvesse se dado conta disso.

A Alexandre só restou resignar-se diante daquele sentimento que a irmã tinha por Phillip, e procurar sufocar em seu peito o rancor que ainda sentia ao ler ou ouvir o seu nome. Um dia, se ele precisasse olhar novamente nos olhos de Phillip, não queria mais que fosse com um sentimento ruim a lhe fazer companhia.

Pouco antes da carta chegar Johan havia partido para a Escócia, depois de ter se correspondido com o Lorde escocês e terem acertado uma proposta de casamento entre Grizelda e Johan. A viagem lhe foi conveniente, pois foi impossível que Alexandre e Joana não revelassem sobre o seu caráter libertino para Delphine, após perceberem que Johan estava flertando com Louise.

Foi também através de uma carta, que chegou quase dois meses após

a carta de Caroline, que Joana ficou sabendo sobre o noivado de Patric e Rebecca, que havia acontecido na semana em que a carta fora escrita, após o baile de debutantes. A carta terminou trazendo duas das mais terríveis notícias; Sophie havia perdido o seu bebê, e Frederico Hour estava acamado, com graves problemas de saúde. Alexandre e Joana escreveram de volta com notícias, dizendo que os visitariam em breve. Uma outra carta foi redigida por Joana especialmente para Rebecca.

Querida irmã.

Felicidade é somente o que posso exprimir, e amor e saudade são os sentimentos que me inundam quando penso em você. Em breve espero poder revê-los e abraçar cada um. Diga a nosso pai que eu o amo, que estou feliz e que espero que sua saúde melhore rapidamente. Sinto tanto por Sophie, mas estou feliz em saber que a sua saúde não foi afetada. Logo ela poderá ter os seus próprios filhos. Por favor, avise-nos com muita antecedência sobre o seu casamento com Patric, eu quero estar ao seu lado....

Com amor, Joana.

Meses depois...

Alexandre chegou em casa e perguntou por Joana. Madame Guisela informou que ela estava na sala de leitura — seu local preferido da casa —, e que estava trancada lá havia horas. Alexandre subiu as escadas devagar, a fim de surpreendê-la, mas seus passos foram ouvidos e ele viu quando Joana remexeu-se rapidamente na poltrona e escondeu algo atrás de si.

— O que a senhorita está escondendo? — perguntou entrando na sala e ficando de frente para ela.

— Por que eu estaria escondendo algo?

— Seria porque tem algo atrás de si, em suas mãos, e que está ocultando de mim?

— Ou seria porque está imaginando coisas? — Fez uma expressão muito séria, embora estivesse contendo o riso.

— Então a senhorita persiste assim? Ainda responde a todas as perguntas com outra pergunta? — inclinou-se sobre ela sorrindo e tentando espiar atrás de suas costas.

— Assim como você, pelo que noto!

— O que é isso? — apontou com os olhos e franziu o cenho.

— Não era para ver ainda — disse fazendo-se de chateada e enfim revelando um montinho de lã preso a uma agulha de croché. — Não estava pronto.

— E o que exatamente é isso?

— Uma botina de lã para bebê.

— Mas por que está fazendo... uma... botina de lã... para bebê? — perguntava enquanto a frase começava a fazer sentido e instruindo-o a pensar o óbvio. — Quer dizer que está...?

— Sim! Estou esperando o nosso primeiro filho! — disse ela sorrindo. Era aquele sorriso que preenchia o coração de Alexandre.

O abraço é sempre a melhor forma de expressar sentimentos quando as palavras parecerem difíceis de serem pronunciadas. Foi num abraço que selaram tudo o que tinham de mais bonito. Foi num abraço que provaram que o amor pode ser uma arte, uma música, uma dança, um filho. Abraçaram-se não mais pela falta, mais sim pelo transbordamento.

Pois foi assim, de amor, que a cada dia transbordavam-se.

FIM

Epílogo

Juliette mexia-se impaciente no interior da caleça. Era a sua primeira

grande viagem, e a aquela inquietação era comum aos seus cinco anos de idade. Os longos fios ruivos já lhe caíam às costas. Joana os penteou e os deixou livres. Alexandre acarinhou o rosto da pequenina e depois a ajudou a descer da caleça.

— Chegamos. É aqui, Juliette, onde mora a sua avó — Joana informou sorrindo, dando a mão para a filha e o braço para Alexandre.

Eles caminharam alguns passos e pararam para que Joana pudesse vislumbrar aquela casa onde havia morado por tantos anos. As recordações vieram à tona, e ela quase pôde se enxergar à porta, ao lado das irmãs, ou montada em seu cavalo branco, partindo em disparada para o bosque quando era dia de jantares para conhecer pretendentes.

Logo, à porta, surgiram Anastasia e Amália, sorridentes ao vê-los chegar. Os olhos de Joana encheram-se de lágrimas ao abraçá-las.

— Como cresceu a nossa pequena Juliette — disse Anastasia tomando-a no colo. — E como pesa! Como cresceu assim tão rápido? Da última vez que a vimos, em Paris, ela era muito menorzinha.

— Sim, ela cresceu muito desde então — concordou Alexandre, sorrindo e acompanhando-as até a sala.

— Logo sua irmã deve estar chegando. Ela sempre vem nos visitar. E hoje ela disse que viria. Faremos um jantar especial em família — Anastasia estava radiante com a presença da filha.

— E como estão Rebecca e Patric? — Joana perguntou.

— Oh, estão muito bem. Patric é um esposo muito atencioso e romântico, exatamente como sua irmã. Eles dão bailes constantemente e dançam como se fossem os únicos no salão. É uma beleza, todos param para admirá-los. A sua irmã, senhor Alexandre — virou-se para ele —, tornou-se uma grande amiga e companheira de Rebecca. As duas cuidam muito bem juntas da propriedade Motier. Precisam ver como está magnífico aquele jardim! Aproveitem que é primavera e vão visitá-los amanhã.

— Oh, eu não sei, mamãe. Não sabemos como Phillip nos receberia... — argumentou Joana.

— Os receberá muito bem. Ele já esqueceu isso tudo há muito tempo. E o senhor, Alexandre, precisa ir conhecer o seu sobrinho. Que menino bonito e saudável! Começou a andar ainda há pouco tempo. Ele tem os olhos azuis como os do senhor Phillip, mas é agitado e sorridente como a sua irmã.

Alexandre ficou emocionado com aquela informação. Ele e Joana

pretendiam ter feito aquela viagem há mais tempo, mas após a descoberta da gravidez de Joana, acharam melhor esperar até que ela desse à luz ao bebê. Depois, consideraram que Juliette era muito pequena para enfrentar uma viagem tão longa. Quem acabou indo os visitar foi sua mãe, com Amália. Infelizmente, o senhor Hour havia morrido poucos meses depois de Juliette nascer, e não chegou a conhecê-la. Madame Anastasia contou à filha que em seus últimos dias de vida ele chorou de saudades de Joana e de vontade de conhecer a neta.

Os bens do senhor Hour foram todos herdados por Alexandre, já que não havia na família de Frederico nenhum sobrinho para receber a herança. Alexandre deixou os bens e as terras aos cuidados de Patric, e pediu que ajudassem ao senhor John e Sophie, que constantemente precisavam de auxílio, já que ele nunca conseguiu se reerguer depois de ir à falência.

Ficaram todos conversando, até que os criados anunciaram os visitantes. Rebecca e Patric desceram da caleça seguidos por Caroline, Phillip e o pequeno Antoine — ao colo de Caroline. Phillip ainda andava com alguma dificuldade, a bengala era agora mais do que um acessório da moda, porém era ainda aquele mesmo homem elegante e bonito.

Rebecca antecipou-se em dar um longo abraço em Joana e em Alexandre. Depois tomou Juliette nos braços e a rodopiou algumas vezes, dando em seguida vários beijos em seu rosto.

— Ela parece uma princesa!

Alexandre sorriu muito alegre e abraçou a irmã com carinho; ele não a tinha visto mais desde que foram embora, há quase seis anos. Esse era também o tempo em que estava sem ver Phillip.

— Meu irmão! Quantas saudades senti! — tornou a abraçá-lo. — Conheça o seu sobrinho; este é Antoine. Ele completou um ano este mês — disse Caroline mostrando a ele o menino de cabelos claros e olhos azuis-celestes.

— E você, conheça a sua sobrinha, Juliette — Alexandre apresentou, e a pequena a saudou com uma reverência, o que fez todos rirem.

Quando os olhos de Phillip e os de Alexandre se encontraram uma pequena tensão instaurou-se na sala, mas Phillip tomou a iniciativa de se aproximar e abraçou Alexandre com os olhos brilhantes de emoção. A surpresa foi sentida mais por parte do próprio Alexandre, que não estava acostumado a ver Phillip demonstrar seus sentimentos.

— Alexandre... — disse Phillip em um quase sorriso, e balançou a cabeça como se quisesse dizer muitas coisas, mas não disse nada.

As mulheres juntaram-se na sala para conversar. Rebecca precisou contar novamente para Joana todos os detalhes de como havia sido o seu casamento com Patric, já que Joana não pôde estar presente. Rebecca havia contado tudo através de uma carta, mas Joana fez questão que ela repetisse tudo pessoalmente. Ver o brilho nos olhos de Rebecca era ainda melhor do que apenas ler uma carta.

— Foi um dia maravilhoso de primavera, assim como o dia de hoje. Fizemos uma cerimônia nos jardins da propriedade Motier, no meio da manhã. Eu usei um vestido perolado e uma tiara de pedras azuis nos cabelos. Eu estava tão nervosa! Patric enviou-me flores do campo pela manhã e uma carta linda. Depois, quando a cerimônia acabou, recebemos alguns convidados em um pequeno baile. A orquestra tocou lindas valsas e dançamos por mais de uma hora sem parar e não nos sentimos cansados. Eu toquei *Vênus e Mars* para ele no pianoforte e Patric chegou a se emocionar...

— Oh, como eu gostaria de ter presenciado tudo isso! — Joana emocionou-se. — Mas consegui imaginar tudo — disse fechando os olhos. — E realmente, foi lindo!

Na sala de jantar Phillip aproximou-se de Alexandre. Segundos pareceram horas inteiras enquanto ele fazia menção de dizer algo, mas permanecia calado.

— Alexandre... — disse enfim —, eu não sei se um dia poderá me perdoar por minhas atitudes do passado. Hoje, ao relembrar tudo o que fiz, sinto vergonha. O tipo de homem que eu era antes de sofrer aquele acidente, não me faz sentir orgulho nenhum. A vaidade e o egoísmo cegavam-me... Eu precisei de verdade quase morrer e quase perder minha visão para enxergar a realidade. Caroline sempre me amou, e cuidou de mim de uma forma que eu não merecia. Eu a olhava e pensava “por que ela faz isso por mim?”, e voltava a sentir vergonha dos meus atos... Hoje, eu amo Caroline de verdade, como ela merece, e amo o nosso filho, Antoine. Somente depois de eles entrarem em minha vida, foi que eu desejei ser um homem melhor. Essa é a minha promessa que reafirmo todos os dias. Eu quero que meu filho sinta orgulho do pai que tem.

— Ele vai sentir — garantiu Alexandre sorrindo. — Eu também vejo um novo homem em você, Phillip. Estão aí todas as qualidades que sempre

teve, e que sempre me fizeram admirá-lo e ser seu amigo. O que houve no passado, deixaremos no passado. Eu não quero ter o que perdoá-lo. Tudo o que passou, de verdade, já foi perdoado em meu coração há tempos. Eu estou feliz em ver o quanto Caroline está feliz... E se ela se sente assim, é porque vive bem com você, é porque recebe o que o oferta todos os dias, que é o amor que sempre sentiu.

Inesperadamente a criada anunciou mais um visitante. Madame Anastasia surpreendeu-se ao constatar que era Sophie e o senhor John, acompanhados de Apolline e Augustine, as filhas gêmeas que tiveram no primeiro ano de casamento, e que tinham praticamente a mesma idade de Juliette. A proeminência no vestido de Sophie mostrava que ela estava esperando novamente um filho. Sophie não costumava ir à casa da mãe, o senhor John não gostava que ela se ausentasse por muito tempo de casa, pois ela tinha muitas obrigações com o lar e com as crianças, e eles tinham apenas uma criada, que era o que podiam pagar, devido a ajuda que recebiam de Patric, conforme solicitara Alexandre.

— Não me convidaram, mas eu vim mesmo assim — disse ela sorrindo para todos.

Joana olhou admirada para a irmã. Ela ainda era muito bonita, mas estava bem mais madura, com uma aparência diferente. Tinha ganhado um pouco de peso e suas vestes eram muito mais simples do que as que costumava usar há anos atrás.

— Querida, não precisa de um convite para vir à casa da sua mãe — disse Anastasia corando com as palavras deselegantes da filha. — Amanhã eu pretendia chamá-la; mas que bom que vieram hoje.

Imediatamente Sophie se juntou às irmãs na sala e John se reuniu com Patric, Phillip e Alexandre. John logo fez a conversa desviar-se para assuntos sobre negócios. Foi deselegante ao pedir sutilmente mais dinheiro para Alexandre e queixou-se sobre a sua condição, mencionando inclusive que Sophie era uma mulher difícil de conviver e que o dote lhe foi pouco diante do que tinha que sobrelevar todos os dias.

A conversa entre as irmãs seguia bem até que Sophie perguntou:

— E Johan? O que houve com ele?

— Johan... — Joana hesitou em dar notícias sobre ele para Sophie. — Bem, ele foi para a Escócia para se casar com Grizelda, mas soubemos em seguida que ele havia promovido algumas indecências por lá. Perdeu a

consideração do Lorde e de sua filha. Ele voltou para Paris e vive hoje na casa de Phillip, que fica muito próxima à casa onde eu e Alexandre vivemos. Ele ainda não se casou.

Sophie emudeceu. Foi como se os seus pensamentos a tivessem arrancado daquela sala e a levado para muito longe. Os olhos brilharam, mas nenhuma lágrima caiu.

— ...E então, um belo cavaleiro se aproximou montado em um imponente cavalo negro. A jovem dama era muito desconfiada e hesitou. Que insolente! Foi o que ela pensou quando ele interrompeu a sua leitura... O cavalheiro ofereceu a ela a sua mão e sugeriu que se apresentassem...

— E então, o que aconteceu, mamãe?

— Naquele momento, ela não aceitou e lhe deu as costas... Mas depois de muito considerar, ela percebeu que ele era sincero... E começou a gostar cada vez mais dele.

— E eles se casaram?

— Sim, eles se casaram, assim como haviam prometido um ao outro quando gravaram os seus nomes em uma árvore.

— Em uma árvore? — perguntou Juliette olhando ao redor, para as faias. — Assim como estas?

— Sim, exatamente nessa em que estamos recostadas. Veja! — E mostrou as iniciais “A, J” gravadas no tronco da imponente árvore.

Juliette levantou-se da manta estendida no chão e tentou alcançar com as suas mãos as letras desenhadas no tronco, mas não conseguiu. Joana fez menção de ajudá-la...

— E então... — Alexandre surgiu por detrás da árvore levantando Juliette e mostrando que havia escutado parte da história —, eles foram realmente felizes para sempre, pois constataram que era verdade o que dizia a lenda “*tudo o que nela se escreve, jamais se apaga*”.

E agora sim... FIM!

AVALIE ESTE LIVRO. Isso é muito importante para o autor!

—

BÔNUS

PRÓLOGO - UM AMOR PARA JOHAN

Nunca se sabe o quão profundamente o desprezo pode perturbar um coração. Se for um coração orgulhoso, então é ainda pior. De repente ainda se é um menino, e no dia seguinte, a inclinação para a paixão começa a surgir. Bastou um olhar, um gesto polido, um sorriso travesso e, então, tudo passou a se resumir àquele segredo. Ela tornou-se o seu fascínio.

Aqueles olhos negros de um profundo brilho jovial, irrequietos, o prenderam. Viu seu sorriso atrevido, de um vivo charme, e logo se julgou apaixonado. Mas *ela* já tinha o seu próprio segredo, *ela* já tinha o seu próprio fascínio, Johan não pertencia a seus sonhos românticos. Era Phillip quem reinava os pensamentos de Caroline.

E Johan? Quem poderia julgar que ele, que nunca se apaixonava e era livre como um pássaro, estava de forma inédita a sentir o coração palpitar mais forte por uma dama, e depois vê-lo se quebrar como os inúmeros cacos de uma taça de cristal quando se choca contra o chão.

Segurou novamente aquela carta entre os dedos e, aproximando-a da lareira, a releu:

Recebi a recomendação de lhe enviar essa carta e sinto-me no dever de escrevê-la mesmo que a mim nada fosse sugerido. São grandes as novidades que tenho para lhe contar; Phillip e Caroline se casaram. Talvez essa seja uma grande surpresa para você, e acredito que será, uma vez que surpreenderam a todos com essa decisão. Phillip nunca dera nenhum sinal de interesse pela senhorita Caroline, embora soubéssemos que ela nutria sentimentos por ele desde mocinha. Tudo aconteceu de repente, depois que Phillip sofreu o acidente, aquele triste episódio da queda do cavalo; um dia que, para todos nós, foi de muita apreensão. Mas isso tudo você já sabe. Phillip, depois do acidente, demorou algumas semanas para voltar a caminhar, o que ainda hoje o faz somente com a ajuda de uma bengala. Foi Caroline quem esteve ao lado dele desde as primeiras horas depois do incidente até o dia em que ele abriu os olhos novamente. Ela o auxiliou em todos os sentidos, lhe dando mais do que qualquer um de nós poderíamos; ela lhe resgatou a vontade de viver, com sua confiança e determinação de que ele se recuperaria logo. Quanta força! Phillip somente ouvia a ela, só a ela era permitido que se aproximasse. Todos éramos vistos como culpados

pelo que houve. Foi Caroline quem tirou todo o ressentimento do seu coração e o fez ver que ainda existia vida para viver. Acredito que a afeição dele por ela tenha nascido ali, no dia em que ele abriu os olhos depois do acidente e a viu aos pés da sua cama...

Quase riu. Era impossível! Aquela carta redigida por seu irmão Patric parecia ser apenas uma brincadeira de mau gosto. Patric dizia ainda que estava escrevendo por sugestão da própria Caroline e isso lhe soava como uma afronta. Ficou ensandecido. Havia ainda mais na carta, mas Johan não teve tempo de ler até o final, pois a rasgou em duas partes e a atirou no fogo da lareira do seu aposento de hóspedes da mansão do Lorde Donald. Naquele momento ele sentiu raiva de Phillip. Sentiu também raiva de si mesmo. Sentiu raiva de todos.

Estava ali, na Escócia, para conhecer e, talvez, se casar com Grizelda, a filha de um Lorde falido que fora prometida para Phillip quando este era ainda um menino, mas que Phillip fez questão de rejeitar e exigir que Johan se casasse com a moça em seu lugar. Exigir! E era essa a sua condição para mantê-lo na França, Inglaterra ou em qualquer outro lugar que fosse. Estava à mercê das exigências do irmão e sentia-se enraivecido por isso, por ter que depender de Phillip e de sua herança.

Phillip o achava imaturo e pensava que só um casamento o faria amadurecer, contudo Johan não desejava se casar tão logo, tinha apenas vinte e um anos! Ainda que com essa idade muitos já estivessem casados ou pensando em se casar, essa vida lhe parecia demasiadamente enfadonha e Johan sempre foi livre demais para se prender a apenas uma mulher. Só recordava de ter existido uma que despertara nele sentimentos mais fortes, mas ela era agora uma dama casada, e com seu irmão!

Lembrou-se de Phillip, que parecia estar sempre um passo à frente em tudo, até mesmo ao nascer, pois de toda a boa ventura que Johan Motier podia se gabar de ter na vida, ter sido o filho primogênito não era uma delas. Foi o segundo a vir ao mundo, dois anos mais tarde que seu irmão Phillip e um ano antes de Patric; e, só por isso, deixou ele de ser o herdeiro e beneficiário de toda a fortuna de sua família e de seu tio, Lorde Louis Motier.

Se por um lado não eram grandes as riquezas do seu pai, Jacques Motier, que tinha apenas uma casa no centro de Paris — onde a família residia —, e duas outras menores que lhe rendiam um limitado e quase

insuficiente arrendamento, por outro lado sempre puderam contar com a generosidade do Lorde Louis Motier, único irmão de Jacques, que sendo um nobre oficial, nomeado lorde aos vinte e um anos, em 1788, era presença frequente na corte nobre de Luís XVI. Foi Louis Motier quem cuidou que não faltasse nada a Johan e a seus irmãos quando Jacques morreu em uma batalha em 1810 e a esposa de uma doença pulmonar no ano seguinte.

Louis Motier possuía muitas casas e terras, tanto no interior da França, como nos arredores de Paris; belíssimas propriedades em Montrouge e Gentilly, que eram imensas em extensão e venustidade. E tudo isso, após a sua morte em 1815, na batalha de Watterloo, passou a ser do sobrinho Phillip Motier, já que este era, além de primogênito, único sucessor de Louis, que era viúvo e não tinha filhos.

Se Phillip teve essa vantagem, de ter nascido primeiro, Johan sabia que não era a única, pois desde cedo teve de perceber que a dama por quem era apaixonado, gostava, na verdade, de seu irmão. Na época, seu conforto era apenas o de saber que Phillip não olhava para a donzela da mesma maneira que ela o admirava, e confiar que isso se mantivesse sempre dessa forma, até que Caroline enfim esquecesse Phillip e voltasse a sua atenção para ele, o que definitivamente acabou não acontecendo.

Caroline Franz era também filha de um militar, morto em combate em 1811 na mesma guerra em que Jacques Motier havia lutado e também falecido. Eram — mais que apenas soldados —, amigos íntimos, frequentavam um a casa do outro e estavam sempre juntos nas mesmas rodas sociais. Foi assim que Johan havia conhecido Caroline, de forma tão natural e em tão tenra idade que era impossível recordar quando a viu pela primeira vez. Cresceram próximos, todos os Motier e os Franz, em Paris, vizinhos. Johan a via praticamente todos os dias, salvo os três anos que ela e a mãe moraram no litoral, quando o pai de Caroline foi enviado para treinar tropas em Toulon.

A proximidade das famílias era tanta que até mesmo a morte de seus progenitores se deu de forma idêntica, os homens faleceram em combate, e da mesma forma aconteceu com as esposas, que faleceram no ano seguinte, depois de viúvas, de doença pulmonar.

Quando órfã, Caroline ficou durante alguns meses aos cuidados do irmão mais velho, Alexandre Franz; entretanto, no mesmo ano foi enviada para a Inglaterra para morar com sua tia Delphine, até que atingisse a idade

de se casar.

Ela tinha quinze anos quando partiu, e foi somente depois de quase cinco anos que retornou à França, onde acabou por hospedar-se na propriedade Motier. O coração de Johan encheu-se de esperança quando se reencontraram, mas em vez de ver nos olhos dela um novo brilho que acendesse somente para ele, teve a dura constatação de que o coração dela ainda palpitava de amor por Phillip; um amor tão intacto que nem o tempo havia conseguido desgastar.

Estar novamente perto dela e ser insensivelmente ignorado foi para ele uma dura prova. Pensou em declarar-se, mas sua coragem esvaiu-se e quando finalmente o fez, foi em uma situação em que Caroline estava doente, febril, e que Johan teve certeza de que ela não se lembraria daquela confissão, quase um lamento, à beira do seu leito. Afastar-se dela foi mais que uma decisão, lhe foi imposto pelas circunstâncias e pelo destino.

O sentimento que nutria por Caroline beirava o fascínio, a volúpia e a fantasia. Ao seu lado sentia-se anestesiado por tamanha beleza, e tê-la para si era seu maior desejo. Para Johan, isso era o mais perto do que podia entender sobre o amor.

Contudo, agora que ela estava casada com seu irmão, Johan acreditava que não havia nascido para o amor. A paixão sim, poderia vivê-la muitas vezes e se apaixonar todos os dias, mas o seu coração ficaria guardado e ressalvo de qualquer outra decepção futura. Era mais seguro; Johan desejou nunca mais amar outra vez...

Quando ainda rememorava as recentes palavras de Patric, escritas naquela carta, ouviu batidas na porta. Era um criado que avisava que o jantar estava posto à mesa e que Donald solicitava sua presença. Iria, finalmente, conhecer Grizelda.

Johan já estava na Escócia há algumas semanas, mas sua pretensa noiva havia viajado com uma tia para a *ilha de Skye* — no noroeste das *Highlands* escocesas —, e retornado apenas naquele dia.

A construção da mansão do Lorde Donald era localizada na costa nordeste da Escócia, erguida no topo de uma falésia em uma posição dominante sobre o mar. Na decoração destacavam-se lareiras de pedras cavernosas, tecidos típicos escoceses e madeiras escuras, isso sem mencionar a paisagem fascinante que se via de todas as janelas. Porém não tão

fascinante quanto a beleza de Grizelda, foi o que Johan constatou assim que se juntou a eles no grande salão principal. Iguarias como tubérculos e raízes, cevada, frutos do mar e peixes estavam dispostas sobre a rústica mesa de madeira, mas foi em Grizelda que os olhos de Johan se concentraram.

Ela era uma belíssima moça de dezenove anos, tinha grandes olhos azuis, a pele clara e os cabelos loiros. Seus traços eram harmoniosos e Johan ficou encantado com tamanha perfeição. Ele, casado com uma mulher de tal beleza! Chegou a imaginar a possibilidade, mas assim que a observou mais atentamente, viu que tinha razão o seu irmão quando a descreveu. Phillip a retratou como uma jovem abatida, sem brilho, de uma beleza quase melancólica e uma aparência depressiva. Ele tinha razão, Grizelda era linda e triste, inexpressiva. Não era apenas timidez, a jovem parecia desprovida de energia e conversar com ela foi como dialogar com o tédio.

Se Johan teve certeza de que aquela criatura tão prostrada não seria sua futura esposa, não estava tão certo assim sobre ao menos se divertir por aquelas terras antes de partir. Quando uma criada, também muito jovem e bonita — porém de expressões mais vivas e quentes —, o serviu naquela noite, ele lhe lançou olhares sem que ninguém notasse, e poucas horas depois estava com ela em seus braços. Johan sempre se jogava com entusiasmo em suas conquistas, era inteligente e bom proseador, e isso já havia deixado muitas mocinhas desoladas, apaixonadas por ele. Na maioria das ocasiões ele não as enganava, contudo também não podia se orgulhar em dizer que sempre fora sincero com todas elas; havia, sim, desiludido algumas pobres moças com promessas que jamais pretendia cumprir.

“Qual o prazer de ser jovem e belo, se não puder desfrutar da vida?”, era o que sempre pensava.

Dividido entre qual decisão tomar, mas interiormente convicto de que não se casaria com Grizelda, Johan pensava se prolongaria aquela visita, tornando-se ao menos noivo da filha de Donald, deixando que mais alguns anos transcorressem em que ele ainda gozaria de sua liberdade de homem solteiro e, assim, deixaria Phillip satisfeito. Uma aliança com o Lorde seria de qualquer forma proveitosa para ele, mesmo que por um limitado tempo.

No entanto seus planos não passaram do campo das ideias, pois na mesma semana ele foi visto com a criada em seus aposentos. Não soube quem o denunciou, e estava surpreso demais com o flagrante para apurar tal detalhe. Johan precisou sumir das vistas do Lorde Donald naquele mesmo

dia.

Retornou à França e decidiu se fixar em Paris, na casa onde viveu a infância — ao lado dos irmãos e de seus pais, quando estes ainda eram vivos —, continuando a viver sobre as diretrizes de seu irmão Phillip. Ao menos este não morava ali, mas, sim, em uma de suas belas propriedades herdadas em uma comuna no interior da França, com sua tão querida e dedicada esposa Caroline.

AVALIE ESTE LIVRO. Isso é muito importante para o autor!

Entre em contato com o autor: amanda_bonatti@yahoo.com.br

Compre o livro físico em www.thebookseditora.com.br

Table of Contents

[O BOSQUE DE FAIAS](#)

[Capítulo 1 — O encontro](#)

[Capítulo 2 — O jantar](#)

[Capítulo 3 — O convite](#)

[Capítulo 4 — O mal-entendido](#)

[Capítulo 5 – A propriedade Motier](#)

[Capítulo 6 – A visita](#)

[Capítulo 7 - O reencontro](#)

[Capítulo 8 – Atitude](#)

[Capítulo 9 - A surpresa](#)

[Capítulo 10 - A indiferença](#)

[Capítulo 11 - O presente](#)

[Capítulo 12 - Os irmãos Motier](#)

[Capítulo 13 - Revolta](#)

[Capítulo 14 - O baile](#)

[Capítulo 15 - Desculpas](#)

[Capítulo 16 - Mentira](#)

[Capítulo 17 – Coração partido](#)

[Capítulo 18 - Aqueles olhos](#)

[Capítulo 19 — O passado](#)

[Capítulo 20 — O confronto](#)

[Capítulo 21 — A carta](#)

[Capítulo 22 — Encontros e desencontros](#)

[Capítulo 23 — Promessas](#)

[Capítulo 24 — Ciúmes](#)

[Capítulo 25 — Mágoas e mais sentimentos](#)

[Capítulo 26 — Os dias frios são os mais tristes](#)

[Capítulo 27 — A única entre cem](#)

[Capítulo 28 — poesia e suave melodia](#)

[Capítulo 29 – A proposta](#)

[Capítulo 30 – Uma rosa caída](#)

[Capítulo 31 – O substancial e o concreto](#)

[Capítulo 32 — O som do amor](#)

[Capítulo 33 — Decepção](#)

[Capítulo 34 — Um coração no bosque](#)

[Capítulo 35 - Despedida](#)

[Capítulo 36 – Adeus](#)

[Capítulo 37 — As consequências](#)

[Capítulo 38 — A sonata de Beethoven](#)

[Capítulo 39 — O que diz o futuro?](#)

[Capítulo 40 — Um péssimo romântico](#)

[Capítulo 41 — As loucuras em nome do amor](#)

[Capítulo 42 — O Noivado](#)

[Capítulo 43 — Dois corações e uma melodia](#)

[Capítulo 44 — O casamento](#)

[Capítulo 45 — Eterna valsa](#)